

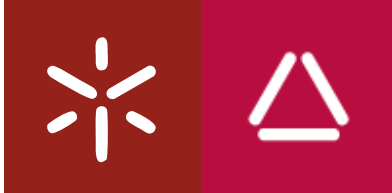


D. António Barroso e as potencialidades do turismo religioso em Remelhe (Barcelos, norte de Portugal)

Maria Isabel M. Lobarinhas Silva Limpo Trigueiros

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais





Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Maria Isabel M. Lobarinhas Silva Limpo Trigueiros

**D. António Barroso e as potencialidades
do turismo religioso em Remelhe
(Barcelos, norte de Portugal)**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Património e Turismo Cultural

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt

DECLARAÇÃO

Nome: Maria Isabel Miranda Lobarinhas da Silva Limpo Trigueiros

Endereço eletrónico: itrigueiros@gmail.com

Número do Cartão do Cidadão: 05954980

Título da Dissertação: D. António Barroso e as Potencialidades do Turismo Religioso em Remelhe (Barcelos, Norte de Portugal)

Orientadora: Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt

Ano de conclusão: 2015

Designação do Mestrado: Património e Turismo Cultural

1. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 30/10/2015

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Os nossos sinceros agradecimentos a todos os que contribuíram para a concretização deste trabalho: orientadora, família, amigos e outras pessoas a quem solicitámos informações.

A todos, o nosso muito obrigada.

DEDICATÓRIA

À minha filha.

RESUMO

O turismo é incontestavelmente um vetor de crescimento e de desenvolvimento local, podendo tornar-se uma alavanca para o incremento de áreas menos privilegiadas, potenciando os recursos existentes, quer sejam de índole natural ou de índole cultural.

A partir de finais do séc. XIX e princípios do séc. XX, a história de Remelhe, no concelho de Barcelos, está indissociavelmente ligada à figura de D. António Barroso. O seu nascimento, o seu exílio e a sua capela-jazigo nesta freguesia, tornou o seu nome mais conhecido, consagrando-a como a terra do Grande Missionário e Bispo do Porto.

Assim, o objetivo geral deste trabalho foi o de averiguar se o património material e imaterial, associado a D. António Barroso, podia ser um bom recurso, passível de ser convertido em produto turístico cultural, nomeadamente, um produto vocacionado para o turismo religioso, promotor de desenvolvimento sustentável. Através da pesquisa bibliográfica, da observação participante, de entrevistas, de questionários e de uma análise SWOT, chegou-se à conclusão que Remelhe tem recursos para promover atividade turística com base na figura de D. António Barroso, se houver empenho e investimento por parte das entidades religiosas, autoridades políticas locais/regionais e investidores privados. Verificámos, ainda, que este poderá ser articulado, em rede, com outros recursos religiosos existentes em Remelhe e noutras freguesias do concelho de Barcelos.

O centenário da morte de D. António Barroso, que ocorre em 2018, e a esperada conclusão do processo canónico em curso, com vista à sua beatificação/canonização, poderão trazer novos elementos de valorização turística para a região.

Palavras-chave: D. António Barroso; Remelhe; Recursos materiais e imateriais; Análise SWOT; Possibilidades de desenvolvimento de turismo religioso.

ABSTRACT

Tourism is undoubtedly a vector of growth and local development and may become a lever for the development of underprivileged areas, by increasing the existing resources, either natural or of cultural nature.

From the end of the XIX century and beginning of the XX century, the story of Remelhe in the municipality of Barcelos, is inextricably linked to the figure of D. António Barroso. His birth, his exile and chapel-vault in this parish, made his name best-known, establishing it as the land of the Great Missionary and Bishop of OPorto.

Thus, the aim of this study was to ascertain whether the tangible and intangible heritage associated with D. António Barroso could be a good resource, which can be converted into a cultural tourism product, namely a product devoted to religious tourism, promoting sustainable development.

Bibliographical research, participant observation, interviews, questionnaires and a SWOT analysis have led to the conclusion that Remelhe has resources to promote tourism based on the figure of Don Antonio Barroso, providing that there is commitment and investment of religious organizations, local / regional political authorities and private investors. We have also noticed that this may be articulated, networked, with other existing religious resources in Remelhe and other parishes of Barcelos county.

The centenary of the death of D. António Barroso, occurring in 2018, and the expected completion of the ongoing canonical process with a view to his beatification / canonization, may eventually bring new elements of tourism development of the area.

Keywords: D. António Barroso; Remelhe; Material and immaterial resources; SWOT Analysis; Religious tourism development possibilities.

Índice

Índice das Figuras	xiv
Índice das Tabelas.....	xix
Siglas e abreviaturas	xxi
Introdução	1
Parte I - Considerações Introdutórias e Objetivos	3
1. Turismo: Conceitos Operatórios	3
1.1. Conceito de Turismo, Turista, Recurso, Produto e Destino Turístico.....	3
1.2. Os Impactes do Turismo	6
2. O Turismo Cultural e Religioso no Desenvolvimento Local e Regional	13
2.1. Turismo Cultural.....	13
2.1.1. Turismo Cultural.....	13
2.1.2. Turismo Religioso.....	15
2.2. Turismo Cultural e Religioso no Desenvolvimento Local e Regional	20
3. Barcelos	23
3.1. Situação Geográfica e Meios de Acesso.....	23
3.2. Origem do Topónimo.....	24
3.3. Resenha Histórica	25
3.4. Elevação de Barcelos a Cidade	27
3.5. Confrarias e Irmandades	28
3.6. Monumentos Religiosos na Cidade de Barcelos.....	33
3.6.1. Igrejas.....	34
3.6.2. Capelas.....	41
3.7. Turismo em Barcelos	43
3.7.1. Turismo Cultural.....	43
3.7.2. Turismo Religioso.....	52
4. Objetivos.....	65
Parte II – Metodologia	67
Parte III - D. António Barroso e Remelhe (Barcelos, Norte de Portugal)	73
1. D. António Barroso: Vida e Obra	73
1.1. Resenha Biográfica	73
1.1.1. Infância de António Barroso.....	73
1.1.1.1. Local de Nascimento	73

1.1.1.2. Família	73
1.1.1.3. Primeiras Letras	75
1.1.2. Juventude de António Barroso.....	77
1.1.2.1. Estudos em Braga	77
1.1.2.2. Do Ingresso no Colégio das Missões Ultramarinas à Missa Nova em Remelhe	79
1.1.3. O Missionário António Barroso.....	81
1.1.3.1. Em Angola (1880-1888)	82
1.1.3.2. Em Portugal	85
1.1.3.3. Em Moçambique.....	88
1.1.3.4. De Regresso a Portugal.....	92
1.1.3.5. Em Meliapor	94
1.1.4. António Barroso – bispo do Porto	96
1.1.5. A morte de António Barroso.....	106
1.2. D. António Barroso – Legado.....	109
1.3. Processo de Beatificação e Canonização	112
2. Remelhe – a terra de D. António Barroso.....	116
2.1. Situação Geográfica	116
2.2. Origem do Topónimo.....	117
2.3. Resenha Histórica	117
2.4. O Caminho de Santiago	120
2.5. O património Religioso de Remelhe.....	121
2.5.1. Igreja Paroquial, Capelas e Alminhas	122
2.5.2. Confrarias e Irmandades em Remelhe	129
2.5.3. Festividades Religiosas em Remelhe.....	131
2.6. O Património Associado a D. António Barroso.....	136
2.6.1. Património em Barcelos.....	136
2.6.1.1. Rua D. António Barroso, 1900	137
2.6.1.2. Monumento de Barcelos, 1931	137
2.6.1.3. Coleção de moedas	140
2.6.2. Património em Remelhe.....	141
2.6.2.1. Casa de Santiago e Capela de S. Tiago.....	141
2.6.2.2. Casa do Barroso	148
2.6.2.3. Casa de “Bento Manuel”	148

2.6.2.4. Casa do Sousa	148
2.6.2.5. Casa de D. António Barroso	149
2.6.2.6. Jazigo dos pais, 1899 (mandado construir pelo Bispo Barroso). 150	
2.6.2.7. Capela-jazigo	151
2.6.2.8. Monumento de Remelhe	156
2.6.2.9. D. António Barroso na toponímia de Remelhe	159
2.7. O Culto Associado a D. António Barroso.....	159
2.7.1. Associação Grupo dos Amigos de D. António Barroso	159
2.7.2. Romagem anual à capela-jazigo	160
2.7.3. Zeladoras da capela-jazigo.....	163
2.7.4. Propriedades atribuídas a D. António Barroso	164
2.7.5. Perfil do visitante associado ao culto de D. António Barroso	169
2.7.5.1. Número de visitantes e sua origem geográfica	169
2.7.5.2. Género e idade dos visitantes.....	173
2.7.5.3. Perfil socioeconómico dos visitantes.....	174
2.7.5.4. Perfil religioso do visitante e motivação da visita	175
2.7.6. Outros dados sobre o culto a D. António Barroso: análise preliminar 176	
2.7.6.1. O culto a D. António Barroso ao longo do ano	176
2.7.6.2. Mecanismos de transmissão do culto.....	177
2.8. Recetividade dos residentes e instituições locais e regionais ao desenvolvimento do turismo religioso em Remelhe com base no Culto de D. António Barroso	178
Parte IV – D. António Barroso e as Potencialidades do Turismo Religioso em Remelhe (Barcelos, Norte de Portugal).....	185
1. Potencialidades de Turismo Religioso em Remelhe.....	185
1.1. Introdução	185
1.2. Análise SWOT.....	186
2. D. António Barroso e Remelhe: proposta de valorização turística.....	200
2. 1. Introdução	200
2. 2. D. António Barroso e Remelhe: proposta de um percurso turístico	202
2.2.1. Introdução	202
2.2.2. Percurso D. António Barroso em Remelhe.....	202
3. Algumas reflexões	209
4. Considerações finais	210

Bibliografia	213
Webgrafia.....	221
ANEXOS	223
Anexo 1 – Questionário A	225
Anexo 2 – Questionário B	226
Anexo 3 – Cartas anexadas ao Livro de Visitas da capela-jazigo	227
Anexo 4 – D. António Barroso na imprensa regional e local	229

Índice das Figuras

Fig. 1 - Galo de Barcelos.	23
Fig. 2 - Ponte Medieval sobre o Cávado, Barcelos.....	25
Fig. 3 - Edifício atual da Câmara Municipal, Barcelos. Na fachada da esquerda, funcionava o Hospital do Espírito Santo (século XIV).	26
Fig. 4 - Confraria de Nossa Senhora do Terço, Barcelos.	31
Fig. 5- Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz, Barcelos	34
Fig. 6 - Interior do Templo do Bom Jesus da Cruz, Barcelos.....	35
Fig. 7 - Frontaria da Igreja Matriz, Barcelos.	36
Fig. 8 - Frontaria da Igreja da Misericórdia, Barcelos.....	37
Fig. 9 - Fachada e portada principal da Igreja do Terço (à esquerda); Paineis azulejar da capela-mor com a entrada das freiras no convento (à direita).	38
Fig. 10 - Interior da Igreja de Nossa Senhora do Terço, Barcelos.....	38
Fig.11- Ermida de Nossa Senhora da Franqueira, na atualidade.	40
Fig. 12 - Capela de S. Francisco, Barcelos.	41
Fig. 13 - Capela de S. José, Barcelos.....	41
Fig. 14 - Capela de São Bento da Buraquinha, Barcelos.....	42
Fig. 15 - Capela de Nossa Senhora da Ponte, Barcelinhos-Barcelos.....	42
Fig. 16 - Posto de Turismo, Barcelos.....	44
Fig. 17 - Desdobrável turístico sobre Barcelos.....	45
Fig. 18 - Programa da Festa das Cruzes, Barcelos, 2015.....	46
Fig. 19 - Arcos de Romaria, Festa das Cruzes, 2015.....	47
Fig. 20 - Tapetes de pétalas naturais, Templo Bom Jesus da Cruz, Barcelos, 2015..	47
Fig. 21 - Batalha das Flores, Barcelos, 2015.	48
Fig. 22 - Cartaz: Ai! Cruzes, 2015.....	49

Fig. 23 - Programa - Barcelos: Cidade Medieval.	49
Fig. 24 - Cartaz: Milhões de Festa, Barcelos.	50
Fig. 25 - Cartaz: 33ª Mostra de Artesanato e Cerâmica, Barcelos, 2015.....	51
Fig. 26 - Antiga Feira de Barcelos.	52
Fig. 27 - Cartaz que divulga as procissões, 2015.....	53
Fig. 28 - Andor do Senhor dos Passos, Barcelos.	54
Fig. 29 - Cartaz: Via Sacra (2015).	54
Fig. 30 - Cartaz: Procissão das Endoenças, Barcelos, 2015.	55
Fig. 31 - Programa da visita às igrejas, Barcelos, 2015.....	56
Fig. 32 - Preparativos para a Procissão das Endoenças, Barcelos, 2015.	56
Fig. 33 - Procissão das Endoenças, Barcelos, 2015.....	57
Fig. 34 - Fontanário no Campo da Feira, Barcelos.	58
Fig. 35 - Interior da Ermida da Franqueira.	59
Fig. 36 - Tapetes, Barcelinhos, 08.08.2015.	60
Fig. 37 - Andor da Nossa Senhora do Rosário da Franqueira, 09.08.2015.	61
Fig. 38 - Convite, 2015.	63
Fig. 39 - Stand de Barcelos na Bolsa de Turismo de Lisboa, 2015.	64
Fig. 40 - Pia batismal da igreja paroquial de Remelhe, onde foi batizado António Barroso.	73
Fig. 41 - Escola de Góios, cerca de 1940.....	75
Fig. 42 - Bernardo Limpo da Fonseca.	76
Fig. 43 - Braga no final do século XIX.....	77
Fig. 44 - Entrevista do <i>Diário do Norte</i> à quase centenária vizinha e amiga de infância, Ana Joaquina Senra, 23.07.1951.	79
Fig. 45 - Colégio das Missões Ultramarinas, Cernache do Bonjardim, 1903.....	80
Fig. 46 - O Padre António Barroso, no Colégio de Cernache do Bonjardim, à partida para as missões de Angola, 1880.....	82
Fig. 47 - Igreja de Nossa Senhora do Cabo da Ilha, Luanda.	83
Fig. 48 - Imagem do séc. XX da Igreja da Missão de S. Salvador do Congo, da iniciativa do missionário António Barroso.	85
Fig. 49 - O missionário P.e António Barroso por ocasião da Conferência na Sociedade de Geografia, Lisboa, 07.03.1889.	86

Fig. 50 - O missionário P.e António Barroso, em Remelhe, com os pais, o irmão, a cunhada e os sobrinhos Firmino e António, que teriam nessa data, respetivamente seis e dois anos. Julho de 1889.....	87
Fig. 51 - O missionário Barroso em Cernache do Bonjardim (1891): à esquerda, com o reitor e os professores; à direita, numa cerimónia de despedida de missionários.	87
Fig. 52 - António Barroso, Bispo de Himéria, 1891.....	88
Fig. 53 - D. António Barroso, Bispo de Himéria, em visita pastoral à Zambézia, Moçambique, com missionários de diferentes congregações, 1892.....	90
Fig. 54 - Instituto Leão XIII, na Cabaceira, Moçambique, fundado em 1895.....	91
Fig. 55 - D. António Barroso em Roma, 1898.....	94
Fig. 56 - D. António Barroso com os Viscondes da Pesqueira, Roma, 10.05.1898. .	94
Fig. 57 - D. António Barroso numa reunião episcopal, na Índia.	95
Fig. 58 - Visita pastoral a Meliapor, 1898.	95
Fig. 59 - D. António Barroso, Bispo do Porto, 1899.	97
Fig. 60 - D. António Barroso a segurar na mão direita o barrete episcopal quadrangular preto.	97
Fig. 61 - Os bispos portugueses no 50º Aniversário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição em Braga, 1904.	98
Fig. 62 - Cinco sacerdotes portuenses presos por lerem a <i>Pastoral Colectiva</i>	100
Fig. 63 - D. António é chamado a Lisboa por Afonso Costa para ser interrogado, 07.03.1911.	101
Fig. 64 - Imprensa da época.....	102
Fig. 65 - Visita de pessoas amigas a Remelhe durante o exílio de 1911.....	103
Fig. 66 - D. António e o seu advogado Dr. Francisco Fernandes à saída do julgamento no tribunal de S. João Novo, no Porto, 12.06.1913.....	103
Fig. 67 - A entrada de D. António na Sé do Porto, depois do desterro, abril de 1914.	104
Fig. 68 - D. António Barroso falando ao povo da varanda do paço, abril de 1914.	104
Fig. 69 - Nova residência do bispo do Porto, na Quinta de Sacais (em cima); assistência saudando o prelado (em baixo).	104
Fig. 70 - D. António Barroso, 1916.	105
Fig. 71 - D. António Barroso no exílio de Coimbra, 1917.	106
Fig. 72 - D. António Barroso em câmara ardente, 31.08.1918.....	107
Fig. 73 - O funeral de D. António na igreja Matriz de Barcelos.	108

Fig. 74 - O cortejo fúnebre dirige-se para Remelhe, 1918.	109
Fig. 75 - António José de Sousa Barroso.....	111
Fig. 76 - Pe. Barroso, Pe. Sebastião Braz e dois filhos e um sobrinho do rei do Congo.	113
Fig. 77 - Laje granítica com gravuras, Remelhe.....	118
Fig. 78 - Igreja de Remelhe construída em 1725.....	122
Fig. 79 - Data do final das obras da Igreja, Remelhe.....	122
Fig. 80 - Igreja Paroquial de Remelhe, na atualidade.....	123
Fig. 81 - Capela de S. Tiago, cerca de 1930.	123
Fig. 82 - Pia Batismal de S. Tiago de Moldes, na atualidade, Remelhe.....	124
Fig. 83 - Capela do Senhor dos Passos, Remelhe.....	124
Fig. 84 - Imagem do Senhor dos Passos, na capela do mesmo nome, Remelhe.	125
Fig. 85 - Capela de Santa Cruz, Remelhe.....	125
Fig. 86 - Alminhas do Perdigão, Remelhe.....	126
Fig. 87 - Alminhas do Paranho, Remelhe.....	127
Fig. 88 - Alminhas da Portela, Remelhe.....	127
Fig. 89 - Cruzeiro Paroquial, no largo da Igreja de Remelhe.....	128
Fig. 90 - Cruzeiro Paroquial na atualidade, Remelhe.....	128
Fig. 91 - Cruzeiro de Santa Cruz na atualidade, Remelhe.....	129
Fig. 92 - Programa da festividade.....	131
Fig. 93 - Quatro Estações do percurso da Procissão dos Passos, Remelhe, 2015. ..	132
Fig. 94 - Bandeiras, Remelhe, 22.03.2015.....	133
Fig. 95 - Figurados na Procissão dos Passos, Remelhe, 22.03.2015.....	133
Fig. 96 - Andor do Senhor dos Passos, Remelhe, 22.03.2015.....	134
Fig. 97 - Postal oferecido na festividade em troca de uma pequena contribuição monetária.....	135
Fig. 98 - Porta da igreja paroquial, Remelhe, 28.03.2015.....	135
Fig. 99 - Cruzes em madeira que representam as Estações da Via-Sacra em Remelhe, 28.03.2015.....	136
Fig. 100 - Rua D. António Barroso, Barcelos, 31.05.2015.....	137
Fig. 101 - Monumento a D. António Barroso, Barcelos.....	137
Fig. 102 - Estátua de D. António Barroso, Barcelos.....	138
Fig. 103 - Monumento a D. António Barroso, Barcelos.....	139

Fig. 104 - Placa comemorativa do Centenário de Nascimento de D. António Barroso.	140
Fig. 105 - Interiores da Casa de Santiago, Remelhe, 02.04.2015.....	143
Fig. 106 - Imagens: D. António Barroso e S. Tiago, Casa de Santiago; S. Tiago, Capela de S. Tiago, Remelhe.	143
Fig. 107 – Casa de Santiago na atualidade, Remelhe.	144
Fig. 108 – Pia para lavar as mãos, na atualidade, Casa de Santiago.....	144
Fig. 109 - Pote em ferro, Casa de Santiago, Remelhe.	145
Fig. 110 - Dependências da Casa de Santiago, na atualidade.	145
Fig. 111 - Fachada da Casa de Santiago, na atualidade.	145
Fig. 112 - Aposentos onde nasceu D. António Barroso, na atualidade.	146
Fig. 113 - Capela de S. Tiago na atualidade, Remelhe.	146
Fig. 114 - Imagem de S. Tiago, Capela de S. Tiago, Remelhe.....	147
Fig. 115 - Casa do Barroso, na atualidade, Remelhe.	148
Fig. 116 - Casa do Sousa, Remelhe.	149
Fig. 117 - Casa de D. António Barroso, na atualidade, Remelhe.	149
Fig. 118 - Jazigo dos pais de D. António Barroso, na atualidade.	150
Fig. 119 - Capela-jazigo de D. António Barroso, na atualidade.	151
Fig. 120 - Urna de D. António Barroso, na atualidade.	152
Fig. 121 - Vitrais da capela-jazigo de D. António Barroso, na atualidade.	152
Fig. 122 - Teto da capela-jazigo de D. António Barroso.	153
Fig. 123 - Capela-jazigo de D. António Barroso, na atualidade.	153
Fig. 124 - Exteriores da capela-jazigo, Remelhe.	154
Fig. 125 - Ajulejos exteriores da capela-jazigo, Remelhe.	155
Fig. 126 - Retaguarda exterior da capela-jazigo de D. António Barroso, com o seu Escudo Episcopal.....	155
Fig. 127 - Monumento a D. António Barroso, Remelhe (22.03.2015).	156
Fig. 128 - Lugar primitivo do monumento a D. António Barroso, Remelhe.....	157
Fig. 129 - Segunda localização do monumento a D. António Barroso, Remelhe. ...	158
Fig. 130 - Placa comemorativa do 1º centenário de nascimento, Remelhe.	161
Fig. 131 - Programa da Romagem à capela-jazigo de D. António Barroso, 2014. .	162
Fig. 132 - Romagem à capela-jazigo de D. António Barroso, 31.08.2014.....	162
Fig. 133 - Zeladoras da Capela-jazigo de D. António Barroso, ao domingo.....	163
Fig. 134 - Livro de Visitas, capela-Jazido de D. António Barroso.	164

Fig. 135 - Placa na capela de S. Tiago, 04.09.2011.....	189
Fig. 136 - Romagem de 2015: presidente da Câmara de Barcelos (fato escuro) e presidente da Junta de Remelhe.....	190
Fig. 137- Monumento a D. António Barroso, Remelhe.....	190
Fig. 138 - Capela-jazigo de D. António Barroso, Remelhe.....	191
Fig. 139 - Imagem de S. Tiago, Remelhe.	191
Fig. 140 - Percurso da Via Sacra, Remelhe.	192
Fig. 141 - Residência Paroquial, na atualidade, Remelhe.	192
Fig. 142 - Campo da Boucinha, Remelhe.	193
Fig. 143 - <i>Livro de Visitas</i> , capela-jazigo de D. António Barroso, Remelhe.	194
Fig. 144 - Anexos da Casa de Santiago, Remelhe.	194
Fig. 145 - Monumento a D. António Barroso, Barcelos.....	196
Fig. 146 - Proposta de percurso alternativo ao Caminho de Santiago.....	197
Fig. 147 - Peregrinação à Franqueira, 09.08.2015.....	198
Fig. 148 - Laje com gravuras rupestres, Remelhe.	199
Fig. 149 - Percurso D. António Barroso em Remelhe (proposta).....	204
Fig. 150 - Portal barroco da Casa de Santiago, Remelhe.	204
Fig. 151 - Imagem de frei Bartolomeu de S. Tiago, no altar-mor barroco da capela de S. Tiago, Remelhe.....	205
Fig. 152 - Capela de S. Tiago, Remelhe.	205
Fig. 153 - Fachada da casa de D. António Barroso.	206
Fig. 154 - Casa de D. António Barroso, na atualidade.	206
Fig. 155- Igreja paroquial de Remelhe.	207
Fig. 156 - Capela-Jazigo de D. António Barroso.....	207
Fig. 157 - Monumento a D. António Barroso, Remelhe.....	208
Fig. 158 - Salão Paroquial, Remelhe.	208

Índice das Tabelas

Tabela 1 - Confrarias / Irmandades de Barcelos e Respetivas Celebrações	33
Tabela 2 - Bispos Solidários com a Causa da Canonização de D. António Barroso	116
Tabela 3 - Placas de mármore na Capela-jazigo de D. António Barroso	153
Tabela 4 - Azulejos exteriores na capela-jazigo de D. António Barroso.....	154
Tabela 5 - Despesas com o Monumento a D. António Barroso, Remelhe	157

Tabela 6 - D. António Barroso e a toponímia em Remelhe.....	159
Tabela 7 - Atividade desenvolvida pelo “Grupo dos Amigos de D. António Barroso”	160
Tabela 8 - Propriedades atribuídas a D. António Barroso pelos visitantes da Capela- jazigo (1999-2014)	165
Tabela 9 - Propriedades que os devotos anónimos inquiridos atribuem a D. António Barroso	167
Tabela 10 - Graças pedidas a D. António Barroso pelos devotos anónimos inquiridos	168
Tabela 11 - Proveniência geográfica dos visitantes da Capela-jazigo de D. António Barroso (1999-2014)	171
Tabela 12 - Proveniência geográfica dos devotos anónimos inquiridos.....	172
Tabela 13 - Género dos visitantes da capela-jazigo de D. António Barroso (1999- 2014).....	173
Tabela 14 - Género dos devotos anónimos inquiridos.....	173
Tabela 15 - Idade dos devotos anónimos inquiridos.....	174
Tabela 16 - Profissão dos devotos anónimos inquiridos.....	174
Tabela 17 - Grau de escolaridade dos devotos anónimos inquiridos.....	175
Tabela 18 - Grau da religiosidade dos devotos anónimos inquiridos	176
Tabela 19 - Razões que levaram os devotos anónimos inquiridos a visitar a Capela- jazigo de D. António Barroso	176
Tabela 20 - Altura do ano em que os devotos anónimos inquiridos costumam visitar o túmulo de D. António Barroso	177
Tabela 21 - Forma como os devotos anónimos inquiridos tomaram conhecimento da existência de D. António Barroso	178
Tabela 22 - Género dos inquiridos.....	178
Tabela 23 - Grau de escolaridade dos inquiridos.....	179
Tabela 24 - Profissão/Cargo/Função dos inquiridos.....	180
Tabela 25 - A figura de D. António Barroso como contribuinte para a divulgação de Remelhe.....	182
Tabela 26 - Desenvolvimento económico que a devoção a D. António Barroso tem representado para Remelhe.....	182
Tabela 27 - Importância do desenvolvimento do Turismo Religioso associado à figura de D. António Barroso	183

Tabela 28 - Análise SWOT das Potencialidades de Turismo Religioso em Remelhe	186
Tabela 29 - Percurso D. António Barroso em Remelhe	203

Siglas e abreviaturas

BTL - Bolsa de Turismo de Lisboa

CMB - Câmara Municipal de Barcelos

ERTPNP - Entidade Regional de Turismo para o Porto e Norte de Portugal

GNR - Guarda Nacional Republicana

INE - Instituto Nacional de Estatística

NUT - Nomenclatura de Unidade Territorial

OMT - Organização Mundial do Turismo

ONU - Organização das Nações Unidas

PIB - Produto Interno Bruto

PSP - Polícia de Segurança Pública

SWOT - Strengths (pontos fortes), Weaknesses (pontos fracos), Opportunities (oportunidades) and Threats (ameaças)

Introdução

Esta dissertação, designada de “*D. António Barroso e as Potencialidades do Turismo Religioso em Remelhe (Barcelos, Norte de Portugal)*”, foi desenvolvida no âmbito do mestrado em Património e Turismo Cultural, versando o tema do turismo cultural, na vertente do turismo religioso.

Remelhe, freguesia do concelho de Barcelos, distrito de Braga, foi o berço de uma figura religiosa que foi um grande missionário e, mais tarde, bispo do Porto: António José de Sousa Barroso. A intenção desta dissertação é a divulgação da vida e obra de D. António Barroso, em pleno processo de canonização. Pretende-se avaliar se Remelhe tem potencialidades para, a partir do património material e imaterial associado a esta personagem, incrementar um polo de atratividade no âmbito do turismo religioso.

Tendo nascido nas proximidades desta freguesia, tendo aqui muitos familiares e vivendo cá há muitas décadas, vimos, na figura de D. António Barroso, um assunto de pertinência a desenvolver como dissertação de mestrado. O processo de beatificação/canonização em curso tem trazido para a ribalta a vida e obra de António Barroso, motivo pelo qual, com este trabalho, pretendemos dar o nosso contributo para a sua maior divulgação, de forma a beneficiar o desenvolvimento económico e social da sua terra natal.

A estrutura deste trabalho obedece a quatro partes: Considerações Introdutórias e Objetivos; Metodologia; D. António Barroso e Remelhe (Barcelos, Norte de Portugal); D. António Barroso e as Potencialidades do Turismo Religioso em Remelhe (Barcelos, Norte de Portugal).

A primeira parte, *Considerações Introdutórias e Objetivos*, é composta por quatro capítulos. No primeiro, são abordados conceitos genéricos associados ao turismo, ao turista/recurso/produto e destino turístico e, por último, aos impactes do turismo. No segundo capítulo, é explanado o contributo do Turismo Cultural e Religioso no desenvolvimento local e regional. O terceiro capítulo foi reservado ao estudo da cidade de Barcelos, desde o contexto geográfico, a razão da toponímia, a sua resenha histórica, a sua elevação à categoria de cidade, as confrarias e irmandades de que é dotada, os principais monumentos religiosos e o turismo existente. Do quarto e último capítulo constam os objetivos desta dissertação, quer os gerais (conhecer a História de Vida de D. António Barroso e fazer um estudo sobre as potencialidades do turismo religioso em Remelhe), quer os específicos (reconhecer o espírito reformador de D. António Barroso,

identificar o património móvel e imóvel que lhe está associado, conhecer o culto que já lhe é prestado, analisar o perfil do visitante/devoto, perceber a sensibilidade dos residentes e das instituições locais e regionais ao desenvolvimento do Turismo Religioso em Remelhe e avaliar as potencialidades do Turismo Religioso em Remelhe através de uma análise SWOT).

A segunda parte, *Metodologia*, expõe as técnicas/métodos de investigação utilizados: trabalho de pesquisa inicial (investigação bibliográfica sobre a vida de D. António Barroso, o património material e imaterial que lhe está associado, noções de Turismo e metodologias de investigação: observação participante, elaboração de questionários, análise SWOT); trabalho de campo (aplicação de questionários, entrevistas, visitas a espaços do âmbito da dissertação, registo fotográfico, participação em eventos) e, por último, trabalho avançado de gabinete (análise de toda a informação recolhida: quer documental, quer o tratamento das entrevistas e o levantamento das fragilidades, pontos fortes, oportunidades e ameaças que condicionam a implementação de um pólo de turismo religioso nesta região norte de Portugal, com base numa matriz SWOT).

A terceira parte, *D. António Barroso e Remelhe (Barcelos, Norte de Portugal)*, compreende dois capítulos. No primeiro, procede-se a um levantamento sobre a vida e obra de D. António Barroso (infância, juventude, locais onde foi missionário e bispo, morte, legado e processo de beatificação e canonização) e, no segundo capítulo, aborda-se a sua terra natal: Remelhe (enquadramento geográfico, origem do topónimo, resenha histórica, relação com os caminhos de Santiago, património religioso em geral e especificamente associado a D. António Barroso, bem como o culto prestado a esta personalidade).

A quarta parte, *D. António Barroso e as Potencialidades do Turismo Religioso em Remelhe*, é constituída por três capítulos. No primeiro, foi efetuada uma análise SWOT para averiguar as potencialidades de turismo religioso em Remelhe. Em resultado dos dados obtidos, no segundo capítulo, faz-se um proposta de valorização turística, em Remelhe, associada à figura de D. António Barroso, sugerindo-se um percurso turístico designado de *Percurso D. António Barroso em Remelhe*, apesar de não constar dos objetivos iniciais deste trabalho. No terceiro capítulo são tecidas algumas reflexões sobre ações a empreender de forma a viabilizar o turismo religioso em Remelhe. No quarto capítulo são efetuadas considerações finais que contemplam o propósito geral desta dissertação, algumas recomendações, algumas conclusões, dificuldades encontradas e perspetivas de assuntos a desenvolver no futuro.

Parte I - Considerações Introdutórias e Objetivos

1. Turismo: Conceitos Operatórios

1.1. Conceito de Turismo, Turista, Recurso, Produto e Destino Turístico

O turismo é um dos setores com maior crescimento na economia mundial. De acordo com a Organização Mundial de Turismo – OMT (Fundação Serralves, 2008, *in* Mota *et al.*, 2010: 96), este setor cresceu 5.7% até ao fim de 2008, ascendo a 900 milhões de turistas. Ainda com base na OMT (2013, *in* Pereira, 2014), as deslocações de turistas internacionais subiram de 677 milhões em 2000 para 949 milhões em 2010. Entre 2005 e 2012, estas subiram 3.6% anualmente, registando 4.8% de crescimento, entre 2010 e 2011, e 4.0%, entre 2011 e 2012. Pelo exposto, pode-se inferir que as crises económicas deste século, aparentemente, não afetaram a evolução do turismo mundial, prevendo-se que o crescimento anual das deslocações de turistas internacionais se mantenha nos 3.3%, atingindo 1.8 biliões de turistas em 2030 (World Tourism Organization, 2013, *in* Pereira, 2014: 11). Segundo a mesma organização, em 2012, 9% do PIB mundial (impacto direto, indireto e induzido), 6% das exportações mundiais (cerca de 1.3 triliões de dólares, quase 960 biliões de euros) e igual percentagem das exportações nos países menos desenvolvidos devem-se ao turismo, setor que emprega uma em cada onze pessoas (World Tourism Organization, 2013, *in* Pereira, 2014: 11).

A OMT prevê que em 2020 haverá 1.600 milhões de turistas (1999: 625 milhões; 2006: 800 milhões), e que as despesas atingirão os 2 biliões de dólares (2003: 445.000 milhões); isto converterá o turismo na primeira atividade económica do mundo, e quase metade dos turistas provirá da Europa e da Ásia (Pereiro Pérez, 2009: 22).

Em 1937, foi definido oficialmente, pela primeira vez, o conceito de turista pela Comissão Económica da Sociedade das Nações: “*Toda a pessoa que viaje por uma duração de 24 horas, ou mais, para um país diferente da sua residência*” (Ferreira, 2006: 46, *in* Dias, 2010: 78). Como observa Dias (2010), esta definição peca por defeito, na medida em que existem exceções, relevantes (estudantes, viagens relacionadas com o trabalho, etc.) que aqui não se incluem.

Na sua aceção moderna, baseada na definição proposta pela OMT (Cunha, 1997, *in* Ribeiro *et al.*, 2001: 2), o termo *turista* refere-se às pessoas que se deslocam para fora da sua residência habitual e aí permanecem, por um período não inferior a 24 horas,

com propósito alheio ao exercício de uma atividade remunerada. Tal já está patente na primeira definição de turismo que foi proposta por Hunziker e Krapf, em 1942:

“é o conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma actividade lucrativa principal, permanente ou temporária” (Cunha, 1997, in Ribeiro *et al.*, 2001: 3).

O período de permanência e a motivação (Ribeiro *et al.*, 2001: 2) visam distinguir, por um lado, turista de excursionista (este último visita o local por um período muito breve) e, por outro lado, turista de emigrante, empresário ou agente de negócios. A distinção entre turista e excursionista (Mason, 2009, in Pereira, 2014: 5) é importante na ótica do alojamento, mas não o é tanto quanto ao impacto do turismo em geral, já que o visitante, quer passe a noite ou não, empreende atividades com efeitos no destino enquanto dura a sua visita. Acrescente-se (Ribeiro *et al.*, 2001: 2) que o Instituto Nacional de Estatística (INE), considera ainda o visitante, como sendo

“o indivíduo que se desloca a um lugar diferente da sua residência habitual, por uma duração inferior a 365 dias, desde que o motivo principal da viagem não seja o de exercer uma actividade remunerada no lugar visitado” (INE, 1995, in Ribeiro *et al.*, 2001: 2-3).

De facto, (Bull, 1997, in Pereira, 2014: 5) exclui-se quem viaja para procurar emprego remunerado, e geralmente podemos dizer que a função económica do turista é a de movimentar rendimentos auferidos no seu local de residência para o destino turístico, e nunca o contrário.

Há ainda a considerar a distinção entre visitantes que se deslocam dentro e fora do país, sendo o visitante doméstico *“toda a pessoa que viaja dentro do seu país de residência por um tempo inferior a um ano e cuja principal razão de visita não seja a procura de uma ocupação remunerada”* (Bennet, 1997, in Pereira, 2014: 5). Acrescenta que pode ser dividido entre turista doméstico e excursionista doméstico. O primeiro, permanece no lugar visitado por pelo menos 24 horas e usa instalações de acomodação, e o segundo, passa menos tempo e não usa essas instalações.

Sobre o **recurso turístico**, podemos entendê-lo como o elemento que gera atração turística, sendo ele de ordem natural, cultural, artística, histórica ou tecnológica (Cunha, 2006, *in* Pereira, 2014: 7). O recurso em si não tem valor turístico, apenas quando integrado num produto turístico. Já o **produto turístico** (Vaz, 1999: 56, *in* Pereira, 2014: 7) consiste num *“conjunto de benefícios que o consumidor busca em uma determinada localidade e que são usufruídos tendo como suporte estrutural um complexo de serviços oferecidos por diversas organizações”*. Significa que o produto tem duas componentes gerais que se interligam e articulam: conjunto de atrações ou recursos turísticos procurados pelos consumidores e os serviços, equipamentos e infraestruturas que facilitam o acesso do turista aos recursos turísticos.

O **destino** turístico (Pereira, 2014) é o lugar de eleição de visita ou permanência, *“um lugar, em regra, predeterminado onde permanecerá até ao seu regresso e/ou vários lugares que vai percorrendo segundo um itinerário permanecendo neles um número variável de dias ou apenas algumas horas”* (Cunha, 2006: 196, *in* Pereira, 2014: 7).

O destino tem componentes básicas e essenciais: os recursos turísticos; infraestruturas (*“conjunto de construções e equipamentos exigidos pelo desenvolvimento de actividades humanas dos residentes e visitantes no local bem como as que resultam das relações desse local com o exterior”*); equipamentos (*“conjunto de facilidades necessárias para acomodar, manter e ocupar os tempos livres dos turistas”*: alojamentos, restauração, animação, centros de congressos, etc.); acolhimento e cultura (*“o espírito, as atitudes e os comportamentos existentes em relação aos visitantes bem como as manifestações culturais”*); acessibilidades (*“formadas pelos meios de transporte externos, incluindo os serviços e respetivas tarifas bem como a sua organização”*) (Cunha, 2006: 198, *in* Pereira, 2014: 7).

O destino (Pereira, 2014: 7-8) pode ser um país, uma região ou uma cidade para onde os visitantes viajam como seu principal objetivo; estes podem visitar um único destino, ou partir numa viagem com múltiplos destinos, e podem-se identificar ainda locais de trânsito ou escala, pontos que, geralmente por razões de transporte ou conexão, são visitados, mas não como objetivo principal de viagem.

1.2. Os Impactes do Turismo

“O turismo deve trazer benefícios às comunidades residentes e proporcionar-lhes meios importantes e motivação para cuidarem e manterem o seu património e as suas práticas culturais. É necessário o envolvimento e a cooperação das comunidades locais (...), dos operadores turísticos, dos proprietários, (...) para se conseguir uma indústria de turismo sustentável e para se valorizar a protecção dos recursos do património para as futuras gerações” (2007: 3¹).

De facto, o turismo permite ao local abrir-se ao mundo e promover a sua identidade cultural num mundo global, mas este processo não está isento de consequências sobre o emprego, a estrutura de autoridade da comunidade recetora, as práticas sociais (ex.: novos modelos de hospitalidade), os significados das atividades tradicionais ou as relações interétnicas (Chambers, 2000: 54, *in* Pereiro Pérez, 2009: 76).

Considera Callejo *et al* (2003, *in* Pereiro Pérez, 2009: 76) que é comum pensar-se que o turismo é sempre sinónimo de desenvolvimento, o que não é totalmente certo, e quando se medem os impactes do turismo, as estatísticas costumam ser a única forma de os medir, realizando-se afirmações sem explicar o modelo interpretativo. Por isso, Santana alerta para a necessidade de em todo o modelo de impactes ter em conta a referência à metodologia e ao modelo interpretativo seguido (Santana, 1997: 68, *in* Pereiro Pérez, 2009). Nessa articulação, o turismo pode apresentar contradições no seu desenvolvimento, para as quais se podem introduzir mecanismos corretores, interpretando este como um espaço de conflito social pelo acesso e uso dos recursos, pela distribuição dos seus benefícios e pelas políticas laborais. Isto significa realizar análises que permitam a criação de modelos turísticos responsáveis adaptados a cada contexto e com base em indicadores de carga turística (Gascón e Cañada, 2005: 111-115, *in* Pereiro Pérez, 2009: 76-77).

O desenvolvimento sustentável, definido como processo de mudança social e de elevação das oportunidades presentes da sociedade, sem comprometer a capacidade das gerações futuras verem atendidas as suas próprias necessidades, requer compatibilização, no tempo e no espaço, entre crescimento, eficiência económica,

¹ http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/desenvolvimentoeinovacao/Documents/Doc10_CartaInternacionalTurismoCultural.pdf

conservação ambiental, qualidade de vida e equidade social (Silva, 2008: 252). Considera este investigador que o conceito de turismo sustentável compreende cinco dimensões: sustentabilidade ecológica, sustentabilidade social, sustentabilidade cultural, sustentabilidade económica e sustentabilidade espacial.

Ao analisar os impactes turísticos, Santana (1997: 69, *in* Pereiro Pérez, 2009: 77) considera que são de ordem económica (custos e benefícios que resultam do desenvolvimento e uso dos bens e dos serviços turísticos; também tem em conta a riqueza indireta gerada, as oportunidades e as desigualdades que possam vir a ser consequentes) de ordem física e ambiental (alterações espaciais e do meio ambiente) e de ordem sociocultural (mudanças na estrutura coletiva e na forma de vida dos residentes nas áreas de destino, mas também nas relações interpessoais e nos modos de viver dos visitantes).

Mason (2009, *in* Pereira, 2014: 12-13) elenca as maiores influências nos impactes do turismo: as características do destino (litoral ou interior, desenvolvido ou em desenvolvimento, urbano ou rural); a escala do turismo (volume de turistas, entre outros); as características do turista; o impacte no ambiente, sociedade e economia das atividades em que o turista se envolve; as infraestruturas reservadas ao turismo (estradas, sistema de esgoto, rede elétrica,...); a fase do ciclo de vida do destino; a época turística do destino (época do ano, condições climatéricas e ambientais nessa altura, ...).

A questão relativamente recente da sustentabilidade em turismo (Pereira, 2014: 12) é um dos sinais de maturidade de um setor que sentiu necessidade de se transformar para sobreviver à sua ascensão apoteótica. O turismo instrumentaliza a cultura como um recurso que posteriormente converte num produto mercantil e esta mercantilização da cultura pelo turismo pode ter impactes positivos ou negativos (Pereiro Pérez, 2009: 111). Entre os primeiros, destacam-se o desenvolvimento e a revitalização de identidades culturais, a redescoberta das tradições, a autoconsciência local face aos visitantes, a revitalização do sentido identitário, a proteção das “back regions”, o desenvolvimento económico de regiões em crise (Boissevain, 1996, *in* Pereiro Pérez, 2009: 111). Entre os segundos, o excesso de mercantilização pode converter a cultura numa mercadoria-ritual espetacular, banal, massiva, passiva, ficcional e superficial (Greenwood, 1992; Patin, 1999; *in* Pereiro Pérez, 2009: 111). De facto, o turismo (Pereira, 2014: 12) é muitas vezes visto como um agente para o desenvolvimento ou renascimento de regiões e países, principalmente por gerar emprego e injetar capital nos destinos, mas, é preciso distinguir crescimento económico não planeado que pode levar

a graves problemas ambientais, sociais e económicos de desenvolvimento económico-social sustentado e sustentável. Todos os intervenientes do sistema, os *key players*, influenciam o rumo tomado, e devem unir-se de forma a ultrapassar o objetivo primário do lucro (Telfer, 2008, *in* Pereira, 2014).

Os impactes económicos (Pereira, 2014) são sempre os mais analisados no âmbito do turismo, principalmente os de cariz positivo, pelo que, os países em desenvolvimento tendem a ver no “(...) *turismo o caminho mais adequado para o desenvolvimento*” (Pereira, 2014: 13). Esta autora, como aspetos positivos, salienta o contributo para o equilíbrio da balança financeira externa, para os rendimentos do Estado, para o desenvolvimento regional e a criação de empregos; os aspetos negativos prendem-se com a dependência relativamente ao turismo, a inflação dos preços e do valor das propriedades, a apropriação dos bens da região por parte dos agentes externos e o aumento da despesa com infraestruturas, serviços e atrações turísticas (Bennet, 1997; Mason, 2009; *in* Pereira, 2014).

Os impactes de ordem sociocultural são aqueles que afetam, quer os locais visitados, quer os próprios visitantes. As consequências tornam-se tão mais evidentes quanto maior é o distanciamento cultural entre visitantes e visitados. Nesta esfera sociocultural, os impactes negativos são os mais reconhecidos sendo o fenómeno da aculturação o mais referido, já que os locais, visitados por turistas portadores de culturas dominantes, “*tendem a absorver a cultura do visitante,, abandonando gradualmente os aspetos diferenciadores da sua cultura*” (Pereira, 2014: 13). Acrescenta que isto choca com a motivação do turista de experienciar o típico e o diferente, originando manifestações culturais falsas ou muito artificiais para serem vendidas aos turistas. Considera Pereiro Pérez (2009: 162) que nalguns casos, o turismo tem servido para conservar o património cultural e as tradições – sempre inventadas e/ou reinventadas e, outras vezes, o turismo tem servido para inventar novas práticas culturais (sem tradição histórica) que rapidamente são convertidas e definidas como “tradições” para uma melhor comercialização dos produtos turísticos. Mas, conclui, graças a estas apropriações muitas povoações conseguem sobreviver e reproduzir-se socioculturalmente como centros de destino turístico, ultrapassando situações de pobreza.

Pereira (2014) refere outros aspetos negativos da esfera sociocultural: comportamento indevido do turista (que pode afetar as relações turista-local ou transformar os costumes e tradições dos visitados); o aumento do crime, do jogo e da prostituição (ou pelo menos, uma ligação mais estreita entre estes e o turismo); a

inibição da modernização (quando o tradicional e o diferente são as atrações turísticas); a pressão na estrutura familiar pela mudança de poder de compra e encorajamento à migração; o congestionamento e competição entre turistas e habitantes pelos serviços locais; a perda de poder político por parte dos locais; a tensão racial entre comunidade e turistas; a uniformização através dos regulamentos para os trabalhadores turísticos e a atribuição dos empregos pior remunerados e menos especializados aos autóctones, enquanto os elementos externos ficam com os melhores.

Mas, os impactes socioculturais contam com contributos positivos (Pereira, 2014), como a criação de emprego, a regeneração de regiões pobres ou não industrializadas, o renascimento de artes locais e artesanais e de atividades culturais tradicionais, a revitalização da vida social e cultural da população local, a renovação das tradições arquiteturais, a promoção da necessidade de conservação de áreas de grande beleza e valor cultural e estético e a evolução política e social de regimes mais autoritários a regimes mais abertos. Nos países em desenvolvimento, em particular, o turismo pode promover maior mobilidade social graças às mudanças de empregabilidade da agricultura tradicional para os serviços, que pode resultar em salários mais altos e em melhores perspetivas de emprego (Bennet, 1997; Mason, 2009; *in* Pereira, 2014).

Os impactes ambientais contam também aspetos positivos e negativos. Ao falar-se de ambiente (Pereira, 2014), considera-se que este resulta da junção do ambiente natural, da vida selvagem, do ambiente rural e do ambiente construído. Sobre a relação entre ambiente e turismo, não há unanimidade entre os diferentes autores, considerando uns que se trata de uma relação simbiótica, com o turismo a contribuir para a defesa do ambiente, e considerando outros que é uma relação desequilibrada, contribuindo o turismo para a degradação do ambiente (Mason, 2009, *in* Pereira, 2014). Acrescenta este autor que o turismo beneficia o ambiente quando estimula medidas de proteção, promove o estabelecimento de parques e reservas de conservação ambiental, promove a preservação de monumentos e conjuntos monumentais protegidos e paga, indiretamente, a manutenção do património edificado e natural. Mas, o turismo prejudica o ambiente (Bennet, 1997; Mason, 2009; *in* Pereira, 2014) quando os turistas não colocam os resíduos nos recipientes adequados, contribuem para o congestionamento do tráfego e dos locais ou para a poluição e para a erosão, promovem a construção indevida que afeta o equilíbrio da paisagem natural e humana autóctone e provocam distúrbios e danos, quer nos habitats da vida selvagem, quer no património edificado.

Face aos impactes meio-ambientais do turismo tem-se criado o denominado “turismo sustentável”, um conceito muitas vezes retórico e não isento de polémica, pois o turismo apresenta-se em muitos casos como uma atividade predadora e nada respeitadora do meio ambiente (Pereiro Pérez, 2009: 85). Mais confiante se revela Pereira (2014: 14) quando diz que para proteger o ambiente dos impactes negativos resultantes da indústria, nos anos 80 do século XX, desponta a noção de desenvolvimento sustentável, com a intenção de prevenir a exaustão dos recursos naturais. Acrescenta que na *Agenda 21*, documento produzido na Cimeira da Terra de 1992, no Rio de Janeiro, foi incluída a preocupação pelas condições e relações com as comunidades locais. Nesse sentido, é imprescindível que as populações locais (Cunha, 2008: 175) tomem consciência do valor dos seus territórios, da qualidade das suas paisagens e riqueza das suas identidades e tradições, e que apontam para a necessidade de se criarem condições para a aquisição de competências e intervenção ativa dos atores locais nos seus territórios. Bem como, um esforço comum de cooperação por parte das instituições da região, para que, através da sua experiência, ideias e desenvolvimento de parcerias, procurem potenciar e incentivar a aplicação de estratégias inovadoras de desenvolvimento sustentável, integradas e de qualidade, como forma de valorizar as festas, o património natural e cultural, o esforço do ambiente económico e a melhoria da capacidade organizacional das comunidades. Tudo isto reverte numa melhoria das condições de vida, favorecimento de oportunidades e desenvolvimento económico, sustentado e equilibrado das populações. A autora supracitada alerta que há que estar atento para que se faça uma planificação que tenha em conta os problemas que o turismo pode acarretar para a região e se tomem medidas, antecipadamente, para que o prestígio do território não seja deteriorado.

Não existe um conceito único, nem de desenvolvimento sustentável, nem de turismo sustentável (Pereira, 2014: 14), pelo que, as soluções para a sustentabilidade são variadas, podendo oscilar entre a visão tecnológica e a visão ecológica ou até a posição extrema de proibir o turismo em locais mais sensíveis. A cada destino está adstrita uma determinada especificidade, não podendo, por isso, conceber-se um modelo de sustentabilidade único, aplicável a todos os casos.

Embora não exista um modelo ideal de desenvolvimento sustentável, uma vez que os sistemas económicos, sociais, políticos e os próprios recursos naturais, variam de lugar para lugar, Donaire (1998, in Ribeiro & Remoaldo, 2008) aponta sete princípios básicos que identificam um modelo de desenvolvimento turístico sustentável: o

planeamento, a integração, a abertura, a dimensão, a participação, a perdurabilidade e a viabilidade. Mais concretamente (Donaire, 1998, in Ribeiro & Remoaldo, 2008: 1311):

i) Turismo planeado: o planeamento turístico envolve o estudo aprofundado da situação presente e futura e a tomada de decisões com base em informação sobre variáveis económicas, ambientais, sociais e culturais que intervêm no processo turístico;

ii) Turismo integrado: o turismo deve ter em conta a identidade do lugar onde se desenvolve – a arquitetura, as pessoas, as festividades, a gastronomia, etc., integrando a riqueza cultural e económica do espaço recetivo;

iii) Turismo aberto: o turismo sustentável é, essencialmente, uma estratégia de âmbito local, aberta num certo quadro territorial, de modo que os espaços naturais próximos, as localidades vizinhas possam integrar a sua oferta turística;

iv) Turismo dimensionado: o turismo sustentável deve ser dimensionado, temporal e espacialmente, o que permitirá reduzir a sazonalidade e assegurar a reabilitação do território e a qualidade da experiência turística;

v) Turismo participativo: o turismo sustentável é uma estratégia que tem de ser assumida por todos os agentes que intervêm no processo turístico, o que implica a sua participação ativa;

vi) Turismo duradouro: o turismo sustentável, ao compatibilizar o crescimento económico com a preservação do meio ambiente e a identidade local, assegura a sua continuidade a médio e longo prazo.

Assim, se um destino emergente (Ribeiro & Remoaldo, 2008) pretende evitar que os problemas económicos, sociais e ambientais sejam potenciados com o desenvolvimento da atividade turística, impedindo-o de se posicionar no mercado de forma diferencial e, portanto, competitiva, deve planejar, desde logo, a integração do turismo num marco de sustentabilidade.

“O turismo sustentável é também um turismo ético, em que os regulamentos são cumpridos e são assumidas as responsabilidades pelos impactos negativos da atividade, maximizando-se os protocolos que levam aos impactos positivos”
(Pereira, 2014: 15).

Acresce que o turismo sustentável deve cumprir determinados requisitos: evitar o esgotamento dos recursos locais; promover a integração das estruturas físicas e não físicas com o meio local, físico, social, cultural e económico; atuar com o mínimo de

manipulação no meio natural; estar mais focado na qualidade do produto do que no lucro imediato; valorizar mais os aspetos qualitativos da experiência individual do que os quantitativos relacionados com o número de pessoas que teve acesso a um tipo de experiência; atribuir o poder à comunidade local, no sentido de ter voz na gestão e planeamento; ser gerido por uma mistura equilibrada de elementos do setor público e do setor privado mais bem-intencionados e informados (Mason, 2009; Weaver, 2008; Sharpley, 2008; Goodwin e Pender, 2008; *in* Pereira, 2014: 15). Mason alerta para os benefícios que ocorreriam se a comunidade local tivesse formação e educação que lhes permitissem participar do planeamento turístico da sua área: “... *pode-se dizer que não é coerente o planeamento sustentável sem o envolvimento da comunidade*” (Mason, 2009, *in* Pereira, 2014: 15). Considera que são vários os fatores que influenciam o envolvimento da comunidade local no planeamento e na gestão turísticas: a natureza do sistema político nacional e local; o grau de literacia, principalmente política, da população local; a natureza de uma questão turística em particular; a presença das questões turísticas na comunidade; a forma como o turismo é percebido pelos membros da comunidade; o historial do envolvimento (ou falta dele) em questões turísticas e as atitudes e comportamento dos media perante as mesmas.

Neste contexto de defesa dos recursos finitos (Pereira, 2014), emergem agências governamentais e correntes de turismo defensoras do ambiente, como é o caso do ecoturismo. Assiste-se também ao aparecimento de turistas que não prescindem de conhecer as comunidades dos locais visitados, não se escusam a contribuir para a economia local e tentam contribuir para um turismo mais justo e equitativo, quando comparado com o turismo convencional.

O turismo é um elemento importante associado à globalização, e as suas consequências, positivas ou negativas, incidem sobre pessoas que não são sujeitos passivos de mudança (Santana, 1997: 67, *in* Pereiro Pérez, 2009: 76). A qualidade de vida das populações e o enriquecimento mútuo entre população e visitantes deve ser uma preocupação dos modelos turísticos (Silva, 2008: 253). Acrescenta que a indústria turística não pode privilegiar unicamente os turistas, esquecendo que os produtos culturais têm origem em atores sociais, com uma dignidade intrínseca, e uma palavra a dizer do património e dos espaços que partilham com aqueles que os visitam.

2. O Turismo Cultural e Religioso no Desenvolvimento Local e Regional

2.1. Turismo Cultural e Religioso

2.1.1. Turismo Cultural

As viagens motivadas pelo interesse cultural ou pela apreciação estética do fenómeno ou do espaço religioso são consideradas turismo cultural (Silva, 2008). As viagens movidas por razões culturais remontam a tempos recuados, nomeadamente à Idade Média, quando viajantes como Marco Pólo mudaram a conceção do mundo (Novoa e Villalva, 2007, *in* Pereiro Pérez, 2009:106). São estes viajantes medievais os pioneiros do turismo cultural.

Relativamente ao termo, a palavra *TURISMO*, segundo Smith (1995, *in* Pereiro Pérez, 2009) nasce em 1811, numa publicação: “*Sporting Magazine*”. Álvarez Sousa (1994, *in* Pereiro Pérez, 2009: 18) informa que a palavra “turismo” tem a sua origem etimológica em “tour”, que era a viagem de formação (e iniciação) que nobres e burgueses ingleses, alemães e outros realizavam com o objetivo de contactar com outros povos e culturas, criando assim um capital cultural que lhes serviria para ser melhor aceite no seu próprio país e investir nas tarefas de liderança e governança. As massas (Mason, 2009, *in* Pereira, 2014: 10), presas às obrigações da terra, apenas podiam viajar em situações especiais, como as peregrinações, as guerras e as viagens comerciais ou, como no caso dos marinheiros ao serviço das armadas e das carreiras marítimas. Assim, para Ribeiro *et al.*, (2001: 2) a expressão turista terá aparecido para exprimir a ideia de “*viagem por prazer*”, em que os membros da aristocracia e burguesia endinheirada, em meados do século XVIII e século XIX, efetuavam por lugares históricos e culturais da Europa. Um exemplo português (Lowndes, 2003, citado na supracitada obra de Pereiro Pérez, 2009), é o caso do rei Dom Pedro V, que fez a rota inversa dos turistas ingleses, rumando a Londres (1854) e a Paris (1855) para adquirir conhecimentos que lhe servissem mais tarde para a sua governação. Estas práticas sociais (Pereiro Pérez, 2009: 18), definidas como “Grande Tour”, eram uma etapa da educação das classes mais poderosas, realizada em áreas rurais, orientais e meridionais europeias. Era esta a preparação para o trabalho na política, na diplomacia ou no mundo dos negócios. Mais tarde, com o crescimento urbano e a industrialização dos séculos XVIII e XIX, são estipulados horários de trabalho e salários que propiciam a alguns trabalhadores mais tempo e dinheiro para atividades de lazer (Mason, 2009, *in* Pereira, 2014: 10). É assim que, ainda no século XIX e inícios do século XX, constata-se um aumento da procura e

da oferta de experiências turísticas, que resulta de uma melhoria do nível de vida, justificado pelo acréscimo da produtividade industrial decorrente da revolução industrial; a evolução das tecnologias de transporte, nomeadamente linhas ferroviárias e marítimas, no século XIX, e automóveis e aviões, no século XX, que levaram a viagens mais baratas e acessíveis; a introdução de feriados nacionais e de dias de férias, já no final do século XIX; a mudança da perceção do ambiente, em que alguns locais deixaram de ser vistos como hostis para serem vistos como atraentes; e o aumento do desejo de viajar, ligado ao incremento da educação e das grandes viagens e à expansão das fronteiras da guerra e do comércio, que causou o crescimento do interesse pelas regiões estrangeiras e pelas oportunidades de negócio nesses locais (Mason, 2009, *in* Pereira, 2014: 10). Estas evoluções (Pereira, 2014; Silva, 2008) na segunda metade do século XX, acentuam-se: aumentam as remunerações salariais e aumenta o tempo livre, resultado da diminuição do horário de trabalho e acréscimo dos dias de férias. As melhores condições financeiras permitem um aumento do número de famílias com automóvel próprio, que incentiva a melhoria da rede viária, facilitando as deslocações. As viagens aéreas, cada vez mais confortáveis e acessíveis a um maior número de público, tornam-se mais frequentes. O mesmo incremento é notório no âmbito dos transportes público, acentuando-se o número de utilizadores. Ora, foi a partir dos anos 50 do século XX que o turismo se afirmou como indústria rentável; ao assumir esta categoria – indústria – a relação entre oferta e procura baseia-se nas dinâmicas das perceções, expectativas, atitudes e valores dos consumidores, mudando constantemente, obedecendo a conceitos de estatuto e imagem (Mason, 2009, *in* Pereira, 2014: 11).

O modelo de sociedade urbano/industrial estruturada no tripé trabalho-moradia-lazer, faz surgir, entre outras coisas, o desejo de evasão do quotidiano num número crescente de pessoas que, sujeitas ao ritmo frenético imposto pelas cidades, cada vez mais artificiais, vê na viagem uma maneira de escapar da rotina do trabalho repetitivo, de recuperar-se física e mentalmente do desgaste causado pelo meio urbano, desfrutar de momentos de liberdade, entrar em contacto com a natureza, enfim, viver novas experiências em outros territórios que não o seu (Silva, 2008: 250).

Na segunda metade do século XX, o movimento turístico envolvia predominantemente países desenvolvidos (da Europa, da América do Norte, Austrália e Nova Zelândia, e, mais tarde, o Japão, a Coreia do Sul, Taiwan, Singapura e Hong Kong). Volvida uma década (a partir dos anos 60), o movimento expandiu-se e aumentaram as viagens dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento.

Mais tarde, assistiu-se à emergência da classe média em países menos desenvolvidos, o que levou ao acréscimo das ligações entre e dentro destes países, e também destes países para os mais desenvolvidos (Weaver, 2008, *in* Pereira, 2014: 11).

Segundo Urry (1990, *in* Pereiro Pérez, 2009), vivemos numa sociedade pós-moderna na qual prevalece uma tendência para a nostalgia, que se manifesta numa atração nostálgica pelo património cultural, entendido como representação simbólica da cultura; a desindustrialização tem criado um sentimento de perda de tipos de tecnologia e de tipos de vida social, associado a um tempo de descontentamento, desassossego e desencontro. Conclui Pereiro Pérez (2009: 113) que o património cultural entende-se, neste contexto, como um refúgio, uma segurança e um ponto de referência contra a dissolução pós-moderna dos velhos valores e modelos. Isto é o que potencia o turismo, especialmente o chamado turismo cultural.

Face ao turismo convencional e de massas (Pereiro Pérez, 2009), o turismo cultural apresenta-se como uma alternativa ao turismo de sol e praia, mas, num sentido genérico, o turismo pode ser entendido como um ato e uma prática cultural, pelo que falar em “turismo cultural” é uma reiteração, considera o autor supracitado, pois que pode existir turismo sem cultura, daí que possa falar em cultura turística, pois o turismo é uma expressão cultural. Remata opinando que, em termos filosóficos, toda a prática turística é cultural e o turismo pode ser pensado como uma das atividades que mais tem fomentado o contacto intercultural entre pessoas, povos e grupos.

No entanto, o conceito de “turismo cultural” (Pereiro Pérez, 2009: 108) é relativamente recente. Acrescenta que, de acordo com dados da OMT, em 1995, 37% das viagens foram definidas como culturais, o que representa 199 milhões de pessoas; em 2004, e segundo a OMT, 40% das viagens foram culturais, o que representa 305 milhões de pessoas.

O turismo cultural é, assim, muito vasto, já que engloba o turismo arqueológico, o artístico, a gastronomia, os vinhos e o turismo religioso.

2.1.2. Turismo Religioso

O conceito de *Turismo Religioso* é bastante abrangente, comportando, normalmente, três dimensões fundamentais: fé, cultura e arte (Santos, 2008: 211). Esta modalidade de turismo (turismo religioso) implica a existência de atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados com religiões institucionalizadas (Silva, 2008: 251). Acrescenta que a busca espiritual e a prática

religiosa caracterizam-se pelo deslocamento a locais para a participação em eventos: peregrinações e romarias; retiros espirituais; festas e comemorações religiosas; apresentações artísticas de caráter religioso. Tal é notório em Portugal, sendo a sociedade portuguesa profundamente marcada pelo Catolicismo, e detentora de um património cultural e religioso de forte relevo artístico e histórico: “*a arquitectura portuguesa de grande dimensão, nas cidades, vilas, aldeias, aparece como lugar de uma inscrição ineludível da matriz religiosa cristã da cultura portuguesa*” (Semana de Estudos Teológicos, 2003: 93, *in* Dias, 2010: 66). Os destinos do turismo religioso são locais de culto que, para além das suas características de devoção e penitência, muitas vezes destacam-se pelo seu valor histórico-cultural (Serrallonga & Hakobyan, 2011: 75). No entanto, nem sempre os locais de destino do turismo religioso são locais de culto.

O Turismo Cultural e Religioso constitui-se como elemento aglutinador de uma nova oferta no domínio do turismo (Vilaça, 2008a: 88-90) , atendendo às suas características e às suas singularidades. Considera ainda este autor que o Património Religioso se tem preservado em excelentes condições, apoiado pelas associações de leigos, “*fabriqueiras, irmandades e confrarias*“, instituídas ao abrigo do Código Canónico e suportadas no importante papel da Igreja Católica nesta matéria; também as Autarquias Locais despertaram para a necessidade de manter o Património Cultural e Religioso, assumindo responsabilidades na sua recuperação e disponibilização aos visitantes. Remata dizendo que todos os Municípios têm promovido a criação de roteiros e rotas culturais que contemplam o património cultural e religioso.

As palavras “*turismo*” e “*religioso*” são dois nomes que se confrontam, abrangendo os aspetos “profanos” do turismo (lazer, diversão, entretenimento, prazer ...), e a parte da religião, atividade cheia de “sacrifícios” e de obrigações espirituais (Dias, 2010: 34). Na mesma linha, Ostrowski (2000, *in* Pereira, 2014) considera que o turismo religioso, apesar de conter motivações de índole religiosa, está associado aos conceitos de férias e de lazer. O turismo (Cabrini, 2008) é para muitos um meio de atenuar a pressão da vida diária, e ao mesmo tempo, o turismo permite uma redescoberta de si próprio e dos outros; quando se analisam as razões que levam os peregrinos a fazer os Caminhos de Santiago, os motivos são variados: uns, por motivos religiosos, outros culturais, outros por fins desportivos ou várias dessas motivações.

As peregrinações são a génese do turismo religioso, mas, o turismo religioso e a peregrinação distinguem-se por motivações e finalidades, bem diferentes, embora os

processos sejam muito próximos ou idênticos (Dias, 2010: 37-38). Explicita que turismo religioso é um fenómeno social, em que a sua própria dimensão ultrapassa a ligação que qualquer crente tem para com a sua própria religião; além da sua própria fé, o turista religioso entra num turismo de “massas”, mesmo que não queira ser propriamente um turista. As peregrinações (Almeida, 2014: 62) foram ao longo do último milénio um dos mais expressivos fenómenos de migração temporária de grandes massas populacionais, motivadas pela fé e pela sociabilidade inerente a estas vivências religiosas. Mas o turismo religioso não se confina às peregrinações, aos eventos litúrgicos ou às festividades religiosas tradicionais. Este orienta-se por motivações devocionais, de vivência do culto, de renovação espiritual e pela relação contratual com o sagrado (promessas); as peregrinações (caminhadas ou por outros modos de deslocação), a participação em eventos de culto, a inclusão em retiros espirituais (reuniões) ou as práticas mnemónicas e de evocação protetora, são as atividades mais relevantes em que o peregrino turista se envolve (Almeida, 2014: 65). Todavia, quer no passado como na atualidade, aos eventos religiosos que através da tradição cultural se afirmaram sociologicamente e adquiriram marca de identidade de lugares e de comunidades, associam-se diversas práticas de ócio-cultura que lhe concedem uma ambivalência entre o sagrado e o profano. Por isso, conclui, os fatores de atratividade que sustentam os destinos de turismo religioso não têm uma relação exclusiva com a religiosidade, envolvem também aspetos culturais, artísticos e históricos dos lugares e das suas populações. Além do mais (Dias, 2010), o turismo religioso não é, necessariamente, um turismo feito por religiosos, místicos, devotos e sacerdotes profissionais de qualquer credo ou confissão religiosa, pelo que, o adjetivo religioso não pode ficar espartilhado na perspetiva exclusivamente cristã no universo da Igreja Católica.

Autores como Talec (1993, *in* Pereira, 2014) e organizações como *Officce de Nouvelles Internacionelles* chamam a atenção para o facto de que na busca dos locais sagrados pode estar tanto a motivação espiritual e religiosa como a motivação cultural patrimonial.

“Embora o Turismo Religioso (...) seja apenas um dos subprodutos do Touring Cultural e Paisagístico, é nosso entendimento, perante o enorme interesse que este segmento do turismo está a despertar, não só no meio académico e universitário, mas também nos diversos Operadores Turísticos, que, em breve, o denominado Turismo Cultural e Religioso seja colocado no

lugar que merece e, por direito, no panorama do Turismo Nacional” (Vilaça, 2008b).

Comungava da mesma ideia o Diretor do Turismo Religioso e Turismo Cultural da Geotur, em 2008, ao considerar que dos segmentos de mercado com maior potencialidade de crescimento, se destacava o turismo religioso cujo paradigma difere dos restantes segmentos, pois tem como principal motivação a fé (Moura, 2008: 78). Para Rinshede (1999, *in* Pereira, 2014), o turismo religioso apresenta as mesmas características em relação a outros tipos de turismo, diferenciando-se na motivação, a qual deverá ter por base a religiosidade. Para estes turistas, os lugares não são apenas “bonitos” ou “agradáveis”, mas têm, igualmente, importância espiritual e sagrada.

Conforme proferiu Maria José dos Santos Cunha: *“Cultura e religião desde sempre andaram de mãos dadas”*(Cunha, 2008: 168). Explica que, no tocante à primeira, a sua motivação é a valorização cultural e a fruição dos diversos atrativos existentes nos destinos, dos quais se destacam: atividades de animação cultural e recreativa, visitas a museus, monumentos, eventos culturais e festividades tradicionais. No que respeita à segunda, orienta-se por motivações que têm a ver com a devoção e práticas religiosas, nomeadamente: promessas, peregrinações, participação em determinados eventos, sendo o património cultural o elo de ligação entre ambas. Assim sendo, conclui, não é pois de admirar que o mesmo aconteça entre o turismo cultural e o turismo religioso, tratando-se de uma relação dual indiscutível que é justificativa do facto de tanto o turismo cultural quanto o religioso apresentarem hoje um reconhecido dinamismo e absorverem cotas de mercado muito significativas, que justificam um potencial crescimento que supera a média calculada para a globalidade do setor turístico (Cunha, 2008).

Segundo o presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim (Vieira, 2008), o turismo de motivação cultural, em geral, e o turismo de génese religiosa, em particular, têm uma vastíssima oportunidade de crescimento, contribuindo para o desenvolvimento das comunidades e dos países.

Assim dizia Santos:

“Falar em turismo religioso, é realçar um segmento que tem capacidade de contribuir para o progresso regional e participar no respectivo desenvolvimento sustentável, permitindo às populações locais beneficiar do seu incremento” (Santos, 2006, *in* Dias, 2010: 61).

Esta posição é reforçada por Serrallonga & Hakobyan (2011) que consideram que o turismo religioso cresce consideravelmente, não só nos países desenvolvidos, mas também nos países em vias de desenvolvimento. Lanquar (2007: 1, *in* Serrallonga & Hakobyan, 2011: 63-64) entende que:

“ya que los excedentes económicos permiten viajar a las clases altas y medias. En el siglo XXI en búsqueda de valores, el turismo religioso y espiritual puede representar una gran oportunidad para las mujeres y los hombres de todas las creencias, filosofías y religiones”.

O turismo religioso é um segmento de mercado turístico em expansão, a nível mundial (Dias, 2010: 60). O mercado europeu do produto estratégico Touring Cultural e Paisagístico, produto que engloba a realidade do Turismo Cultural e Religioso, está estimado em cerca de 44 milhões de viagens/ano para o estrangeiro (viagens com mais de uma noite), representando cerca de 18% do total de viagens. Destes turistas, 85.7% permanecem mais de quatro noites no destino (Coelho, 2008). *“El turismo religioso es uno de los nichos del mercado turístico en crecimiento”* (Serrallonga & Hakobyan, 2011: 63). A Religião e a Espiritualidade estão entre as motivações mais comuns para viajar. Muitos dos principais destinos turísticos desenvolveram-se de forma alargada como consequência das suas ligações com pessoas sagradas, lugares, eventos e os caminhos percorridos (Dias, 2010: 33).

Sandra Almeida, no seu Projeto de Consultadoria na Área de Turismo e Lazer, *“... um estudo que se tornou referencial para o desenvolvimento do turismo religioso no norte de Portugal”* (Almeida, 2014: 21), ao analisar a evolução recente do turismo mundial, constatou que se tem verificado uma afirmação crescente das atividades ligadas ao turismo na economia e no desenvolvimento social mundial, particularmente no último quartel do século XX.

O turismo cultural e religioso conhece uma dinâmica e crescimento particulares merecedores de reflexão sobre formas de desenvolvimento de novos produtos e adequação contínua aos mercados, pelo que, os operadores turísticos devem procurar adaptar a sua oferta a segmentos específicos, moldando os produtos às exigências dos consumidores/clientes (Simões, 2008: 72). O envelhecimento da população, combinado com o alargamento da esperança média de vida, nos países mais desenvolvidos, constituem fatores de acréscimo do turismo sénior, que corresponde a um importante

segmento do turismo religioso (Almeida, 2014: 33). Há então que adaptar a oferta turística a este potencial consumidor.

O grande desafio para o turismo religioso, enquanto elemento integrante do *Touring Cultural e Paisagístico*, assentará na sua capacidade de implementar modelos eficazes de gestão que permitam uma fruição do património religioso que, associado a todas as outras valências turísticas, confira, a cada um dos seus públicos, a “*experiência*” da descoberta, do conhecimento, do deslumbramento e da elevação pessoal (Coelho, 2008). Procura-se oferecer um produto que contém sensações e experiências emocionais. Este princípio orienta a corrente do marketing experiencial (Schmitt, 1999, *in* Pereiro Pérez, 2009: 111) que converte os produtos em experiências com um valor acrescentado. O consumidor compra, não bens e serviços, mas a vivência de experiências e sensações.

2.2. Turismo Cultural e Religioso no Desenvolvimento Local e Regional

O turismo cultural representa um contributo para o aumento da auto-estima da comunidade recetora, com a valorização de sua identidade histórica e cultural (Bisognin & Coelho, 2008: 159). Cultura e património fazem parte da riqueza europeia, revelando-se um elemento chave da identidade das regiões e fonte de atividade económica e de criação de empregos (Moniz, 2008). À data, o Turismo empregava, segundo o autor citado, cerca de 9 milhões de pessoas na Europa e representava cerca de 5.5 % do Produto Interno Bruto (PIB) europeu, contribuindo, de forma significativa, para reduzir o isolamento de certas regiões e promover o seu desenvolvimento. O Turismo, devidamente enquadrado num plano integrado de desenvolvimento, constitui um dos setores estratégicos mais importantes para o desenvolvimento de uma região, não só através do rendimento e emprego que gera, mas, também, relativamente à sua contribuição para o equilíbrio da balança de pagamentos, bem como através dos investimentos diretos e indiretos, que poderão constituir a base de um arranque para o desenvolvimento sustentável (Dias, 2010: 64).

A atividade turística é uma das formas contemporâneas de aproveitamento dos recursos dos territórios, mas, o desenvolvimento do turismo depende das especificidades de cada região, só sendo viável quando existem recursos que garantam uma vocação turística (Ribeiro, 2008). Este autor sublinha, entretanto, que a atividade turística só fará parte do processo de desenvolvimento regional/local quando for capaz de se integrar na organização global do sistema produtivo e não quando seja implementada como uma prática isolada, individual ou autónoma. O turismo (Cunha,

1997; Andrade, 2008; *in* Ribeiro & Remoaldo, 2008: 1310) pode ser um fator de marginalização das populações locais e um veículo de tensões sociais quando concebido sem integrar os valores locais e sem fazer participar as populações nos seus benefícios. Incontestavelmente, nas últimas décadas (Sparrer, 2008: 178), considerou-se cada vez mais importante a participação ativa da população local na atividade turística, pois o turismo em espaço rural que se pratica a menor escala, um turismo oposto ao modelo em massa do turismo sol e praia, deveria, teoricamente, envolver a população local num maior grau na tomada de decisões, fomentando um intercâmbio sociocultural entre turistas e residentes. Praticar turismo cultural ético (O´Grady, 1987: 211-212, *in* Pereiro Pérez, 2009: 133) implica praticar um turismo que respeite os habitantes do país de acolhimento, que escute, pergunte e observe os locais, com o fim de compreender as diferenças no uso e significado do tempo, do espaço e da memória.

O turismo é atualmente uma das atividades que mais contribui para a sobrevivência de numerosos territórios, na Europa e noutras paragens, tirando partido económico dos recursos existentes e constituindo um importante fator desincentivador do processo de despovoamento a que muitos estariam votados (Ribeiro & Remoaldo, 2008: 1303). Perante estruturas pouco diversificadas e onde escasseiam as oportunidades económicas, o turismo pode oferecer-se como um importante fator de desenvolvimento (Ribeiro *et al.*, 2001: 3). O turismo constitui uma forma de preservar o património cultural e, em termos de impactes socioculturais, o turismo funciona como um incentivo à reabilitação e conservação do património histórico que, de outra forma, poderia até desaparecer (Ribeiro & Remoaldo, 2008: 1303). O turismo cultural pode e deve estar ao serviço da conservação e valorização do património cultural (Pereiro Pérez, 2009: 129).

O desenvolvimento do turismo em espaço rural pode ter um importante papel no processo de diversificação da economia das áreas rurais e na introdução de elementos diferenciadores da oferta turística nesses territórios (Cunha, 2008: 175). A dinamização socioeconómica das regiões é possível, através da promoção da economia local, pelo aproveitamento do potencial do “turismo religioso” como força de atração de consumidores e fixador de investimento a nível local, refletindo-se o seu papel dinamizador na economia local, em particular no setor terciário (Almeida, 2014). Quando bem planeada, a exploração do turismo pode trazer divisas e promover o desenvolvimento local em consequência do aumento do fluxo de visitantes externos (Bisognin & Coelho, 2008: 159). O arcebispo titular de Benevento (Castro, 2008: 41) considera que o turismo pode ser um bem socio-económico, desde que respeite os

valores locais e não seja desorganizado, desequilibrado. Pode, assim, tornar-se fonte de ocupação, reanimar o comércio e promover o desenvolvimento social. Esta convicção tornou-se a terceira linha (das vinte e seis na totalidade) emergente do Congresso Internacional do Turismo Cultural e Religioso (Pereira, 2008: 91).

Nas suas diversas vertentes, nomeadamente a cultural e a religiosa, o turismo tem vindo a ganhar no nosso país – quer nas cidades, quer nos territórios rurais, onde a presença do património religioso e as manifestações relacionadas com as crenças e práticas religiosas é relevante – um espaço crescente nas propostas de desenvolvimento, com a finalidade de se tentar resolver a crise generalizada que nos afeta (Cunha, 2008). O turismo cultural e religioso está a constituir-se em Portugal e sobretudo na Região Norte como um vetor de desenvolvimento (Vilaça, 2008a).

”Face às últimas informações oficiais que foi possível recolher podemos afirmar que a Cultura e o Turismo representam neste momento 11,5% do PIB nacional, prova evidente que se alguma coisa tem sido feita, muitíssimo mais tem de se fazer, para se atingir as metas previstas para 2015, que são: passar o PIB para os 15% e atingir os 15 milhões de turistas” (Machado, 2008: 148).

O turismo é, em Portugal, como em vários outros países da Europa do Sul, e não só, uma das atividades mais importantes na geração de emprego e de rendimento (Ribeiro, *et al.*, 2001: 2). A nível mundial, o turismo religioso, segundo dados recolhidos na revista *Turisver* de 20.04.2010, é um segmento de mercado que envolve entre 300 a 350 milhões de pessoas por ano e, tem receitas que atingem 15 a 18 mil milhões de euros/ano (Dias, 2010: 66).

A importância do Turismo e da Cultura para o desenvolvimento regional na Europa pode ser analisada numa tripla perspetiva (Moniz, 2008): em primeiro lugar, enquanto geradores de empregos diretos e indiretos em atividades relacionadas com o património cultural; em segundo lugar, enquanto fatores de localização de novos investimentos, reforçando a imagem, a competitividade e a capacidade de atração das regiões; e em terceiro lugar, enquanto elementos de integração social e de aproximação dos povos. Deste último aspeto estava bem consciente o presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim ao considerar que se impõe o turismo cultural não seja considerado apenas como a venda de um produto a retalho ou em pacote, porque ato cultural é, sempre, por definição, um intercâmbio, uma troca de ideias e de conhecimentos, um enriquecimento mútuo em que todos são emissores e recetores (Vieira, 2008).

Realizado este levantamento sobre conceitos operatórios associados à prática do turismo, segue-se um estudo sobre a cidade de Barcelos, com a intenção da promoção do turismo religioso em Remelhe, em articulação com eventos desta cidade.

3. Barcelos

3.1. Situação Geográfica e Meios de Acesso

“Coração do Minho, «princesa do rio Cávado» que a banha e é a verdadeira aorta da região, Barcelos é com a marca do seu galo [Fig. 1], um dos símbolos de Portugal” (Almeida, 1990: 7).



“Fala-se em Barcelos e uns pensam em galos, outros em condes. Condes já os não há, mas os galos enchem ainda as lojas de turismo e os terreiros das feiras” (Saraiva, 1987: 90).

Fig. 1 - Galo de Barcelos.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lenda_do_Galo_de_Barcelos

O município de Barcelos tem uma área de de 379 Km² (extensão de cerca de 25 Km norte-sul e 15 Km nascente-poente), repartida por 61 freguesias. A agricultura e as florestas ocupam mais de 80% da área territorial de Barcelos, sendo esta atividade económica uma referência obrigatória no concelho, pois é o maior produtor de leite nacional e existe um grande número de explorações agrícolas³. Em 2011 era um município com cerca de 125 mil habitantes, integrado na NUTS III Cávado, juntamente com Amares, Braga, Esposende, Terras de Bouro e Vila Verde.

A margem direita do rio Cávado está na proximidade de algumas infraestruturas de conectividade de grande importância⁴: pouco mais de 1 hora de Vigo (Galiza) e respetivo aeroporto; cerca de 30 minutos de Viana do Castelo; menos de 1 hora da cidade do Porto e do Aeroporto Francisco Sá Carneiro; menos de 30 minutos da cidade de Braga; a cerca de 1 hora de Valença. Os acessos rodoviários principais que suportam esta conectividade são a A3 (Espanha - Valença – Porto), a A11 (Guimarães – Braga – Barcelos – Esposende), a A28 (Porto – Viana do Castelo – Espanha) e a A7/A24 (Vila do Conde – Famalicão – Chaves). As principais empresas prestadoras de serviços de transporte rodoviário de passageiros são a RNE – Rede Nacional de Expressos (ligações

² http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/barcelos/Guia_pt.pdf, p.9

³ www.cm-barcelos.pt/downloads/Barcelos2020Vol1.pdf, p.26-67

⁴ www.cm-barcelos.pt/downloads/Barcelos2020Vol1.pdf, p.7-11

para todo o país), a TRANSDEV (ligações internas no município e com o espaço regional), a RENEX (ligações no eixo da A3/A1, até Lisboa), a Cávado Tour e a Rodoviária do Entre Douro e Minho. Em relação aos serviços ferroviários, o concelho de Barcelos é servido pela Linha do Minho (Porto – Valença – Vigo), com várias ligações diárias ao Porto (diretas ou articulando com comboios urbanos do Porto), a Viana do Castelo e a Vigo⁵. Pelo exposto se conclui que Barcelos dispõe de condições favoráveis ao desenvolvimento turístico, podendo beneficiar de movimentos turísticos promovidos pelas viagens *low-cost* (proximidade do aeroporto) e tem condições para o alargamento do mercado e a captação de fluxos turísticos a partir de Braga, Porto e da Galiza, importantes pólos emissores de turistas nacionais e internacionais, respetivamente. Há então que envidar esforços conjuntos no sentido de potenciar o mais possível o potencial turístico do município, de forma a tornar esta atividade uma fonte de receita consistente, de forma a atenuar, dentro do possível, o vazio gerado pela diminuição do número de empresas industriais, que não resistiram à conjuntura global de recessão económica.

3.2. Origem do Topónimo

A elucidação filológica do topónimo Barcelos tem dado azo, desde o século XVII, a expressivas projeções imaginárias que pressupõem a antiguidade e a valorização desta antiga vila (Almeida, 1990: 10). Para uns, Barcelos viria de *bar-caeli*, de uma chamada «barca do céu» porque oferecia passagem gratuita. Para outros, o nome seria dado por colonizadores antigos, pelos Barcas ou pelos romanos, ou viria de *barca-Celani*, hipoteticamente o nome mais antigo do rio Cávado (Fonseca, 1987a: 141). Gomes Pereira e outros estudiosos (Almeida, 1990: 10) , apoiados em certas possibilidades filológicas, defenderam que o topónimo proviria de *barc-ellus*, «barco pequeno»; para Domingos Moreira, com base em Hubschmid, o topónimo Barcelos, para o qual há diversos paralelos no Norte de Portugal e, sobretudo, na Galiza, aplicados a nomes de riachos ou de terras que se lhe associam, tais como «barcela», «barcelada», designará «terra baixa, plana» e o seu radical e significação são francamente comparáveis aos das palavras *barcia*, «terreno plano, cultivado» ou *varcena*, «várzea», nomes pré-latinos que mantiveram conhecidos sentidos comuns durante a Idade Média. Pelo seu radical, o nome «Barcelos» significará, pois, uma «terra ribeirinha e plana» e não qualquer tipo de

⁵ www.cm-barcelos.pt/downloads/Barcelos2020Vol1.pdf, p. 12

barco, um sentido que se adapta perfeitamente às antigas referências documentais relativas à localização deste topónimo (Almeida, 1990: 11).

3.3. Resenha Histórica

A mais antiga notícia documental referente a Barcelos é a sua **carta-foral**, concedida por D. Afonso Henriques, em data que se desconhece, mas que terá de situar-se entre 1156 e 1169 (Almeida, 1990: 10). Vila régia nos seus começos, Barcelos tornou-se vila condal a partir de 1298, quando D. Dinis nomeou como conde João Afonso, que era mordomo-mor do reino e seu diplomata, e lhe doou, em título, esta povoação. O terceiro



Fig. 2 - Ponte Medieval sobre o Cávado, Barcelos.

conde de Barcelos, entre 1314 e 1354, D. Pedro, filho bastardo de D. Dinis, deu início à construção da atual igreja da Colegiada (nas arquivoltas do seu portal principal estão patentes as armas deste conde) e a edificação da ponte medieval sobre o Cávado (Fig. 2), que se edifica por volta de 1325 e estaria pronta em 1328: “A ponte é medieval; faz-lhe referência um documento de 1328, como cousa já existente” (Saraiva, 1987: 91). D. Nuno Álvares Pereira foi o sétimo conde de Barcelos, entre 1385 e 1401, havendo na velha Rua dos Açougues uma casa que mostra as suas armas e terá sido o seu paço local. O oitavo conde de Barcelos, D. Afonso, filho bastardo de D. João I, era genro do Condestável. A vila vai beneficiar de obras avultadas, destacando-se as muralhas. O seu filho, D. Fernando, nono conde local, iniciou a construção do paço condal e conseguiu que fosse instituída a Colegiada de Barcelos, em 1464. A partir de D. Afonso, os condes de Barcelos são também duques de Bragança, condes e duques de Guimarães e depois marqueses de Vila Viçosa. Considera Almeida (1990: 14) que esta extensão dos seus senhorios e títulos não foi benéfica para Barcelos, dado que estes seus senhores foram preferindo Guimarães e, depois, Vila Viçosa. No reinado de D. João II, os bens do décimo conde de Barcelos, acusado de ter conjurado contra o rei, foram incorporados na

conde de Barcelos, entre 1314 e 1354, D. Pedro, filho bastardo de D. Dinis, deu início à construção da atual igreja da Colegiada (nas arquivoltas do seu portal principal estão patentes as armas deste conde) e a edificação da ponte medieval sobre o Cávado (Fig. 2), que se

Coroa. D. Manuel I reabilita esta família e entrega os títulos e bens ao legítimo herdeiro, D. Jaime, décimo primeiro conde de Barcelos (1496-1532), que tentou transferir a igreja da Colegiada para um outro local, talvez para poder ampliar e melhorar o seu paço local e também porque a povoação crescia no sentido oposto, o do Campo da Feira (Almeida, 1990: 14). O conde seguinte, D. Teotónio (1532-1563), protegeu a Misericórdia local.

Como era comum nas vilas e cidades medievais de algum relevo, Barcelos tinha, na sua entrada, uma instituição hospitalar – **gafaria** – documentada já em 1177, por isso, uma das primeiras em Portugal (Almeida, 1990). Chamou-se *Gafaria*, *Lepraria* ou *Lazareto*, *Leprosário* ou *Ordem de S. Lázaro*, o primeiro hospital desta vila (Ferraz, 2013: 32). Situada fora de muralhas, no lugar da Fonte de Baixo, na entrada mais frequentada da povoação (facilitando o pedido de esmolas dos gafos aos transeuntes) e junto do rio, porque na época acreditava-se que os ares húmidos favoreciam a cura da lepra. O rei D. Manuel I, em 1520, vai incorporar os bens desta instituição na Confraria da Misericórdia de Barcelos. Mais importante era o **hospital do Espírito Santo**, já



Fig. 3 - Edifício atual da Câmara Municipal, Barcelos. Na fachada da esquerda, funcionava o Hospital do Espírito Santo (século XIV).

Fonte: <http://www.cm-barcelos.pt/autarquia/pacos-do-concelho>

documentado em meados do século XIV, situado no centro da vila, na Rua de Santa Maria (Fig. 3), ao lado dos Paços do Concelho (Almeida, 1990).

Como a Gafaria se destinava a receber exclusivamente leprosos, havia este hospital para recolher e tratar os enfermos doutras doenças (Ferraz, 2013: 36). Nos começos do século XVI, a sua administração, no que respeita a bens e heranças, ficou a cargo da Confraria da Misericórdia, por provisão de D. Manuel I, em 1520. Para apoio a viandantes e peregrinos, Barcelos dispunha ainda, nos finais da Idade Média, segundo Iria Gonçalves, de duas estalagens (Almeida, 1990: 15). Com base nas inquirições de D.

Afonso II, conclui-se que houve uma albergaria em Barcelos. *“As albergarias (...) eram casas destinadas ao abrigo de peregrinos, transeuntes e velhos decépitos, que ali tinham, pelo menos, casa, luz, e encosto”* (Ferraz, 2013: 266).

Barcelos teve uma **comunidade judaica** de certa notoriedade, já documentada em 1369. No reinado de D. João II dispunha de rabi, de sinagoga e de um bairro reservado, a judiaria. Com o decreto de conversão ou expulsão de 1496, de Barcelos, poucas famílias terão partido, pelo que se tornaram «cristãos-novos», alguns deles bem integrados na sociedade, como Gil da Costa que, em 1506, pagou parte da nova capela-mor da Colegiada, onde deixou o seu nome.

Na primeira metade do século XVI, a vila de Barcelos beneficiou de considerável incremento, quer em termos de renovação arquitetónica, quer em termos de atividades mestreiras; a este desenvolvimento, não é alheio o contributo da feira. As confrarias de profissões eram numerosas. Em número considerável eram também as irmandades religiosas, assunto que desenvolveremos mais adiante.

No século XVIII, há um notório desenvolvimento, novos espaços se urbanizam e a circulação monetária é relativamente grande como evidenciam os registos dos livros de capitais das diversas confrarias e irmandades da localidade e as atas notariais (Almeida, 1990: 28). A primeira metade do século XIX é, em Barcelos, um período de grandes crises que marcaram profundamente a vila. Falamos dos efeitos das invasões francesas e, depois, das reformas administrativas liberais de 1836, que causaram danos nos serviços administrativos e judiciais prestados, com nefastas consequências no comércio. A partir de meados do século XIX, nota-se uma franca recuperação, a que não é alheia a chegada de muito ouro do Brasil.

3.4. Elevação de Barcelos a Cidade

Barcelos (Pinho, 2003-2004-2005: 167) foi elevada à categoria de cidade em 31 de agosto de 1928, ficando constituída pelos aglomerados urbanos das freguesias de Barcelos, Barcelinhos e Arcozelo (Decreto nº 15929 publicado no nº 205 da 1ª Série do Diário do Governo de 06.09.1928). Portugal vivia sob um regime de ditadura militar, presidida pelo general António Óscar Fragoso Carmona, tendo por ministro das finanças, António Oliveira Salazar, mentor do Estado Novo. Com as suas 95 freguesias, Barcelos era a sede do maior concelho do país e uma das mais importantes comarcas judiciais, com uma população superior a 50 mil habitantes (Pinho, 2003-2004-2005: 172). A agricultura era a principal atividade económica e a feira, à volta da qual girava

toda, ou quase toda, a vida desta terra, a mais concorrida da região, servia de entreposto de comércio de produtos agrícolas que recebia de uns concelhos e enviava para outros. Em termos industriais, já laboravam a “*Barcelense, Limitada*”, fábrica de passamanarias, fundada por João Duarte em 1921, a “*Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, Limitada*”, criada em 1923, e a “*Fábrica de Moagem do Cávado*”, para a moagem do trigo, que principiou a funcionar em 1920, e que deu origem, depois, à “*Sociedade Industrial do Vouga, Lda*”. Barcelos era a região de maior riqueza florestal do norte e centro do país (Pinho, 2003-2004-2005: 173), com larga exploração de madeira e com uma grande fábrica, a “*Juan B. Domenech, Limitada*”. Remata dizendo que, para além destas, havia ainda pequenas indústrias de serralharia, de refinação, de olaria, de mobiliário e de papel e, a importância comercial e industrial era comprovada pelo movimento da estação de caminho de ferro, que era a mais importante, depois da Régua, na região de Entre Douro e Minho.

A partir dos anos 80, Barcelos é um considerável centro industrial, principalmente a nível têxtil, assegurando emprego a muitas famílias. Hoje, em resultado da conjuntura mundial, a indústria têxtil está em franca decadência, o que se reflete, negativamente, no panorama económico barcelense. Fazemos os nossos votos para que o futuro anuncie novas perspetivas para esta cidade, cheia de tradições, história e belezas naturais.

3.5. Confrarias e Irmandades

“Sendo as Irmandades, ou Confrarias, uma sociedade de pessoas devotas, dedicadas a promover um culto regular a Deos, ou a algum Santo (...) dão os Instituidores uma lei fundamental para por ella se regerem, isto é, Estatutos”
(Faria, 2004: 103).

As confrarias, também denominadas pelo povo quase com o mesmo significado por irmandades, são associações organicamente eretas com o fim de incrementar com zelo e solicitude, o culto público, praticar atos de beneficiência compatíveis com os seus recursos económicos, auxiliar o ensino primário e sufragar as almas dos irmãos membros da instituição (Matos, 1999: 137). Estas estruturas de associativismo laical e clerical, denominadas confrarias, são fortemente incrementadas a partir de Trento (Cardona, 2002: 101).

Em Barcelos eram em número considerável as irmandades religiosas, com destaque para a do Santíssimo Sacramento, a da Senhora da Graça e a de S. João Baptista,

sediadas na Colegiada, e, sobretudo, as irmandades da Misericórdia e a do Senhor da Cruz (Almeida, 1990: 19). Considera Matos (1999: 139) que a Confraria da Senhora da Graça, instituída na Colegiada de Barcelos, é das mais antigas neste concelho. Os seus Estatutos, foram reformados em 1747, com base nos antigos que vinham de 1545.

Durante a Época Moderna, uma Irmandade da Misericórdia é, para qualquer vila ou cidade, uma instituição que confere prestígio à terra onde está sediada, e os serviços de assistência prestados são complementares dos da administração concelhia e civil. Entre os serviços prestados, conta-se: acudir ou até enterrar desprotegidos, forasteiros e galegos; fornecer e receber informações de herdeiros e descendentes de barcelenses dispersos com a Expansão, e receber informações das irmandades congêneres de Goa, de Malaca e de outras terras do Brasil e de Portugal; emprestar dinheiro a juros a nobres, a agricultores e até a artistas, o que contribui para uma intensa atividade construtiva em paços, casas e igrejas, desde o último quartel do século XVII aos finais do século do XVIII, em toda esta região; serviços de assistência, prática hospitalar e apoio farmacêutico (Almeida, 1990: 20).

A **Irmandade da Misericórdia de Barcelos** foi fundada em 1500, tendo por sede a Capela de Santa Maria, junto ao velho hospital do Espírito Santo e, em 1520 ficou encarregada da administração dos bens e encargos deste hospital local e também dos da gafaria da Fonte de Baixo. Em 1836, o novo regime liberal cedeu à Misericórdia de Barcelos o edifício e a "cerca" do extinto Convento dos Capuchos (franciscanos), no Campo da Feira ⁶. Atualmente, a Misericórdia de Barcelos persiste na sua missão solidária que se estende por cinco lares de idosos, dois Centros de Dia, duas unidades de Visita Domiciliária, um Centro de Medicina Física e Reabilitação, quatro Infantários, Serviço de Amas, um Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL) e um Centro de Hemodiálise, servindo mais de 350 idosos e 550 crianças, com um corpo de pessoal que ascende a cerca de 360 funcionárias e com um orçamento que ultrapassa os sete milhões e seiscentos mil euros.⁷

A **Real Irmandade do Senhor do Bom Jesus da Vera Cruz de Barcelos**, com a sua origem no aparecimento de uma Cruz, de terra negra no Campo da Feira, é uma instituição fundamental na configuração da cidade, contribuindo para o seu prestígio e fama, nomeadamente pela importância das festas das Cruzes de maio que desde há séculos promove e sempre tiveram grande adesão popular. O seu templo é um exemplar

⁶ <http://www.scmb.maisbarcelos.pt/?vpath=/historia/historia2/>

⁷ <http://www.scmb.maisbarcelos.pt/?vpath=/inicio/mensagem/>

barroco de valor inegável. Esta Irmandade já existe desde os inícios do século XVI, sendo marítimo o mais celebrado milagre atribuído ao Bom Jesus de Barcelos. Pela sua intercessão foi salva, nos mares da ilha Terceira, Açores em 1625, a tripulação de soldados de uma nau à qual a tormenta partira os mastros e desfizera o leme. Este acontecimento testemunha a devoção ao Senhor Jesus de Barcelos entre os mareantes. Nas listas dos irmãos inscritos na “santa confraria de Vera Cruz” ou do “Bom Jesus de Barcellos” é nítida a sua vocação marítima (Almeida, 1990: 24). A propósito da nomenclatura, considera Vinhas (2004: 179) que primitivamente era intitulada *Santa Confraria de Vera Cruz* e, a partir da segunda metade do século XVII, esta corporação passou a designar-se por *Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz*, ainda que ao longo da sua história apareçam, por vezes, concumitaneamente, diversas nomenclaturas: *Santa Confraria*, *Venerável Irmandade*, *Irmandade dos Santos Passos*, *Real Irmandade* ou simplesmente *Confraria*.

Em maio de 1698, constituiu-se uma comissão destinada a angariar fundos para a construção de um templo, iniciando-se uma subscrição pública. Os muitos milhares de cruzados que a obra custou foram cobertos pelas ofertas da subscrição, pelas dádivas de géneros dos devotos das freguesias vizinhas e pelos donativos e dinheiro vindos do Brasil. Sagrado o templo, o serviço religioso aumenta obrigando à contratação de capelães, necessários para satisfazer as obrigações assumidas pela confraria para com os irmãos falecidos. A inscrição tornou-se mais onerosa e elitista, pelo que se reduz o número de confrades, e quase se reserva a chefes de família. Por volta de 1714, o templo estava pronto e o número de confrades não excedia os trezentos. A confraria passou a denominar-se “*Irmandade*”, um nome mais prestigiado, com uma conotação mais institucional e menos paroquial (Almeida, 1990: 26). A fama da Irmandade não cessava de crescer. Na década de 1720-30, só no Brasil, estavam inscritos 266 irmãos, cuja quota de entrada, à média de um cruzado, rendeu 771\$00. Mas, despesas com os serviços cresciam também sem cessar. As festas das Cruzes de maio, de setembro e da Semana Santa, que promovia, tornam-se cada vez mais barrocas, com maior pompa, mais figurantes e mais música. A propósito da situação económico- financeiro da Irmandade, diz Vinhas (2004) que, nos séculos XVIII e XIX, se transformou numa importante instituição de crédito de Barcelos: enquanto o capital dado a juros em 1654 rondava os 500.000 réis, um documento de 6.08.1764 informa que a Irmandade do Senhor da Cruz trazia nesta data a juros mais de 20 contos de réis, distribuídos por 99 indivíduos que haviam recorrido a esta importante instituição da vila (Vinhas, 2004:

168). Acrescenta que na segunda metade do século XVIII, a situação financeira mantinha-se estável ou até em crescimento e, já no século XIX, no ano de 1836, andava dinheiro a juros nas mãos de indivíduos residentes em 90 freguesias.

Desde o seu aparecimento que a Irmandade do Bom Jesus da Cruz de Barcelos era governada por uma elite de notáveis, leigos e religiosos do sexo masculino; só a partir das eleições realizadas em 2003, aparecem mulheres na direção da Irmandade (Vinhas, 2004: 165). Esta Irmandade adota o epíteto de “real” nos começos do século XIX, quando D. Pedro IV aceita ser seu juiz perpétuo (Almeida, 1990: 28); a partir desta altura, a chefia efetiva recai no secretário “servindo de presidente” (tendo um caráter vitalício o cargo atribuído ao monarca, os estatutos confirmados em 1873 criaram a figura do provedor, a quem competia todas as funções do rei juiz) (Vinhas, 2004: 165). Nas grandes decisões participam todos os irmãos, reunidos em Assembleia – geral e cabe à Mesa da Real Irmandade gerir o templo do Bom Jesus da Cruz, bem como organizar a Procissão dos Passos, no segundo domingo da Quaresma, momento de elevada religiosidade na cidade que atrai muitos visitantes, como abordaremos noutro ponto deste trabalho. Nesta cerimónia, a imagem de Cristo com a cruz às costas, que sai na procissão, foi encomendada em Roma, em 1875, ao escultor Giuseppe Berardi.

A **Confraria de Nossa Senhora do Terço** resulta da fusão, ocorrida a 13.09.1844, das confrarias do Divino Espírito Santo e da de Santa Luzia. Em 1846, o Estado fez doação da Igreja de Nossa Senhora do Terço e seus pertences à Confraria de Nossa Senhora do Terço. Os estatutos foram reformados, nalguns dos seus artigos, em 1849 e em 1933, quando a arquidiocese fez uns estatutos gerais para todas as confrarias.⁸ Desde 20 de Novembro de 1940, a Confraria de Nossa Senhora do Terço (Fig. 4), possui personalidade jurídica. De 1846 até hoje, ininterruptamente, tem a Confraria de Nossa Senhora do Terço, os seus capelães e vigilantes, gerido e preservado com o maior desvelo esta "*Jóia da coroa do património artístico/religioso de Barcelos*".⁹



Fig. 4 - Confraria de Nossa Senhora do Terço, Barcelos.

Fonte: <http://cnstercobarcelos.blogspot.pt/>

⁸ <http://www.igrejadoterco.org/?pg=10&lng=pt>

⁹ <http://www.igrejadoterco.org/?pg=10&lng=pt>

A consulta dos livros de óbitos de Barcelos refere muitas outras irmandades e confrarias como a do Espírito Santo, do Menino Jesus, da Senhora da Ponte, entre outras, e assim se enterravam, uns na capela do Espírito Santo, outros em S. José, outros no Templo da Cruz, outros na igreja da Misericórdia, e muitos outros na Matriz, embora uns diante do altar da Senhora da Graça, outros defronte da dos Reis Magos, outros na capela de S. João e, fora, junto da porta, os que morriam marginalmente (Almeida, 1990: 19). O culto aos mortos e o espaço que lhe era reservado nas igrejas e nos mosteiros ou conventos, desde a Idade Média, andavam em conformidade com o poder e a riqueza dos cristãos (Vinhas, 2004: 111).

Entendemos agora ser necessário fazer referência a uma confraria, que não se reporta ao espaço citadino de Barcelos, mas a uma ermida que dista cerca de 6 km da cidade, que organiza uma peregrinação anual que os barcelenses muito prezam. No ano de 1558, dois devotos barcelenses fundaram a **Confraria de Nossa Senhora da Franqueira**, primitivamente denominada Confraria da Senhora das Neves da Franqueira, cuja festa se celebrava a 5 de Agosto¹⁰. Durante o ano de 2008, para comemorar os 450 anos da fundação da Confraria, foram realizadas várias efemérides de índole cultural e religiosa¹¹. Atualmente, a Confraria de Nossa Senhora do Rosário do Monte da Franqueira, uma instituição jurídico-canónica e pastoral, tem como objetivo promover o culto e veneração da Santíssima Virgem do Rosário e assegurar a manutenção do seu Santuário e dos bens que lhe são adstritos.

Às confrarias estava atribuída a função construtiva do espaço sacro, o seu enobrecimento, enfim, a encomenda da obra de arte (Cardona, 2002: 101). Acrescenta que o testemunho da expressão devocional das confrarias foi materializado na talha, na imaginária, na azulejaria, nas alfaias litúrgicas e paramentaria, ainda visíveis em muitas igrejas e capelas do território nacional.

Para rematar o assunto referente às *Confrarias e Irmandades em Barcelos*, procedemos à elaboração da *Tabela 1*, em que são mencionadas algumas das que constam do site da Paróquia de Santa Maria Maior de Barcelos¹², bem como as celebrações que praticam.

¹⁰ <http://agenda.barcelos.pt/promotores/confraria-de-nossa-senhora-da-franqueira>

¹¹ <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/salao-de-artigos-religiosos-abriu-espaco-a-actividades-culturais/>

¹² <http://www.paroquiadebarcelos.org/?pg=102&lng=pt>

Tabela 1 - Confrarias / Irmandades de Barcelos e Respetivas Celebrações

Instituição	Celebrações
 <p>Confraria do Santíssimo Sacramento</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Missa mensal dos irmãos no 1º domingo de cada mês; ◆ Adoração eucarística mensal; ◆ Visitas às sete Igrejas na Quinta-Feira Santa; ◆ Lausperene Paroquial.
<p>Confraria das Almas</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Missa mensal dos irmãos no 3º domingo de cada mês; ◆ Procissão ao cemitério e Missa (2 de novembro); ◆ Missas no cemitério às 10.00h (4 vezes em novembro).
 <p>Irmandade de Santa Maria Maior</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Missa mensal dos irmãos no 2º domingo de cada mês.
 <p>Confraria de Nossa Senhora do Terço</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Missa às 15.30 (segundas, quartas, quintas e sextas); ◆ Missa em honra de Nossa Senhora e pelos irmãos, aos domingos às 15.30; ◆ Adoração Semanal (sábados das 15.00 às 17.00, com exceção do 1º sábado do mês).
<p>Confraria de S. José</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Missa na capela (sábados às 17.30 e segundas e quintas-feiras às 08.00).
 <p>Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Missa dos irmãos (todos os domingos às 12.15, exceto de julho até setembro); ◆ Aniversário da “aparição” da cruz: 20 de dezembro – Dia da Real Irmandade; ◆ Festa das Cruzes: 3 de maio; ◆ Exaltação da Santa Cruz: 14 de setembro.
 <p>SANTA CASA MISERICÓRDIA BARCELOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Missa às terças-feiras (15.30) e domingos (10.00).

3.6. Monumentos Religiosos na Cidade de Barcelos

Não entra no âmbito deste trabalho um estudo exaustivo sobre os monumentos religiosos que funcionam como atrativo turístico na cidade de Barcelos, mas, cremos necessário fazer-se uma breve abordagem sobre as principais características de alguns deles, nomeadamente, algumas igrejas (Igreja do Bom Jesus da Cruz, Igreja Matriz de Barcelos, Igreja da Santa Casa da Misericórdia, Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço e, fora da cidade, a Ermida de Nossa Senhora da Franqueira) e algumas capelas (Capela de S. Francisco, Capela de S. José, Capela de São Bento da Buraquinha e a Capela de Nossa Senhora da Ponte, em Barcelinhos).

3.6.1. Igrejas

Igreja do Bom Jesus da Cruz: Não se pode conceber uma visita à cidade de Barcelos, sem admirar o inegável valor arquitetónico e estético do Templo do Senhor da Cruz (Fig. 5), classificado como imóvel de interesse público em 6.12.1958. Inaugurado em 1710, esta igreja apresenta-se-nos como exemplar da arquitetura religiosa de excelente qualidade, não fosse o autor da sua traça João Antunes, um arquiteto de relevo ao serviço do reino (Vinhas, 2004: 8). Este templo é o verdadeiro ex-líbris de Barcelos e o terreiro do seu santuário é o grande centro cívico da cidade (Almeida, 1990: 21).



O Templo de Senhor da Cruz é um verdadeiro cartaz da Festa das Cruzes (Magalhães, 1987: 24).

Fig. 5- Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz, Barcelos.

Em 1504, deu-se o milagre do aparecimento da Cruz, de cor negra, no chão barrento, e logo ali foi erguido um cruzeiro a que sucedeu uma capela para a qual um rico comerciante barcelense ofereceu, em 1505, a veneranda imagem do Senhor da Cruz que trouxera da Flandres (Almeida, 1990: 63): escultura de grande porte em madeira de carvalho, com ampla coroa de espinhos, panejamentos de pregas alveoladas e colorido austero; só o rosto e as mãos estão pintadas. Considera este autor que este tipo de imagem e a sua invocação, Senhor Bom Jesus da Cruz, estão entre os mais expressivos símbolos da *devotio moderna* de versão flamenga, daquele tempo. No século XVII é reclamado um templo condigno que honrasse a própria vila, que tem início em 1705, conforme nos garante uma inscrição à direita do portal principal (Gama & Vila-Chã, 1995: 160). O projeto, de planta centrada, é da responsabilidade do arquiteto régio João Antunes, Miguel Fernandes foi o mestre da empreitada das obras de pedreiro, a talha dos três altares ficou ao encargo do escultor e entalhador barcelense Miguel Coelho.

O templo do Senhor Bom Jesus da Cruz é uma igreja com uma elegante cúpula erguida sob um bem proporcionado zimbório, num edifício quase redondo, de traçado octogonal, com a capela-mor voltada a norte e definido interiormente por uma aparente cruz grega onde funcionam os espaços litúrgicos que se articulam através de segmentos

semi-circulares (Vinhas, 2004: 43). Considera Magalhães (1987: 24) que o que mais se destaca é o pórtico da entrada principal, a balaustrada do telhado e a cúpula. Todas as portas, exteriores, possuem frontões encimados por cruzes (Gama & Vila-Chã, 1995: 161).

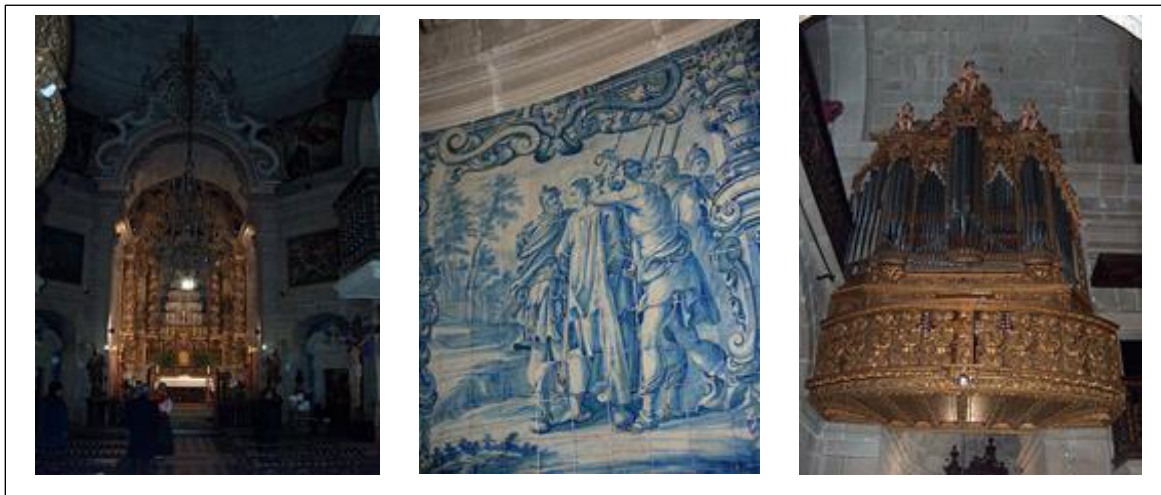


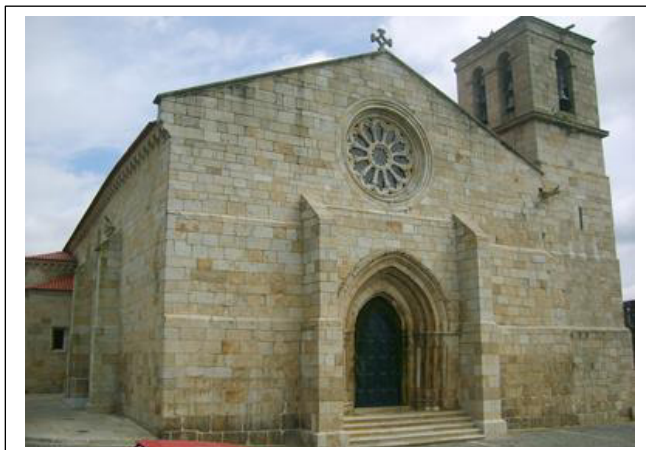
Fig. 6 - Interior do Templo do Bom Jesus da Cruz, Barcelos.

Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Church_of_Bom_Jesus_da_Cruz_\(Barcelos\)](http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Church_of_Bom_Jesus_da_Cruz_(Barcelos))

Nas paredes interiores (Fig. 6, ao centro) existem azulejos azuis e brancos, encomendados, em 1728, a João Neto, de Lisboa, que descrevem Passos da Via Sacra e anjos portadores das diferentes insígnias da paixão de Cristo, entre frisos vegetais e elementos de arquitetura fingida (Almeida, 1990: 66). Acrescenta que a talha do altar mor (Fig. 6, à esquerda), ainda em estilo nacional, do escultor Miguel Coelho, é uma obra prima da arte de entalhar. Temos altares laterais: do lado do Evangelho, o altar do Senhor da Cruz, é em talha dourada estando a imagem colocada sobre o chão sagrado onde apareceu a Cruz; do lado da epístola, temos o altar da Senhora das Dores, que tem características semelhantes com o do Senhor da Cruz (Gama & Vila-Chã, 1995: 162). Estes dois altares laterais são mais novos, de 1735, desenhados pelo arquiteto António Pereira (Almeida, 1990: 66). Diz Vinhas (2004), que a exuberância da talha revestida a folha de ouro não se limita aos retábulos e ao seus altares: também as sacras, os castiçais e as jarras, as credenciais e os anjos que alumiam a entrada da capela-mor, as sanefas que sustentam os cortinados de damasco vermelho, o cadeiral do coro e a caixa do órgão (Fig. 6, à direita), fazem parte do repertório da arte entalhada para o Senhor Bom Jesus da Cruz, depois de 1709 (Vinhas, 2004: 75).

A igreja do Senhor da Cruz é gerida pela Real Irmandade do Senhor da Cruz.

Igreja Matriz de Barcelos: A atual matriz de Santa Maria de Barcelos, outrora Colegiada, de construção muito demorada, é um monumento nacional, classificado em 1927. Segundo Almeida, é uma obra atribuível ao segundo quartel do século XIV, talvez próxima dos meados desta centúria (Almeida, 1990: 43). O edifício sofreu já grandes transformações no decurso do século XV e nos inícios do XVI, bem como nos tempos



modernos. A frontaria (Fig. 7), muito transformada no decurso dos séculos, resulta, na sua parte superior, de um restauro recente. O portal axial tem uma estrutura gótica, exibindo uma decoração também gótica (temas vegetais) e ainda românica (animais afrontados). O lado sul da fachada resulta de uma remodelação feita em 1708, em que se adicionou uma torre de sinos, sem cúpula e sem ameias (Fonseca, 1987a: 149). Uma impressão de simetria e beleza irradia de todo o conjunto arquitetónico (Magalhães, 1987). No interior, o corpo do edifício tem três naves, sendo a lateral norte um pouco mais larga que a de sul; os pilares que as separam são baixos e cruciformes e os capitéis que as rematam têm uma decoração com grande variedade de temas, inspirados na fauna, na flora, no quotidiano e na heráldica (Almeida, 1990: 43).

A configuração atual do topo das três capelas da cabeceira resulta de um restauro recente, com abóbodas góticas, polinervadas, que uma inscrição no fecho central da cobertura da capela-mor, data de 1504: *“A sua abóbada em pedra tem no fecho central o monograma de Cristo =IHS= acompanhado na orla por estes dizeres =ESTA OBRA FEZ BARCELLOS NA ERA DE MSIV (1504), em belos caracteres góticos”* (Fonseca, 1987a: 149). A capela-mor tem ao centro a imagem de Nossa Senhora da Assunção, padroeira do templo, ladeada à esquerda pela imagem de Nossa Senhora da Franqueira com o Menino e a de Santa Ana com Nossa Senhora ao colo e, à direita, pelas imagens de São José e São Joaquim (Cardona, 2002:106).

As confrarias, as atitudes e as devoções da época moderna foram acrescentando outros espaços e transformando as paredes para implantar capelas, altares e túmulos. O interior deste templo tem uma magnífica cobertura azulejar sobre as suas paredes

góticas. Em 1704, a confraria do Santíssimo Sacramento encomendava em Lisboa azulejos que seriam colocados na sua capela, na sacristia e provavelmente na capela-mor (Cardona, 2002: 104). Conclui esta autora (2002: 126) que todo o esforço, materializado nas obras que se concretizaram nos séculos XVIII e XIX, é um testemunho claro do espírito empreendedor e da criatividade das confrarias que foram, de forma incontornável, os grandes mecenas da Real Colegiada de Barcelos.

Igreja da Santa Casa da Misericórdia: No atual edifício da Misericórdia, em tempos recuados, estava sediado o Convento dos Capuchos, que, após a confiscação de



Fig. 8 - Frontaria da Igreja da Misericórdia, Barcelos.

bens conventuais por lei de 1834, a Santa Casa da Misericórdia conseguiu obter as suas instalações em 1836. Do antigo convento, cuja primeira pedra foi lançada em 1649, quase nada resta. A igreja atual resulta de uma grande transformação que acontece em meados de setecentos (Almeida, 1990: 74); ocupa o centro do edifício, ligando o Asilo de Inválidos, que fica à esquerda, com o Hospital, à direita (Fonseca, 1987a: 156). A extensa frontaria (Fig. 8) de características barrocas é decorada por quatro esculturas: Senhora da Conceição, S. Boaventura, Visitação e S. Francisco de Assis (Magalhães, 1987: 27). Deve ter sido bastante rica, mas um incêndio, em finais do terceiro quartel do século XIX, destruiu-lhe muito do seu recheio barroco (Almeida, 1990: 74). A velha fachada da parte conventual, que se estendia para sul, foi modificada e a ala norte da igreja é uma construção nova do último quartel do século XIX. Esta igreja possui um recheio valioso, um arquivo documental importante e uma imagem de Santa Maria do século XVI ¹³ e é gerida pela Irmandade da Santa Casa da Misericórdia (Fonseca, 1987a: 156).

¹³ http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/barcelos/Guia_pt.pdf

Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço: Ao norte do recinto da feira, encontra-se o antigo convento de freiras beneditinas, cujo lançamento da primeira pedra



Fig. 9 - Fachada e portada principal da Igreja do Terço (à esquerda); Painel azulejar da capela-mor com a entrada das freiras no convento (à direita).

acontece em 1707, conforme se pode ler em inscrições e ver num painel azulejar da capela-mor. Com um exterior modesto e apagado (Fig. 9, à esquerda), com uma entrada pública lateral, servida por um portal pouco elaborado e arcaizante, esta igreja está

dotada de um espaço interior deslumbrante (Fig. 10), com um dos mais belos e majestosos púlpitos de Portugal, enquadrado por grandiosos painéis azulejares (Almeida, 1990: 74). É o púlpito desta igreja uma obra prima de arte, em talha dourada, da Renascença,



Fig. 10 - Interior da Igreja de Nossa Senhora do Terço, Barcelos.

que ostenta de frente a águia imperial de D. João V (Robert Smith, *in* Ferreira, 1982: 83). Este espaço de culto, pela grande qualidade do azulejo que forra, internamente, todas as suas paredes, pela valia da talha dos seus três altares e pela abundância e conservação da pintura nos tetos ou nas paredes, é, sem dúvida, um dos mais excelentes e densos interiores barrocos de Portugal (Almeida, 1990: 74). Acrescenta que é, porém, como igreja de azulejo azul e branco, de fabrico lisboeta, que o terço de Barcelos tem um lugar importante na arte barroca portuguesa; datados de 1713, os grandes painéis do corpo do templo, pintados por António Oliveira Bernardes, mostram-nos cenas da vida de S. Bento. Tendo elaborado o plano artístico desta igreja beneditina (Ferreira, 1982: 74), António Bernardes na sua concretização enfeitou-a com belos painéis azulejares e outros enfeites de pintura e arte. Os dois painéis das paredes

laterais da capela-mor, assinados por P.M.P., historiam o lançamento da primeira pedra do edifício, em 1707, e a entrada solene das freiras (Fig. 9, à direita), 1713 (Almeida, 1990: 74; Ferreira, 1982: 76). O teto da nave é apainelado, constituído por quarenta quadros, com passos da vida de S. Bento (Magalhães, 1987: 27). As pinturas a óleo em madeira nobre que embelezam todo o teto da nave deste templo, na sua maioria, são da autoria de António Bernardes e os pequenos painéis do alizar do fundo das paredes do corpo da igreja, com sentenças das Regras da Ordem, são do pincel de P. M. P. (Ferreira, 1982: 76-77).

A devoção de N.^a Senhora do Terço começou no princípio do século XIX na capela e rua de S. Francisco, mudou mais tarde para a capela do Espírito Santo, próximo da atual estátua do Bombeiro; ali se erigiu em Confraria com estatutos aprovados em 15.05.1816 e, sendo essa capela demolida, a Confraria veio para esta igreja beneditina pelos anos de 1843-46 (Ferreira, 1982: 128-129).

Esta igreja passou em 1834 para a posse do Estado e foi cedida por portaria de 01.05.1846 à Irmandade do Terço (Fonseca, 1987a: 158). Desde essa época é gerida pela Confraria de Nossa Senhora do Terço.

Ermida de Nossa Senhora da Franqueira: Esta pequena ermida, apesar de não se localizar no centro urbano de Barcelos, área que determinámos como objeto da nossa análise, vai ser considerada, já que está muito associada aos rituais religiosos dos barcelenses, citadinos e rurais. Além disso, localiza-se a poucos quilómetros de Remelhe, terra natal de D. António Barroso.

Situa-se no cimo do Monte da Franqueira, na freguesia de Pereira, a 6 km da cidade de Barcelos, o Santuário da Senhora do Rosário da Franqueira, classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1959, palco de uma importante peregrinação à qual os fiéis dão corpo todos os anos, no mês de agosto, como abordaremos mais adiante.

Segundo a lenda, foi o aio de Afonso Henriques, Egas Moniz, que mandou construir a ermida de Nossa Senhora do Rosário da Franqueira¹⁴. Este santuário, de fundação muito remota, apresenta três tipos de construção: uma parte primitiva, de assinalável valor artístico, constituída pela ábside e capela-mor, em estilo românico (o Professor Carlos Brochado de Almeida considera que esta parte primitiva é gótica); outra mais moderna, o corpo principal, resultado de uma reedificação e ampliação no final do

¹⁴ http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/barcelos/Guia_pt.pdf

século XVII; e uma terceira parte, formada pelo frontespício e a torre, do século XVIII (Magalhães, 1987: 56). No interior desta ermida existe uma mesa de mármore originária de um palácio de Ceuta: “*O conde de Barcelos trouxe de Ceuta uma mesa de finíssimo jaspe que serve de ara no altar-mor da ermida de Santa Maria da Franqueira*” (Ferraz, 2013: 66). Sobre o altar-mor é venerada a imagem de N^a S.^a da Franqueira, uma escultura de madeira do século XVIII, muito querida dos barcelenses e, junto ao púlpito, uma outra imagem de madeira, considerada uma preciosidade artística do século XVI, que tem sido venerada sob diversas invocações (Magalhães, 1987: 57).

Na fachada exterior (Fig. 11, à esquerda), o portal, de moldura rectangular simples, é ladeado por duas janelas, no cimo das quais há uma outra, maior, de sacada com guarda



Fig.11- Ermida de Nossa Senhora da Franqueira, na atualidade.

de ferro. Este conjunto é rematado por frontão triangular com um nicho com a imagem da padroeira. Do lado direito, foi edificada uma torre, em 1753, por Pedro Gomes Simões. Em frente à Capela, temos um imponente pedestal (Fig. 11, à direita) com a imagem da Nossa Senhora do Rosário da Franqueira, mandado erigir, em 1929, por um devoto, natural da vizinha freguesia de Milhazes e emigrado no Rio de Janeiro, Brasil, para onde muito novo emigrou. Trata-se de um projeto do arquiteto Cândido da Silva e a sua construção foi acompanhada pelos então Mesários da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira

A peregrinação anual a este espaço será abordada no ponto 3.7.2. (Parte I) desta dissertação.

3.6.2. Capelas

Capela de S. Francisco: Situada na Rua de S. Francisco, esta capela (Fig. 12) foi construída em 1509 e ampliada no século XIX. Aqui tiveram os duques de Bragança e os condes de Barcelos o seu jazigo, como se via num letreiro existente sobre a porta principal da mesma capela, que hoje não se lê porque foi coberto de cal, mas vê-se a pedra dele (Ferraz, 2013: 409). No seu interior não há nada de assinalável a não ser a enorme imagem, vestida, do mítico S. Cristovão, bom gigante, advogado do fastio, que outrora os moleiros tinham de



Fig. 12 - Capela de S. Francisco, Barcelos.

levar na procissão do Corpo de Deus (Almeida, 1990: 55). Curioso é o seu portal, peça gótica a lembrar formas pré-românicas. Na parte superior figuram-se duas pedras de armas que seriam do conde D. Pedro, filho bastardo de D. Dinis, pelo que Ferreira de Almeida considera provável que este portal provenha da destruída capela de Santa Maria, ligada ao hospital municipal, fundado no século XIV. Junto a esta capela existiam umas casas que serviam de hospedaria aos frades franciscanos, quando passavam por Barcelos (Fonseca, 1987a: 161).

Capela de S. José: Situa-se no largo do mesmo nome. É uma capela muito antiga, não se sabendo ao certo a época da sua fundação (Fonseca, 1987a: 160). Apresenta uma frontaria maneirista, mostrando duas janelas, baixas, ao lado do portal, próprias para



Fig. 13 - Capela de S. José, Barcelos.

saudar o santo e deixar esmola. Esta fachada (Fig. 13) resulta da transformação que o edifício sofreu em 1680. Dentro, é forrada a madeira pintada, tendo três altares, o mor em talha moderna e os dois laterais em estilo renascença; tem coro e púlpito (Fonseca, 1987a: 160). Ermida de origem medieval, dedicada a Santa Maria Madalena, foi no decurso do século XVII

que se verificou a mudança do seu patrono. Para esta substituição muito contribuíram as ideias religiosas da Contra-Reforma que desenvolveram o culto a S. José e a Santa Ana e, também, a importância local das oficinas de carpinteiros, cujo a confraria tinha aqui o seu altar e aqui realizava a sua festa patronal.

Capela de São Bento da Buraquinha: Construção do século XVII, situada no final da Rua Cândido dos Reis, junto ao campo de S. José (Fig. 14). Foi doada à Real Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz, em 20.01.1870. Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, esta capela terá sido edificada em 1660 pelo cônego cura da antiga colegiada de Barcelos (Vinhas, 2004: 177). Fundada em honra de São Bento também em homenagem ao próprio cônego que a fundou, servindo de última morada. Esta capela é pequena, com uma só porta e um único altar em estilo renascença (Fonseca, 1987a: 161).



Fig. 14 - Capela de São Bento da Buraquinha, Barcelos.

Capela de Nossa Senhora da Ponte: A história da fundação e reconstrução da capela de Nossa Senhora da Ponte (Fig. 15) anda ligada, numa relação de causa e efeito, à história da construção e restauros da ponte medieval (Faria, 2004: 93). Este templo foi



Fig. 15 - Capela de Nossa Senhora da Ponte, Barcelinhos-Barcelos.

construído em 1328. O edifício primitivo era mais simples e situava-se a uma cota mais baixa. Foi remodelado em meados do século XVII e novamente alteado em 1865-66¹⁵: à sua volta edificaram um varandim, capeado a granito e, possivelmente, com teto de madeira, sustentado por colunas, algo diminuídas, assentes num

¹⁵ http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/barcelos/Guia_pt.pdf

murete ou parapeito, que o é também de vedação; acima da varanda, duas séries de janelas laterais e uma outra sobre a porta, em arco, ao gosto do século XVII (Faria, 2004: 97). Continua descrevendo que de serviço ao movimento da varanda, construíram bancos de pedra, os típicos bancos das capelas abrigo de peregrinos, aliando o social e o religioso, onde não faltam amplas pias de pedra, os lava pés. O altar, também do último quartel do século XVII, é um barroco de tradição renascentista dos mais antigos de Barcelos. Na primeira metade do século supracitado, as paredes foram forradas com azulejos.

3.7. Turismo em Barcelos

3.7.1. Turismo Cultural

“Barcelos possui os elementos necessários para atrair os turistas: riqueza paisagística, proximidade de grandes centros, boa rede de estradas, gastronomia, vegetação, arte, cultura e religião” (Gama & Vila-Chã, 1995: 174).

Barcelos foi declarada área de turismo em 30.8.1933, e integrada na Região de Turismo do Verde Minho Verde (Costa Verde) em 17.12.1984, pela Portaria nº 924/84 (Magalhães, 1987: 9). No que diz respeito à organização setorial (institucional e administrativa), Barcelos está integrado na Área Regional Turística do Porto e Norte de Portugal, gerida pela Entidade Regional de Turismo para o Porto e Norte de Portugal (ERTPNP), com sede em Viana do Castelo, e delegações no Porto, Braga, Guimarães, Chaves e Bragança ¹⁶. Explicita este documento que a ERTPNP é responsável pela *“valorização turística da NUT II Norte, visando o aproveitamento sustentado dos recursos turísticos, no quadro das orientações e directrizes de política de turismo definida pelo Governo e pelos planos plurianuais das administrações central e local.”* (Portaria n.º 1039/2008, de 15 de setembro). No que diz respeito à promoção externa, Barcelos está integrado na Agência Regional de Promoção Turística - Associação de Turismo do Porto e Norte de Portugal, com sede no Porto.

Complementarmente à integração formal na estrutura organizativa do setor do turismo a nível nacional e regional, a Câmara Municipal de Barcelos (CMB) tem um “departamento” de turismo que, sendo uma estrutura relativamente autónoma dentro da

¹⁶ www.cm-barcelos.pt/downloads/Barcelos2020Vol1.pdf, p.81

orgânica da Câmara, se situa, em termos políticoestratégicos na dependência direta da vereação responsável pelo pelouro do turismo¹⁷. Para além da realização de estudos internos e da monitorização da atividade turística no concelho, este “departamento” é ainda responsável pela programação e promoção de atividades que visam a dinamização da atividade turística no concelho. Paralelamente, o “departamento” de turismo é ainda



Fig. 16 - Posto de Turismo, Barcelos.

responsável pelo serviço de prestação de informação e encaminhamento a turistas e empresários, nomeadamente a partir do Posto de Turismo Municipal (Fig. 16), localizado na sede do concelho, no centro histórico da cidade, que para além da prestação de serviços de informação turística técnica e generalista, tem ainda: Loja de turismo e artesanato com venda de produtos tradicionais; Espaço de exposições, conferências, seminários e

tertúlias; Organização de rotas turísticas ao concelho; Organização de visitas guiadas ao centro histórico; Espaço de receção de grupos de turismo organizado; Local de apoio ao trade; Ponto de apoio a peregrinos (Caminho de Santiago); Ponto de internet gratuita.

Efetivamente, em Barcelos, o Pelouro do Turismo promove, anualmente, um programa de rotas, visitas e percursos pedestres com o objetivo de promover e dar a conhecer o património concelhio na sua vertente ambiental, aquífera, rural, monumental e religiosa. O lema subjacente à organização deste *Touring* é *CONHECER, DESCOBRIR e SENTIR Barcelos e as suas gentes*. No Posto de Turismo de Barcelos, tivemos acesso ao programa referente ao ano de 2015, designado de “*Touring Barcelos 2015*”, constituído, este ano, pela *Rota da Arte Popular* (Bordado de Crivo / Figurado), *Rota do Mundo Rural* (Alojamento Turístico e Espaço Rural), duas *Rotas do Vinho e da Vinha* (Conhecer Barcelos com a Vinha e o Vinho e Experiências Vinícolas no Mundo Rural), *Caminhar para Conhecer Barcelos* (Trilho das Margens do Cávado; No trilho do Monte da Franqueira; Trilho Quinhentista; No trilho do mundo rural; No sopé do Monte de Airó; No trilho do *Melão de Casca de Carvalho*; Trilho dos Mosteiros Palme; Trilho da *Maçã Porta da Loja*; Trilho das castanhas; Rota dos Presépios) e três *Rotas dos*

¹⁷ www.cm-barcelos.pt/downloads/Barcelos2020Vol1.pdf, p.82

Santuários e das Igrejas (igreja paroquial de Midões, igreja paroquial de Rio Covo St^a Eulália e igreja paroquial de Martin; igreja paroquial de Feitos, igreja paroquial de Carapeços e igreja paroquial de Campo; capelas de Barcelos).

Ainda no âmbito do turismo, Barcelos está ainda integrado em duas “redes” regionais, no âmbito das quais tem em curso/apreciação alguns projetos conjuntos: a Comunidade Intermunicipal do Cávado (CIM Cávado), e o consórcio MINHO-IN, criado no âmbito de uma candidatura ao PROVERE (Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos), que conjugou iniciativas e projetos, públicos e privados, das Comunidades Intermunicipais do Minho, Ave e Cávado em temáticas diversas, com especial ênfase no turismo¹⁸.

No que diz respeito à oferta de alojamento, Barcelos dispõe de estabelecimentos hoteleiros e unidades de TER [Turismo Rural (TR), Turismo de Habitação (TH) e Casas de Campo (CC)].

De acordo com os dados recolhidos pela Câmara Municipal de Barcelos¹⁹, desde o ano 2000 que se tem vindo a verificar uma tendência para o aumento no número de visitantes ao Posto de Turismo e ao Centro de Artesanato.

Dos visitantes registados no Posto de Turismo, no ano de 2009, 1184 eram peregrinos do Caminho de Santiago de Compostela (946 estrangeiros), que representam uma pequena parte (25%) do fluxo total de peregrinos que passa por Barcelos, valor que tem registado uma tendência de crescimento ao longo dos últimos anos (aumento de 25% relativamente a 2008)²⁰. Refere ainda este estudo, *Estratégia Municipal: Barcelos 2020*,²¹ que o número de turistas que chega a Barcelos através de grupos organizados, representou em 2009, um movimento de 13.284 visitantes, que se deslocaram ao centro da cidade. Conclui-se, assim, haver uma gradual afirmação da procura turística de Barcelos.

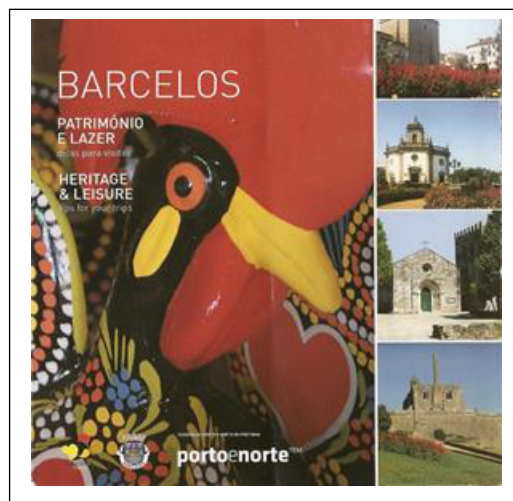


Fig. 17 - Desdobrável turístico sobre Barcelos.

Fonte: Posto de Turismo.

¹⁸ www.cm-barcelos.pt/downloads/Barcelos2020Vol1.pdf, p.83

¹⁹ www.cm-barcelos.pt/downloads/Barcelos2020Vol1.pdf, p.86

²⁰ www.cm-barcelos.pt/downloads/Barcelos2020Vol1.pdf, p.86

²¹ www.cm-barcelos.pt/downloads/Barcelos2020Vol1.pdf

É um facto que a oferta turística em Barcelos é diversificada, compreendendo um conjunto de recursos naturais e culturais (materiais e imateriais) com significativo potencial turístico: artesanato (especialmente o Galo e o Figurado), a Feira Semanal, Festivais de Música, Museu de Olaria, entre outros (Fig. 17).

Mas, o que nos torna ímpar, cremos, são as **Festas das Cruzes**, das maiores, das mais antigas e mais importantes romarias da região, são promovidas pela autarquia e organizadas pela Empresa Municipal de Educação e Cultura (EMEC), que procuram potenciar o mais possível o seu valor económico, turístico, cultural e social²². Estas festas são um emblema da cidade, que conjugam os eventos de cariz religioso e de feição mais profana, procurando dar resposta ao gosto dos habitantes locais e ao gosto dos milhares de turistas, que cada vez mais tenta angariar, como forma de promoção exterior e como fonte de receita.

Atendendo à elaboração deste trabalho, entendemos ser necessário assistir à apresentação do programa da *Festa das Cruzes 2015* (Fig. 18), na *Casa da Azenha*, pelo



Fig. 18 - Programa da Festa das Cruzes, Barcelos, 2015.

Fonte: Oferecido no dia do lançamento (29.03.2015).

presidente da Câmara Municipal, pelo prior de Barcelos e pela vereadora da Cultura. Foi prometido, em termos de eventos, a qualidade e variedade que já é hábito nesta que é a primeira grande romaria do Minho: a Procissão da Invenção da Santa Cruz (a abordar num outro ponto deste trabalho), a presença de elementos culturais, etnográficos, folclóricos e populares. O programa compreendia um conjunto de eventos e de atividades culturais e recreativas, que mobilizam dezenas de coletividades na cidade e no concelho.

Pelo relato, entendemos ser imprescindível fazer estudo de campo, pelo que participámos de vários eventos da Festa das Cruzes de 2015, que decorreram de 24 de abril a 3 de maio. A cidade foi engalanada com os arcos de romaria (Fig. 19); este ano estiveram representadas 64 freguesias.

Desde já fazemos a merecida referência aos tapetes de pétalas naturais na Igreja do Senhor Bom Jesus da Cruz, este ano com a curiosidade de um dos tapetes reproduzir o

²² www.cm-barcelos.pt/downloads/Barcelos2020Vol1.pdf, p.113
<http://portugalminho.webnode.pt/festas-e-romarias/>

próprio edifício (Fig. 20, à esquerda), desenho da autoria de José Gomes. O outro tapete retratava o Coração de Maria (Fig. 20, à direita). Assistimos a uma entrevista televisiva²³,



Fig. 19 - Arcos de Romaria, Festa das Cruzes, 2015.

no dia 26.04.2015, do autor dos tapetes, José Gomes, que explicava que a execução dos tapetes não seria possível sem a colaboração de uma vasta equipa de voluntários, nomeadamente para a recolha das flores: “*Mais de 100 cestos de pétalas de flores frescas*”. Segundo

conta, o seu trabalho começa no início de janeiro com a elaboração do desenho; em abril, observa as flores existentes, o que depende das condições climáticas que mudam de ano para ano: “*O tempo interfere nas cores dos tapetes*”.

O resultado final compensa todo o esforço. Constatámos que este era um ponto de passagem obrigatório, estando a igreja permanentemente com visitantes, de manhã à noite.

Foram também fonte de atração os divertimentos da feira popular (em pleno *Campo da Feira*), o folclore de rua, os concertos de bandas de música, música popular, as



Fig. 20 - Tapetes de pétalas naturais, Templo Bom Jesus da Cruz, Barcelos, 2015.

²³ Para o canal SIC: *Portugal em Festa*.

rusgas, um espetáculo de música clássica e iniciativas ligadas ao Caminho de Santiago.

A tradicional *Batalha das Flores*, no dia 1 de maio, envolveu 23 associações das freguesias do concelho, que desfilaram pelas ruas da cidade, "combatendo" com pétalas de flores (Fig. 21). O cortejo teve início na Rua Cândido da Cunha: metade das associações foi por um percurso e outra metade foi por outro, cruzando-se pelo caminho. O epicentro foi em plena Avenida da Liberdade, perante milhares de visitantes, onde as associações entraram



em conforto atirando milhares de pétalas umas às outras. Fig. 21 - Batalha das Flores, Barcelos, 2015.

A Procissão da Invenção da Santa Cruz, no dia do feriado municipal, 3 de maio, foi um ato imponente; saiu da proximidade da Igreja Matriz em direção ao Senhor da Cruz, percorrendo as principais ruas do centro histórico de Barcelos, com a participação das 89 cruces pascais, representando as paróquias do concelho. A procissão foi presidida pelo Arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga.

À noite, os programas musicais, que decorriam num grande palco montado para o efeito na Avenida da Liberdade, eram um dos atrativos cruciais. Este ano (2015), os Xutos & Pontapés e José Cid foram os cabeças de cartaz.

O programa de cada dia encerrava com os fogos de artifício: *Fogo do Ar*, *Fogo do Rio*, *Fogo da Ponte* e *Fogo de Encerramento*. Considerámos estes fogos de uma beleza ímpar, autênticos festivais pirotécnicos que conjugavam música, luz e cor.

O arraial *Ai! Cruzes*, no Jardim das Barrocas, com as suas noites temáticas (Fig. 22), foi um pólo de atração para os mais jovens, e também para os mais velhos, como pudemos constatar.

“Inspirado nas Feiras Novas de Ponte de Lima, o Ai! Cruzes foi criado em 2012 preenchendo uma lacuna na Festa das Cruzes que era a animação nocturna. De entrada livre, com bares espalhados ao longo da Alameda das Barrocas e música até de madrugada (...)” (Silva, 2015: 9).

A noite de Barcelos transformou-se num “mar de gente”. Dizía-nos um motorista de táxi que vem gente de todos os lados, sobretudo jovens, e que trabalham toda a noite a



Fig. 22 - Cartaz: Ai! Cruzes, 2015.

Fonte: Posto de Turismo.

transportar pessoas para diferentes locais do país. Este relato vai de encontro ao que foi dito pelo presidente da Câmara de Barcelos numa intervenção televisiva (26.04.2015): “O «Ai Cruzes!» é uma forma de chamar os jovens que gostam da noite. Muitos deles não são do município(...) é uma forma de atrair jovens de fora para conhecer Barcelos”.

Como é normal em qualquer evento, o número de visitantes não é uma constante: “No ano passado, passaram pelo recinto do Ai!Cruzes perto de 100 mil pessoas” (Silva, 2015a: 9). Este ano (2015), a afluência traduziu-se em 70 mil pessoas e “não conseguiu chegar às 100 mil pessoas que eram esperadas nos cinco dias de arraial nocturno na Alameda das Barrocas” (Silva, 2015b: 10), devido ao mau tempo que afastou muitos visitantes. Segundo apurámos junto dos organizadores, este ano foram distribuídos à volta de 10 mil brindes, desde porta-chaves a bigodes e chapéus alusivos ao evento e contaram com a participação de 26 bares, quase todos de Barcelos.

Em suma, as Festa das Cruzes são um momento de identidade e diferenciação do concelho de Barcelos, que permitem “um pleno entre o lazer, a festividade, a cor, a religiosidade e a perspectiva mercantil” (Presidente da Câmara de Barcelos, in Viana, 2015: 16).

Outro evento que se está a revelar uma mais-valia para o Turismo de Barcelos é a realização de “*Barcelos: Cidade Medieval*”. Este ano, por uma questão de investigação,



Fig. 23 - Programa - Barcelos: Cidade Medieval.

Fonte: Posto de Turismo.

recorremos ao método de observação participante, tendo estado presente na maioria das atividades que constavam do programa (Fig. 23): Mercado Medieval, Tasquinhas, Batalhas, Artesanato, Jogos, Cavalaria, Falcoaria, Pombal, teatro, Música, Danças ...

A cidade de Barcelos parecia ter recuado no tempo com a recriação do burgo medieval na época da concessão do foral Manuelino a Barcelos, no séc. XVI, com destaque para a entrega do Foral Novo ao presidente da Câmara, no âmbito das comemorações dos 500 anos do evento. Há a realçar ainda a recriação da Batalha do Cerco do Castelo de Faria.

Na verdade, a configuração geográfica do centro histórico da cidade de Barcelos é muito propício para a realização deste tipo de evento, gerando-se um ambiente muito medievo.

A adesão dos visitantes locais e de fora do município foi enorme: *“Apenas um ano depois da primeira edição, quase duplicou o número de visitantes, de 60 mil, em 2014, para 100 mil em 2015”* (Granja, 2015a: 11).

Há que referenciar outro evento que atrai milhares de visitantes a Barcelos (Fig. 24). Desde há seis anos a esta parte, Barcelos promove, no mês de julho, na Frente Ribeirinha, durante quatro dias, um evento – *Milhões de Festa* – que consiste num festival de músicas (Freitas, 2014).

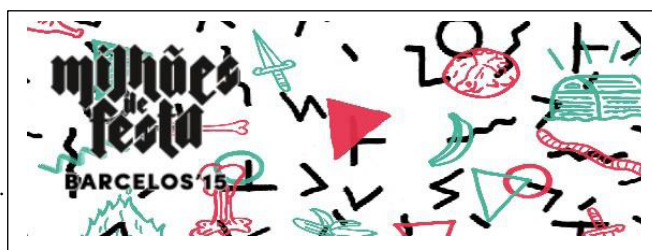


Fig. 24 - Cartaz: *Milhões de Festa*, Barcelos.
Fonte: Posto de Turismo

“Todos os anos, o Milhões de Festa traz a Barcelos milhares de pessoas de diversos pontos do país. Para o comércio local é mais uma oportunidade de aumentar as vendas (...) vários bares e restaurantes aumentaram as suas receitas para o dobro nos 4 dias do festival” (Freitas, 2014: 3).

O pico de entradas aconteceu em 2013 com 3 mil entradas diárias. Este ano de 2015, o número médio de entradas diárias, segundo apurámos, foi de 2 mil por dia. A satisfação do presidente da Câmara Municipal²⁴ é evidente: *“A presença de cidadãos de outros países, designadamente ingleses, espanhóis e holandeses foi a maior de sempre, o que nos deixa obviamente satisfeitos e com a certeza de que o Milhões de Festa está na rota dos festivais europeus”* (Presidente da Câmara Municipal de Barcelos in S/A, 2015b: 24).

²⁴ Miguel Costa Gomes.

Outro pólo de interesse é um evento temático dedicado aos artesãos das artes e ofícios tradicionais de Barcelos: **Mostra de Artesanato e Cerâmica de Barcelos**.

Trata-se de um certame anual que reúne os mais importantes artesãos de cada setor do artesanato local e nacional, desde há 33 anos (Fig. 25). Visitámos o espaço e constatámos que este ano (2015), dos 140 expositores, cerca de 80 são artesãos, artífices e associações de



Barcelos. Ao artesanato e à cerâmica *“juntam-se a gastronomia, o folclore, as rusgas, os cantares ao desafio, a desfolhada e a malhada*

Fig. 25 - Cartaz: 33ª Mostra de Artesanato e Cerâmica, Barcelos, 2015.

Fonte: Posto de Turismo.

e a realização da 5ª Gala de Artesanato” (Costa, 2015b: 11). Elisa Braga, Vereadora do Pelouro da Cultura, numa entrevista televisiva²⁵, dizia que se tem *“observado um crescimento enorme e os jovens têm vindo a aderir com a criação de novas linhas”*. Acrescenta que *“o município quer que os emigrantes venham a Barcelos e reencontrem as suas origens”* e *“Todo o comércio é dinamizado”*.

É de facto uma forma de promover o município e contribuir para o desenvolvimento da economia do concelho.

Ao falar de turismo em Barcelos, é incontornável referir um dos maiores atrativos da cidade: a **feira semanal** que acontece à quinta-feira. Já dizia Ferreira de Almeida:

“Barcelos é ainda o local de uma celebrada feira, muito velha mas sempre renovada, rica de movimento, de variedades e de artesanato, que lhe motiva uma forte atracção ...” (Almeida, 1990: 8).

A feira de Barcelos representa um atrativo turístico local e regional de reconhecida relevância, sendo considerada uma das mais tradicionais e antigas feiras (Fig. 26) do Norte de Portugal. *“Por todo o lado, turistas curiosos, tirando fotografias, comprando lembranças. Para eles, sobretudo, esta feira é um espectáculo”* (Magalhães, 1987: 37). A diversidade artesanal é um dos atrativos turísticos, daí o grande número de turistas que ocorrem à feira semanal e, em particular, à feira das Festas das Cruzes (Gama & Vila-Chã, 1995: 173).

²⁵ SIC: Grande Tarde, 12.08.2015.

Nos meses de verão, que coincidem com o período de férias, à quinta-feira, a cidade torna-se pequena para receber tantos visitantes: residentes no município, emigrantes e estrangeiros. Para o comércio local, é a oportunidade para dinamizar as trocas comerciais. Para os restaurantes e cafés são consumidores confirmados.



Fig. 26 - Antiga Feira de Barcelos.

Fonte: <http://www.feiradebarcelos.com/blog/retratos-da-feira-de-barcelos-por-artur-pastor.html>

3.7.2. Turismo Religioso

O turismo religioso de Barcelos está associado à realização de comemorações religiosas usufruídas por residentes, excursionistas e turistas.

“As tradições barcelenses estão relacionadas sobretudo com festividades religiosas” (Magalhães, 1987: 79).

Em termos de comemorações (festividades) religiosas, em Barcelos, destacam-se as solenidades da Semana Santa (Procissão do Silêncio, Procissão dos Passos, Via –Sacra e Procissão das Endoenças) e a Procissão das Cruzes.

Para melhor nos inteirmos do significado destas cerimónias, entendemos que, para além da consulta bibliográfica, urgia a nossa participação nas mesmas, quer para efetuar o registo fotográfico possível, quer para “sentir o espírito” que delas emana.

A comemoração das solenidades da Semana Santa, em Barcelos, é das primeiras que se realiza no norte do país, já que, aqui, a Procissão dos Passos, uma cerimónia religiosa de tradição muito antiga, “*com grande número de figurantes, atraindo à cidade milhares de forasteiros*” (Magalhães, 1987: 72), efetua-se no *Segundo Domingo da Quaresma*. Com cerca de quinze dias de antecedência, isto é, passado o Carnaval e iniciada a Quaresma, nas principais ruas da cidade são colocados, em pontos bem estratégicos, cartazes alusivos ao momento religioso, de forma a publicitar a celebração. Também os jornais locais e os estabelecimentos comerciais prestam o seu contributo na

divulgação do evento. Pelas montras espalham-se pequenos cartazes que anunciam, atempadamente, a data das procissões (Fig.27).

Procissão do Silêncio: No sábado precedente ao domingo da *Procissão dos Passos*, à noite, realiza-se a *Procissão do Silêncio*. As pessoas dirigem-se ao Templo do Bom Jesus da Cruz onde se encontram expostos dois andores: o de Nossa Senhora das Dores, repleto de flores naturais, e o do Senhor dos Passos, com a



Fig. 27 - Cartaz que divulga as procissões, 2015.

Fonte: Cartório Paroquial, Barcelos.

maravilhosa imagem encomendada na Flandres. Após um momento de oração orientado pelo Prior de Barcelos, o andor do Senhor da Cruz faz o percurso que medeia este templo e a igreja Matriz. Constatámos que se trata de uma cerimónia muito intimista, convidativa à reflexão interior. Impressiona pela simplicidade, pela ausência de luzes (no sentido literal e no sentido de esplendor), de cânticos, de orações... Na dianteira do cortejo vêm-se os representantes das várias Irmandades da cidade, de opas vestidas, devidamente identificadas, transportando os seus estandartes, discretamente, em posição horizontal; de seguida, o andor do Senhor dos Passos, envolto por um cortinado de tecido pesado e opaco, ladeado por seis bombeiros com farda de cerimónia; segue-se o Prior e os crentes. Ao longo de todo o percurso, movimentam-se pessoas com tochas acesas, que imprimem um aspeto muito medieval ao momento, principalmente ao aproximarem-se do centro mais histórico da cidade, que tem no seu centro a igreja Matriz da cidade. O andor, extremamente pesado, é transportado aos ombros de dez homens que, ao longo do trajeto, param várias vezes para recuperar forças. Estes, transportam consigo uns “cajados” que, ao baterem no chão da rua, emitem um som pesaroso e sofrido – é o único som que quebra o Silêncio imposto pela celebração. Chegados à igreja Matriz, depois de percorrem a principal rua da cidade – antiga Rua Direita – com o nome *D. António Barroso* desde 03. 01.1900, o andor é aí colocado para, no dia seguinte, à tarde, incorporar a *Procissão dos Passos*.

Observámos, com algum fascínio, a forma como a fé move os crentes e os leva a suportar uma noite fria e a ameaçar choviscos. Fica-nos a impressão de que a esta cerimónia só ocorrem habitantes da cidade e alguns do concelho. Não é propriamente uma cerimónia voltada para a captação de turistas de paragens mais longínquas.

Procissão dos Passos: Chegado o domingo, no início da tarde, voltámos à igreja Matriz para podermos presenciar a organização do cortejo da *Procissão dos Passos*: reconstituição da Caminhada de Cristo até ao Calvário, numa tentativa de evocar a narrativa bíblica da paixão e do encontro de Jesus com Sua Mãe, na Via-Sacra . Constatámos, assim, que a cerimónia tem início com um sermão, a que se segue o percurso pelas principais ruas da cidade (assim como outrora Jesus percorreu as de Jerusalém). À frente vão três cavaleiros, com três imponentes cavalos brancos, seguidos dos representantes de diferentes Irmandades, identificados pelas opas e, depois destes, 12 grupos de figurados com cerca de 10 elementos cada, que representam cenas bíblicas. Só depois surge o andor do



Fig. 28 - Andor do Senhor dos Passos, Barcelos.

Senhor dos Passos (Fig. 28), seguido de um grupo de clérigos, entre eles o Prior de Barcelos. Depois, vê-se D. Jorge Ortega, sob o Pálio, seguido de um grupo de bombeiros com farda festiva e, por último, os crentes anónimos. O cortejo vai percorrendo as ruas, ao longo das quais se encontram as pessoas que, à passagem do arcebispo, sob o Pálio, fazem uma respeitosa vénia. Um dos momentos altos da procissão é o *Encontro*, no Largo da Porta Nova, em frente ao templo do Senhor da Cruz, de onde sai o andor da Nossa Senhora das Dores, com o andor do Senhor dos Passos, havendo lugar para novo sermão. A procissão, dirige-se, depois, para a estátua ao Bombeiro Voluntário, onde pára, para se evocar o gesto da Verónica que se aproximou do Condenado para lhe limpar o rosto. Terminado o percurso da Via Sacra, os andores recolhem ao templo do Senhor da Cruz, encerrando-se a cerimónia com um último sermão.

Via-Sacra: Três semanas depois, é a celebração da Via-Sacra (Fig. 29), pelas ruas da cidade de Barcelos, com início na Igreja da Misericórdia e encerramento na Igreja Matriz. Esta cerimónia representa o percurso de Jesus a carregar a cruz desde o Pretório ao monte Calvário.



Fig. 29 - Cartaz: Via Sacra (2015).

Fonte: Cartório Paroquial, Barcelos.

Visita às Sete Igrejas e Procissão das Endoenças: As “Endoenças”, que significam “indulgências”, consistem numa tradição religiosa, em que são perdoados os pecados depois da penitência pascal, sendo organizada uma procissão que visita várias igrejas, reunindo os *Irmãos* das diferentes Confrarias que desfilam com as respetivas Bandeiras.

A *Procissão das Endoenças* (Fig. 30) é muito antiga em Barcelos. Em sessão da Mesa da Misericórdia de Barcelos de 02.02.1837, foi deliberado que se fizessem, na vila de Barcelos, as Festas da Semana Santa, na Igreja da Misericórdia (Ferraz, 2013: 150). A Santa Casa da Misericórdia, na noite de Quinta-Feira Santa, organizava a Procissão das Endoenças que é um momento emblemático da Semana Santa.



Fig. 30 - Cartaz: Procissão das Endoenças, Barcelos, 2015.

Fonte: Cartório Paroquial, Barcelos.

Através do Prior de Barcelos, soubemos que, desde o ano transato (segundo ele, apesar de a primeira experiência ter acontecido em 2013), foi introduzida uma alteração à tradição Barcelense, realizando-se a *Procissão das*

Endoenças na Sexta-Feira Santa e ficando a Quinta-Feira reservada para a *Visita às Sete Igrejas de Barcelos*.

Relativamente a esta última, a cerimónia, organizada pela Confraria do Santíssimo, tem início na Igreja Matriz, onde se organiza o cortejo com a presença do Prior, das várias Confrarias, do Coro Municipal e demais crentes (em número considerável) que, entre as 21h.30 e as 24h.00, visitam as sete igrejas de Barcelos, sendo a última o templo do Bom Jesus da Cruz. Em cada igreja o coro municipal exibiu um cântico eucarístico (de Bach, de Mozart, entre outros). Mais uma vez, era digno de ser visto, pelas ruas do centro histórico de Barcelos, o efeito produzido pelas tochas, pelos representantes das Confrarias, pelo aspeto compenetrado dos participantes, pelos elementos do Coro Municipal ... muito nos fez lembrar uma cena medieval.

Pudemos constatar que, muitas e muitas famílias, separadamente do cortejo, faziam a visita às igrejas: Matriz, Capela de S. José, Casa do Menino Deus, igreja do Terço, igreja de Santo António, igreja da Misericórdia e igreja do Senhor da Cruz. Também nós fizemos esta visita, uma parte integrada no cortejo e outra parte por iniciativa própria. O que mais destacamos era o movimento de pessoas, em família, que percorriam as ruas da cidade, entrando e saindo das diferentes igrejas, que estavam esplendorosas em termos de arranjos florais. Nas ruas era um frenesim, as esplanadas

estavam cheias, e os restaurantes, ao jantar, também receberam mais pessoas do que aquilo que é usual. Observando os transeuntes, cremos tratar-se, essencialmente, de habitantes citadinos. Trata-se de uma cerimónia que, apesar de divulgada (Fig.31), atrai essencialmente os habitantes citadinos, sendo poucos outros habitantes do município.



A Procissão das Endoenças é organizada pela Santa Casa da Misericórdia que, como constatámos presencialmente, durante a tarde, em grande azáfama, inicia os preparativos da cerimónia (Fig. 32).

Fig. 31 - Programa da visita às igrejas, Barcelos, 2015.

Fonte: Cartório Paroquial, Barcelos.

Segundo o relato de uma pessoa que assistia à procissão, este ano o percurso foi alterado, percorrendo: Igreja de Santo António; Igreja do Terço; Estátua do Bombeiro, descendo pela Avenida da Liberdade; Largo da Porta Nova; Rua D. António Barroso; Rua de S. Francisco; Largo do Apoio; Rua Duques de Bragança; Igreja Matriz; Câmara; Rua Infante D. Henrique; Rua D. António Barroso; Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz; Avenida Dr. Sidónio Pais; Chafariz e culminando no ponto de partida – Igreja da Misericórdia.



Fig. 32 - Preparativos para a Procissão das Endoenças, Barcelos, 2015.

Nesta noite de Sexta-feira Santa, em Barcelos, assiste-se a uma cerimónia religiosa semelhante à Procissão do *Enterro do Senhor*, em Braga, só que muito mais modesta, com muito menos participantes e com muitos menos assistentes. Nesta procissão (Fig. 33), com cerca de 300 participantes (segundo nos informou um elemento da organização), destacam-se os Recos-recos, os Matracas, os Fogaréus, os Tocheiros, o esquife, os andores da Cruz e o de Nossa Senhora da Misericórdia, os figurados, os

representantes das confrarias, as bandeiras e os estandartes, os bombeiros com farda de gala, a banda de música, os escuteiros, os coros que entoavam cânticos ... Ao longo do percurso, nas varandas das habitações, engalanadas com colchas festivas, viam-se as famílias a assistir ao desfile religioso e, ao longo das ruas, colocaram-se as pessoas que pretendiam também ver a cerimónia.



Fig. 33 - Procissão das Endoenças, Barcelos, 2015.

É, sem dúvida, uma cerimónia triste, silenciosa, de luto profundo, em que a escuridão é quebrada pela tochas. Em termos de assistência, mais uma vez, percebemos que se confina a habitantes barcelenses; é que, não é de todo possível concorrer com as procissões que, em simultâneo, decorrem em Braga.

Procissão da Invenção da Cruz: Em Barcelos, mais importante e concorrida que as procissões da Semana Santa, atrás descritas, é a “Procissão da Invenção da Santa Cruz”, ponto alto das Festas das Cruzes, que atraem imensos visitantes, nos primeiros dias de maio. Estas comemorações prendem-se, na sua origem, com o Milagre das Cruzes: em 1504, reinado de D. Manuel I, sexta-feira, 20 de dezembro, o sapateiro João Pires, ao regressar da missa da ermida do Salvador, passava pelo campo da feira,

quando observa na terra uma Cruz de cor preta que, por mais que se escavasse, nunca desaparecia (Gama & Vila-Chã, 1995: 156). Esta aparição entendida como o “milagre da cruz” originou uma forte devoção popular e, no ano e no local de aparecimento da cruz, foi erguido um cruzeiro em pedra com as dimensões da cruz miraculosamente aparecida²⁶. No ano seguinte, é construída uma pequena capela e, entre 1705 e 1710, é contruído o atual templo²⁷. Cartaz turístico por excelência, as Festas das Cruzes têm o seu epicentro neste belo templo.

O milagre da Cruz deu origem à Feira das Cruzes realizada de 1 a 3 de maio, que no século XVII passou a ser mais importante do que a feira do Corpo de Deus, levando mesmo à sua extinção; embora o milagre tenha acontecido a 20 de dezembro,



Fig. 34 - Fontanário no Campo da Feira, Barcelos.

comemora-se no dia 3 de maio, por ser, no calendário litúrgico, o dia da Santa Cruz (Gama & Vila-Chã, 1995: 165). Acrescentam que é curiosa a configuração do recinto onde se realiza a feira: uma cruz, e no local onde cruzam os braços da cruz encontra-se um belo fontanário (Fig. 34) donde saem quatro arruamentos principais ficando o recinto dividido em quatro grandes

quarteirões por onde se distribuem os diferentes produtos e vendedores. Ainda hoje, nos primeiros dias de maio, a cidade é visitada por milhares de pessoas, vindas de perto e de longe, nomeadamente espanhóis que aqui ocorrem em grande número no designado “*dia dos espanhóis*”, que “invadem” a feira, onde adquirem produtos vários, que representam avultados rendimentos para o comércio local. A grande afluência de galegos por altura das Festas das Cruzes tem sido tão expressiva que o programa das festas passou a dedicar um dia especial a essa presença, instituindo o *Dia de Espanha*, largamente noticiada, quer pela imprensa portuguesa, quer pela imprensa galega (Gama & Vila-Chã, 1995: 174). A Procissão das Cruzes é o ponto alto das celebrações: todas as cruzes das paróquias das freguesias do concelho barcelense passam pelas principais ruas do centro histórico da cidade de Barcelos, incorporadas na “Procissão da Invenção da

²⁶ http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/barcelos/Guia_pt.pdf

²⁷ <http://portugalminho.webnode.pt/feitas-e-romarias/>

Santa Cruz”, perante milhares de fiéis e de curiosos. Esta procissão, inserida na vertente religiosa, é o momento alto da “Festa das Cruzes”, um evento promovido pela Câmara Municipal de Barcelos, em colaboração com a Real Irmandade de Senhor Bom Jesus da Cruz e a Paróquia de Santa Maria Maior de Barcelos. Antes da procissão iniciar, todos os mordomos, responsáveis por transportar a cruz da sua paróquia, dirigem-se à igreja matriz de Barcelos.

Peregrinação à Franqueira: À semelhança do que fizemos no ponto 3.6.1., onde entendemos dever integrar uma breve resenha sobre a Ermida de Nossa Senhora do

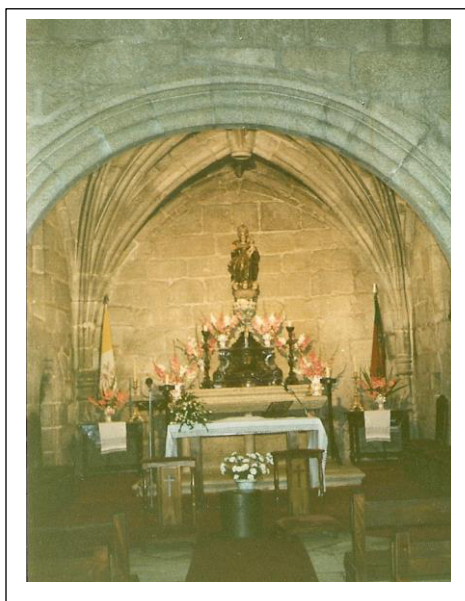


Fig. 35 - Interior da Ermida da Franqueira.

Rosário da Franqueira, vamos descrever, de forma sucinta, a peregrinação anual a este espaço, entre outras razões, porque sabemos que a primeira grande Peregrinação aconteceu em 27.09.1908, promovida pela Direção do *Circulo Católico de Operários de Barcelos* e pela Associação dos *Caixeiros de Barcelos* (Silva Costa, 2007: 52; Araújo & Azevedo, 2009: 184), com o apoio do Bispo D. António Barroso, figura central da nossa tese. Contam-nos os mesmos autores que o Bispo do Porto era um peregrino assíduo deste santuário (Fig. 35) e, anos mais tarde, “quando as pernas já não

acompanhavam o ardor da sua fé (...) percorreu a peregrinação num carro de bois” (Diário do Minho in Silva Costa, 2007: 53).

“A Franqueira é a montanha sagrada dos barcelenses, a sua catedral verde. Para ela se voltam as gentes de Barcelos em horas de júbilo ou de aflição (...). Milhares de fiéis sobem esta montanha integrados na grande peregrinação anual, em Agosto” (Magalhães, 1987: 58).

A tradição religiosa da Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário da Franqueira, que remonta há mais de cem anos, envolve a representação de todas as freguesias do concelho de Barcelos. Trata-se da única procissão arceprestal do concelho.

De manhã cedo, o andor de Nossa Senhora, carregado em ombros, deixa a Igreja Matriz de Barcelos rumando em direção ao Santuário, seguido, a pé, por milhares de crentes e pelas confrarias das paróquias, que entoam cânticos religiosos em louvor a Nossa Senhora. Uma ou mais semanas antes da sua realização, o andor da imagem peregrina da Senhora do Rosário, conduzida pelos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos, é levado para uma Paróquia Barcelense, determinada pela Confraria, onde permanece por uma semana. Terminada a visita paroquial, a Imagem Peregrina chega a Barcelos, onde é acolhida e transportada, em Procissão de Velas, através de várias ruas da cidade, até à Igreja Matriz, onde permanecerá até ao dia da Peregrinação: segundo domingo de agosto. Nesse dia, a procissão sai da igreja Matriz e atravessa a ponte

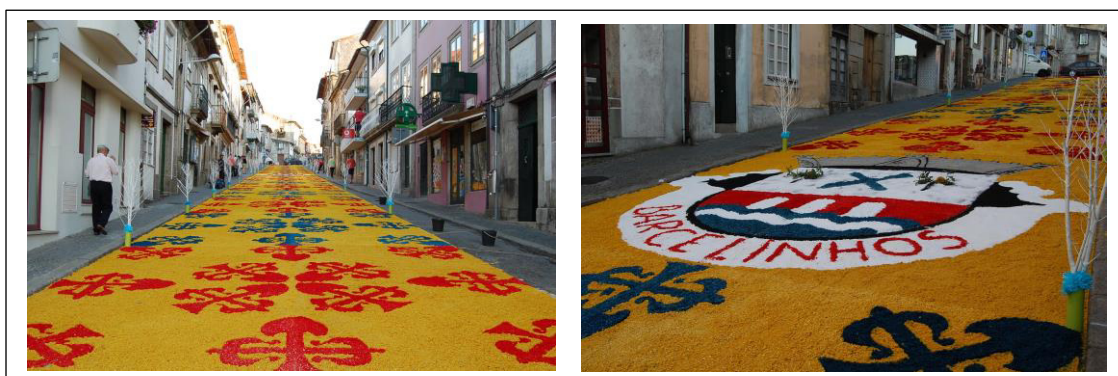


Fig. 36 - Tapetes, Barcelinhos, 08.08.2015.

medieval (agora designada de *Ponte de Santiago*) que permite a ligação a Barcelinhos. Os barcelinenses, na sua rua principal, elaboram um tapete colorido, como forma de prestigiar a cerimónia religiosa. No âmbito da investigação para este trabalho, entendemos ser necessária uma observação participante, pelo que acompanhámos a elaboração do tapete para a Peregrinação de 2015 (Fig. 36). Ao conversar com as pessoas que se ocupavam da execução do tapete, soubemos que todos os anos o tema/motivos do tapete são diferentes, bem como as cores da sua elaboração: este ano o tom predominante era o amarelo. Contaram-nos ainda que em tempos idos os tapetes eram de flores naturais e hoje a matéria-prima são sacos e sacos de serrim com diferentes cores. O efeito final é de uma beleza ímpar.

Ao longo do percurso, as Paróquias situadas nos arrabaldes do Santuário, aguardam a procissão e vão-na integrando, engrossando as suas fileiras; as bandeiras e as opas vermelhas dos membros das confrarias paroquiais impregnam a cerimónia de um colorido variado.

Chegados ao recinto do Santuário, o andor é colocado num palco, montado para a realização da Eucaristia Campal, celebrada pelo Arcebispo Primaz ou um dos seus Bispos Auxiliares. Terminada esta, o Juiz da Mesa da Confraria apresenta agradecimentos e a imagem de Nossa Senhora do Rosário da Franqueira (Fig. 37), acompanhada do esvoaçar de milhares de lenços brancos empunhados pelos presentes que entoam o cântico do Adeus à Virgem, recolhe ao seu Santuário. Com o encerramento das cerimónias religiosas, verificámos que muitos dos peregrinos reúnem-se em confraternização pelo parque de merendas existente em redor do Santuário. Lembramos que este espaço fica a poucos quilómetros de Remelhe, terra natal de D. António Barroso e onde se encontram os seus restos mortais.



Fig. 37 - Andor da Nossa Senhora do Rosário da Franqueira, 09.08.2015.

A promoção turística do concelho de Barcelos é também possível através dos peregrinos do *Caminho de Santiago*. Esta ideia está bem expressa numa frase proferida pela vereadora do Pelouro da Cultura da CMB: "E vamos tendo a noção que hoje um visitante é peregrino e amanhã é turista, ou seja, volta, porque gosta da forma como é tratado" (Elisa Braga, in Costa, 2015a: 13). É inegável que cada vez mais os decisores políticos estão atentos à importância do *Caminho de Santiago*: defendem a preservação dos trajetos existentes, bem como apresentam propostas de novos percursos que valorizem as áreas de passagem.

Barcelos desde cedo tem tido Caminhos de Santiago. Situando-se no traçado do designado *Caminho Central Português de Santiago*, entre o Porto e Ponte de Lima, o Concelho é atravessado diametralmente pelo percurso. O próprio topónimo (Barcelos), para alguns estudiosos da língua, deve-se à passagem do rio em barca, face à inexistência de uma ponte romana. "Nos primeiros dois séculos da peregrinação jacobita, terão os peregrinos utilizado as barcas na passagem do rio" Gil & Rodrigues (1997: 194). Lembremo-nos do cruzeiro da Lenda do Galo, junto ao Paço dos Condes, cuja história está associada a Santiago, que vem provar a importância que Barcelos tinha na Idade Média, como lugar de passagem privilegiada de peregrinos para Santiago de Compostela. Consideram estes autores (Gil & Rodrigues, 1997: 188) que o itinerário do

Caminho de Lima, que passava por Rates, Barcelos e Ponte de Lima foi o mais utilizado na Idade Média, comparativamente com o *Caminho do Norte* e o *Caminho do Noroeste*. Os três saíam do Porto com destino a Compostela.

“Situado na rota do Caminho Português, o concelho está ligado historicamente a este percurso religioso e cultural (...) pelo que se torna importante aproveitar do ponto de vista turístico e económico o fluxo de milhares de peregrinos vindos de todo o mundo e que anualmente circulam pelo concelho” (S/A, 2015a: 31).

O município de Barcelos tem dado uma importância acrescida aos Caminhos de Santiago, visível, nomeadamente, numa atividade incorporada no programa da Festa das Cruzes de 2015: *À Descoberta do Caminho de Santiago*. Consistia em percorrer um troço desde Pedra Furada (a 4 km do cemitério de Remelhe) até ao centro histórico de Barcelos, terminando com a bênção dos peregrinos (junto à igreja Matriz) e a inauguração de um painel de azulejos, evocativo do *Caminho Português de Santiago*, da autoria de Mário Rocha²⁸. Cerca de 170 peregrinos participaram desta iniciativa (Encarnação, 2015b: 9).

“A atividade, organizada pelo Município de Barcelos e pela Associação Espaço Jacobeus, com sede em Braga, teve como objetivo a promoção do Caminho Português e de Barcelos enquanto território do caminho” (Encarnação, 2015b: 9).

A vereadora do Pelouro da Cultura da CMB, aquando da entrevista que nos concedeu (02.07.2015), reforçou a ideia de que o município de Barcelos anseia pela classificação do *Caminho Português* como Património Imaterial da Humanidade. *“Temos vindo a falar deste assunto a várias entidades, sensibilizando para o facto deste processo ser viável. O caminho francês está classificado e achamos que não é impossível termos o caminho português classificado”* (Encarnação, 2015a: 8). Dizia-nos na supracitada entrevista que *“o município tenta ser o museu vivo do Caminho de Santiago, estando muito empenhado na divulgação do mesmo, nomeadamente com a Casa da Azenha, com o batismo da ponte medieval ... prova da importância dos Caminhos de Santiago”*.

²⁸ Pintor e ceramista de Viana do Castelo.

Assistimos à inauguração pública da renovada Casa da Azenha (29.03.2015), dia escolhido pelos responsáveis do município para fazerem a apresentação do programa das Festas das Cruzes de 2015 (Fig. 38). Este edifício, integrado na parte histórica da cidade, que esteve fechado mais de 30 anos, foi requalificado e tornou-se, nas palavras do presidente da CMB,

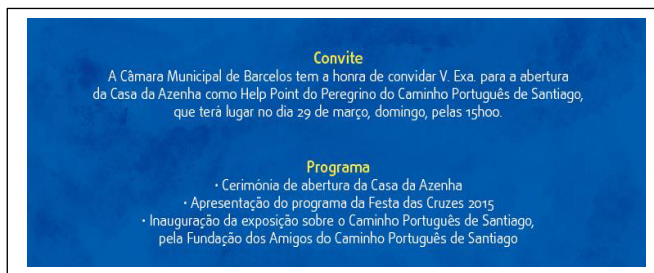


Fig. 38 - Convite, 2015.

“um espaço cultural que funcionará como Help Point dos peregrinos dos Caminhos de Santiago”. Monsenhor Abílio Cardoso, Prior de Barcelos, acrescentou: “Temos aqui um Help Point para que os nossos peregrinos possam saborear, ficar e beber um pouco deste «Galo de Barcelos»”. Neste espaço far-se-á o acolhimento e apoio aos milhares de peregrinos que todos os anos cruzam o concelho, oriundos do Caminho de Santiago, e também dos que vêm de Santiago a Caminho de Fátima.

O presidente da Câmara salientou a importância que o Município dá aos Caminhos de Santiago, nomeadamente com “a recente aprovação da nova designação da ponte Medieval para «Ponte de Santiago»”.

É de facto notório o esforço dos órgãos políticos municipais em valorizar todo o património relacionado com o *Caminho Português de Santiago*.

Perante tudo o que foi exposto, julgamos ser-nos permitido concluir que, as festividades culturais e religiosas referenciadas mobilizam o concelho de Barcelos e visam a atração de visitantes de todo o país, e também do estrangeiro, principalmente espanhóis, o que é notório, principalmente nas Festas das Cruzes: “São milhares os turistas espanhóis que visitam a cidade, atraídos sobretudo pela feira que decorre ininterruptamente” (Magalhães, 1987: 71). Os reflexos económicos são evidentes, com o consequente aumento das vendas em alguns setores como a Restauração, Cafés e Restaurantes e, em menor escala, nas residenciais, hotéis e turismo rural, já que muitos visitantes não pernoitam²⁹.

Estas festividades são um momento de exceção dentro do quotidiano dos barcelenses, e são uma oportunidade de projeção da cidade, com a possibilidade de retorno económico, pois ao chamar turistas gera receitas, representando rendimentos

²⁹ www.cm-barcelos.pt/downloads/Barcelos2020Vol1.pdf

consideráveis para o comércio local. Estas comemorações são o melhor produto do catálogo turístico de Barcelos, possibilitando-lhe ter representatividade nos mercados nacionais e internacionais.

A CMB tem envidado sérios esforços no sentido de divulgar e promover o que de melhor se faz no município, daí a nossa presença na Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL), a maior feira do turismo português, que se realizou entre 25 de fevereiro e 01 de março de 2015, com a intenção de promover a marca “*Barcelos*”. A participação na BTL pretende “*proporcionar contactos com os agentes que integram a bolsa de contratação, através da participação em reuniões com compradores inscritos no programa «Hosted Buyers», como forma de dinamizar toda a estrutura turística do concelho e estabelecer colaborações futuras*”³⁰.

O stand promocional de Barcelos (Fig. 39) inseriu-se no espaço da Entidade



Fig. 39 - Stand de Barcelos na Bolsa de Turismo de Lisboa, 2015.

Fonte: <https://www.google.pt/search?q=galo+de+barcelos+marca+bo+lsa+de+turismo+de+lisboa>.

Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal, criando-se assim sinergias que fortalecem um destino em crescimento – Norte, Minho e Barcelos³¹. Acrescenta

ainda esta fonte que o Município sorteou 16 estadias entre profissionais e público em geral na Feira, numa parceria com os agentes locais do alojamento que se fizeram representar neste evento, e foram registadas mais de 500 candidaturas, o que mostra o dinamismo e a capacidade de atração de Barcelos na BTL: o artesanato, a Feira, a gastronomia, a Festa das Cruzes, o *touring* cultural e paisagístico, o turismo religioso e o turismo no espaço rural foram os produtos mais solicitados para tratamento por parte dos profissionais que procuraram Barcelos, o que mostra a vivacidade destes produtos no âmbito do Produto Turístico do Porto e Norte de Portugal.

A participação num evento desta projeção é extremamente significativa. Em 2014, a BTL registou 68.250 visitantes, o que significou um acréscimo de 5% face à edição de 2013 e recebeu mais de 35 mil profissionais do turismo, entre os quais 2.882 estrangeiros.³²

³⁰ <http://www.cm-barcelos.pt/noticias/arquivo/2015/fevereiro/galo-de-barcelos-marca-bolsa-de-turismo-de-lisboa>

³¹ http://www.cm-barcelos.pt/noticias/arquivo/2015/copy_of_fevereiro/galo-de-barcelos-foi-estrela-na-btl

³² <http://www.cm-barcelos.pt/noticias/arquivo/2015/fevereiro/galo-de-barcelos-marca-bolsa-de-turismo-de-lisboa>

Por último, uma palavra na condição de residente no município de Barcelos: consideramos que esta cidade tem uma *Agenda Cultural* anual muito atrativa, com atividades muito variadas, interessantes e enriquecedoras: exposições, conferências, teatro, poesia, dança, música, desporto, festas e romarias. Com um elenco tão vasto e diversificado, reúnem-se condições capazes de atrair público, residente e não-residente, o que representa dinamismo económico e projeção para o exterior.

Com este trabalho, pretendemos ser um modesto contributo para o desenvolvimento do turismo religioso, com os objetivos que enunciámos de seguida.

4. Objetivos

A ideia central que presidiu à escolha do tema a abordar no presente trabalho foi estudar a vida de D. António Barroso, nascido em Remelhe, concelho de Barcelos, onde se recolhia em momentos de menos saúde, onde viveu em período de exílio e onde se encontram depositados os seus restos mortais. Pretende-se promover um aproveitamento turístico dos locais associados a este missionário das terras de África, da Índia e Bispo do Porto, de forma a contribuir para a dinamização do desenvolvimento local e regional.

Assim, o **objetivo geral** desta dissertação é o de conhecer a História de Vida de D. António Barroso e contribuir para o desenvolvimento local em termos sustentáveis através de um estudo sobre as potencialidades do turismo religioso em Remelhe.

Quanto aos **objetivos específicos**, pretende-se reconhecer o espírito reformador de D. António Barroso na ação da Igreja em África; divulgar o papel de missionário de D. António Barroso; promover o turismo local na freguesia de Remelhe através da figura de D. António Barroso; reforçar os aspetos distintivos de Remelhe; mostrar as potencialidades existentes em Remelhe para atrair mais visitantes, nomeadamente os peregrinos de outras rotas de turismo religioso, como os do *Caminho de Santiago*; envolvimento da comunidade na dinamização do turismo local; sensibilizar os agentes económicos para novas oportunidades de negócio.

Creemos que o trabalho que nos propomos levar a cabo, pelo seu carácter inovador, será um contributo de algum mérito, quer na valorização e divulgação da figura de D. António Barroso, quer na promoção turística da sua terra natal.

Parte II – Metodologia

A metodologia de investigação assentou na conjugação de três métodos: trabalho de pesquisa inicial, trabalho de campo e trabalho avançado de gabinete.

Durante o **trabalho de pesquisa inicial**, desenvolveu-se uma série de tarefas a saber: levantamento bibliográfico, documental e iconográfico sobre a vida de D. António Barroso; levantamento bibliográfico e documental sobre o património cultural (material e imaterial) associado à sua personagem e não só, existente na freguesia e concelho onde nasceu; consulta de bibliografia teórica sobre Turismo Cultural e Turismo Religioso; consulta de bibliografia de âmbito metodológico muito útil, por exemplo, para o desenvolvimento da observação participante, para a elaboração de questionários e seu tratamento, para o desenvolvimento de análises SWOT, etc. Posteriormente foram pensados os critérios a utilizar nos questionários que se pretendiam aplicar: um dirigido a devotos anónimos, outro aplicado às forças vivas do desenvolvimento económico local e regional.

Na pesquisa, a aplicação de questionários e a realização de entrevistas foram dois métodos utilizados para a recolha de dados: *“informação na forma de observações, ou medidas, dos valores de uma ou mais variáveis normalmente fornecidos por um conjunto de entidades”* (Hill & Hill, 2009: 41).

Foram criados dois questionários: *Questionário A* e *Questionário B*, sendo a amostra do primeiro constituída por 52 casos e a amostra do segundo por 58 casos. *“Técnicamente chamam-se «casos» da investigação aos respondentes ao questionário”* (Hill & Hill, 2009: 87). Foi pensada a seleção dos casos em análise, de modo a ser possível tirar algumas conclusões gerais sobre os devotos de D. António Barroso no *Questionário A* e entidades religiosas, políticas e económicas locais e regionais no *Questionário B*.

Com o *Questionário A* (**Anexo 1**) pretendia-se apurar diversas variáveis sobre os devotos anónimos de D. António Barroso: o género, a idade, o grau de escolaridade, a profissão, o local de residência, o grau de religiosidade, a forma como tomaram conhecimento da existência do jazigo de D. António, as razões que os levaram a visitar esse túmulo, o número de vezes que já efetuaram essa visita, as propriedades que atribuem à figura de D. António Barroso e as graças pediram. No *Questionário B* (**Anexo 2**), os inquiridos foram representantes das entidades religiosas, políticas, económicas e culturais da região. Pretendia-se averiguar o contributo da figura de D.

António Barroso na divulgação de Remelhe, se a devoção de que é alvo representa desenvolvimento para a freguesia e a importância que os inquiridos atribuem ao desenvolvimento do turismo religioso associado à figura deste bispo. O objetivo crucial era saber se as entidades oficiais de Remelhe e de Barcelos têm interesse no desenvolvimento turístico futuro da região através da figura de D. António Barroso.

O *Questionário A* era constituído por 11 perguntas, 6 delas para conhecer características pessoais dos inquiridos (sexo, idade, escolaridade, profissão, morada e religião) e as restantes 5 eram alusivas à figura de D. António Barroso. O *Questionário B* era composto por 6 perguntas, 3 delas de carácter pessoal para conhecer o perfil do inquirido (nome, escolaridade e profissão ou cargo) e as outras 3 relacionadas com a importância de D. António Barroso na divulgação, desenvolvimento económico e incremento do turismo religioso em Remelhe.

Hill & Hill (2009: 89) consideram que as perguntas de um questionário podem ter como objetivos gerais solicitar informação sobre: factos, opiniões, atitudes, preferências, valores, satisfações, razões, motivos, esperanças, crenças, ... etc. Neste sentido, nos questionários elaborados, as primeiras cinco perguntas do *Questionário A* e as primeiras três do *Questionário B* solicitavam factos; as perguntas 4, 5 e 6 do *Questionário B* solicitavam opiniões. A questão 6 do *Questionário A* solicitava crenças, as 7 e 9 solicitavam factos, a 8 solicitava motivos e as duas últimas solicitavam crenças.

Tendo presente que “*A diferença entre perguntas abertas e perguntas fechadas situa-se essencialmente na forma como a resposta é dada*” Hill & Hill (2009: 93), foram evitadas muitas perguntas abertas, de forma a não obrigar a um grande volume de análise de conteúdo. Nas respostas fechadas, escolhemos um conjunto de respostas alternativas para cada uma dessas perguntas.

Os questionários utilizados contemplavam vários tipos de resposta. No *Questionário A*, o inquirido tinha de construir a sua resposta para as perguntas relacionadas com a altura do ano em que visita o túmulo, as propriedades que atribui a D. António e as graças que lhe solicita. Nas questões relacionadas com as convicções religiosas, o meio como tomou conhecimento da existência de D. António Barroso e as razões para visitar o seu túmulo, era apresentado um conjunto de respostas alternativas.

No *Questionário B*, nas respostas 4 e 5, as medidas das variáveis de quantidade utilizadas foram *Muito Pouco*, *Pouco*, *Algum* e *Muito e*, na resposta 6, a escala de resposta era *Muito Pouco*, *Pouco*, *Muito* e *Bastante*.

No tratamento dos dados, as respostas qualitativas descritas por palavras do respondente foram sujeitas a uma análise de conteúdo.

Na segunda fase, a do **trabalho de campo**, pretendeu-se a recolha de dados *in situ*. Visitaram-se determinados locais religiosos ou associados à vida de D. António Barroso e realizou-se um registo fotográfico. Para um melhor conhecimento dos eventos religiosos, usou-se a observação participante, a aplicação de questionários e o recurso a entrevistas não estruturadas ou semiestruturadas: “*estratégias de investigação que permitem ao investigador apreender o mundo social em primeira mão*” (Burgess, 1997: 3). “*A investigação de terreno tem lugar em situações sociais nas quais o investigador participa. A tarefa do investigador é aqui observar e registar a vida das pessoas tal como ela ocorre*” (Burgess, 1997: 57).

A pesquisa de terreno implica selecionar estratégias de amostragem. Por isso, antes do início do trabalho de campo, estabeleceram-se os processos de amostragem que coduzissem à seleção de unidades de estudo: a **seleção dos locais de investigação** (cidade de Barcelos e freguesia de Remelhe), a **seleção do tempo** (dias de preparação e de realização de acontecimentos religiosos e culturais) a **seleção dos acontecimentos** (festividades religiosas e outras), a **seleção das pessoas** (utilizados métodos de amostragem aleatória para os 52 devotos anónimos a quem foi aplicado o *Questionário A*, e a seleção dos informantes privilegiados – amostragem intencional para a aplicação do *Questionário B* a 58 inquiridos). Os informantes privilegiados foram selecionados segundo a sua posição na esfera religiosa, política e económica, de forma a não ficarmos com uma visão parcial do objeto de estudo.

Para Burgess (1997) a observação participante é um bom método de investigação a aplicar na pesquisa de terreno, já que permite a inserção no meio que se pretende estudar, possibilitando um acompanhamento mais efetivo das práticas a investigar e a observação de contextos naturais. Ao contrário da mera entrevista, a metodologia da observação participante permite a vivência pessoal do evento, de forma a melhor se perceber a sua essência, isto é, “... *acesso aos significados que os participantes atribuem às situações sociais*” (Burgess, 1997: 86).

Nesta investigação, o trabalho de observação foi feito no decorrer da Romagem ao túmulo de D. António Barroso (31.08.2014), da Comemoração dos 135 anos da Ordenação Sacerdotal do Padre António Barroso (19.10.2014), da Homenagem e Sessão Solene no Auditório da Câmara Municipal de Barcelos para assinalar o 160.º aniversário do nascimento de D. António Barroso (08.11.2014), das procissões

religiosas no âmbito das Solenidades da Semana Santa em Barcelos (2015), da Festa do Senhor dos Passos em Remelhe (2015), da Festa das Cruzes em Barcelos (2015), da Peregrinação à Franqueira (2015) e de Barcelos: Cidade Medieval (2015). A participação nos eventos referidos foi a oportunidade para tirar notas (observar *in loco* os eventos), conversar com as pessoas e fazer registo fotográfico daqueles que participam destes atos, principalmente os de cariz mais religioso.

Mais cientes de que “... a observação-participante é apenas uma das abordagens que se usam na pesquisa de terreno e deve ser complementada por outros métodos” (Burgess, 1997: 106), passou-se à aplicação dos questionários.

Relativamente a esta fase, para o *Questionário A* – aos devotos anónimos do concelho, contou-se também (para além daqueles que foram aplicados diretamente) com a colaboração de alguns dos alunos do terceiro ciclo da Escola Secundária de Barcelinhos, já que, sendo o concelho de Barcelos tão extenso, em termos de área e número de freguesias, foi a forma encontrada para inquirir pessoas de diferentes localidades. O preenchimento do *Questionário B* por parte de representantes das entidades religiosas, políticas, económicas e culturais da região, foi solicitado por nós, levando temas/tópicos que nos orientavam no decurso da entrevista.

No que concerne às entrevistas, tendo em vista o perfil dos entrevistados, optou-se por não elaborar entrevistas estruturadas: “*esquema de colheita de dados envolvendo situações em que o entrevistador apenas coloca questões e recolhe respostas no âmbito de uma lista padronizada*” (Burgess, 1997: 111). Entendeu-se mais adequada a entrevista não semi-estruturada ou informal. Partiu-se para as entrevistas levando temas/tópicos a partir dos quais se iam colocando questões no decurso da conversa, dando aos “*informantes uma oportunidade para desenvolver as suas respostas fora de um formato estruturado*” (Burgess, 1997: 112). Procurou-se estabelecer contactos que levavam os interlocutores a estabelecer uma conversa espontânea onde expunham as suas ideias, contavam histórias e partilhavam desejos. Para tal foi necessário criar um clima de confiança. “*Em qualquer projecto que envolva entrevistas não estruturadas, a relação entre investigador e aqueles que são investigados é crucial*” (Burgess, 1997: 117). Por isso, se a entrega de alguns questionários foi efetuada por alunos ou encaminhada por via e-mail, as entrevistas foram todas efetuadas pela signatária. No início das entrevistas, houve o cuidado de informar os respondentes sobre o propósito da mesmas, de forma a torná-los mais cooperantes. Optou-se por fazer registos escritos

das respostas e não gravações, que poderiam ser um elemento inibidor para os entrevistados.

Tão importantes como este tipo de entrevistas foram as conversas informais com pessoas que no decorrer do trabalho de pesquisa se mostraram significantes, nomeadamente, assistentes de procissões religiosas ou eventos profanos, residentes em Barcelos, assim como habitantes de Remelhe.

Durante a observação participante, ora se fez investigação aberta (expondo claramente as razões da nossa presença naquele evento), ora se utilizou a investigação oculta, ou seja, nos "*casos em que o investigador não indica as suas intenções reais ao estar presente no grupo*" (Burgess, 1997: 51). Neste último caso, não se fizeram entrevistas, mas apenas se teve acesso às situações observáveis. Significa que, no decorrer deste trabalho, se desempenharam dois tipos de papéis: o *participante* e o *observador-participante* (Gold, 1958, in Burgess, 1997: 87). No primeiro caso, escondeu-se a dimensão de observação, por exemplo, quando a signatária integrou procissões religiosas e foi conversando com as pessoas, que desconheciam a real razão da conversa. No segundo caso, expôs-se aos informantes que a investigação era o interesse dominante, isto é, a signatária estava ali para observar. Tal ocorreu, por exemplo, nas visitas à Capela-jazigo de D. António Barroso.

"O observador-participante não só não faz segredo da sua investigação, como divulga mesmo que a investigação é o seu centro de interesse mais destacado" (Roy, 1970: 217, in Burgess, 1997: 89).

Na última etapa, a do **trabalho avançado de gabinete**, analisou-se toda a informação recolhida, fez-se a análise e o tratamento das entrevistas, selecionaram-se dados e tiraram-se as considerações necessárias para a redação da dissertação. A partir de uma matriz SWOT que incidiu sobre as potencialidades turísticas da freguesia de Remelhe, concelho de Barcelos, a partir da figura e do carisma de D. António Barroso, procedeu-se a um levantamento das fragilidades, pontos fortes, oportunidades e ameaças que condicionam a implementação de um pólo de turismo religioso nesta região norte de Portugal.

A análise contemplou todos os dados recolhidos, cruzando a informação mais documental do trabalho de pesquisa inicial com a obtida no trabalho de campo. Pretendeu-se averiguar as possibilidades de transformar os recursos existentes

(nomeadamente, a devoção a D. António Barroso e o património edificado associado ao mesmo) em produto turístico representativo de desenvolvimento sustentável a nível local e regional. Pretendeu-se, também, avaliar se a captação da confiança dos investidores económicos e operadores turísticos pode possibilitar a promoção de Remelhe como pólo turístico no contexto do turismo religioso no norte de Portugal.

Parte III - D. António Barroso e Remelhe (Barcelos, Norte de Portugal)

1. D. António Barroso: Vida e Obra

1.1. Resenha Biográfica

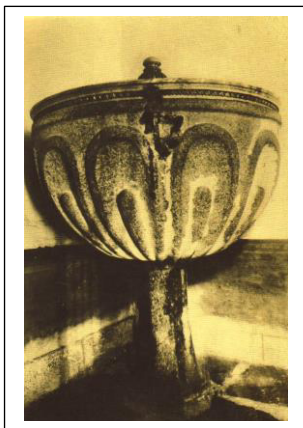
1.1.1. Infância de António Barroso

“Quando menino, D. António Barroso era um rapaz alentado, de estatura avantajada, olhos grande e claros, brincalhão, com aspecto altivo mas bondoso e muito dado” (Gomes, 2002: 30).

1.1.1.1. Local de Nascimento

António Barroso nasceu no dia 05.11.1854, numa dependência da Casa de Santiago, no Lugar de Torre de Moldes, em Remelhe, concelho de Barcelos, num *“mundo rural e sem perspectivas”* (Araújo, 2007-2008: 220). Situada a 18 Km a oeste de Braga, e com

uma extensão de 5, 18 Km², esta aldeia, quando António José nasceu, era constituída por 24 lugares e teria 127 fogos, e Barcelos, sede da Comarca do concelho, contava perto de oitocentos (Araújo & Azevedo, 2009: 11).



É batizado quatro dias após o nascimento (Macedo, 1994: 328), na igreja paroquial de Remelhe (fig. 40), onde viria a cantar missa, anos mais tarde.

Fig. 40 - Pia batismal da igreja paroquial de Remelhe, onde foi batizado António Barroso.

Fonte: Macedo (2011: 87).

1.1.1.2. Família

Neto paterno de José António de Sousa e de Ana Joaquina, naturais da vizinha freguesia de Góios, e materno de Joaquim Gomes Barroso e Teresa Maria de Araújo, residentes no Lugar da Torre de Moldes, em Remelhe (Macedo, 1997: 44). Consideram Trigueiros (2007: 14) e Araújo & Azevedo (2009: 20) que José António de Sousa nasceu no extinto concelho de Prado (hoje Vila Verde) e Ana Joaquina em Macieira de Rates, no concelho de Barcelos.

Em 1812, quando os avós maternos se fixam em Remelhe, na casa dos pais da Teresa, uma das mais ricas casas de lavoura da terra, esta passará a ser designada de *Casa do Barroso* (Trigueiros, 2007: 10).

Todos os filhos deste casal se casam com menos de 30 anos, à exceção de Eufrásia Rosa, tecedeira, que, aos 35 anos, estava ainda solteira, já que com a morte da mãe, Teresa Maria de Araújo, com 47 anos, o pai ficou viúvo, rodeado de 7 filhos e foi Eufrásia, com 15 anos, quem cuidou da casa, das três irmãs mais novas e do pai, que se foi habituando à ideia de a ter como apoio na velhice (Araújo & Azevedo, 2009: 24). Contra o expectável, vem a contrair matrimónio, contra a vontade de seu pai, o abastado *cirurgião* Barroso (a mãe tinha falecido em 1832, com 47 anos), com José António de Sousa, natural de Góios, carpinteiro de profissão e filho de caseiros (Trigueiros, 2007: 10-11). Segundo os conceitos da época, os noivos eram de condição social diferente (Gomes, 2002: 9; Araújo & Azevedo, 2009: 25). José António, carpinteiro da Casa de Torre de Moldes, ao serviço de Bernardo Limpo da Fonseca, contava já 38 anos de idade. Casaram a 22.06.1853, na igreja de Remelhe (Macedo, 1997: 44; Araújo & Azevedo, 2009: 25), contra a vontade da família da noiva, e sem dote, subarrendando, aos caseiros da Casa de Santiago, umas precárias divisórias do varandão da velha Casa de Santiago (Trigueiros, 2007: 15). “*Os proprietários haviam-se mudado, por volta de 1812 (...). Os caseiros arrendatários (...) haviam-lhe dispensado umas divisórias do varandão anexo à casa da eira*” (Araújo & Azevedo, 2009: 9). Foi nesta dependência anexa à eira, onde se guardavam os cereais da Casa, que nasceu António Barroso e viveu por pouco tempo, pois Bernardo da Fonseca arrendou-lhes, a pouca distância e defronte à Casa do Barroso, uma casa (onde veio a residir um 3º neto deste fidalgo³³, e sua esposa, bisneta de António de Sousa Júnior). Cinco anos depois, nesta nova habitação, nasceu o segundo e último filho do casal. A família aqui se manteve, na condição de caseiros da Casa Torre de Moldes até 1872 (Trigueiros, 2007). Esta versão de Trigueiros difere da versão do Pe Adílio Macedo que escreve: “*Não estiveram o José Sousa e a Eufrásia Barroso muito tempo em Santiago. Alguns anos mais tarde já estão na quinta do Paranho, também como simples caseiros [...] Aí estiveram durante bastante tempo – mais de uma dúzia de anos [...] até comprar casa própria*” (Macedo, 2004, in Araújo & Azevedo, 2009: 26).

³³ João Maciel de Brito Brito Limpo Trigueiros (24.01.1933/08.05.2015).

Já desde a morte do velho *cirurgião* Joaquim Barroso, em 1866, que a situação da família tinha melhorado e “*Supõe-se que tendo recebido a sua legítima da abastada Casa do Barroso, o casal ficasse em condições de adquirir casa própria e algumas propriedades rurais*” (Trigueiros, 2007: 16). No entanto, são sempre pessoas sujeitas a uma vida muito dura: “*Os pais eram caseiros de poucas posses*” (Araújo, 2007-2008: 220), “*vivendo, mais que modestamente, do trabalho de uma pequena lavoura*” (Braz, 1921: 15). Este biógrafo, Sebastião Braz, passou longos períodos em Remelhe, como secretário de D. António Barroso.

Com o passar dos tempos, a nova habitação passa a ser conhecida por “*Casa do Sousa*”. Os pais faleceram na casa que adquiriram e a que deram nome (Araújo & Azevedo, 2009: 27). A mãe, Eufrásia Rosa Barroso (ou Eufrásia Maria de Araújo como também aparece designada), faleceu a 11.05.1890, com 68 anos, e o pai, José António de Sousa, faleceu, onze meses depois, a 14.04.1891, viúvo, com 76 anos; os dois foram sepultados no cemitério de Remelhe (Trigueiros, 2007: 18). Outros autores consideram que a mãe faleceu com 72 anos, tendo junto de si o filho primogénito, que regressara das terras do Congo, coberto de honras e de méritos pelo trabalho ali realizado, e o pai com 74 anos, três meses antes do filho ser ordenado bispo (Araújo & Azevedo, 2009: 27-28). D. António Barroso mandou edificar na sepultura de seus pais um jazigo, em 1899, onde viria a ser sepultada toda a família: ele até 1927, o irmão, a cunhada e alguns sobrinhos (Trigueiros, 2007: 18; Macedo, 2011: 86).

1.1.1.3. Primeiras Letras

“Não foi, positivamente, D. Antonio Barroso um menino prodigio, d’estes que aos 15 annos têm percorrido toda a escala da instrução secundaria, vergadas ao peso de distincções” (Braz, 1921: 15).

As primeiras letras foram-lhe transmitidas pelo avô materno, Joaquim Gomes Barroso, *cirurgião* e mestre-escola (Macedo, 1997: 44) e pelo seu tio José (Trigueiros, 2007: 18). Depois, já com 11 anos, frequentou a escola primária de Góios (Fig. 41), pois a de Remelhe só surgiria uns anos mais tarde, por iniciativa



Fig. 41 - Escola de Góios, cerca de 1940.
Fonte: Cortesia de António Júlio Trigueiros.

dum benemérito de Remelhe, no Brasil, registando o seu frontispício: “*Escola fundada por Domingos Gomes Ferreira da Costa. 1894*” (Araújo, 2007-2008: 220). Assim, matriculou-se na escola de Góios em 18.11.1865, com 11 anos, e frequentou-a até 31.08.1868, “*com muita aplicação e aproveitamento, sendo exemplar o seu comportamento*”, como consta da certidão, com assinatura reconhecida em Braga, em 01.02.1873, que faz parte do Arquivo do Colégio das Missões Ultramarinas de Cernache do Bonjardim (Araújo, 2007-2008: 222; Macedo, 1997: 44).

“*António José Barroso viveu a adolescência e a juventude no reinado de D. Luís (1861-1889). Um período calmo, em termos de política interna, com alguma expansão económica para as classes dirigentes, para as grandes famílias, como a do seu vizinho e benfeitor Limpo da Fonseca* (Araújo & Azevedo, 2009: 47).

Entre os 12 e os 14 anos, recebeu algumas lições de latim do fidalgo Bernardo Limpo da Fonseca (Fig. 42), seu vizinho e senhorio de seus pais, que “*apercebendo-se dos seus dotes intelectuais, o motivou para prosseguir os estudos, e aconselhou os pais a apoiá-lo*” (Araújo, 2007-2008: 221). Assim,

“*antes de partir para o colégio, os estudos de António Barroso, limitaram-se ao exame de instrução primária e lições de latim que Bernardo Limpo, proprietário vizinho, lhe dava nas horas vagas*” (Pinto, 1931: 7, in Trigueiros, 2007).

Também Bertino Guimarães refere que “*justamente de Bernardo Limpo, um dos Senhores dessa Casa, recebeu ele as primeiras luzes da língua latina*” (Guimarães, 1956: 9 in Araújo & Azevedo, 2009: 30). O próprio D. António, numa carta que escreve, em 1899, a José de Azevedo e Meneses, e por este publicada numa obra que escreveu sobre a família dos Alcaldes de Faria, intitulada “*Ninharias*”, refere o contributo do vizinho na sua aprendizagem da língua de Homero – “*Quando eu era rapaz de 12 para 14 annos e estudava latim com o meu vizinho e inovidável homem de bem, Bernardo Limpo da Fonseca, pae*

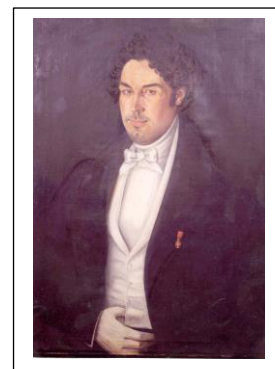


Fig. 42 - Bernardo Limpo da Fonseca.

Fonte: Trigueiros (2007); Araújo & Azevedo (2009).

do falecido coronel de engenharia Francisco António de Brito Limpo ...” (Meneses, 1911, in Trigueiros, 2007:11). Como curiosidade, registamos o facto de o cirurgião Barroso, avô de António Barroso, ser a pessoa que se ocupava da saúde deste fidalgo (Trigueiros, 2007: 11), que viria a ser um dos mestres do seu neto, e figura determinante no seu futuro.

1.1.2. Juventude de António Barroso

“No mundo rural do norte minhoto, o destino dum miúdo que sobressaísse na escola, por gostar mais dos livros que do sacho, era o seminário” (Araújo, 2007-2008: 221).

1.1.2.1. Estudos em Braga



Fig. 43 - Braga no final do século XIX.

Fonte: Cortesia de António Júlio Trigueiros.

... carregou o baú de folha no carro de vacas do pai e seguiu com ele para Braga, a uns 20 quilómetros de casa (Araújo & Azevedo, 2009: 37).

No ano letivo de 1871-72, com 17 anos foi para Braga (Fig. 43) com a intenção de fazer os estudos preparatórios numa escola particular, para se poder candidatar aos respetivos exames no Liceu Nacional; como naquela altura os seminários não ensinavam os preparatórios por determinação do decreto de 26.08.1859, no seu artº. 15º, havia necessidade de os fazer no liceu, antes de iniciar os estudos eclesiásticos (Araújo, 2007-2008: 222; Gomes, 2002: 78).

Com as explicações que recebeu em Braga, na escola particular de José Valério Capela, em complemento das que havia iniciado em Remelhe, com Bernardo Limpo da

Fonseca, matriculou-se nas disciplinas de Português (curso completo), Gramática Latina e Latinidade, no fim do ano letivo de 1871-1872 (Araújo, 2007-2008: 222).

“Naquele ano de 1872, no Liceu Nacional de Braga, as matrículas para exames dos alunos externos, iniciaram-se a 7 de Maio. Com o nº 100 matriculou-se António José de Sousa Barroso” (Araújo, 2007-2008: 222).

Mas, os resultados dos exames não corresponderam às expectativas, como se comprova pela certidão de habilitações emitida pela atual Escola Secundária Sá de Miranda, depositária do arquivo do Liceu Nacional de Braga:

“Fez nesta Escola, no ano lectivo 1871/1872, o exame de Português – curso completo, com a classificação de 10 (dez) valores. No mesmo ano fez exame à disciplina de gramática latina e latinidade, tendo sido reprovado” (Araújo, 2007-2008: 222).

Apesar dos resultados insatisfatórios, no ano letivo seguinte, 1872-1873, matriculou-se no Liceu de Braga, como aluno voluntário, nas disciplinas de Francês, Caligrafia e Desenho, Cálculo Mental e Quatro Operações: a Francês foi classificado de Mau, em 6 de dezembro, e de Suficiente, em 19 de fevereiro; a Caligrafia e Desenho, faltou às provas, a 9 de dezembro e a 17 de fevereiro, perdendo automaticamente o ano; a Cálculo Mental e Quatro Operações, faltou também às provas de 16 de dezembro e de 18 de fevereiro, com perda automática de ano (Araújo, 2007-2008: 223).

Os biógrafos de António Barroso sentem-se obrigados a explicar o fracasso académico do biografado pela idade dos arcebispos, alegando alguns que tal se deve à sua idade ser superior à dos colegas. Este argumento é refutado por Araújo (2007-2008: 223):

“...no livro de termos das matrículas para exames, dos alunos externos (ano lectivo 1871-1872), o António José, com 17 anos, é o segundo mais novo, dos 6 registados na página onde consta o seu nome. E, ao matricular-se para o ano lectivo de 1872-1873, é o terceiro mais novo, entre sete nomes que constam da sua folha.”

Para este autor, as razões do insucesso escolar de António Barroso não se devem à disparidade etária, que afinal não era significativa, mas a outra ordem de fatores:

“Desmotivado, frustrado com as qualificações, e não conseguindo adaptar-se ao ambiente, resolveu regressar à casa paterna, no decorrer do ano escolar, assim defraudando as expectativas e os esforços dos progenitores” (Araújo, 2007-2008: 223).

De Braga ficaram as relações de amizade que cultivou, com os que viriam a ser: o conhecido psiquiatra Dr. Magalhães Lemos, um ano mais novo, e o Dr. Tomaz de Meira, clínico e cirurgião de nomeada (Araújo, 2007-2008: 223).

Regressado ao lar, estavam frustradas *“as esperanças e sacrifícios paternos para fazerem dele um padre”* (Braz, 1921: 15) e foi novamente o vizinho que lhe incutiu



Fig. 44 - Entrevista do *Diário do Norte* à quase centenária vizinha e amiga de infância, Ana Joaquina Senra, 23.07.1951.

Fonte: Cortesia de António Júlio Trigueiros.

ânimo para prosseguir, recomeçando o ensino do latim e procurando-lhe hipóteses para prosseguir os estudos eclesiásticos (Araújo, 2007-2008: 223). No *Diário do Norte* de 03.08.1951, na entrevista feita a Ana Joaquina Senra (Fig. 44) pelo jornalista António Álvares da Silva a 23.07.1951 (in Trigueiros, 2007: 21) ficou registado:

“ Quando o António saiu de Braga veio para aqui e não queria voltar a estudar. (...) O senhor Bernardo Limpo pegou, então, a botar mão ao rapaz e a ensinar-lhe a lição. Pastoreava e aprendia. E aprendeu muito, que o Senhor Bernardo era um homem que tinha muito saber. Um dia disse ao pai que era preciso mandar o rapaz para outro sítio, porque ele já não podia ensinar-lhe mais nada. E assim é que foi para Cernache do Bonjardim”, concelho da Sertã.

1.1.2.2. Do Ingresso no Colégio das Missões Ultramarinas à Missa Nova em Remelhe

“O Colégio das Missões Ultramarinas – instituição católica, monárquica e expressamente vocacionada para o Ultramar ... Cernache do Bonjardim formava padres para dilatarem a fé e o império, nas terras ultramarinas do Padroado Português (Araújo & Azevedo, 2009: 49).

A solução encontrada para o prosseguimento dos estudos do jovem António Barroso foi o Colégio das Missões Ultramarinas de Cernache do Bonjardim, visível na mais



Fig. 45 - Colégio das Missões Ultramarinas, Cernache do Bonjardim, 1903.

Fonte: Araújo & Azevedo (2009).

antiga fotografia que se conhece deste Colégio (Fig. 45) que, regendo-se por legislação específica, dispunha de estatutos próprios que incluíam no programa curricular o ensino dos preparatórios que não tinha concluído em Braga (Araújo, 2007-2008: 224). Matriculou-se neste Seminário a 3.11.1873, a dois dias de completar 19 anos de idade, apresentando vários documentos que constam do Arquivo do Colégio das Missões

Ultramarinas de Cernache do Bonjardim: certidão de nascimento e batizado, certidão de casamento dos pais, certidões de habilitações (escola primária de Góios, escola particular de José Valério Capella e Liceu Nacional de Braga), autorização do pai, com o compromisso de indemnizar o Colégio, nos casos previstos nos estatutos da instituição, entre outros documentos (Araújo, 2007-2008: 224-225). Os alunos que entrassem no Seminário não podiam sair antes de acabar os seus cursos e, caso “*decidissem abandonar o curso, teria a família de pagar 150\$00 por cada ano de ensino, o que para aquela época era uma verdadeira fortuna*” (Pereira, 2002, in Araújo & Azevedo, 2009: 52). Aí era-lhes vedado o contacto com a família e com os amigos e toda a correspondência saída ou entrada era censurada pelo reitor (Araújo & Azevedo, 2009: 52).

O ingresso neste colégio resultou da influência de um primo de Góios (António Pereira Gomes, neto de uma irmã do *cirurgião* Barroso, que faleceu, já diácono, tuberculoso, com 24 anos de idade) e do seu vizinho (Macedo, 1997: 41; Trigueiros, 2007: 21), como atesta o seu melhor biógrafo, que o acompanhou nos momentos decisivos da sua vida: “*Entrou para o Collegio das Missões Ultramarinas, em Sernache do Bomjardim, ainda pelo valimento do dito seu visinho Bernardo Limpo*” (Braz, 1921: 16). Também Cunha (1938: 10, in Araújo, 2007-2008: 224) valoriza a influência do fidalgo vizinho na ingressão em Cernache, ao considerar que foi “*apadrinhado pelo antigo mestre de latim*”.

Tendo ingressado no Real Colégio das Missões Ultramarinas, escreveu dali a seus pais dizendo que *“Quem entrou para dentro destes muros, ou estuda ou morre”* (Entrevista a Ana Joaquina Senra, publicada no «*Diário do Norte*» de 23.07.1951 in Gomes, 2002: 30). Inteligente, trabalhador e afável no trato, cursou com excelentes resultados as disciplinas preparatórias, mas brilhou, sobretudo, como estudante de teologia, curso que concluiu com elevadas classificações (Araújo, 2007-2008: 225). Acrescenta Fortunato de Almeida (1970, in Vieira, 2001: 370) que foi um aluno brilhante em todas as matérias, exceto a matemática. A 07.06.1879 recebe a ordem do Diaconado (Macedo, 1997: 45) e recebeu a ordem sacra do Presbiterado, em Lisboa, a 20 de Setembro do mesmo ano, das mãos do Superior do Colégio das Missões Ultramarinas, D. José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Martins, bispo de Bragança e Miranda (1875-1883), e, depois, bispo de Portalegre (1883-1884) (Fortunato de Almeida, 1970, in Macedo, 1997: 45).

“Logo a 15 de Outubro d’esse mesmo anno [1879] celebrou no humilde presbyterio da sua freguesia natal a primeira missa” (Braz, 1921: 18), sendo pregador o seu professor e amigo, Dr. Francisco Martins, que depois seria lente de Teologia e de Letras na Universidade de Coimbra, e com quem manteve laços de amizade ao longo dos tempos (Araújo, 2007-2008: 225; Macedo, 1997: 46).

“Os missionários formados no Colégio das Missões Ultramarinas, também chamados Padres de Cernache, constituíam um clero secular original (...) eram sacerdotes seculares que se dispunham a ir prestar serviço nas dioceses ou prelazias do ultramar, por um determinado período de tempo” (Araújo & Azevedo, 2009: 86).

1.1.3. O Missionário António Barroso

“O missionário Barroso(...), através da sua acção pastoral e educadora dos povos africanos e indianos foi, a par com outros portugueses, um trovão que despertou Portugal da letargia missionária em que caíra durante boa parte do séc. XIX e do 1º quartel do século XX (Costa, 2007: 31).

“ Ele foi «o maior de todos os missionários modernos. Espírito lúcido, homem prático, habilitado com conhecimentos técnicos (...), activo, virtuoso, de consciência recta (...), focou a questão missionária como ninguém até ali o

tinha feito, e sua orientação (é) manifestada nos brilhantes relatórios»” (Farinha, 1929: 90, in Araújo, 2007: 83).

“Não obstante as carências, o clima e as doenças, a sua actividade missionária e patriótica foi a todos os títulos admirável” (Macedo, 1997: 42).

Aos 26 anos, concluído o curso, o Padre António planeava partir para a Índia, seguindo os passos de S. Francisco Xavier, um modelo de missionário que o inspirava e, com esse objetivo, estudou concanim, língua local (Araújo, 2007-2008: 223; Macedo, 2011: 93). Mas, a morte do arcebispo de Goa, D. Ayres Ornellas, com quem iria trabalhar, condicionou os seus planos, e apenas pisou o solo indiano em 1879, dezoito anos mais tarde.

Entretanto, o franciscano Frei José dos Sagrados Corações, foi a Cernache do Bonjardim recrutar missionários para com ele refundarem a diocese de Angola e Congo, levando consigo três que no futuro ascenderiam ao episcopado: Sebastião José Pereira, Henrique Reed da Silva e António José de Sousa Barroso (Araújo, 2007-2008: 226).

1.1.3.1. Em Angola (1880-1888)

“A missão do Congo foi para o Padre Barroso uma verdadeira escola de vida onde pôs em prática os seus dotes de organizador, de pensador da missão (...) mas também os seus dotes de agricultor, de construtor e de mestre-de-obras com os seus conhecimentos em ciências naturais e geográficas” (Costa, 2007: 33).

A 5.08.1880, um ano após a ordenação, o Padre Barroso (Fig. 46) embarcou no vapor Zaire para Angola, juntamente com outros padres, e com D. José Sebastião Neto, novo bispo da diocese de Angola e Congo (1879-1883) (Araújo, 2007-2008: 226; Macedo, 1997: 46). O desembarque, na baía de Luanda, dá-se a 08.09.1880

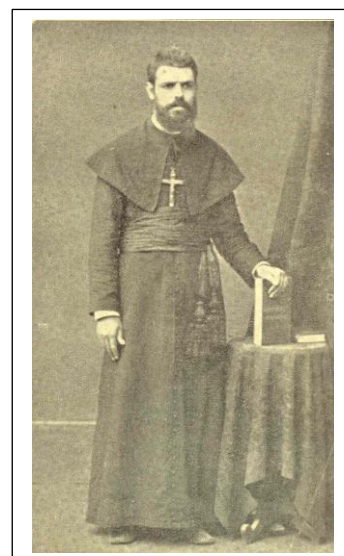


Fig. 46 - O Padre António Barroso, no Colégio de Cernache do Bonjardim, à partida para as missões de Angola, 1880.

Fonte: Macedo (2011: 31); Araújo & Azevedo (2009).

(Brásio, 1961: 348, *in* Macedo, 1997: 46). Enquanto aguardava que se organizasse a expedição, foi nomeado professor de instrução primária na escola da ilha do Cabo (Silva Costa, 2007: 47) e pároco da igreja de Nossa Senhora do Cabo (Fig. 47), na Ilha de Luanda, função que exerceu até 19.01.1881, altura em que embarcou para o Congo para restaurar a antiga Missão de S. Salvador do Congo (Macedo, 1994: 328), com a exiguidade de recursos que o Governador Geral da província de Angola lhe facultou (Braz, 1921: 21).

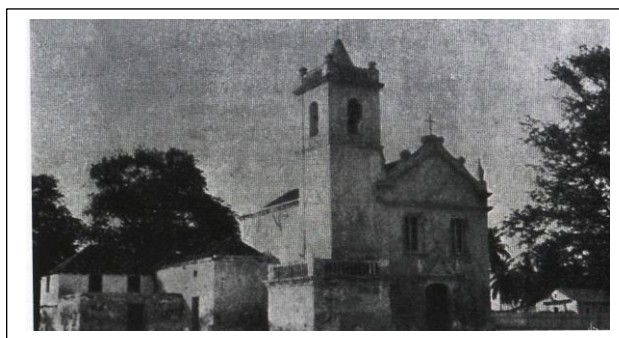


Fig. 47 - Igreja de Nossa Senhora do Cabo da Ilha, Luanda.

Fonte: Trigueiros (2007); Araújo & Azevedo (2009).

“A antiga missão católica, fundada em 1432, e que tinha prosperado tanto que foi a sede da primeira diocese católica na África austral, tinha desaparecido completamente. Das 12 igrejas que ali tinham existido, não restavam sequer as respectivas paredes !!! Do cabido dessa diocese não havia o menor vestígio. E ninguém suporia que ali tivesse havido um Bispo católico (Gomes, 2002: 31).

A 20.01.1881, a canhoeira Bengo zarpou de Luanda para o Congo, carregando a bordo a expedição missionária, de que faziam parte dois carpinteiros, dois ajudantes negros, além de um guarda-marinha, um oficial-secretário e três ordenanças (Macedo, 2011: 24). De Noqui para S. Salvador, a marcha de 150 km, a pé, foi lenta, a uma média de sete horas por dia (Araújo, 2007-2008: 226-228), com *“as gramíneas desenvolvidas despejando água em catadupas, pela manhã, e, de tarde, ferindo-nos como navalhas afiadas”*, segundo o próprio Padre Barroso (Araújo & Azevedo, 2009: 102). Chegado a S. Salvador, das antigas residências dos portugueses, da catedral de S. Salvador e das dez igrejas de S. Miguel, só restavam mesmo ruínas, amontoados de blocos e muito capim a cobri-los, não se justificando a sua restauração (Araújo, 2007: 76). Assim, a sua primeira preocupação foi construir pequenas cubatas para habitar, como atesta o seu primeiro Relatório ao Bispo de Angola em 1881:

“Apenas instalados nas nossas pequenas cubatas, as chuvas torrenciais, que alagam estas regiões, vieram desapidadamente sobre nós, que, pouco preparados estávamos para as receber; as nossas casas de palha pelo seu estado de ruína e pela abundância da chuva, filtravam a água através dos tectos, tornando o pavimento um lamaçal, prejudicando a nossa saúde, que de estado tão anormal ainda hoje se ressentem. Nesta lastimosa situação permanecemos dois meses, estando apenas e sempre mais ou menos doentes” (in Brásio, 1961, in Costa, 2007: 33).

Havia levado consigo de Luanda dois carpinteiros, alguns quilos de pregos e dois ajudantes que faziam de pedreiros mas que não dispunham de ferramentas. Revelando enorme capacidade de trabalho e de organização, e alguns conhecimentos que herdara da adolescência vivida ao lado do pai, carpinteiro, rapidamente construiu uma residência em madeira, uma escola, um pequeno hospital e uma roça que funcionava como escola de trabalhos agrícolas e que fornecia legumes e frutos para alunos, catecúmenos e demais pessoal da missão (Araújo, 2007: 76).

Mesmo assim, a saúde destes europeus cedo se começa a ressentir. O próprio António Barroso escrevia nos seus apontamentos, a 13.03.1881: *“Todos nós, os padres, estamos mais ou menos doentes, sendo eu o que mais tem resistido”* (in Braz, 1921: 31). A 28 do mesmo mês registou:

“Por falta de saúde, nada aponte nos dias que faltam; aqui tudo tem febres, até os pretos vindos de Loanda; desde que chegámos ao Congo, ainda não estivemos talvez um dia sem ter algum doente (...) O Padre Sebastião está outra vez com febres ... vou administrar-lhe os remédios, pois eu sou o medico n’esta casa” (in Braz, 1921: 31).

Em 1883 fundou em S. Salvador um posto meteorológico e as suas observações meteorológicas, sempre pontuais, passaram a ser muito apreciadas em Luanda (Araújo, 2007: 76; Macedo, 2011: 31), facilitando os trabalhos agrícolas.

Além dos trabalhos de construção (Fig. 48), essenciais ao arranque da Missão, tratou de efetuar viagens missionárias ao Bembe (1883) e ao Zombo (1886), e fundou a missão sucursal de Marimba (1884-1885). O trabalho realizado foi registado numa série de relatórios, alguns dos quais ficaram célebres, nomeadamente o de 1881, sobre o estado do Congo, o de 1884, sobre a viagem ao Bembe, e o de 1886, sobre a viagem ao Zombo

(Araújo, 2007-2008: 230). Fez também uma excursão a Macuta e estudou a bacia hidrográfica dos rios Quilo e Luando (Teixeira, 1905: 101, *in* Araújo, 2007-2008: 230).

De facto, “*Não só o preocupou a sua missão de padre português, mas ainda a exploração científica do Congo*” (Brásio, 1965: 732-733).

Tendo o Cónego Barroso concluído, em 30.09.1886, os seis anos de atividade missionária a que estava vinculado, por ter feito os seus estudos no Real Colégio das Missões Ultramarinas, em Cernache do Bonjardim, assistia-lhe o direito a férias no Continente, mas, o Bispo de Angola



Fig. 48 - Imagem do séc. XX da Igreja da Missão de S. Salvador do Congo, da iniciativa do missionário António Barroso.

Fonte: Araújo & Azevedo (2009).

e Congo – D. António Martins Leitão e Castro –, pediu-lhe, por ofício de 13.10.1886, para se manter no Congo por mais algum tempo, à frente da Missão de S. Salvador (Gomes, 2002: 17). Por isso, só no termo de oito anos de serviço efetivo, usou do direito a gozar um ano de licença, que lhe foi concedida em 13.09.1888, embarcando no dia seguinte para o reino, estando em Lisboa, em meados de novembro, para se restabelecer da saúde (Araújo, 2007-2008: 231).

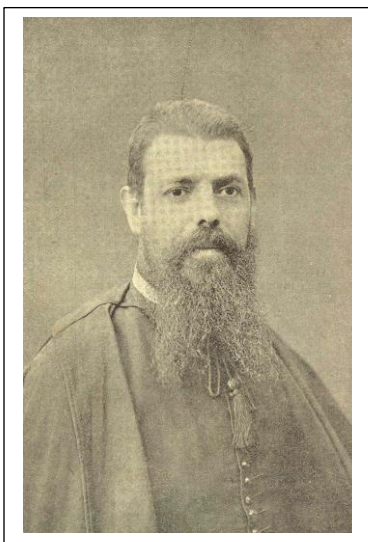
Partiu tão rico como quando chegou: “*Nos anos que trabalhou no Congo, não juntou um tostão e aplicou a totalidade da cõngrua que recebia na manutenção dum grupo de alunos internos*” (Araújo, 2007: 85) carenciados.

1.1.3.2. Em Portugal

A 07.03.1889, proferiu, em Lisboa, na Sociedade de Geografia, uma célebre conferência sobre *O Congo: seu passado, presente e futuro* (Macedo, 1994: 328; Silva Costa, 2007: 48).

“Em 1875 iniciou a sua atividade a Sociedade de Geografia de Lisboa, que agrupou homens de letras, cientistas, oficiais do exército e da marinha, industriais e comerciantes com interesses no ultramar. (...) Uma das suas comissões mais activas era a comissão nacional portuguesa de exploração e civilização de África, ou comissão africana” (Saraiva, 1993: 458).

Neste contexto de valorização da exploração africana, é feito o convite ao missionário Barroso (Fig. 49), que inicia a sua intervenção com um discurso que traça o perfil do missionário africano, onde “*deixa transparecer as suas origens rurais, procedentes da pitoresca povoação de Remelhe, no coração do Baixo Minho*” (Trigueiros, 2007: 9). O missionário deve levar:



“em uma das mãos a Cruz, símbolo augusto da paz e da fraternidade dos povos, e na outra a enxada, símbolo do trabalho abençoado por Deus. Deve ser padre e artista, pai e mestre, doutor e homem da terra; deve tão depressa pôr a sua estola, (...) como empunhar a picareta para arrotear uma courela de terreno; deve tão depressa fazer uma homilia, como pensar a mão escangalhada pela explosão duma espingarda traiçoeira” (Brásio, 1961: 143, in Araújo, 2007-2008: 217).

Fig. 49 - O missionário P.e António Barroso por ocasião da Conferência na Sociedade de Geografia, Lisboa, 07.03.1889.

Fonte: Araújo & Azevedo (2009).

Consideramos muito poética a análise feita por Araújo a propósito desta conferência:

“Nado e criado no minifúndio minhoto, bordou em prosa algumas reminiscências da infância, vivida entre o arado e o tear, e ligou-as, com ponto de cruz, à dura experiência de padre e de explorador, que trazia do sertão do Congo, oferecendo ao selecto público daquela Sociedade este quadro primoroso” (Araújo, 2007: 78).

Desenvolveu, depois, conferências de teor idêntico, no Ateneu Comercial do Porto, no Instituto de Coimbra e em Braga (Araújo, 2007: 78), motivando um lento acordar dos políticos e dos intelectuais portugueses para as causas de África e para as urgências da missionação (Macedo, 1998-1999: 149).

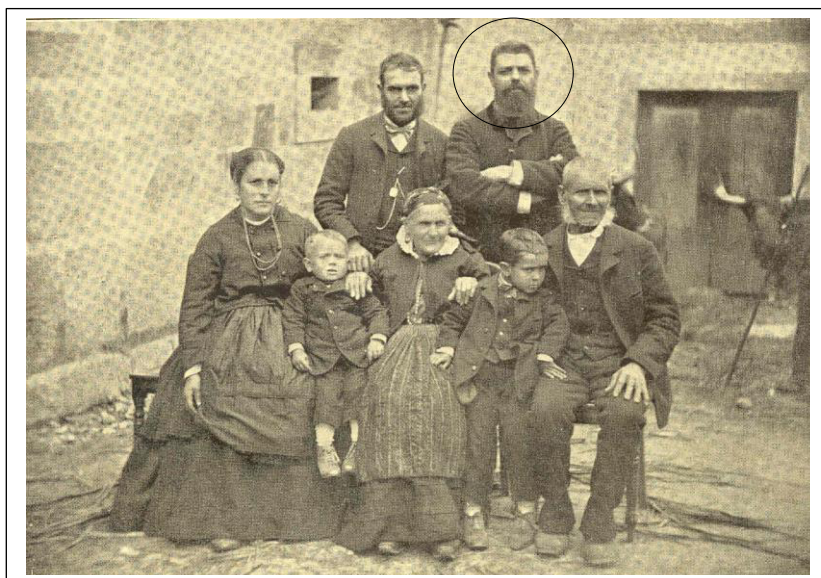


Fig. 50 - O missionário P.e António Barroso, em Remelhe, com os pais, o irmão, a cunhada e os sobrinhos Firmino e António, que teriam nessa data, respetivamente seis e dois anos, julho de 1889.

Fonte:Trigueiros (2007); Macedo (2011); Araújo & Azevedo (2009).



Fig. 51 - O missionário Barroso em Cernache do Bonjardim (1891): à esquerda, com o reitor e os professores; à direita, numa cerimónia de despedida de missionários.

Fonte: Trigueiros (2007); Araújo & Azevedo (2009).

Parte destes tempos foram passados em Remelhe, junto dos pais (casal idoso sentado na Fig. 50) e demais família, e em visitas a Cernache do Bonjardim (Fig. 51).

Entretanto, estando a Prelazia de Moçambique votada, havia várias décadas, ao abandono, é nomeado prelado de Moçambique (Fig. 52) com título de bispo de Himéria (1891–1897), por António Enes, ministro da Marinha de 1891 a 1892 (Araújo, 2007).

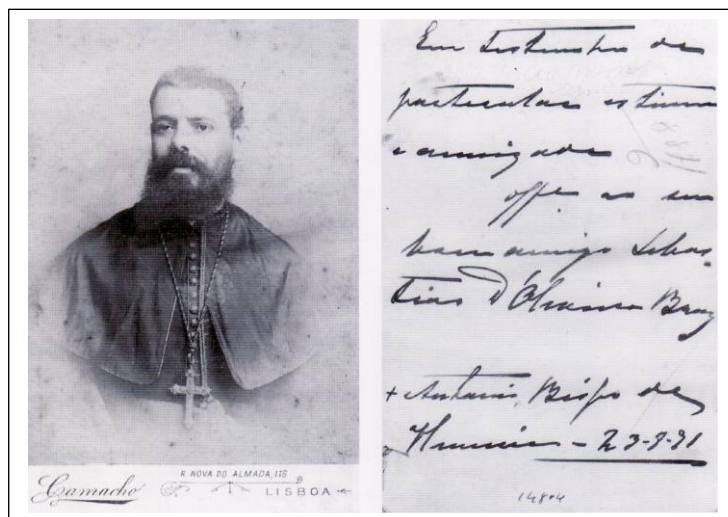


Fig. 52 - António Barroso, Bispo de Himeria, 1891.

Fonte: Cortesia de António Júlio Trigueiros.

“Por decreto de 12 de Fevereiro de 1891 (...) foi o missionário Barroso nomeado Prelado de Moçambique (...) com o título de Bispo de Himeria. Armado com os poucos recursos que o governo pôz á sua disposição e dispondo d’uma força de vontade que se não flectia deante de difficuldades, embarcou para Moçambique, acompanhado de alguns padres” (Braz, 1921: 37).

1.1.3.3. Em Moçambique

“Moçambique era a colónia mais abandonada, no dizer do historiador Fortunato de Almeida. Os políticos achavam que não valia a pena colonizá-la e chegaram a propor no Parlamento a sua venda. Havia mais de 50 anos que ali não residia um bispo. Nenhum queria ir para lá. Nomedos, não iam tomar posse” (Gomes, 2002: 33).

“Só quem tem algum conhecimento prático da África poderá aquillatar com exactidão as difficuldades, contratempos e canceiras, a que o viajante alli se expõe. Chuvas torrencias, calores caniculares, nuvens de mosquitos e outros insectos flagellantes, fugas e latrocinios de carregadores, escassez e pessima qualidade de águas potaveis, precauções a tomar contra provaveis ataques de feras, cacimbas e humidades, de cuja nocividade uma barraca de campanha não preserva, são factores com que o viajante em África tem de contar; e o Bispo de Himeria, com o seu tirocinio do Congo, sabia bem ao que ia expôr-se” (Braz, 1921: 39).

Escreve o próprio: “*Cheguei á ilha de Moçambique e tomei conta do governo d’esta prelazia no dia 20 de março de 1892*” (Himeria, 1895: 29). Esta Prelazia de Moçambique usufruia de recursos deploráveis, como escreveu o insuspeito António Enes: “*o orçamento concedia às igrejas «menos dinheiro do que às repartições para tinta e aparos», havendo «altares onde se celebrava com cálices de mesa e o Cristo era alumiado por cotos de velas espetadas em gargalos de garrafas»*” (Cunha, 1938: 77-78, in Araújo 2007: 79). António Enes foi nomeado Comissário Régio em Moçambique, em 19.6.1891, para presidir à missão que ia dar execução ao Tratado Luso-Britânico de 1891, podendo apreciar no terreno a ação renovadora de D. António Barroso, que repetidamente elogiou (Araújo & Azevedo, 2009).

Residiu na Província de Moçambique apenas três anos e meio, tendo de regressar por motivos graves de saúde, em setembro de 1895 (Araújo & Azevedo, 2009: 127).

“Os estragos a malefícios do clima do Congo, durante oito longos annos ali vividos, acrescidos dos contrahidos em Moçambique, não podiam deixar de produzir em quem tanto se expunha, e a nada se poupava, os seus inexoraveis effeitos.

D’essa pequena e curta viagem [região a norte de Moçambique] regressou a Moçambique tão doente e anemico que o veredictum dos medicos impôs-lhe a retirada para Portugal, que teve de acatar, bem contra sua vontade.

Foi, pois, forçado a embarcar, sem perda de tempo, para a Europa, e no dia 23 de Setembro de 1895, desembarca em Lisboa” (Braz, 1921: 68).

O excesso de trabalho e as péssimas condições em que foi realizado abalaram a saúde de ferro do missionário Barroso (Gomes, 2002: 34). Em 02.10.1892, ao atravessar as terras de Manica, sentiu que o vulgar quinino que tomava não lhe conseguia controlar a febre do paludismo, pelo que quis chamar um médico inglês da vizinha Rodésia, mas teve de desistir por não dispor das 25 libras que o médico cobrava pela deslocação (Araújo & Azevedo, 2009: 220-221).

Duramente afetado pelo paludismo, teve de vir fazer tratamento em Lisboa, donde continuou a dirigir a prelazia, por correspondência, até setembro de 1897; tendo deixado vasta obra no campo religioso e da educação, apesar de não ter disposto de tempo nem de meios para implantar muitas das suas ideias e projetos iniciais (Araújo, 2007: 81).

No que diz respeito à sua obra sabemos que, chegado a Moçambique, António Barroso considera que “*É ocasião de tratar das missões propriamente ditas, que n’esta prelazia estão na infancia, como quasi tudo o que diz respeito á religião catholica e official*” (Himeria, 1895: 44).

Para um melhor conhecimento do território, das populações e seus costumes e crenças, fez cinco grandes viagens (Fig. 53), visitando praticamente toda a grande Prelazia, atingindo lugares que nunca antes tinham sido visitados por outro Prelado (Gomes, 2002: 19). Nas longas viagens, levava um ou dois padres, um funcionário público e uma dezena de carregadores e guias, pelo que arranjar comida para todos era extremamente complicado e disso deixou registo no seu diário.

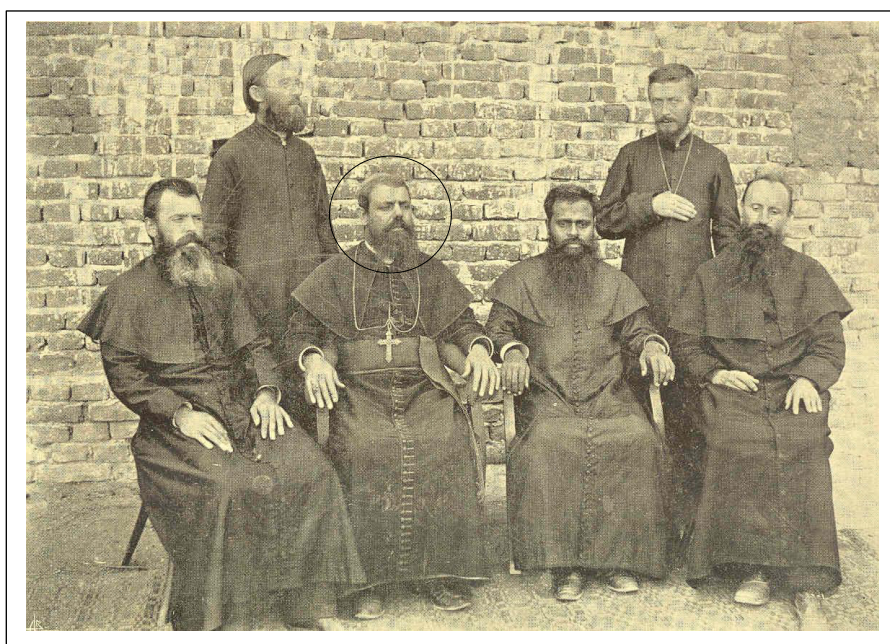


Fig. 53 - D. António Barroso, Bispo de Himéria, em visita pastoral à Zambézia, Moçambique, com missionários de diferentes congregações, 1892.

Fonte: Trigueiros (2007); Macedo (2011); Araújo & Azevedo (2009).

“Passou fome, dormiu ao relento, bebeu água de charcos, sofreu assaltos e febres, arrastou-se por vezes, por falta de dinheiro para consultar um médico, mas nunca desistiu. Era um homem determinado e rijo. Antes dele, nunca algum bispo chegara ao Zumbo e ao Miruro, ou andara pelas proximidades do Niassa, ou demorara 5 meses seguidos no meio do povo (Araújo, 2007: 81).

Esse vasto conhecimento da prelazia deve ter estado na base da criação de uma rede de missões para neutralizar a influência do islamismo, no Norte, e do protestantismo, no Sul de Moçambique.

A sua preocupação com a instrução é outra constante, considerando que *“Infelizmente na nossa África oriental tanto official como particularmente tem havido e continúa a haver o mais soberano desprezo por tudo que seja instrucção e educação”* (Himeria, 1895: 48). Assim se compreende o seu estado de espírito ao escrever:

“Tive o prazer de poder inaugurar, em julho de 1893, o instituto de ensino «Rainha D. Amelia», em Lourenço Marques, sendo muito efficaçamente coadjuvado pelo conselheiro Raphael de Andrade, instituto onde tres irmãs de S. José de Cluny, ministram uma instrucção solida e variada a todas as creanças d’aquella cidade, que d’ella se querem aproveitar, custando ao Estado apenas 500\$00 réis” (Bispo de Himeria, 1895: 60).



Fig. 54 - Instituto Leão XIII, na Cabaceira, Moçambique, fundado em 1895.

Fonte: Trigueiros (2007); Macedo (2011); Araújo & Azevedo (2009).

As primeiras escolas que se criaram em Moçambique são, de facto, da iniciativa de D. António Barroso: Instituto de Ensino Rainha D. Amélia e o Instituto Leão XIII (Fig. 54), ambas dedicadas à educação e instrução femininas (Araújo & Azevedo, 2009: 205).

“... fundou na florescente cidade de Lourenço Marques o «Instituto D. Amélia», confiado á sabia direcção das Irmãs de S. José de Chiny, onde, a par d’uma solidão e educação, as creanças europeias do sexo feminino recebiam o ensino de bordados, linguas, pinturas e musica” (Braz, 1921: 41).

“O surto dado por D. António Barroso à Igreja de Moçambique só encontra paralelo nos tempos actuais. E a sua obra foi tão sólida, tão clarividente, de horizontes tão largos na acção e na doutrina, que não houve senão continuá-la” (Brásio, 1961: 29, in Araújo, 2007: 83).

1.1.3.4. De Regresso a Portugal

Por razões de saúde é obrigado a regressar a Portugal. Na capital, em Lisboa, António Barroso, Bispo de Himéria, continua a preocupar-se com assuntos relacionados com Moçambique.

“Uma viva saudade de Moçambique acompanhou sempre pela vida fóra, mantendo, até à última, relações epistolares com alguns missionários d’aquela Prelazia, e desejando andar sempre ao corrente do que alli se passava no tocante a movimento religioso” (Braz, 1921: 69).

A resolução dos problemas com a colónia passava pela esfera do poder político. Neste período, o liberalismo e o laicismo imperavam nas elites e, muitos dos intelectuais apresentavam-se como anticatólicos e antimonárquicos, identificando a Igreja com a Monarquia (Araújo & Azevedo, 2009: 154). Acrescente-se que, desde o *Ultimato*, a crise era grave e crescia no país um sentimento generalizado contra a Monarquia e contra o próprio Rei, acusados de não haverem prestado atenção aos territórios ultramarinos, tendo, em 31.01.1891, eclodido, no Porto, a primeira revolta republicana. Aos ataques ao Rei andavam sempre associados ataques à Igreja, pois *“a Maçonaria, em fase de ascensão, tinha por ideal o ódio ao trono e ao altar”* (Araújo & Azevedo, 2009: 154).

Pela projecção que adquiria como missionário e como bispo em África, D. António era um símbolo muito forte na luta dos Católicos contra esta nova visão da vida e da sociedade alheada da esfera religiosa e missionária. A força simbólica da sua pessoa acabou por chamar a atenção de alguns políticos católicos, e, a convite destes, aceitou a ideia de que poderia ajudar a despertar a consciência nacional, se tivesse um lugar no Parlamento, aceitando ser candidato a deputado pelo partido Progressista, pelo círculo eleitoral de Barcelos, em 1897 (Araújo & Azevedo, 2009: 154-156).

“No intuito de prestar alguns , ainda que modestos, serviços á Religião de que sou ministro e á Pátria que amo muito, venho declarar a V. Exa. Rev.ma e aos signatários da mensagem citada que acceito a candidatura nos termos da referida mensagem e que empregarei as poucas forças de que posso dispôr, propugnando pelos dois grandes ideaes, que dominam o meu espírito. – a Religião e a Pátria” (Nº 365 de O Commercio de Barcelos, 28.02.1897, in Araújo & Azevedo, 2009: 157).

Esta candidatura foi muito comentada nos órgãos de comunicação da época e deve ter trazido muitos dissabores a D. António Barroso. Na capital, a imprensa afeta ao partido Regenerador acusou o Prelado de andar a semear a discórdia entre os seus patrícios e afirmou que não ficava bem a um *“principe da egreja envolver-se nas luctas politicas (...) acceitou a candidatura por Barcellos, para ficar no reino a gosar n`um remanso octaviano os seus ordenados”* (in Araújo & Azevedo, 2009: 158).

A 02.05.1897 é a ida a urnas que se salda por uma derrota do partido Progressista e por uma série de acusações de fraude, nas nove assembleias do círculo eleitoral de Barcelos. D. António nunca se pronunciou e recusou tomar qualquer atitude pública no final da contenda (Araújo & Azevedo, 2009: 159). Os seus biógrafos, infelizmente para a historiografia futura, retiraram *“esta página das memórias que nos legaram da sua vida”* (Araújo & Azevedo, 2009: 161).

Ainda não totalmente recuperado da saúde, foi nomeado Bispo da diocese de S. Tomé de Meliapor, na Índia, onde havia problemas graves e inadiáveis a resolver (Gomes, 2002: 34). O Estado Português e a Nunciatura da Santa Sé, em Lisboa, estavam preocupados com os desentendimentos entre o Padroado Português do Oriente e a Congregação Fide, em resultado do chamado *“caso Nagory”* (Araújo, 2007: 82).

O *“caso Nagory”* prende-se com a construção da catedral de Sé Catedral de S. Tomé de Meliapor e consequente problema de financiamento e arrendamento. António Barroso ia incumbido de recuperar os terrenos de Nagory, que tinham sido alienados ilegalmente pelo seu antecessor, D. Henrique Joseph Reed da Silva, alienação que esteve na base da sua resignação (Gomes, 2002: 35).

1.1.3.5. Em Meliapor

António Barroso partiu de Lisboa em princípios de fevereiro e em 08.03.1898 estava em Roma (Fig. 55 e Fig. 56), a caminho da Índia onde permaneceu cerca de um ano.



Fig. 55 - D. António Barroso em Roma, 1898.

Fonte: Araújo & Azevedo (2009).



Fig. 56 - D. António Barroso com os Viscondes da
Pesqueira, Roma, 10.05.1898.

Fonte: Macedo (2011); Araújo & Azevedo (2009).

O Papa Leão XIII deu-lhe diretrizes sobre como proceder na resolução dos problemas na Índia (Fig. 57) e ofereceu-lhe “*um lindo cálice de prata dourada com ricos labores*” (Gomes, 2002: 34). Considera Silva Costa (2007: 50) que com este presente a Igreja, através do seu expoente máximo, reconheceu os seus méritos, e expressou o seu agradecimento pelos serviços prestados. Mais tarde, fruto do seu desprendimento, fez uma doação deste presente, que tanto estimava, à Sé Catedral de S. Tomé de Meliapor (Araújo, 2007: 96; Azevedo, 2004: 401; Gomes, 2002: 21).

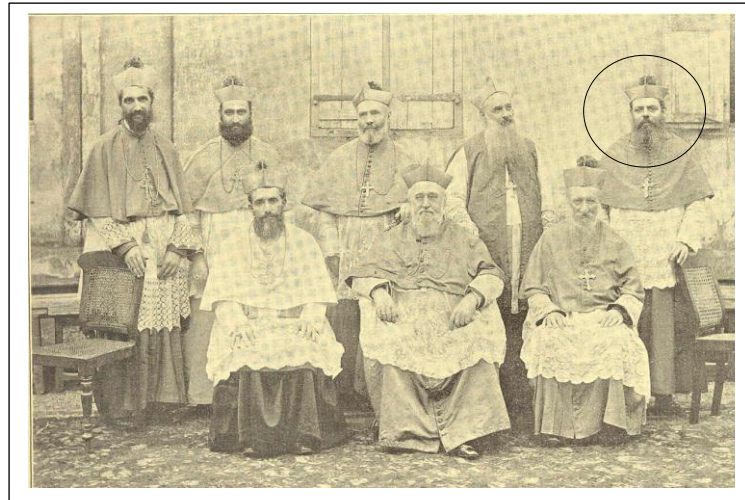


Fig. 57 - D. António Barroso numa reunião episcopal, na Índia.

Fonte: Macedo (2011); Araújo & Azevedo (2009).

S. Tomé de Meliapor era uma diocese mais extensa do que a Península Ibérica (Costa, 2007: 30), no entanto, D. António efetuou a mesma política de reconhecimento do território que o caracterizou em Moçambique tendo percorrido grandes distâncias para encetar as suas 14 visitas (Fig. 58).

“Na Índia, apenas em dois anos, realizou 14 visitas pastorais às igrejas do Maduré, percorreu o vale do Ganges e fez visita às missões de Calentá, expondo-se às neblinas do grande rio e agravando o impaludismo, já crónico, levado de África. Apesar das frequentes febres, percorria, por dois, três ou quatro dias, geralmente em carros de bois, por entre pântanos ou desertos de calor abrasador, o caminho entre as comunidades cristãs” (Azevedo, 2004: 407).



Fig. 58 - Visita pastoral a Meliapor, 1898.

Fonte: Trigueiros (2007); Araújo & Azevedo (2009).

As relações entre a Congregação da *Propaganda Fide* e o Padroado Português do Oriente estavam tensas e a incumbência de António Barroso era a de pôr fim aos conflitos de jurisdição com a diocese de Trichinopoly e Madrasta. Estavam a ser incriminados padres da diocese de Meliapor por realizarem procissões em territórios que o Bispo de Trichinopoly entendia como da sua jurisdição, ou seja, da *Propaganda Fide*. Chegaram a uma concordata, assinada a 15.12.1898, em Trichinopoly, pelos bispos Barthe e Barroso (Azevedo, 2004: 406).

Ficou pouco mais de um ano na diocese de Meliapor e, para além de resolver o “caso Nagory” e uma complexa questão de dupla jurisdição, envolvendo agentes do Padroado e da *Propaganda Fide* “reformou (...) o seminário diocesano, ampliano e dando maior desenvolvimento aos estudos philosophicos, como base fundamental do curso theologico, o qual acrescentou mais um anno” (Braz, 1921: 74), dotou o seminário de uma biblioteca, construiu um convento para franciscanos, cuidou da catalogação do arquivo da diocese, realizou visitas pastorais a igrejas, visitou missões, mandou construir escolas e “para a tudo estender a sua actividade, até a agricultura lhe mereceu cuidados, estimulando e animando o arroteamento dos terrenos contíguos ás egrejas e pertenças d’ellas” (Braz, 1921: 74) aumentando a produção agrícola.

Subescrevendo Araújo: “Orientou, construiu, reformou” (Araújo, 2007: 82-83).

Nomeado bispo do Porto, por decreto de 21.02.1899, regressa a Portugal, passando por Roma para um encontro com o Papa Leão XIII, viaja para Lisboa de comboio, com paragem em França, para uma visita à gruta de Lourdes (Azevedo, 2004: 409-410), lugar das aparições de Nossa Senhora a Santa Benardette, a partir de 11.02.1858 (Macedo, 2011. 158). De Lourdes seguiu novamente de comboio e entrou em Portugal, por Vilar Formoso, a 15 de julho, a caminho de Lisboa.

1.1.4. António Barroso – bispo do Porto

“A minha saúde arruinada em África obriga-me a aceitar a diocese do Porto, que é muito importante em Portugal” (Carta de António Barroso ao bispo de Trichinopoly, in Azevedo, 2004: 408).

A 02.08.1899, D. António Barroso (Fig. 59) dá entrada solene no Porto. O cortejo religioso, festivo e majestoso, saiu da Igreja de Santo Ildefonso e tomou a direção da Sé Catedral, onde D. António assume o governo da diocese e a obediência do cabido (Macedo, 2011. 159).

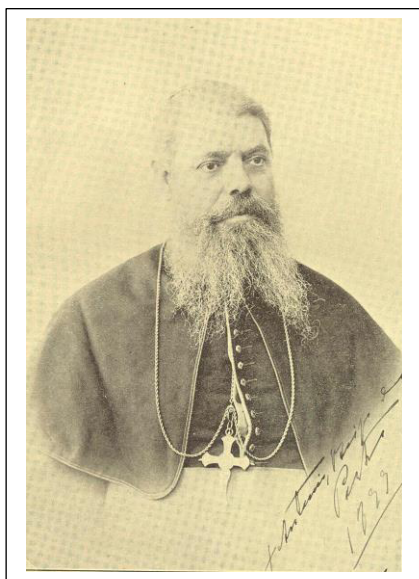


Fig. 59 - D. António Barroso, Bispo do Porto, 1899.

Fonte: Araújo & Azevedo (2009).

“Recebido em Campanhã, encaminhou-se para a Igreja de Santo Ildefonso, em trem tirado a cavalos brancos, seguido por 130 carruagens e um esquadrão de cavalaria 7, que fazia a guarda de honra” (Araújo & Azevedo, 2009: 227).

“Tudo o que eu aqui pudesse contar da recepção que lhe foi feita na estação de Campanhã, na igreja de Santo Ildefonso e no percurso processional até à Sé, seria uma palida sombra da realidade” (Braz, 1921: 77).

Tempos difíceis esperavam o novo bispo (Fig. 60). O caso Calmon foi o primeiro momento de combate. Os contestatários das ordens religiosas procuram destruir os institutos religiosos e o pretexto para agravar as perseguições surge em 1901 com o “*caso Calmon*”: D. Rosa Calmon, de 32 anos de idade, filha de José Calmon, cônsul do Brasil no Porto, recolheu-se numa casa religiosa, sem o consentimento dos pais. Este caso levou os agentes da Maçonaria a mover uma feroz campanha contra as ordens religiosas e o “*governo (...) ia cedendo à onda demolidora, mandando encerrar muitas casas religiosas, como consequência do decreto de 10 de Março*” (Almeida, s.d.: 65-66).

D. António Barroso (Fig. 61) foi o escolhido pelo Episcopado para entregar ao Chefe da Nação uma mensagem a favor das ordens religiosas.

“Em carta colectiva, datada de 23 de Abril de 1901 e entregue pessoalmente a D. Carlos por D. António Barroso, os bispos portugueses expõem claramente a doutrina da Igreja e pedem a interferência do Rei que, no presente estado das coisas, já nada pôde fazer” (Macedo, 2011: 37).

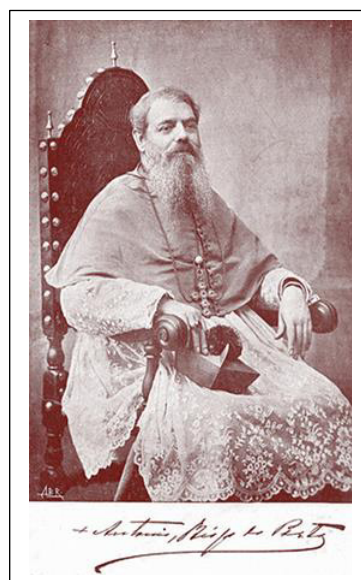


Fig. 60 - D. António Barroso a segurar na mão direita o barrete episcopal quadrangular preto.

Fonte: Macedo (2011); Araújo & Azevedo (2009).

A enorme campanha contra as Congregações Religiosas, acusadas de manipular e desviar as jovens de famílias para a vida religiosa, vai levar a uma nova legislação que obriga ao encerramento de todas as casas de religiosas: “*não podiam viver em comunidade de mais de três pessoas, e os que infringissem esta lei incorriam na pena de desobediência qualificada*” (Macedo, 2011: 37).



Fig. 61 - Os bispos portugueses no 50º Aniversário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição em Braga, 1904.

Fonte: Araújo (2007); Araújo & Azevedo (2009).

Outra batalha se apresentava ao Bispo do Porto, aquando da implantação da República, com “*ataques violentos a instituições católicas e a membros do clero (...) invasões a casas religiosas (...) assaltos a colégios*” (Araújo & Azevedo, 2009: 253).

“*Após a implantação da República abriu-se um novo ciclo histórico nas relações entre o Estado e a Igreja já prenunciado durante a fase de propaganda do movimento republicano nos finais da Monarquia Constitucional. Esse período foi iniciado pela legislação laicizadora do Governo Provisório, após o 5 de Outubro de 1910 e culminou com a promulgação da lei da Separação do Estado das Igrejas (20 de Abril de 1911)*” (Neto, 2004: 17).

Ao ministro da Justiça, Afonso Costa, cabia a direção dos Negócios Eclesiásticos.

“[Afonso Costa] Durante o período de sua governação, decretou uma série de medidas, entre as quais, as leis de carácter anti-clerical e anti-religioso – expulsão dos jesuítas e outros clérigos regulares, arrolamento e nacionalização dos bens das corporações, lei da separação, proibição do uso de vestes talares em público, proibição de procissões fora das igrejas, abolição do juramento religioso nos actos civis, combate aos bispos e outros sacerdotes desobedientes (...). As leis de Afonso Costa eram, sem sombra de dúvida, de perseguição, de ataque à Igreja, ao clero e à própria religião” (Oliveira Marques, 1988: 191).

Vigorava um período de furor legislativo: expulsão dos jesuítas; encerramento de conventos e mosteiros; renovação de leis pombalinas e liberais; abolição do juramento de carácter religioso; suspensão do Bispo de Beja; supressão do ensino religioso nas escolas primárias e normais; anulação das matrículas no 1º ano da Faculdade de Teologia; os dias santos, exceto o domingo, são considerados dias de trabalho; permissão para os governadores civis dissolverem as mesas administrativas das irmandades e confrarias e de as substituir; legalização do divórcio; regulamentação da posse pelo Estado dos bens das extintas corporações religiosas; extinção do culto religioso na capela da Universidade de Coimbra; instituído o Registo Civil Obrigatório (18.02.1911) (Araújo & Azevedo, 2009: 253-254).

“Falar em Afonso Costa, para quase todo o católico bem formado, era o mesmo que falar no diabo (...) Fora o homem que expulsara os Jesuítas, que «correra» com os frades e com as freiras, que deixara sacerdotes a pedir esmola, que proibira as procissões, que deportara os bispos, que criara o divórcio, que insultara, em suma, a consciência católica da nação e promovera a corrupção da família e da sociedade” (Oliveira Marques, 1988: 178).

Neste contexto de perseguição, em que se pretende a subordinação do poder eclesiástico ao poder civil (Ferreira, 1985: 210), impõe-se uma reacção por parte dos prelados. *“Todo este surto legislativo, de cariz marcadamente anticlerical e antireligioso, não deixou de alarmar e amargurar os bispos portugueses”* (Macedo, 1994: 335) que, em novembro de 1910, reuniram-se nas instalações da igreja de S. Vicente de Fora, em Lisboa, onde se encontrava então sediado o Patriarca de Lisboa, e decidiram elaborar um documento sobre a política religiosa do governo provisório

(Gomes, 2002: 43; Macedo, 2011: 177). O dito documento, elaborado pelo Arcebispo de Évora e revisto por D. António Barroso, dá pelo nome de *Carta Pastoral Colectiva*. Impressa na tipografia Veritas de Viseu, no máximo sigilo, é distribuída por todos os párocos portugueses e destina-se a ser lida e explicada aos fiéis católicos, no dia 26.02.1911 (Araújo & Azevedo, 2009: 254). Ao saber da sua existência, o Governo proíbe a sua leitura e o Conselho de Ministros apela ao velho Beneplácito. Na Pastoral Colectiva do episcopado português recusava-se qualquer legitimidade do Governo em matéria religiosa, já que, após a legislação Constitucional, o Beneplácito só se aplicaria a documentos emitidos pela Santa Sé Apostólica (Vieira, 2001: 375 e 381).

“A carta havia saído sem ter sido submetida ao beneplácito do governo. É certo que essa lei tinha raízes históricas e havia sido revigorada pela legislação liberal. Contudo, em relação às pastorais dos prelados, nunca teve execução definitiva e permanente” (Fortunato de Almeida, 1970: 589, in Macedo, 1994: 337).

Como há párocos que persistem na leitura, o ministro Afonso Costa envia telegramas a todos os bispos signatários pedindo imperativamente aos bispos respostas urgentes pela mesma via e, para isso, foram abertas expressamente linhas especiais e gratuitas no telégrafo (Gomes, 2002: 45). D. António, por telegrama oficial, informa que vai recomendar aos párocos da cidade a suspensão da leitura da pastoral e vai convocar uma reunião dos bispos, para acertarem posição uniforme, pois *“na sua opinião, «as pastorais dos bispos não estão sujeitas ao beneplácito», e que a pastoral respeita os poderes instituídos”* (Araújo & Azevedo, 2009: 254-255).

Na sua maioria, os Bispos obedeceram ao Ministro e deram ordens para que a Pastoral não fosse lida, à exceção de D. António Barroso, que só transmitiu a ordem aos párocos da cidade do Porto. Nas áreas limítrofes, a Pastoral foi lida, pelo que vários párocos foram presos (Fig. 62), vindo mais tarde a ser restituídos à liberdade, quando D.



Fig. 62 - Cinco sacerdotes portuenses presos por lerem a *Pastoral Colectiva*.

Fonte: Araújo & Azevedo (2009).

António Barroso assumiu, perante o Ministro, a sua plena responsabilidade pela irreverência destes padres (Gomes, 2002: 45).

O Ministro chamou-o a Lisboa (Fig. 63) e, no dia 07.03.1911, depois de o interrogar, condenou-o a um desterro sem limite de tempo com a proibição voltar ao território da diocese do Porto. D. António manteve a sua posição, alegando que a Pastoral dos



Bispos não carecia do beneplácito do Governo, depois da legislação constitucional, porque não se tratava de um documento da Santa Sé e aceitava e respeitava os poderes constituídos (Gomes, 2002: 45). Após o interrogatório, o Bispo foi levado para o Quartel General, onde passou a noite e, no dia seguinte, foi levado para Cernache do Bonjardim, sob a escolta de um alferes, para ali se fixar e cumprir pena (Araújo & Azevedo, 2009: 259; Macedo 1994: 343).

Fig. 63 - D. António é chamado a Lisboa por Afonso Costa para ser interrogado, 07.03.1911.

Fonte: Araújo (2007); Araújo & Azevedo (2009).

Como reconhecimento aos seus serviços no ultramar e às suas virtudes pessoais, era-lhe concedida a pensão vitalícia anual de 1.200\$000 réis, paga em prestações mensais pelo Ministério das Colónias. Nunca quis receber esta pensão, apesar de lutar contra a falta de recursos, como comprova o seu fiel secretário (Braz, 1921: 98).

Para confirmar a sua força e coragem na luta contra Afonso Costa, lembramos uma célebre frase proferida pelo Bispo Barroso: “*Há duas coisas de que nunca hei-de morrer: de parto e de medo*” (Araújo & Azevedo, 2009: 217).

Ao ser destituído das suas funções de bispo, a diocese é considerada vaga como se fosse por falecimento (Ferreira, 1985: 209), pois “*Perante a hostilidade do bispo ao regime, o Governo destituiu-o das suas funções, desterrou-o para fora da sua diocese e ordenou ao cabido que procedesse como se ele tivesse falecido*” (Neto, 2004: 22).

O projeto republicano visava libertar a sociedade da tradicional influência do catolicismo (Neto, 2004: 18) e D. António Barroso foi o primeiro membro do episcopado português a ser preso e exilado da sua diocese (Fig. 64) por decreto do

governo provisório, com a data de 07.03.1911 e publicado no Diário do Governo do dia 9 de março, nº 55, p. 1000 (Macedo, 1998-1999: 154). A



Fig. 64 - Imprensa da época.

Fonte: Cortesia de António Júlio Trigueiros.

9 de março, nº 55, p. 1000 (Macedo, 1998-1999: 154). A intervenção de Roma não se fez esperar e, a 15 de março, Pio X escreve aos bispos portugueses uma carta apoiando as suas tomadas de posição e reiterando as linhas fundamentais da doutrina expressa na sua pastoral (Ferreira, 1985: 209).

Como a 19 de abril houve uma rebelião no Colégio de Cernache, D. António Barroso não pôde ali continuar. Ficando alguns dias em casa de um médico em Cernache – Dr. Gualdim António de Queiroz e Mello – dali partiu para Remelhe, na companhia do secretário P. Sebastião de Oliveira Braz, para a casa onde tinha feito obras, entre 1904-1906 (Araújo & Azevedo, 2009: 262). D. António Barroso conseguiu uma licença escrita para viver em Remelhe, terra da sua naturalidade, não pertencente à diocese do Porto e não longe da sua sede episcopal. (Macedo, 1998-1999: 154).

“Levantava-se cedo, lia e trabalhava. Aproveitava para dar pequenos passeios, sustentado por um cajado, e trocando amena conversa com os seus conterrâneos. Celebrava missa em sua casa, em capela improvisada, e por vezes na Capela da Casa de Santiago, de Moldes” (Araújo & Azevedo, 2009: 263).

D. António Barroso vai fomentar o espírito associativo e toma parte ativa na fundação de um sindicato agrícola – Sindicato Agrícola de Barcelos –, tendo anexa uma caixa de crédito para os associados (Araújo & Azevedo, 2009: 264). Ao discursar em Barcelos, na inauguração deste Sindicato Agrícola, afirmou que a terra era para as suas energias uma fonte de renovação (Araújo & Azevedo, 2009: 219).

“Dois anos haviam decorrido n’esta situação de desterrado, empregando o tempo que lhe sobrava dos seus labores epistolares e officiaes em combater os rotineiros processos agrícolas dos seus conterraneos, quer pelo conselho, quer pelo exemplo, ensaiando culturas novas, e esforçando-se por desenvolver entre elles o espírito associativo, tão util á população dos nossos tempos (Braz, 1921: 102).

Durante o seu primeiro exílio, em Remelhe, para além de receber amigos (Fig. 65),



Fig. 65 - Visita de pessoas amigas a Remelhe durante o exílio de 1911.

Fonte: Araújo & Azevedo (2009).

procedeu a numerosas ordenações na capela de Santiago, que ele elegeu para sua catedral de exílio (Macedo, 1994:329): 17 ordenações entre 09.07.1911 e 20.12.1913, tendo conferido a ordem de presbítero a 64 sacerdotes, assim distribuídos pelas seguintes anuidades: 23 em 1911, 21 em 1912 e 20 em 1913 (Macedo, 1998-1999: 155).

Durante o cumprimento deste desterro, que ultrapassou três anos, houve um incidente: o Papa S. Pio X incumbiu D. António Barroso de o representar, no dia 24.03.1913, como padrinho num batizado, na freguesia de Custóias, concelho de Matosinhos, dentro da diocese do Porto, numa capela particular. Por

isso, D. António Barroso deslocou-se de Remelhe a Custóias, onde se demorou algumas horas apenas, regressando de novo a Remelhe. Como a pena infligida por Afonso Costa o proibia de ir ao território da diocese do Porto, o Governo mandou instaurar-lhe um processo crime (Gomes, 2002: 54-55).

A propósito da imposição de enfrentar a barra dos tribunais, conta D. António Barbosa Leitão que *“não se perturbou: lançou sobre o peito o crucifixo, companheiro inseparável dos seus trabalhos apostólicos e disse com toda a confiança: «Vamos lá, Senhor. Convosco irei alegre para o cárcere ou para a morte»”* (in Araújo & Azevedo, 2009: 264).

Foi então a julgamento, como réu de delito comum, no Tribunal de S. João Novo, no Porto (Fig. 66), em 12-06-1913, e acabou absolvido.



Fig. 66 - D. António e o seu advogado Dr. Francisco Fernandes à saída do julgamento no tribunal de S. João Novo, no Porto, 12.06.1913.

Fonte: Araújo & Azevedo (2009).

“Pelo exposto e mais dos autos e do direito aplicável, julgo improcedente e não provadas a acusação contra o acusado D. António José de Sousa Barroso, e por isso o absolvo e mando em paz” (Dantas, 1926, in Vieira, 2001: 382).

Empreendeu, dias depois, uma viagem por França, Bélgica, Holanda e Vale do Reno, estudando a vida de instituições sociais e católicas (Macedo, 2011: 186).



“Decorridos tres annos de exílio, surgiu no parlamento (...) uma proposta para ser levantado o anathema que arredava in perpetuum da sua diocese o Bispo do Porto” (Braz, 1921: 107).

Fig. 67 - A entrada de D. António na Sé do Porto, depois do desterro, abril de 1914.

Fonte: Araújo & Azevedo (2009).

A 19.02.1914, a Câmara dos Deputados decidiu que D. António Barroso podia voltar a residir na sua diocese e a praticar atos de culto. Instala-se no Paço de Sacais e regressa à sua Sé do Porto (Figs. 67, 68 e 69).

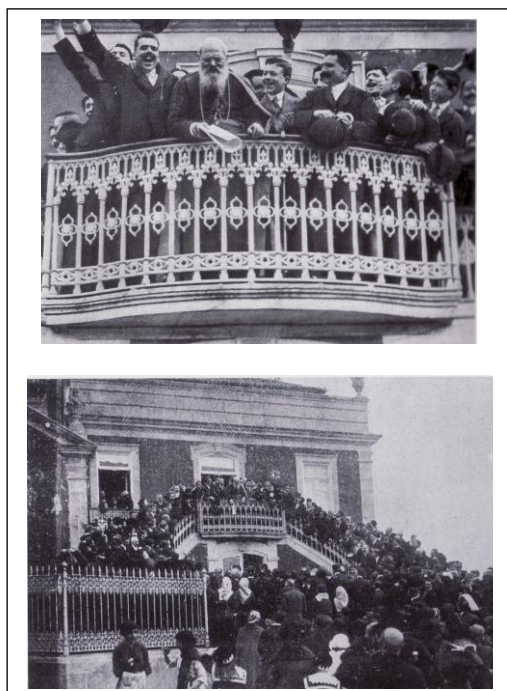


Fig. 68 - D. António Barroso falando ao povo da varanda do paço, abril de 1914.

Fonte: Araújo & Azevedo (2009).

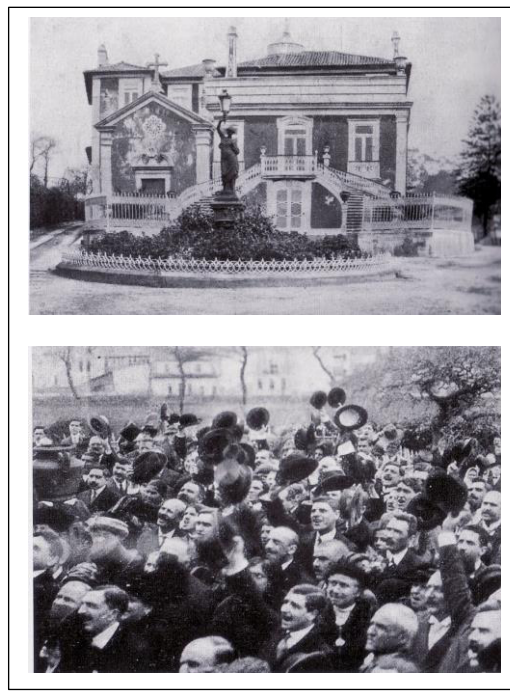


Fig. 69 - Nova residência do bispo do Porto, na Quinta de Sacais (em cima); assistência saudando o prelado (em baixo).

Fonte: Araújo & Azevedo (2009).

No decurso deste três anos de exílio, D. António Barroso envelheceu muito, de modo que,



“ao regressar ao Porto, parecia um venerado velhinho acorcovado, quando então apenas tinha 60 anos de idade! Aos efeitos desgastantes dos trópicos juntou-se o desgaste da amargura num desterro por mais de 3 anos” (Gomes, 2002: 55).

Fig. 70 - D. António Barroso, 1916.
Fonte: Araújo & Azevedo (2009).

Nos primeiros meses de 1916 (Fig. 70) esteve gravemente doente e, no início de fevereiro, está em Remelhe, em convalescença. Em setembro entra novamente num período de agravamento da sua saúde. Em dezembro tem nova crise – *“O mal-estar prolongou-se por Janeiro e o Bispo sente que as forças se vão esgotando e decide mandar chamar o tabelião”* (Araújo & Azevedo, 2009: 271).

A 19.02.1917, uma segunda-feira, D. António manda chamar o tabelião público e apresenta o seu testamento, em três folhas, escrito por outrem, mas assinado e rubricado por ele (Macedo, 2011: 189).

No seu testamento registou:

“Nasci pobre, rico não vivi, e pobre quero morrer. (...) Quero que o meu funeral seja o mais pobre possível. Em exéquias, que me façam, não quero elogio fúnebre, consentindo-o apenas nas da Catedral desta minha diocese de Porto, sob a condição de versar sobre as tremendas responsabilidades do sacerdócio e do episcopado, visto o púlpito não ser para louvar, mas sim, para ensino” (in Macedo, 2011: 189).

Voltou a ser desterrado em 07.08.1917, por causa do caso de Vila Boa de Quires, no concelho de Marco de Canaveses, onde foram instalar-se três religiosas da casa-mãe de Guimarães, *“casa das Capuchinhas”*, que tinha fechado por força das leis da Separação (Araújo & Azevedo, 2009: 217). D. António Barroso autorizou-as canonicamente a instalarem-se, sendo acusado de atentado contra a dissolução das ordens religiosas.

O Decreto de 31 de julho, só publicado no *Diário do Governo* a 3 do mês seguinte, condenava D. António Barroso (Fig. 71), ao abrigo do Artº 146 da Lei da Separação, a

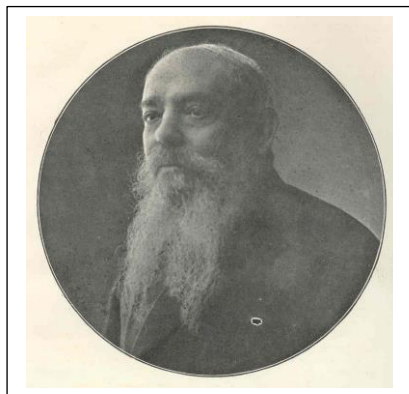


Fig. 71 - D. António Barroso no exílio de Coimbra, 1917.

Fonte:Araújo (2007); Araújo & Azevedo (2009).

dois anos de exílio que não podia ser cumprido nos distritos limítrofes do Porto e Braga. Daí a escolha de Coimbra. Tinha cinco dias, a partir da publicação, para se ausentar (Araújo & Azevedo, 2009: 273; Macedo, 2011: 187).

Este desterro que se iniciou em 07.08.1917, por um período de 2 anos, em Coimbra (viveu mais de quatro meses no Hotel Avenida), terminou em 20.12.1917, com a subida de Sidónio Pais ao poder, que revogou esta condenação (Araújo & Azevedo, 2009: 274).

“Em 1917, Sidónio Pais, anulou os castigos que pesavam sobre prelados e outros ministros da religião e modificou as disposições da Lei de Separação que mais feriam os católicos (Vieira, 2001: 375).

D. António Barroso, bispo do Porto, volta à sua diocese, vindo a morrer na Casa de Sacais, no Porto.

1.1.5. A morte de António Barroso

Na tarde do dia 02.08.1918, aniversário da entrada na diocese, sentiu-se incomodado.

“O que, ao principio, pareceu uma simples indisposição de estomago resolveu-se, dois ou três dias depois, n’uma febre para-typhoide com o seu cortejo de mal-estar e desassocego que as afflecções intestinaes d’aquelle character trazem sempre consigo” (Braz, 1921: 116).

Durante quatro longas semanas só lhe foi ouvido um inofensivo queixume: *«isto vae bem, diz o medico todos os dias; pois a mim parece-me que isto vae mal, e muito mal»* (in Braz, 1921: 116).

“No dia 31de Agosto de 1918, após uma vida inteira de trabalho e dedicação a Deus, à Igreja, aos Homens e à Ciência entrega serenamente a sua alma ao Criador” (Brásio, 1961, in Costa, 2007: 31).

Apesar das agruras vividas, deixou registado no seu testamento: *“De todo o coração, e deante de Deus, perdôo a todos os que voluntariamente me offendera”* (Braz, 1921: 129)

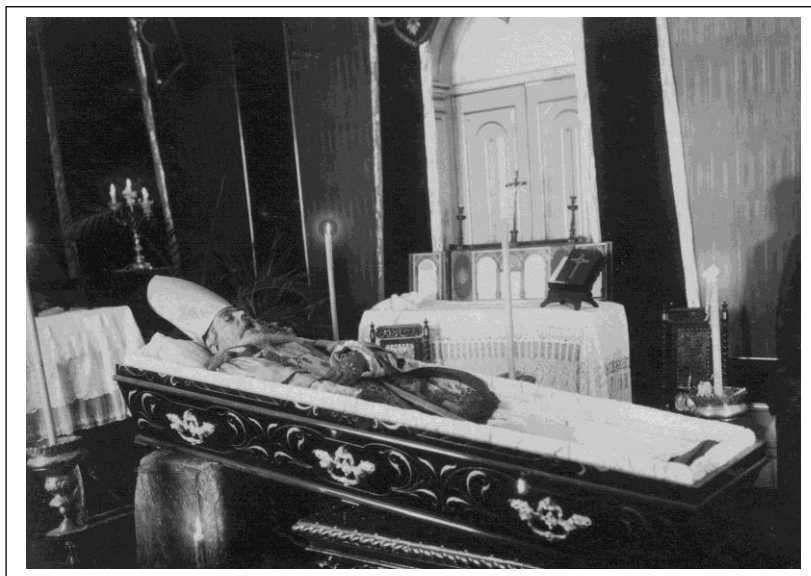


Fig. 72 - D. António Barroso em câmara ardente, 31.08.1918.

Fonte: Araújo & Azevedo (2009).

Apesar de forte, de resistente e de atleta, quando morreu parecia um velhinho, tendo apenas 63 anos (Silva Costa, 2007: 45). *A Voz Publica*, no seu nº 149 de 31.08.1918, escreveu sob a epigraphe:

“Morreu esta madrugada, no Paço de Sacais, o glorioso velhinho, que era o Padre António de Sousa Barroso, o rude pioneiro dos sertões africanos” (in Braz, 1921: 125).

Faleceu na Casa de Sacais, no Porto, a 31.08.1918 (Fig. 72). *“Preparado o cadáver, em harmonia com as disposições do Cerimonial dos Bispos, ficou em câmara ardente desde a tarde do dia 31 até à tarde do dia 2 de Setembro”* (Gomes, 2002: 25).

Durante dois dias, dezenas de milhares de pessoas desfilaram diante do cadáver, *“exposto ao publico, na sala do throno, paramentado com as vestes prelaticias”* (Braz, 1921: 131).

No dia quatro de setembro, pelas sete horas da manhã, o cadáver foi levado para a estação de S. Bento, e colocado em vagão especial, com destino a Barcelos; em Nine, a urna funerária foi confiada aos representantes da Câmara Municipal de Barcelos (Macedo, 2011: 99).

“Também Barcellos, a pittoresca villa do Cavado, não regateou homenagens e manifestações de apreço a este illustre filho seu” (Braz, 1921: 139).

“A meio da manhã do dia quatro de Setembro de 1918, uma quarta-feira, todos os habitantes da vila de Barcelos – ainda não era cidade nesta data – se encontravam junto da estação ferroviária. Esperava-se a chegada da urna com os restos mortais de D. António Barroso.

Chovia torrencialmente, numa daquelas bâtegas poderosas e inclementes, que anunciam o fim do verão. Um verdadeiro temporal. A chuva era tanta, que impediu a organização do cortejo fúnebre, pelo espaço de uma hora” (Macedo, 2011: 44).

O comércio, em sinal de luto, havia fechado as suas portas, e permitia, desta forma, a presença dos seus trabalhadores; as autoridades civis, militares e judiciais, os representantes de todas as agremiações católicas e de todas as associações do comércio



Fig. 73 - O funeral de D. António na igreja Matriz de Barcelos.

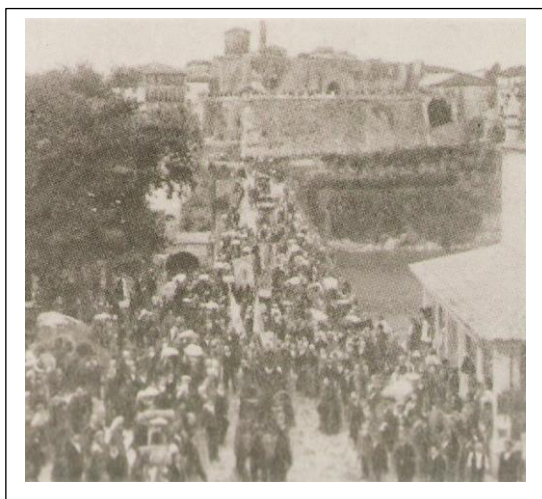
Fonte: Cortesia de António Júlio Trigueiros.

e da indústria, bem como uma multidão anónima espera os restos mortais (Macedo, 2011: 45). Este autor continua a descrição, dizendo que a urna foi retirada do vagão do comboio pelos Bombeiros Voluntários do Porto e colocada numa carreta dos Bombeiros de Barcelos. Passada a chuva e o temporal, é iniciado o cortejo, que seguiu pausadamente em direção à Igreja Matriz, sempre ao som do toque dolorido a finados; iam à frente todas as irmandades e confrarias de Barcelos, com suas cruces e estandartes,

todas as agremiações católicas e todas as pessoas que tinham vindo à estação, bem como todo o clero, com batina e sobrepeliz, sob a presidência do cônego Dr. António Joaquim Pereira, antigo Vigário Geral na diocese do Porto. Chegado o cortejo à Igreja Matriz (Fig. 73), a urna foi retirada da carreta e colocada numa tarimba de talha

dourada, que estava no centro do templo. Aberta a urna, celebrou-se a Missa de Requiem. Faziam guarda de honra os Bombeiros do Porto e de Barcelos.

O corpo do bispo do Porto ficou até ao dia seguinte, quinta-feira, depositado na Igreja Matriz, sendo velado, durante o dia, por grande número de pessoas e durante toda



a noite, por elementos dos bombeiros. No dia cinco é então trasladado para Remelhe (Fig. 74), onde se verifica a “*descida á campa humilde que a seus paes mandara levantar no raso cemiterio da sua aldeia natal*” (Braz, 1921: 139), em 1899.

“*Jaz em modesto tumulo, no cemiterio da humilde freguesia em que nasceu*” (Braz, 1921: 110).

Fig. 74 - O cortejo fúnebre dirige-se para Remelhe, 1918.

Fonte: Cortesia de António Júlio Trigueiros.

1.2. D. António Barroso – Legado

“... este homem, saído do povo simples, de origem rural, mas norteado por horizontes universalistas (...) modelo de missionário e de Bispo(...)” (Costa, 2007: 29).

“Filho do seu tempo, homem atento aos sinais e às mutações, António Barroso revelou sempre uma consciência política e uma apurada consciência cívica. Nos seus escritos (...) é notável a atenção que dedicou às questões sociais (...)” (Araújo, 2007: 71).

António de Sousa Barroso, de postura simples e humilde, com um espírito eminentemente reformador, estudioso dos problemas da evangelização de África, distinguiu-se como missionário e teorizador da ação missionária, tornando-se um dos maiores e melhores missiólogos do século XIX. Movido pelo seu espírito reformador, procurou modernizar os métodos da ação da Igreja na África portuguesa. Na célebre conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa, apresentou uma proposta que iria, mais tarde, revolucionar o universo missionário português: criar uma Congregação ou um Instituto Missionário. Esta ideia deu origem à *Sociedade Portuguesa das Missões*

Católicas Ultramarinas que, por proposta do Episcopado Português, foi fundada em 03.10.1930 pelo Papa Pio XI. Durante algumas décadas foi designada de *Sociedade Missionária Portuguesa*. Atualmente é denominada *Sociedade Missionária da Boa Nova*.

Barroso aliou à função apostólica o gosto pela ciência, sendo dotado de “*Predicados intellectuais e moraes (...) Na geographia, na historia, na zoologia, na botanica, na geologia e ainda na literatura os seus conhecimentos e saber eram invulgares (...) dispunha de grande facilidade de palavra*” (Braz, 1921: 111-112). Os relatórios de 15.7.1881, de 20.1.1884 e de 20.5.1886 e o estudo sobre o Congo (1889), para além do valor apostólico, revelam a sua faceta de cientista, que, em Angola, não perde a oportunidade de estudar a bacia hidrográfica dos rios Quilo e Luando, para além de ter fundado um posto meteorológico.

“Nada escapou á penetração do seu olhar observador. Riquezas vegetaes e mineraes, raças, sua maior ou menor adaptabilidade á civilisação, fertilidade dos terrenos e suas produções, regime dos prasos, deficiencias do funcionalismo e processos antiquados de administração, todos estes assumptos lhe prenderam a atenção e constituíram uma parte importante do seu objectivo” (Braz, 1921: 63).

Preocupado com a instrução em África, principalmente feminina, foi o mentor da abertura do Instituto de Ensino Rainha D. Amélia e do Instituto Leão XIII e reformou instituições existentes.

Homem destemido, de fortes convicções, nomeadamente no âmbito político, defensor acérrimo do regime monárquico, foi um lutador ativo contra os novos valores da Primeira República.

Após a investigação bibliográfica que encetámos no propósito de conhecer o seu percurso de vida, fica-nos a impressão de que até os seus maiores adversários lhe reconheceram o valor e a determinação na luta pelas suas causas, mormente o seu maior opositor: Afonso Costa, arauto dos valores do republicanismo laico e anticlerical, responsável pela Lei de Separação da Igreja e do Estado.

Na defesa dos seus ideais, aceitou ser candidato a deputado do partido Progressista, o que era invulgar em membros eclesiásticos. Fomentou o espírito do associativismo através da sua participação na fundação do Sindicato Agrícola de Barcelos:

”Como homem da sua epocha, era um panigirista do movimento associativo bem orientado, toma cedo parte activa na fundação, em Barcellos, de um syndicato agricola, tendo annexa uma caixa de credito para os associados, que a ella carecessem de recorrer” (Braz, 1921: 110).

Creemos tratar-se de um homem que, apesar dos cargos eclesiásticos desempenhados, apesar dos contactos com a elevada estirpe, quer política, nomeadamente os reis D. Luís e D. Carlos I, quer religiosa, com os Papas Leão XIII e Pio X, não perdeu a postura da humildade, simplicidade e apego às modestas origens. A prová-lo temos a afirmação do seu colega no seminário de Cernache do Bonjardim, depois, seu secretário em África, e, mais tarde, seu ecónomo na Diocese do Porto, Pe. Sebastião d’Oliveira Braz:

“Possuia algumas condecorações [...] nunca as ostentou em público [...] e, apesar de ser largo o seu convívio e innumeradas as suas relações, pouca gente sabia d’essas mercês” (in Araújo & Azevedo, 2009: 214).

As *mercês* referidas são a atribuição do hábito de Cristo (1883), com uma portaria de Pinheiro Chagas (1885), a Comenda de Na. Sra. De Conceição de Vila Viçosa (1886), a Grã Cruz da Ordem de Cristo e a Comenda da Ordem do Busto do Libertador, esta agraciado pelo presidente da República da Venezuela – a mais distinta condecoração daquele país (Araújo, 2007: 104). Apesar de habituado ao trato com as elevadas esferas sociais, não repudiava nem evitava o contacto com os mais humildes.

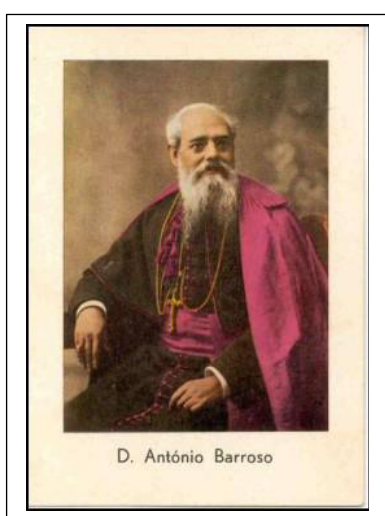


Fig. 75 - António José de Sousa Barroso.

Fonte: Araújo (2007); Macedo (2002).

Despedado de bens materiais, nunca amealhou os rendimentos auferidos, quer em África, quer em Portugal, distribuindo-os em prol dos outros, como aconteceu ao ofertar o cálice de prata dourada oferecido pelo Papa Leão XIII, ou um cordão de ouro que recebeu da sua mãe.

Foi indubitavelmente um homem inteligente, determinado e pragmático, atento à realidade circundante, interventivo em causas religiosas e sociopolíticas, que ascendeu na esfera social, numa

época em que a mobilidade social era quase inexistente: aqueles que nasciam em meios socioeconómicos desfavorecidos, apesar da sua permanente labuta, dificilmente

ascendiam a outros patamares da escala social, pois a instrução era reduzida, os trabalhos mal remunerados, as oportunidades diminutas. António José de Sousa Barroso (Fig. 75), que não nasceu em *berço de ouro*, rompeu os limites do meio campesino, fechado e tradicionalista, singrando degrau a degrau a escala hierárquica do seu tempo.

Precocemente envelhecido, pela dureza das terras africanas, manteve, até à morte, grande lucidez e perspicácia.

“D. António Barroso era o prototypo d’essa nobreza que emana de berço humilde” (O Comércio do Porto, nº 200, 31.08.1918, in Braz, 1921: 127).

1.3. Processo de Beatificação e Canonização

Na Igreja Católica Romana, o processo de Canonização obedece a etapas. A Causa de Beatificação é promovida por um postulador, que atua como uma espécie de advogado, já que investiga a vida do candidato, para avaliar o seu testemunho de santidade. O postulador permanece em Roma, para trabalhar junto da Sagrada Congregação da Causa dos Santos, sendo coadjuvado por um vice-postulador, que se encontra no país de origem do candidato a beato/santo.

Aceite o processo pelo Vaticano (a *Positio*), o candidato assume a designação de *Servo de Deus*; após a declaração da heroicidade de virtudes, é considerado *Venerável*. Confirmado um milagre obtido pela intercessão do *Venerável*, obtém o título de *Beato* e, comprovado um segundo milagre, ocorrido após a beatificação, é-lhe atribuído o título de *Santo*.

No caso em análise, D. António Barroso é já reconhecido como *Servo de Deus*. Aguarda-se uma declaração assinada pelo Papa, confirmando as virtudes heróicas.

“D. António Barroso era para os crentes um santo” (Braz, 1921: 125).

“Desde que entrou no Porto, como Bispo, o povo começou logo a chamar-lhe «Pai dos pobres». Quando, envelhecido antes do tempo, de cabelos brancos e andar vagaroso, passava pelo meio do povo e todos se descobriam respeitosamente, lhe pediam a bênção e diziam: «É um Santo»” (Silva Costa, 2007: 51).

A fama de santidade de D. António Barroso, vinha já dos tempos em que trabalhava como missionário em Angola, onde era amado pela população e levou uma vida de

privações: “*Dormiu, muitas vezes, ao relento, bebeu água nas pegadas dos elefantes, caminhou em pé e em carros de bois, atravessou rios às costas dos pretos, chegando mesmo a cair ao rio*” (Silva Costa, 2007: 51). Os cristãos do Congo, nas suas quezílias ou nos seus diferendos, tinham o hábito de jurar pelo nome do Pe. Barroso (Gomes, 2002: 32). Desde muito cedo revelou caráter e honradez, daí serem usuais, ao longo de muitas décadas, expressões como «*Juro pelo Santíssimo Sacramento e pelo Padre Barroso*», «*Juro pelo sacramento Padre Barroso*», ou, simplesmente, «*Juro pelo Padre Barroso*» (Araújo & Azevedo, 2009: 218).

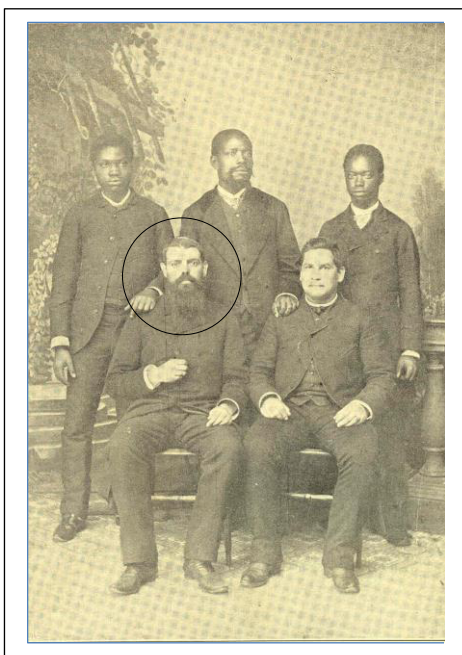


Fig. 76 - Pe. Barroso, Pe. Sebastião Braz e dois filhos e um sobrinho do rei do Congo.
Fonte: Araújo & Azevedo (2009).

Quando após 8 anos consecutivos (e não os 6 a que estava obrigado) de “*missioneação em terras insalubres dos trópicos, se dispôs a vir de férias a Portugal, para recompor a saúde, choraram por ele e fizeram-no chorar por eles!*” (Gomes, 2002: 32). Os próprios filhos do Rei do Congo (Fig. 76), em 1940, deslocaram-se a Portugal e vieram a Remelhe visitar o túmulo de D. António Barroso (Gomes, 2002: 32).

Considera Silva Costa (2007: 52) que António Barroso teve de enfrentar grandes e variados sacrifícios em vida: adversidades em África,

problemas na Ásia, perseguições e exílios como bispo do Porto, que impregnam a sua figura de santidade de uma auréola de martírio.

“A sua fama de santidade é muito anterior à sua morte, e depois desta não mais deixou de aumentar” (Gomes, 2002: 62).

São muitos milhares as graças obtidas por intercessão de D. António Barroso e registadas em livros de visitas. O que acontece é que há muito poucas comprovadas documentalmente, pelo que os milagres propriamente ditos não podem geralmente provar-se (Gomes, 2002: 62).

O primeiro passo do “Movimento Pró-Canonização de D. António Barroso” foi dado em 23.10.1991, na sede da Sociedade Missionária, em Lisboa, num encontro entre o Pe. Manuel Castro Afonso, então Superior Geral dos Missionários da Boa Nova, e o Dr.

José Ferreira Gomes³⁴, advogado de Lisboa, que viria a ser nomeado Vice- Postulador da Causa (S/A, 2013b: 7).

Nesse encontro ficou decidido pedir ao bispo do Porto e ao arcebispo de Braga que recomendassem aos párocos que procedessem à recolha de assinaturas dos fiéis que quisessem juntar-se a esta causa, de forma a averiguar da unanimidade quanto às virtudes de D. António; foi, também, decidido fazer idêntico pedido aos cardeais de Angola, Moçambique, onde foi missionário, e ao bispo de Meliapor, Índia, a primeira diocese que dirigiu (Fonseca, 2015: 7).

A propósito dos contributos para a beatificação de D. António Barroso, cumpre mencionar o desempenho da Associação «*Grupo dos Amigos de D. António Barroso*», muito antiga, que foi legalizada por escritura pública de 18.12.1992, no 4º. Cartório notarial do Porto, e submetida à aprovação do Bispo do Porto; trata-se de um órgão muito ativo que auxilia a Postulação de D. António Barroso (Gomes, 2002: 61).

Por Decreto do Arcebispo-Bispo do Porto, D. Júlio Tavares Rebimbas, de 31.07.1992, foi decidido dar início às diligências para introduzir a Causa de Canonização de D. António José de Sousa Barroso, constituindo-se o Tribunal Eclesiástico e nomeando-se os elementos que haviam de proceder à instrução do Processo (Gomes, 2002: 28; Macedo, 1997: 61; Araújo, 2013: 14). Em 16.11.1992, deu entrada na “*S. Congregação para a Causa dos Santos*”, em Roma, na Praça Pio XII, nº 10, o Processo de Canonização de D. António Barroso, assinado por 14 bispos (Macedo, 1997: 61) e, em fins de novembro de 1994, foi entregue ao Arcebispo-Bispo do Porto o pedido de nomeação de Mons. Doutor Arnaldo Pinto Cardoso, para exercer funções de Postulador residente em Roma, nomeado em 04.02.1995 (Gomes, 2002: 29). Desde essa data o processo decorre nas instâncias romanas, a quem compete reexaminar todos os elementos fornecidos, à luz das últimas normas pontifícias (Macedo, 1997: 62). Só em 2005, depois da Santa Sé analisar a prova documental, compilada em 26 volumes pelo Dr. José Ferreira Gomes (recolha de testemunhos, registos biográficos, arquivos do Vaticano, arquivos particulares, paroquiais, diocesanos e distritais), foi obtida a “*Positio*” e iniciado o processo de beatificação propriamente dito. De seguida, os trabalhos prosseguiram na *Sagrada Congregação para a Causa dos Santos*, em Roma, e ainda no Tribunal Eclesiástico da diocese do Porto (Fonseca, 2015: 7). Acrescenta esta jornalista que faltava um milagre cientificamente confirmado, já que a única cura

³⁴ José Ferreira Gomes (10.06.1915/21.11.2013). Remelhe é a sua terra natal.

“miraculosa” de que há conhecimento é a de um devoto de Vila Verde que recuperou totalmente a visão depois de os médicos terem considerado que seria inútil operá-lo, mas esbarrava-se na inexistência de um processo clínico.

A este propósito, quando entrevistámos o Sr. João Manuel Esteves³⁵, residente em Remelhe, este contou-nos que este milagre aconteceu com Eduardo Pereira que esteve para ser operado no Hospital de S. João, no Porto, mas recuperou (sem intervenção cirúrgica), “*por graça de D. António Barroso*”. Dizia-nos ainda que, se este senhor fosse vivo, hoje teria 85 anos e que foi ele um dos organizadores das primeiras romagens a D. António, como forma de agradecimento pela graça recebida.

“Recentemente, o processo de beatificação e canonização deu um salto qualitativo com a conclusão da fase de inquérito de um presumível milagre.

O processo deste presumível milagre parece estar cientificamente pronto por parte da diocese do Porto” (Araújo, 2013: 14).

A partir daqui, o Tribunal Eclesiástico tinha de entregar ao Bispo da Diocese, D. Manuel Clemente, “*o encerramento do processo em cerimónia a realizar no paço, encaminhando-o depois para Roma*” (Araújo, 2013: 14).

No dia 04.03.2015, no Paço Episcopal do Porto, em sessão pública do Tribunal Diocesano, presidida pelo D. António Francisco dos Santos, encerrou-se o processo relativo a um milagre atribuído à intercessão de D. António Barroso (Afonso, 2015: 1). O presumível milagre julgado no tribunal diocesano do Porto irá completar o processo canónico em Roma. D. António Francisco incumbiu o vice-postulador da causa da beatificação, Doutor Amadeu Gomes de Araújo, de

“levar pessoalmente a Roma os atos do processo, sob sigilo, tal como sob sigilo decorreu todo o processo.

O trabalho do tribunal está protegido por rigoroso segredo canónico e dele nada pode ser divulgado” (Afonso, 2015: 1).

O Bispo do Porto encerrou o processo canónico e enviou-o para Roma (Fonseca, 2015: 7).

O pedido de introdução da Causa da Canonização de D. António Barroso, em 18 de novembro de 1992, foi realizado por um conjunto de dignidades eclesíásticas que prova

³⁵ Elemento do Conselho Paroquial, do grupo coral, acólito e coordenador da catequese, Remelhe.

o empenho das altas hierarquias do clero português na causa da beatificação e canonização de D. António Barroso. Na *Tabela 2*, procedemos a uma listagem com os nomes desses bispos (S/A 2013a: 3).

Tabela 2 - Bispos que assinaram o pedido de introdução da Causa da Canonização de D. António Barroso

Nome	Cargo/Função
♦ D. Júlio Tavares Rebimbas	Bispo do Porto
♦ D. Eurico Dias Nogueira	Arcebispo de Braga
♦ D. António de Castro Xavier Monteiro	Arcebispo-Bispo de Lamego
♦ D. João Alves	Bispo de Coimbra
♦ D. António Baltazar Marcelino	Bispo de Aveiro
♦ D. António José Rafael	Bispo de Bragança-Miranda
♦ D. Armindo Lopes Coelho	Bispo de Viana do Castelo
♦ D. Joaquim Gonçalves	Bispo de Vila Real
♦ D. José Augusto Pedreira	Bispo Auxiliar do Porto
♦ D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga	Bispo Auxiliar de Braga
♦ D. Carlos Francisco Martins Pinheiro	Bispo Auxiliar de Braga
♦ D. António Monteiro	Bispo de Viseu
♦ D. Manuel Pelino Domingues	Bispo Auxiliar do Porto
♦ D. João Miranda Teixeira	Bispo Auxiliar do Porto
♦ D. Gilberto Délio Gonçalves Canavarro	Bispo Auxiliar do Porto

2. Remelhe – a terra de D. António Barroso

2.1. Situação Geográfica

Situada na encosta poente do Monte Remelhe ou Monte Grande, confronta, a norte, com as freguesias de Alvelos e de Gamil; a poente, com Midões e Santa Eulália de Rio Covo; a sul, com Carvalhas e Goios e, a poente, com Pereira. Dista 6,5 km da sede de concelho. Situa-se, ainda, a 18 km a oeste de Braga e tem uma extensão de 5,18 km² (Araújo & Azevedo, 2009: 11). “*Actualmente Remelhe conta uma área total de 6,12 km² , com uma população de 1309 habitantes, alojados em 465 edifícios*”³⁶. A agricultura (com predomínio da produção de vinho, gado bovino e leite) , a indústria

³⁶ <http://www.remelhe.bcl.pt/v3x/historia.html>

têxtil, o calçado e a construção civil são as principais atividades económicas desta freguesia. Segundo informação cedida a 11.08.2015, pelo presidente da Junta de Freguesia³⁷, atualmente, a indústria do calçado tem uma importância igual ou até superior à indústria têxtil em termos de empregabilidade e a sua produção está voltada para a exportação.

2.2. Origem do Topónimo

Explica José Adílio Macedo, investigador, e pároco de Remelhe até outubro de 2014, que a freguesia herdou o nome de *Remellus* ou *Ramellus* – um varão proveniente de *Remi* ou *Rhemi*, ao norte da Gália, região que tem por centro a cidade de Reims – que acompanhou os cavaleiros D. Raimundo e D. Henrique, vindos da Borgonha. Este varão terá assumido a restauração cristã e o repovoamento desta região, acabando por dar o nome a toda a vertente do monte da Vaia, que hoje é conhecido por monte de Remelhe (Macedo, 2002: 16).

Remelhe, cujo topónimo deriva do genitivo *Remiculi*, aparece, nas Inquirições de 1220, como uma paróquia designada por *De Sancta Marina de Remeli*, integrada nas “Terras de Faria” e sabe-se, que, nessa altura, ainda não teria a extensão de território que tem hoje, pois ainda não lhe tinha sido incorporada a freguesia de Moldes, a qual correspondia à velha “*Honra de Molnes*” e que vem também designada por *De Sancto Jacobo de Molnes* neste mesmo documento (s.d.: 148³⁸). Acrescenta Arlindo Cunha que a freguesia de Santiago de Moldes, que ainda no século XVIII (1768) se mantinha, embora já anexa a Remelhe, tem o mesmo nome nas Inquirições de 1220 («Sancto Jacobo de Molnes») e de 1258 («*in collatione Sancti Jacobi de Molnes*») (Cunha, 1999: 158).

2.3. Resenha Histórica

O povoamento da área hoje ocupada pela freguesia de Remelhe recua ao Neolítico, momento em que se construíram os dois **monumentos megalíticos** aqui existentes. Referimo-nos a um que teria existido numa elevação a seguir à capela de Santa Cruz mas que, ao ser vendida a um pedreiro a bouça em que se encontrava, terá sido destruído e transformado em esteios (Macedo, 2002: 14) e a outro (que também hoje já

³⁷ José Manuel Costa Cunha.

³⁸ Barcelos – Freguesias: Remelhe (s.d.). Sousa, A. (coord.). A NOSSA TERRA – Direnor – Comunicação e Divulgação Regional, Lda.

não existe) que se situava abaixo do atual lugar da Portela, num sítio ainda hoje denominado de *Anta*.

Recentemente, dezembro de 2014, um rapaz de 14 anos, quando recolhia musgo para o presépio, num monte contíguo à *Quinta do Paranho*, descobriu gravuras da Pré-



Fig. 77 - Laje granítica com gravuras, Remelhe.

História Recente “*com mais de cinco mil anos, idênticas à Laje dos Sinais, em Carvalhas*” (Granja, 2015b: 5). Informa ainda que o arqueólogo municipal³⁹ confirmou que as gravuras (Fig. 77) estão em “*círculo concêntricos e algumas covinhas, sobre uma laje granítica plana, em tudo semelhantes*” às Lajes dos Sinais, acrescentando que

“a posição no terreno, os motivos gravados e a técnica utilizada remetem-nos para uma relação entre as duas rochas, e permitem perceber melhor a forma como a comunidade interagia com a paisagem desta região há mais de cinco mil anos”.

Granja (2015b: 5) diz que o município já avançou com o processo de classificação arqueológica junto da Direção-Geral do Património Local e que, após acordo com o proprietário do terreno, avançará para ações de divulgação do achado na comunidade.

Nas nossas pesquisas de terreno, conversámos com a Sra Lídia Silva⁴⁰ que nos contou que, há cerca de 70 anos, este monte “*era uma grande pedreira donde saiu muita pedra que foi utilizada para fazer os muros que separávam os campos da Quinta do Paranho*”. Explicou-nos que, para a extração da pedra, faziam com um cinzel um pequeno orifício, na pedra, onde colocavam pólvora, para provocar a explosão que fragmentava a rocha. Questionava ela se outras rochas com gravuras não teriam sido danificadas. Nos anos mais recentes, contava a Sra Lídia, este monte esteve coberto de mato, eucaliptos e pinheiros.

³⁹ Dr Cláudio Brochado.

⁴⁰ Filha do feitor, nasceu e viveu na *Quinta do Paranho* durante 43 anos.

Este monte é propriedade de Maria Isabel Barbosa⁴¹, que afirmou que não se pode responsabilizar por estragos que se possam vir a verificar, apesar da Junta de Freguesia, em nome do Município, lhe ter comunicado o valor arqueológico do achado, de modo a prevenir-se danos ao sítio por eventuais trabalhos ligados à exploração florestal.

Apesar das explorações arqueológicas não se terem verificado em Remelhe, e de muito pouco se saber sobre o seu passado, durante o movimento da reconquista cristã, o território terá sido reocupado, provavelmente por nobres franceses, embuídos de espírito de cruzada, que rumaram em direção à Península Ibérica. Como já foi referenciado, Macedo (2002) destaca a presença de Remi ou Rhemi – um *Remellus* – que assumiu a restauração cristã e o repovoamento humano desta região, tendo dado o seu próprio nome a toda esta vertente do monte da Vaia, hoje conhecida por monte de Remelhe.

O primeiro documento escrito que faz referência a Remelhe data de 1191 e 1192, e diz que Remelhe se situa no sopé do Monte de Faria, no território de Braga e na margem direita do rio de Moinhos, que corre para o Cávado (Macedo, 2002). A partir do século XII, Remelhe passa a ser referida como uma das paróquias da *terra* ou *julgado* de Faria e, em meados do século XVI é alargada com a incorporação da freguesia de São Tiago de Moldes; a paróquia de Moldes, tão antiga que é mencionada num documento do século XI, acabou, porém, absorvida por Remelhe, na sequência de orientações emanadas do Concílio de Trento, que levaram o arcebispo de Braga a decretar a união das pequenas paróquias para incrementar uma vivência cristã mais intensa e unitária (Macedo, 2002: 13). Explica este autor que a incorporação não foi pacífica: as gentes de Moldes não acataram a disposição do prelado, alegando serem em maior número e terem mais rendimentos que Remelhe e afirmando que constituía para elas um grande obstáculo terem de cruzar o rio que separava as duas freguesias, e, depois terem ainda de atravessar o monte para chegar à igreja. D. Frei Bartolomeu dos Mártires respondeu com a provisão de 30.08.1566, ordenando que os curas de Santa Marinha de Remelhe e de São Tiago de Moldes passassem a celebrar as suas missas apenas na igreja de Remelhe. Ainda hoje os habitantes de Torre de Moldes referem-se aos habitantes do outro lado do rio dos Amiais, com a designação “*os da outra banda*”.

⁴¹ Maria Isabel Barbosa é cunhada do atual proprietário da Quinta do Paranho, e foi-nos dito que já lavrou em testamento que este monte, após a sua morte, lhe será deixado, para voltar a integrar a referida quinta. Esta senhora é viúva e os seus dois filhos já faleceram.

2.4. O Caminho de Santiago

O Caminho de Santiago não passa atualmente em Remelhe, mas passa na freguesia contígua (Pedra Furada) a 4 km do cemitério de Remelhe. A tradição oral e Macedo (2002: 15; 2004: 39-41) dizem-nos, no entanto, que na Idade Média os Peregrinos de Santiago percorriam dois caminhos que atravessavam Remelhe. Este assunto será desenvolvido no ponto 2.6.2.1. deste trabalho: *Casa de Santiago e Capela de S. Tiago*.

Questionámos a vereadora do Pelouro da Cultura da CMB sobre a recetividade à alteração do percurso do Caminho de Santiago, de forma a incluir uma passagem por Remelhe, de modo a visitar-se a Capela de S. Tiago (outrora igreja paroquial de Moldes, onde o Bispo do Porto, figura central da nossa tese, como exilado, ordenou vários padres) e o túmulo de D. António Barroso. Elisa Braga, responsável pelo pelouro supracitado, entende que “o Caminho Português de Santiago é um percurso histórico bem definido e consolidado (...) o município não deve alimentar desvios”. Considera que os albergues estão colocados em pontos estratégicos da rota existente e há que zelar pela segurança dos peregrinos: a multiplicidade de rotas representaria um perigo, aumentando o risco dos peregrinos se perderem. Remata dizendo que há que preservar o tradicional Caminho Português e “não será aconselhável os desvios ao caminho oficial”, que está muito bem “balizado e sedimentado”. Esta posição não inviabiliza, segundo a vereadora, a possibilidade do peregrino poder fazer uma exploração a título individual, mas “o Município, em termos logísticos, não tem qualquer interferência”. Estão criadas criações para os peregrinos, por iniciativa própria, fazerem desvios pontuais ao percurso estabelecido:

“A Câmara disponibiliza um guia interativo para os peregrinos de Santiago, com o levantamento do património local de todo o concelho. O peregrino, com esta aplicação ativa, através de um sinal sonoro, toma conhecimento das riquezas na área circundante e, se o entender, pode explorar por conta própria” (Elisa Braga, entrevistada a 02.07.2015).

O Guia Interativo do *Caminho Português de Santiago* consiste numa aplicação eletrónica, totalmente gratuita, que fornece um vasto conjunto de informações, ao longo dos 32 km que atravessam Barcelos, a que o peregrino tem acesso por telemóvel, bastando direcioná-lo para um código disponível no site do Município.

Quando entrevistámos o responsável pelo *Grupo dos Amigos de D. António Barroso de Barcelos*⁴², também o questionámos sobre a pertinência em promover um desvio dos peregrinos de Santiago, de forma a visitarem Remelhe. Segundo ele, não deve ser efetuado nenhum desvio ao percurso estabelecido: “*Tal seria abrir uma exceção, que poderia ser aproveitada por aqueles que pretendem um desvio para a orla marítima, o que seria muito nefasto para Barcelos*”. Também a vereadora do Pelouro da Cultura, aquando do nosso encontro, alertou para esta recente intenção de “*levar os peregrinos pela orla marítima*”.

Na nossa investigação, percebemos que se tem verificado um conjunto de pressões por parte de municípios limítrofes ao concelho de Barcelos, ou até entidades privadas, no sentido de fazer a marcação de trajetos alternativos ou a adulteração do percurso existente, o que poderia vir a prejudicar os interesses do Município Barcelense, daí a falta de recetividade em ponderar o desvio do presente percurso.

Posição diferente tem o atual Presidente da Junta de Freguesia de Remelhe⁴³, que nos informou que, no ano de 2014, dirigiu um ofício à Vereadora Elisa Braga em que solicitava que Remelhe fosse incluído na rota nº 5 da TUREL⁴⁴, de forma a ser visitada a Capela de S. Tiago e espaços associados à figura de D. António Barroso. Mas, explicou-nos, como entretanto se deu a saída do Município de Barcelos da Cooperativa TUREL (que integrava desde 17.02.2006), essa intenção ficou em suspenso. No entanto, diz, não está excluída essa possibilidade e “*os percursos das Rotas de Santiago não são imutáveis*”. De facto, o Caminho de Santiago é constituído por itinerários suscetíveis de sofrerem alterações, tendo em conta a evolução de locais de interesse nos espaços circundantes.

2.5. O património Religioso de Remelhe

Remelhe é uma freguesia que apresenta um património religioso edificado que não sendo extremamente rico é mesmo assim digno de nota.

Sobressai a igreja paroquial edificada no séc. XVIII com altar barroco e teto em caixotões pintados, as capelas de S. Tiago, do Senhor dos Passos e de Santa Cruz, inúmeras alminhas (do Perdigão, do Paranho e da Portela) e os cruzeiros: Paroquial e o de Santa Cruz.

⁴² José Joaquim Silva Mendes (em substituição do Presidente do Núcleo de Barcelos da *Associação dos Amigos de D. António Barroso*, Emílio Faria da Costa, recentemente falecido – 17.05.2015).

⁴³ José Manuel Costa Cunha, entrevistado a 11.08.2015.

⁴⁴ Cooperativa de Desenvolvimento e Promoção do Turismo Cultural e Religioso.

2.5.1. Igreja Paroquial, Capelas e Alminhas

“O espírito religioso dos barcelenses manifesta-se em grau muito elevado na edificação e veneração das igrejas paroquiais, santuários, inúmeras capelas, nichos ou alminhas, cruzeiros e padrões que se encontram espalhados por todas as freguesias deste concelho ...” (Fonseca, 1987a, 42-43).

Igreja Paroquial de Remelhe: A primeira referência escrita que se conhece referente à igreja de Remelhe, «*muito pequena e acanhada, e com insuficiente sacristia*», encontra-se no primeiro *Livro de Visitas* existente no arquivo da Paróquia, que data de 1679 (Macedo, 2002: 23).



Fig. 78 - Igreja de Remelhe construída em 1725.

Fonte: Cortesia de António Júlio Trigueiros.

A antiga Igreja Matriz desta freguesia era um pouco mais ao norte da atual e foi reformada à fundatis e colocada no sítio onde está no ano de 1725 (Fig. 78), por iniciativa do seu pároco José da Silva Fonseca, com donativos dos fregueses (Fonseca, 1987b: 317). Macedo (2002: 27) é de opinião que parte considerável da nova igreja edificar-se-ia sobre grande parte da igreja antiga e usaria os materiais próprios do antigo templo. A Sacristia foi construída à custa dos Padroeiros em 1726 (Fonseca, 1987b: 318) e ainda hoje exerce as funções de apoio e

serventia, ostentando na padieira da porta interior (Fig. 79), a data da sua construção (Macedo, 2002: 27). Em 1788 fez-se a torre, ao lado direito da fachada, onde colocaram os sinos que estavam num torreão de madeira. O altar-mor é em talha dourada, estilo barroco, e os tetos em caixotões pintados, foram feitos depois de 1777 (Fonseca, 1987b: 318).

No pavimento da igreja, ao centro, existe uma sepultura rasa, cuja tampa de pedra tem a seguinte inscrição: – S^a D.R.P. JOSEPH. D. SILVA FONC.^a que pela ação do tempo, já não se leem (Fonseca, 1987b: 318).



Fig. 79 - Data do final das obras da Igreja, Remelhe. Fonte: Cortesia de António Júlio Trigueiros.

No ano de 2001, ficam concluídas as obras de remodelação que deixaram a igreja paroquial tal como ela se encontra hoje (Fig. 80).

“Seu orago he a dita Sancta Marinha e tem tres altares (...). No altar Maior está colocado o Santissimo Sacramento e as imagens de Sancta Marinha padroeira e a de São Joseph. O altar colateral da parte do evangelho he da Senhora da Conceição com a imagem de mesma Senhora e o altar da parte da epistola he de São Sebastião com a imagem do mesmo santo” (Capela & Borralheiro, 1998: 177).

O santo padroeiro ocupa sempre um local de destaque na igreja paroquial – do lado



Fig. 80 - Igreja Paroquial de Remelhe, na atualidade.

direito do altar-mor – e é à volta dele que se estabelece o fenómeno da difusão da fé cristã, sendo a devoção a este muito acentuada (Matos, 1999: 137). No caso em estudo, a padroeira é santa Marinha, que noutras épocas tinha direito a festividade arrojada no dia 18 de julho. Questionadas algumas pessoas, soubemos que o último ano em que foram

realizadas cerimónias festivas à padroeira desta terra foi no ano de 2004.

A Residência Paroquial, ao poente e em frente à igreja, foi construída em 1752 (Fonseca, 1987b: 318).

Capela de S. Tiago: Capela pública, antiga Igreja Paroquial da freguesia de Moldes, situa-se na atualmente designada rua Santiago de Moldes, é pequena, baixa e de arquitetura simples (Fig. 81).

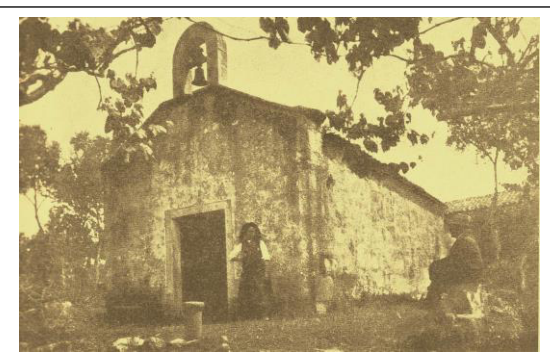


Fig. 81 - Capela de S. Tiago, cerca de 1930.
Fonte: Cortesia de António Júlio Trigueiros.

“No meio do lugar de São Thiago de Moldes e na aldeia de São Thiago há huma capella intitulada são Thiago de Moldes que em outro tempo foi parouquia desta dita freguezia de Moldes e com paroucho sobre si e ainda hoje nella está a pia baptismal que nesse tempo servia e tem dois altares hum de São Thiago e outro da Senhora de Boma Ventura e he administrada pello referido Collegio da Companhia de Braga” (Capela & Borralheiro, 1998: 177-178).

Voltada ao poente, tem sobre a sua porta principal uma sineira com seu sino e, dentro, uma curiosíssima pia batismal, muito antiga (Fig. 82), em granito lavrado



(Fonseca, 1987b: 316). Este autor (1987b: 318) continua a descrição, dizendo que o alto-mor é de bem lavrada talha renascença e os tetos, tanto os da Igreja como os da Capela-Mor, são de castanho com caibros descobertos. Considera que tirando o pavimento, todo em inestético cimento, o seu conjunto, ainda que pobre, é artístico. Por ameaçar ruínas, em 1839 fizeram-se nela obras de pedreiro, carpinteiro e

Fig. 82 - Pia Batismal de S. Tiago de Moldes, na atualidade, Remelhe.

caiador. Atualmente esta capela está muito bem recuperada, como veremos no ponto 2.6.2.1.

Informaram-nos, na nossa pesquisa no terreno, que atualmente a única cerimónia que aqui acontece é a celebração de uma missa no Dia de S. Tiago: 25 de julho.

Capela do Senhor dos Passos: Erigida ao lado da estrada, no cruzamento desta com a Avenida que dá acesso à Igreja Paroquial, com esmolas dos seus devotos, foi cedida à Junta de Freguesia em 1867⁴⁵. É nesta capela (Fig. 83), que se venera a imagem do Senhor dos Passos (Fig. 84), que percorre as ruas na Procissão do Senhor dos Passos, maior festividade de Remelhe.



Fig. 83 - Capela do Senhor dos Passos, Remelhe.

⁴⁵ <http://www.remelhe.bcl.pt/v3x/historia.html>

Na base da cruz que se ergue sobre o telhado tem a data de 1869.

Esta capela é fulcral nas cerimónias da Procissão dos Passos, única festividade comemorada anualmente em Remelhe, que desenvolveremos adiante.



Fig. 84 - Imagem do Senhor dos Passos, na capela do mesmo nome, Remelhe.

Capela de Santa Cruz: Situada na encosta do monte, no extremo da freguesia, é de construção humilde (Fig. 85) e tem sobre a sua porta principal a seguinte inscrição: “*SANTA. CRVS*”. Por cima da fresta, aberta ao lado daquela porta, tem a data 1842 e do outro, no sítio onde devia ter a outra fresta, vê-se uma lápide com a seguinte inscrição: “*A. FESTA. He. NO. PR.º DOMINGO DE JVNHO*”.

Foi construída para assinalar o aparecimento de uma cruz e, por isso, dentro, no



Fig. 85 - Capela de Santa Cruz, Remelhe.

soalho, tem uma abertura feita em forma de cruz e cercada de grades de ferro, para indicar o sítio onde esta apareceu ⁴⁶.

Feita esta breve investigação, partimos para o trabalho de campo. Quando nos dirigimos ao cimo do monte para fotografar a capela de Santa Cruz, na companhia de uma senhora

que teve a gentileza de lá nos levar, conversámos com um senhor nascido e criado nas proximidades da capela, que nos disse que, quando era miúdo, havia ali uma cerimónia anual, no dia 14 de setembro. Hoje, nada se celebra neste espaço, a não ser, no sábado de Ramos, a Via Sacra, que descreveremos no ponto 2.5.3.

⁴⁶ <http://www.remelhe.bcl.pt/v3x/historia.html>

A capela está bem cuidada, fruto da última remodelação a que foi sujeita. Através da pequena janela, é possível ver a grade em torno da cruz, em terra, no chão.

“Nos caminhos e estradas, no campo ou na cidade, à entrada das freguesias ou nos povoados, nas encruzilhadas dos caminhos ou no alto dos montes, encontram-se pequenos monumentos de cariz religioso, recordando as almas dos mortos – são «AS ALMINHAS»” (Matos, 1994: 19).

“Este nome «Alminhas», sempre usado no plural, dá-se a um conjunto formado por um painel e por um nicho, feito geralmente em pedra, encimado por uma cruz” (Matos, 1994: 26).

Alminhas do Perdigão: Encontram-se à entrada da Quinta do Perdigão. A construção é em boa cantaria, desde o chão, com o nicho a meia altura e rematando em arco abatido, com fecho falso. Sobre a mesa erguem-se duas pilastras que sustentam a cobertura saliente e bem trabalhada. Com grades de ferro (Fig. 86), possuem um painel, em madeira, representando Cristo crucificado, com bigode e sem barbas. Por cima da cruz a pomba, símbolo do Espírito Santo, enquanto à direita se encontra S. Francisco e à esquerda Sto. António, com as almas ao fundo (Matos, 1994: 206-207).

Quando nos deslocámos ao terreno, para além de podermos tirar fotografias, pudemos constatar que as pinturas do painel em madeiras, estão de tal mal deterioradas, que não se percebe muito bem o que lá esteve pintado.



Fig. 86 - Alminhas do Perdigão, Remelhe.

Alminhas do Paranho: Estão colocados à entrada do portão da Quinta do Paranho. É um nicho em cantaria, com arco redondo, rematando por dois pequenos coruchéus em forma de pirâmide, com a cruz ao centro (Fig. 87). Têm grades de ferro e caixa de esmolas. Desvirtuando um pouco o fim para que foram construídas, foi-lhes colocado um painel, em azulejo, com a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora (Matos, 1994: 207).

Ao conversar com a zeladora deste nicho, uma senhora de 66 anos, nascida e criada no interior desta bela quinta, onde viveu 43 anos, apercebemo-nos da sua indignação ao



Fig. 87 - Alminhas do Paranho, Remelhe.

saber que em muitos livros aparece a informação supracitada. Relatava-nos ela que este nicho foi construído pelo pai do atual proprietário desta quinta, seu padrinho de batismo. Acrescentou também que a sua irmã, senhora de 70 anos, se lembra perfeitamente da sua construção. Além disso, defende que este nicho nunca teve caixa de esmolas, o que pudemos constatar. Na sua opinião, a confusão resulta de umas outras alminhas, de tempos mais remotos, que existia na outra extremidade da quinta; dizia que ainda se

lembra de lá existir uma bonita pedra arredondada, que acabou por ser surripiada por alguém. Essa sim, dizia a nossa entrevistada, poderia ter caixa de esmolas. Entretanto, soube por um senhor de 77 anos, que se lembra de, por volta dos seus 16 anos, ver o feitor da quinta, que viria a ser seu sogro, ir, de carro de vacas, buscar a pedra necessária para a construção do novo nicho. Por sua vez a sua esposa, filha do feitor, ainda se lembra, no outro lado da quinta, das antigas Alminhas com a respetiva caixa das esmolas. Fica aqui aquilo que acreditamos ser uma reposição da verdade dos factos.

Alminhas da Portela: As Alminhas da Portela (Fig. 88) encontram-se à margem da estrada municipal, no lugar do mesmo nome. Estão assentes num degrau, com a abertura do nicho a meia altura. A cobertura é feita em pedra e remata por uma cruz bem lançada, de braços quadrangulares. Têm grades de ferro e caixa de esmolas. O painel, em madeira, representa Cristo crucificado ladeado à esquerda pela Senhora do Carmo e à direita por S. Miguel; ao fundo estão as almas (Matos, 1994: 207).



Fig. 88 - Alminhas da Portela, Remelhe.

*“Ao percorrer este enorme concelho de Barcelos (...) em toda a estrada e caminho, aqui e acolá, (...) depara-se ora com uma **cruz em pedra**, ora com um nicho com painel representando as almas nas chamas do Purgatório (...)”*
(Matos, 1994: 1).

Cruzeiro Paroquial: O Cruzeiro Paroquial está no largo em frente ao Cemitério e é pequeno, baixo, nada tendo de notável (Fonseca, 1987b: 318). No postal antigo apresentado na Fig. 89 temos ainda o cruzeiro nas proximidades da igreja paroquial e do cemitério (este último, aqui não se visualiza).



Fig. 89 - Cruzeiro Paroquial, no largo da Igreja de Remelhe.

Fonte: <http://www.remelhe.bcl.pt/historia.html>.

Mais tarde, este cruzeiro foi transferido da frente do cemitério para junto da Capela do Senhor dos Passos, no cruzamento da avenida que dá acesso à igreja paroquial.

No pedestal tem a data de 1947 (Fig. 90), sendo provavelmente a data da transferência (Matos, 1994: 206). Trata-se de um exemplar simples assente sobre uma plataforma de dois degraus. O pedestal compõe-se de soco, dado e cornija. A coluna de base e capitel de gosto popular, tem o fuste cilíndrico. Sobre o capitel encontra-se a cruz de braços oitavados.



Fig. 90 - Cruzeiro Paroquial na atualidade, Remelhe.

Cruzeiro de Santa Cruz: No meio de uma bouça, não muito distante da capela do mesmo nome, totalmente desprezado, está o cruzeiro de Santa Cruz, em cimento, de fuste quadrangular, sem qualquer valor artístico (Matos, 1994: 206).

Dizia-nos a senhora que nos ajudou a descobrir o cruzeiro, por entre matos e pinheiros, pois mora nas proximidades, que a avó (se fosse viva teria entre 110-120 anos) lhe contava que, em tempos idos, a procissão saía da capela, vinha dar a volta ao cruzeiro e voltava para a capela. Hoje, dizia ela, nem se vê o cruzeiro no meio do mato, nem o caminho que lhe dava acesso; testemunhámos isso mesmo, como se pode ver na fotografia que lá tirámos (Fig. 91).



Fig. 91 - Cruzeiro de Santa Cruz na atualidade, Remelhe.

2.5.2. Confrarias e Irmandades em Remelhe

“O espírito religioso dos barcelenses manifesta-se em grau muito elevado (...) nas muitas confrarias e inúmeras associações de carácter religioso que existem e continuamente se estão formando” (Fonseca, 1987a: 42-43).

A maior ou menor extensão da freguesia, em geral, dita o maior ou menor desenvolvimento dos cultos e também a extensão das irmandades ou confrarias (Capela & Borralheiro, 1998: LII). Na igreja de Remelhe, havia *“duas confrarias huma do Santissimo Sacramento e outra do susigno ou Nome de Deos”* (Capela & Borralheiro, 1998: 177).

A instituição das confrarias do Santíssimo Sacramento foi ordenada pelo Papa Paulo III, em 1539, é recomendada pelas autoridades eclesiásticas de Braga, nas constituições sinodais diocesanas de 1639 e torna-se obrigatória em todas as igrejas da diocese de Braga, em 1938 (Matos, 1999: 138).

As Confrarias do Subsino são conhecidas, popularmente, pelo nome de *Subsínodo* ou *Sucino*. Etimologicamente a palavra tem a ver com “sino”, dada a sua importância, no tamanho e no som, como um dos signos da freguesia – o sino que tudo anunciava (Braga, 1936, *in* Matos, 1999: 138) e cujo som também sacralizava o espaço paroquial

(Almeida, 1966, *in* Matos, 1999: 138). Na origem deste epíteto, estará, possivelmente, o instrumento de bronze que chama, convoca a assembleia para os atos de culto, isto é, o sino – *signum* (Faria, 2004: 172). Acrescenta Braga (1960, *in* Matos, 1999: 138):

“A confraria laical , a que pertenciam todos os paroquianos e está na origem das nossas juntas de freguesia, tinha, geralmente, o nome de Confraria do Subsino. Ela comandava na Época Moderna toda a vida paroquial no Entre Douro e Minho, desde o arranjo dos caminhos à construção de igrejas”.

As confrarias do subsino estavam voltadas ora para os usos e costumes, práticas religiosas (clamores, missas e devoções) e culto dos defuntos, ora para a administração dos bens da igreja (cera, azeite, alfaias e obras). Eram servidas por homens de bons costumes e pacíficos a quem, em razão das funções que exerciam se apelidavam de “homens de falas”, “homens de governo” e “homens de acórdãos”, pois julgavam pequenas questões entre moradores, governavam a comunidade, estabeleciam acórdãos e representavam os irmãos. Mais tarde estas funções recairiam nas juntas de paróquia, regedores, cabos de ordem, juízes de paz e comissão fabriqueira (Matos, 1999: 141; Faria, 2004: 173).

Com a informação bibliográfica recolhida, partimos para um estudo no terreno, questionando, de forma livre, habitantes da freguesia, sobre o assunto em análise. Escolhemos para o efeito pessoas ligadas às diferentes confrarias: secretário da *Confraria do Senhor*⁴⁷, o tesoureiro da *Confraria da Nossa Senhora da Conceição*⁴⁸, a representante do *Coração de Jesus*⁴⁹, o Sr Augusto Martins⁵⁰ e o Sr Aires⁵¹. Soubemos que cada confraria tem na sua direção três elementos: juiz, secretário e tesoureiro. O mandato é de 3 anos, pelo que em cada ano desempenham uma das funções. Terminado o mandato, para sair, a pessoa arranja outra para a substituir. Segundo o Sr Aires, na *Confraria do Senhor*, a função de juiz é desempenhada pelo “mordomo da cruz” do ano anterior, isto é, pela pessoa que transportou a Cruz na Visita Pascal.

Cerca de 80% dos habitantes de Remelhe contribuem monetariamente para a *Confraria da Nossa Senhora da Conceição* e 90% para a *Confraria do Senhor*. O mais comum é a mesma pessoa estar inscrita nos três organismos supracitados. Em cada

⁴⁷ Torcato Coutinho.

⁴⁸ Manuel Araújo Monteiro.

⁴⁹ Maria Magalhães Faria Senra.

⁵⁰ Elemento do Conselho Paroquial, do grupo coral e Ministro Extraordinário da Comunhão (MEC).

⁵¹ Mordomo da Comissão de Festas do Senhor dos Passos em Remelhe, 2015.

Lugar da freguesia, há pessoas responsáveis pela cobrança anual do valor monetário que cada associado entender ofertar. Dizia-nos o Sr. Augusto Martins que o mais frequente é cada associado contribuir com dois euros e meio. Quanto aos benefícios dos inscritos, soubemos que cada “irmão” falecido tem direito a uma missa todos os meses e, nas cerimónias funebres, à presença da bandeira da Confraria.

O Sr. Augusto Martins informou-nos também que cada confraria tem uma bandeira e estas estão guardadas na igreja, e que estas confrarias não estão oficializadas, pois não constam na arquidiocese de Braga, como acontece com muitas outras existentes noutras terras.

2.5.3. Festividades Religiosas em Remelhe

Desde os fins do século VI e princípios do século VII, propagou-se o costume de atribuir um padroeiro ou um patrono celeste, a todas as igrejas, incluindo as paroquiais, colocando-se estas sob a invocação, preferencialmente, do Salvador, de Nossa Senhora e dos Apóstolos ; depois de Nossa Senhora e do Divino Salvador, uma das devoções mais arraigada era a de São Tiago Apóstolo (Matos, 1999: 134-135).

A igreja de Remelhe está dedicada a Santa Marinha, patrona escolhida por comunidades cristãs muito antigas. É a Santa Marinha de Antioquia, virgem e mártir, com culto existente na Península Ibérica pelo menos desde o século IX, com direito a celebração no dia 18 de julho.

Ao questionar alguns habitantes de Remelhe, ficamos a saber que a última festa, organizada em honra da padroeira da igreja paroquial desta freguesia, remonta ao ano de 2004. Ao tentarmos averiguar as razões que levaram à suspensão desta festividade, na

última década, percebemos que se tratavam de motivos associados a desentendimentos entre a comissão de festas e o pároco, bem como no interior da própria comissão. Atualmente, a única festividade religiosa em que a população de Remelhe se envolve é a **Procissão do Senhor dos Passos**, que passamos a descrever, através da observação participante, aquando da sua realização nos dias 21 e 22 de março (Fig. 92)



Fig. 92 - Programa da festividade.

Fonte: Oferecido por um habitante de Remelhe.

do ano corrente. No sábado anterior ao domingo de Lázaro (quinze dias antes do dia de Páscoa), à noite, após a celebração de uma missa, houve a *Procissão do Silêncio*, em que as pessoas que incorporavam a cerimónia, levavam velas, acompanhando o percurso do andor da Senhora das Dores, que saiu da igreja paroquial, percorrendo a Rua *Padre Campos Lima*, em direção à Capela do Senhor dos Passos, onde a Senhora das Dores permaneceu durante a noite. Observando os presentes, concluímos tratar-se apenas de habitantes de Remelhe. O que nesta cerimónia mais se destaca, por ser diferente, é o facto de delimitarem o percurso da procissão com tigelas de barro no interior das quais colocam velas, dispostas a pouca distância umas das outras. Ao questionarmos um elemento da comissão de festas sobre este assunto, soubemos que usaram cerca de 300 tigelas. O efeito final era muito envolvente: uma avenida ladeada de estandartes roxos, os candeeiros da iluminação pública envolvidos em tecido da mesma cor, as paredes da avenida cobertas de tigelas com velas acesas, o andor da Senhora das Dores, as pessoas em total silêncio com velas na mão ... era, sem dúvida, um momento de fé e reflexão.

No dia seguinte, domingo, dá-se o evento que reconstitui a Caminhada de Cristo até ao Calvário, numa tentativa de evocar a narrativa bíblica da paixão e do encontro de Jesus com Sua Mãe, na Via-Sacra. Neste contexto, são montadas *Estações* ao longo do percurso (Fig. 93).



Fig. 93 - Quatro Estações do percurso da Procissão dos Passos, Remelhe, 2015.

A celebração tem início com uma cerimónia religiosa na igreja: o Sermão do Pretório, proferido por um pároco convidado. De seguida, organizou-se a procissão de



Fig. 94 - Bandeiras, Remelhe, 22.03.2015.

que constava: dois cavaleiros montados em dois belos cavalos brancos, a fanfarra dos escuteiros de Famalicão, as bandeiras das confrarias (Fig. 94), o estandarte e a bandeira nacional, os figurados (Figs. 94) que representavam figuras/cenas bíblicas, o andor do Senhor dos Passos, as entidades eclesiásticas sob o pátio, a banda sinfónica de Montalegre e as pessoas da terra, quer da esfera política, quer as mais envolvidas com as atividades religiosas de Remelhe. Esta procissão sai da igreja paroquial, sobe a rua Padre Campos Lima, percorre uma parte da Rua de Santa Marinha e pára defronte da Capela do Senhor dos Passos, onde é proferido o Sermão do Encontro. A partir deste momento o andor da Senhora das Dores também



Fig. 95 - Figurados na Procissão dos Passos, Remelhe, 22.03.2015.

incorpora a procissão, que vai dar a volta a um pequeno largo denominado de Capela do Simões para, por último, percorrer a Avenida D. António Barroso que dá acesso à igreja paroquial para o *Recolher da Procissão*. É o momento do Sermão do Calvário, proferido defronte à igreja, na presença dos dois andores e demais intervenientes. Assim termina o evento de cariz mais religioso, que é seguido de uma demonstração da fanfarra dos escuteiros, com uma coreografia muito bem elaborada, e uma apresentação da banda sinfónica.

A partir deste momento as pessoas começaram a dispersar, não sem antes passarem pela barracas de doces e farturas, aí instaladas durante o dia festivo.

Ao longo destes dois dias, tentámos, o mais possível, questionar pessoas sobre o evento em análise. Assim, foi-nos dito que noutros tempos o trajeto da Procissão do Senhor dos Passos era diferente, já que o momento do *Encontro* resultava do percurso feito em simultâneo pelos dois andores: o do Senhor dos Passos pela atual Rua *Padre Campos Lima* e o da Senhora das Dores pela atual Avenida *D. António Barroso*, encontrando-se junto à Capela do Senhor dos Passos. A propósito do peso do andor do Senhor dos Passos, transportado aos ombros por seis homens (Fig. 96), pudemos apurar, junto dum habitante da terra, Sr. Loureiro de Miranda, que nos inícios pesava 480kg (80kg por homem) e, mais tarde, sofreu um restauro em que lhe foram subtraídas madeiras de forma a torná-lo mais leve. Dizia-nos o nosso entrevistado que esta



Fig. 96 - Andor do Senhor dos Passos, Remelhe, 22.03.2015.

informação corresponde à mais pura verdade, pois foi-lhe fornecida pelo carpinteiro que se ocupou desta tarefa. Outra diferença, assinalada por alguém com quem entabulámos conversa, é que em tempos idos os figurados eram apenas crianças, o que não se verifica na atualidade, que conta também com adultos. A este propósito, foi-nos possível falar com o Sr. Aires, da Comissão de Festas do Senhor dos Passos, que nos informou

que no ano em análise o número de figurados rondava os 140-150. Por sua vez, uma senhora de 62 anos, Maria Gorete Miranda⁵², relatou-nos que o *Recolher da Procissão*, em tempos recuados, também era diferente, acontecendo no interior da igreja, onde era criada uma última *estação* ao longo da escada que faz a ligação ao primitivo coro-alto, onde se colocavam os figurados, ouvindo o *Sermão do Calvário*. Soubemos ainda que toda a decoração que engalanava o espaço circundante à igreja, noutros tempos era alugada, e hoje, é já pertença da paróquia que, aos poucos, com o dinheiro apurado

⁵² Empregada da residência paroquial até outubro de 2014 e, atualmente, é a responsável pela abertura diária da janela da capela-jazigo de D. António Barroso.

pelas comissões de festas, junto dos paroquianos, foi comprando os adereços necessários, que cuidadosamente são conservados de um ano para outro.

Explicavam-nos as pessoas com quem conversámos “repletas de orgulho”, que se



trata de uma festa muito apreciada pelos habitantes das freguesias circunvizinhas, que honram Remelhe com a sua visita. De facto, pudemos constatar a presença de visitantes de outras freguesias do concelho, principalmente familiares de remelhenses (a convite destes) ou remelhenses a viver noutros locais (encontrámos

Fig. 97 - Postal oferecido na festividade em troca de uma pequena contribuição monetária.

um casal vindo de Ermesinde e outro de Famalicão).

Para rematar a abordagem à maior festividade religiosa de Remelhe (Fig. 97), considerámos obrigatória uma palavra de louvor aos elementos constituintes da *Comissão do Senhor dos Passos*. Em conversa com um dos responsáveis, o Sr. Aires, soubemos que normalmente são 8 mordomos mas, neste ano de 2015, são apenas 6 elementos. Cada mordomo deve cumprir um “mandato” de 2 anos e, ao sair, angaria um substituto, havendo sempre a preocupação de permanecer pelo menos um elemento da comissão anterior, para orientar os iniciantes. Relatou-nos ainda que é extremamente difícil envolver os mais jovens.

Outro momento assinalado em Remelhe, no período da Quaresma, desde há dezoito-vingte anos, no sábado anterior ao *Domingo de Ramos*, é a Via Sacra, que percorre o espaço que medeia entre a igreja paroquial e a capela de Santa Cruz.

Para melhor estudarmos esta cerimónia, entendemos haver necessidade de participar no evento, efetuando o que se denomina de observação participante. Assim, constatámos que, à noite, após uma eucaristia, orientada pelos jovens da terra, as pessoas (não são muitas) saíam da igreja paroquial (Fig. 98) e percorrem catorze *estações*, sendo cada *estação* assinalada através de uma cruz ladeada por três velas. Este grupo de



Fig. 98 - Porta da igreja paroquial, Remelhe, 28.03.2015.

crentes pára em cada estação (Fig. 99) e profere aí uma oração/meditação; chegados à

capela de Santa Cruz, é proferida uma última oração a exaltar a Santa Cruz. Informaram-nos que, noutros tempos, quando o pároco era residente em Remelhe, era proferida uma missa ao chegar-se à Capela de Santa Cruz. Um aspeto a assinalar é que, ao longo do percurso (uma subida ligeiramente acentuada até se atingir o cimo do monte onde está esta capela), os proprietários das casas colocam tigelas com velas acesas, criando um ambiente propício ao ato de fé.



Fig. 99 - Cruzes em madeira que representam as Estações da Via-Sacra em Remelhe, 28.03.2015.

2.6. O Património Associado a D. António Barroso

“Deram o nome a ruas, a colégios e a avenidas. Levantaram-lhe estátuas, monumentos, bustos e obeliscos. Louvaram-no em cartas, em ofícios e em pergaminho (Macedo: 2011: 119).

2.6.1. Património em Barcelos

Pertencendo a freguesia de Remelhe ao concelho de Barcelos, a sede do concelho, desde os inícios do séc. XX, tentou imortalizar o nome de D. António Barroso, quer através da toponímia urbana, quer da edificação de uma estátua honorífica. Além disso, a cidade conta com uma valiosa coleção de numismática que lhe foi doada pelo personagem em estudo.

2.6.1.1. Rua D. António Barroso, 1900

Em Barcelos, a principal rua da cidade, a antiga *Rua Direita*, tem o nome de *D. António Barroso* (Fig. 100), desde 03.01.1900, quando este visitou Barcelos, pela



primeira vez, como Bispo do Porto, descerrando a placa da rua com o seu nome .

“Momento alto foi o descerramento da lápide com o nome de rua D. António Barroso. Duas bandas colocaram-se, no início e no fim desta artéria, tendo tocado à passagem do cortejo” (Pinho, 2007: 128).

Fig. 100 - Rua D. António Barroso, Barcelos, 31.05.2015.

No entanto, a velha nomenclatura – *Rua Direita* – persiste até hoje, o que em nada tira o mérito da personalidade que lhe atribuiu o segundo nome.

2.6.1.2. Monumento de Barcelos, 1931



Fig. 101 - Monumento a D. António Barroso, Barcelos.

A estátua a D. António Barroso (Fig. 101), erigida na Praça Municipal, em frente ao edifício da Câmara, nas costas da Igreja Matriz, é um monumento que glorifica o bispo missionário e a sua ação religiosa e civilizadora (Macedo, 2011: 119).

Este primeiro monumento erguido em homenagem a D. António Barroso, em Barcelos, durante o Primeiro Congresso Missionário Nacional, em 1931 (Pinho, 2007: 137), representa o seu trajeto missionário através do continente da África e da Ásia.

“O Congresso de Barcelos teve também como objectivo homenagear o missionário António Barroso, um barcelense ilustre, natural de Remelhe, onde nascera 77 anos antes” (Boas, 2012: 3).

A ideia de um monumento a D. António Barroso, em Barcelos, foi proposta pelo Padre Alexandrino José Leituga, no momento em que os restos mortais do Prelado se



Fig. 102 - Estátua de D. António Barroso, Barcelos.

encontravam na Igreja Matriz, ao lado da Câmara Municipal (Macedo, 2011: 51). Mais tarde, o jornalista barcelense Albino Leite⁵³, diretor do Semanário *A Folha da Manhã*, resolve assumir a chefia do movimento em prol do monumento. Mas foi sobretudo a partir do ano de 1927, e agora nas páginas de *O Barcelense*, que Albino Leite conseguiu trazer de novo à ribalta a ideia da construção do monumento e levar a Associação Comercial, de que fazia parte, a organizar uma Comissão do

Monumento a D. António Barroso (Macedo, 2011: 51). Este grande impulsionador e o principal divulgador desta obra, não assistiu à inauguração do Monumento, pois faleceu um ano antes (Macedo, 2011: 53).

O Largo D. António Barroso, frente à Câmara Municipal, amplia a velha praça medieval e recorda, com o seu nome e um monumento no centro, inaugurado em 1931, a figura desse celebrado missionário barcelense, falecido em 1918, que foi bispo de Moçambique, de Meliapor e do Porto. A sua estátua foi modelada por Sousa Caldas e a escadaria de vários lanços, ambientada por canteiros, deve-se ao arquiteto Marques da Silva (Almeida, 1990: 48).

⁵³ Albino Azevedo Leite foi jornalista, mesário da Santa Casa da Misericórdia e da Irmandade do Senhor da Cruz, presidente dos Bombeiros Voluntários de Barcelos e um dos fundadores do Sindicato Agrícola e do grupo Alcaldes de Faria. Também foi vereador municipal da Câmara de Barcelos (Macedo, 2011: 51).

O monumento é um conjunto grandioso, constante da estátua de D. António Barroso, de um sopé de grande porte em granito da região (Fig. 102) e de um largo arranjo em escadarias de vários lanços, circundadas por canteiros arborizados e floridos. A figura de D. António, em bronze, encima todo este arranjo monumental. Em dimensão grandiosa, ela ostenta uma cabeça serena de olhar confiante e de barba grisalha, com a cruz episcopal sobre o peito, o chapéu pendente da mão esquerda e batina e capa episcopais (Macedo, 2011: 54). No pedestal, na frente e em baixo, contém dois quadros em bronze, representando povos de várias raças em oração e, inferiormente, a seguinte inscrição: “*DILATANDO A FÉ, O IMPÉRIO – Luziadas Cant. I Est. II*” (Fig. 103) e aos pés da estátua: “*A D. António Barroso. MCMXXXI*”. Dos lados, no mesmo pedestal, tem gravado as datas mais importantes da vida do glorificado. Assim do lado direito: “*MDCCCLIV*”, a do seu nascimento e do lado esquerdo: “*MCMXVIII*”, a do seu falecimento. Na parte posterior a inscrição: “*EREGIDO POR SUBSCRIÇÃO PUBLICA*” (Fonseca 1987a: 174-175).



Fig. 103 - Monumento a D. António Barroso, Barcelos.

Fonseca (1987a) continua a descrição: do sopé do plinto desta estátua desce até à rua *Faria Barbosa* um grande escadório com patamares e guardas em pedra, ao qual o povo pôs o nome de *São Braz Rico*, comparando a sua magnificiência supérflua com a pobreza do escadório que dá acesso à capelinha de S. Braz, em Barcelinhos.

“Pelas 11 horas da manhã do dia três de Setembro, quinta-feira, a nova praça do Município era já um mar de cabeças. Todos queriam assistir à inauguração do Monumento e aplaudir aquele que ele representa e nele fala. Era o momento da grande homenagem ao ilustre filho de Barcelos, ao grande missionário e ao intemerato prelado” (Macedo, 2011: 72).

O dia escolhido para a inauguração foi o mais propício e o mais conveniente. Uma quinta –feira, dia da maior feira do norte, dia em que todo o habitante do concelho tem acesso facilitado à sua cidade (Macedo, 2011: 71).

Aquando do Segundo Congresso Missionário, que celebrava o primeiro Centenário do Nascimento de D. António Barroso, no dia 06.11.1954, houve o descerramento de uma placa significativa desta Comemorações Nacionais (Fig.104) na base deste Monumento a D. António (Macedo: 2011: 108).

Nos tempos de antanho e atuais, no dia da Romagem a D. António Barroso (1º domingo de setembro), bem como em cerimónias realizadas no auditório da Biblioteca ou no da Câmara Municipal de Barcelos, é usual ser feita uma passagem por este monumento, onde se coloca uma coroa de flores e se profere um breve discurso alusivo ao acontecimento, como forma de homenagem à figura de D. António Barroso.



Fig. 104 - Placa comemorativa do Centenário de Nascimento de D. António Barroso.

Isto mesmo pudemos presenciar na Romagem do dia 31.08.2014, que assinalava o 96º aniversário da sua morte, bem como no dia 08.11.2014, numa homenagem para recordar o 160.º aniversário do seu nascimento. Também confirmámos, já que, desde que iniciamos este trabalho, em julho de 2014, temos aqui passado quase diariamente, que “o pedestal da estátua tem sempre arranjos de flores” (Pinho, 2007: 140). Sentimos, então, necessidade de averiguar a origem destes arranjos florais: organismos oficiais ou devotos anónimos? Questionámos a vereadora da Cultura e o responsável pelo núcleo de Barcelos do *Grupo dos Amigos de D. António Barroso* e as respostas foram unânimes: são os devotos de D. António Barroso que colocam flores naturais no pedestal da estátua.

2.6.1.3. Coleção de moedas

“Lego ao Município de Barcelos a minha pobre colecção de moedas, como base de uma mais ampla colecção, que o mesmo Município constitua ...”
(Testamento de D. António Barroso, in Macedo, 2005: 189).

Uma área que sempre interessou a D. António Barroso foi a numismática, e legou à Biblioteca Municipal de Barcelos uma interessante e valiosa coleção de 1.042 moedas

(Gomes, 2002: 212-213). “É o que posso oferecer à minha querida terra” – pode ler-se no seu testamento, num total de mil e quarenta e duas moedas de vários países, e em cobre (Pinho, 2007: 107), com a obrigação de serem expostas (Macedo, 2011: 190).

Atualmente esta coleção encontra-se nas reservas do Museu de Olaria de Barcelos⁵⁴, não sendo visitável. Esta informação foi confirmada pela vereadora da cultura, durante a entrevista que nos concedeu.

2.6.2. Património em Remelhe

Na freguesia de Remelhe há, ainda, um considerável número de edificações seculares e religiosas associadas a D. António Barroso.

“Quizeram formar em volta d’elle o isolamento, e conseguiram apenas tornar conhecida do paiz inteiro a povoação obscuria, onde se refugiára o grande perseguido. Era constante a romagem para lá de gente de todas as cathogorias, e de toda a parte. Do Porto, de Lisboa, de Braga, de Vianna, de Coimbra, etc, era raro o dia em que não appareciam visitantes” (Braz, 1921: 63).

“A partir do séc. XIX e princípios do séc. XX, a história de Remelhe está indissociavelmente ligada à vida de D. António Barroso. O seu exílio nesta freguesia trouxe o seu nome para a ribalta, consagrando-a como a terra do Grande Missionário e Bispo” (Pinho, 2013: 3).

Outros monumentos aí estão, como a casa onde nasceu, a residência onde viveu, o jazigo onde os seus restos mortais desceram e a capelinha onde os seus despojos mortais permanecem, para veneração dos seus devotos e amigos” (Macedo: 2011: 82).

2.6.2.1. Casa de Santiago e Capela de S. Tiago

A Casa de Santiago, onde nasceu António Barroso, mesmo junto da igreja da extinta freguesia de Moldes, hoje capela de S. Tiago, que tinha por titular um dos mais antigos padroeiros de comunidades cristãs, ficava situada entre dois dos mais antigos caminhos de Santiago, com os quais comunicava diretamente: o caminho do monte (certamente o

⁵⁴ Agradecemos esta informação à Dr.ª Cláudia Milhazes, diretora do Museu de Olaria de Barcelos.

mais antigo), ainda hoje conhecido por *Estrada da Rainha* e o caminho do vale (provavelmente posterior) que conduzia os peregrinos do Porto, por Rates, até Barcelos (Macedo, 2004: 39-41).

Ainda hoje se sabe localizar a via ou estrada medieval, designada pelo povo de *Estrada Real* ou *Estrada da Rainha*: vem das Carvalhas, passa pelo monte de Torre de Moldes, segue por detrás da quinta do Paranho e passa pela capela de Santa Cruz (tratadas no ponto 2.5.1.). Muito utilizada na Idade Média, foi um dos conhecidos Caminhos de Santiago, com pousada e hospedaria junto da Igreja de Santiago de Moldes (Macedo, 2002: 15).

“Por aquele caminho bem antigo passaram ao longo dos séculos muitos peregrinos em direcção a Compostela, os quais se serviam da Casa de Santiago, como estância de acolhimento” (Araújo & Azevedo, 2009: 11).

Esta seria a via mais antiga, mas havia uma outra, que corria pelo sopé do monte da Franqueira, vinda de Rates, e que passava por Góios e Pereira, indo até Barcelinhos e ao lugar de Mereces.

A Casa de Santiago, aceitaria os peregrinos dum e doutro caminho e,

“constituiria uma estalagem ideal para os peregrinos descansarem das jornadas anteriores e restabelecerem as forças necessárias para a passagem do Cávado e para a continuação da viagem até Compostela” (Macedo, 2004: 40).

Por isso, ainda hoje a arquitetura desta casa condiz com a da antiga igreja (e atual capela), *“quer nas suas escadarias interiores, quer nas colunas da varanda, quer na disposição das salas, quer nas pinturas parietais de alguns dos seus aposentos”* (Macedo, 2004: 41).

No decorrer da nossa investigação, procurámos o atual proprietário da Casa de Santiago, Sr. Mário Simões, que nos facultou uma visita ao interior da mesma, partilhou connosco todas as histórias que conhecia e permitiu-nos tirar as fotografias que entendessemos. Assim, estivemos na sala cujas paredes ainda conservam pinturas muito antigas, infelizmente muito deterioradas (Fig. 105, parte superior); era aqui que se localizava a cama aquando da entrevista à amiga de infância de D. António Barroso, Ana Joaquina Senra (ponto 1.1.2.1. deste trabalho), antepassada do nosso entrevistado. Neste compartimento há uma grande e antiga cómoda (Fig.105, canto superior direito)

onde a gaveta do canto superior direito é chamada de “gaveta do D. António”, já que aqui se guarda todo e qualquer documento que a ele se refira. Ainda recentemente, o Sr Mário encontrou uma carta de um governador do Brasil, dirigida ao D. António Barroso.



Fig. 105 - Interiores da Casa de Santiago, Remelhe, 02.04.2015.

Ao passarmos no estreito corredor da casa, pudemos ver uns cubículos, onde descansavam os peregrinos doutros tempos. Foi-nos mostrada uma imagem de D. António Barroso, oferecida pelo jornalista do *Diário do Norte*, pouco tempo depois da

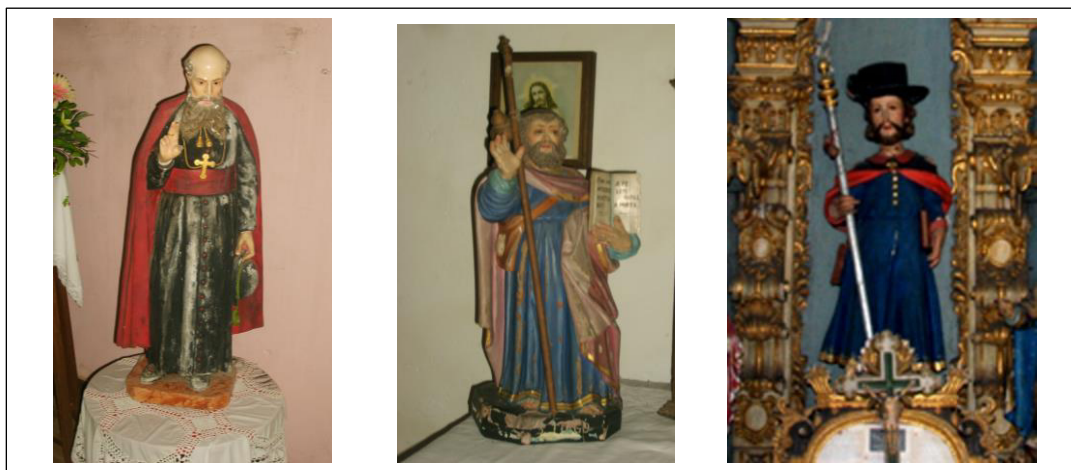


Fig. 106 - Imagens: D. António Barroso e S. Tiago, Casa de Santiago; S. Tiago, Capela de S. Tiago, Remelhe.

entrevista de 03.08.1951 feita à bisavó do nosso entrevistado, Ana Joaquina Senra – assunto abordado no ponto 1.1.2.1. – que estava guardada, pois a família da Casa de Santiago entendia que o rosto não estava nada parecido com o Sr. D. António; o atual proprietário tem-na agora exposta, num dos compartimentos da casa (Fig. 106, lado esquerdo). A este propósito, o Sr. Mário mostrou-nos uma imagem muito antiga de S. Tiago, em madeira, que, segundo ele, “*é a peça de maior valor desta casa*”(Fig. 106, ao centro). Diz-nos também que esta peça costumava ser emprestada para incorporar a procissão que saía da capela de S. Tiago e ia até à igreja paroquial, no dia da padroeira Sta Marinha, já que o pároco a preferia à imagem do S. Tiago com chapéu, que está na Capela de S. Tiago (Fig. 106, à direita).



Fig. 107 - Casa de Santiago na atualidade, Remelhe.

percebemos que as pessoas que atualmente vivem nas redondezas, sempre ouviram dizer às antigas proprietárias (*as senhoras de Santiago*⁵⁵) que essa escada existiu. Relatou-nos o Sr. Mário Simões que as tias (*as senhoras de Santiago*) contavam que D. António se paramentava na sala (que nos pareceu o melhor compartimento da casa, com um lindo teto em madeira, muito danificado, e uma pia em pedra onde o bispo lavava as mãos – Fig. 108), contígua à cozinha, onde a atual janela seria a porta por onde se acedia à capela, a cerca de 3 metros de distância, na parede visível na Fig. 107. Esta porta não é do tempo das tias, mas elas sempre ouviram falar da sua existência.



Fig. 108 - Pia para lavar as mãos, na atualidade, Casa de Santiago.

⁵⁵ Antigas proprietárias da Casa de Santiago: Margarida Senra Simões (1921/2007) e Júlia Senra Simões (1923/2012).



Nesta cozinha, uma peça para a qual foi chamada a nossa atenção, foi um pote em ferro (Fig. 109), ainda hoje em uso, com mais de 200 anos.

Fig. 109 - Pote em ferro, Casa de Santiago, Remelhe.

Esta casa era pertença da família Vale Vessadas, desde 1805, devido ao casamento da sua única herdeira, na capela de S. Tiago, com um elemento desta família. Este casal, a partir de 1812, deixou de habitar aqui, mudando-se para a sua casa de Barcelinhos, onde eram morgados (Trigueiros, 2007: 14). A partir desta altura, a casa fica entregue a caseiros-feitores: *“Os aposentos principais estavam reservados aos senhores da casa, enquanto os caseiros ou feitores ocupavam as dependências periféricas”* (Macedo, 2004: 53). Como abordámos noutra capítulo



deste trabalho, foi neste contexto que os caseiros subarrendaram uma dependência, contígua à eira, aos pais de António Barroso, que aqui acabou por nascer (Fig. 110).

Fig. 110 - Dependências da Casa de Santiago, na atualidade.

Casa de lavoura, enobrecida (Fig. 111), com portal fronho barroco, em 1786, pelo seu senhor José da Silva Santiago, juiz e guarda-mor da Alfândega de Vila do Conde (S/A, 2013d: 8).



Fig. 111 - Fachada da Casa de Santiago, na atualidade.

Quando visitamos os aposentos (varandão) onde nasceu António Barroso, o que mais sobressaía era a pobreza do exíguo espaço, onde subsiste a lareira e o forno (Fig.112).



Fig. 112 - Aposentos onde nasceu D. António Barroso, na atualidade.

O atual proprietário da Casa de Santiago desabafou connosco que precisava de muitos milhares de euros, de que não dispunha, para investir nesta casa, e que o seu grande desejo, após a beatificação de António Barroso, era torná-la “*uma casa de acolhimento de peregrinos de Santiago*”.

Quando nos despedimos do Sr. Mário, ele contou-nos que tem uma autêntica paixão por esta casa, de que nunca se irá desfazer, até como forma de homenagem às suas tias que o tornaram seu herdeiro: “*mais depressa vendia a minha casa e vinha morar para cá*”.

A atual capela de S. Tiago (Fig. 113) foi outrora sede de uma antiga paróquia – Paróquia de S. Tiago de Moldes – já referida no Censual do bispo D. Pedro (1084-1091) e nas Inquirições de 1220 e 1258. Foi unida à Paróquia de Santa Marinha de Remelhe por provisão do arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, em 30.08.1566, passando a Igreja de S. Tiago à categoria de capela pública (Macedo, 1998: 154). Nesta capela, antiga Igreja Paroquial, conferiu por vezes ordens sacras o bispo do



Fig. 113 - Capela de S. Tiago na atualidade, Remelhe.

Porto, D. António Barroso, quando do seu exílio da diocese (Fonseca, 1987b: 316). De 1911 a 1914, durante o exílio de D. António, serviu esta capela de catedral, pois aqui se realizaram 17 ordenações gerais (Macedo, 2011: 105). Escreve um dos seus ordenados:

“Hospedávamo-nos no hotel Vinagre, um hotel que ficava perto da estação. Dali abalávamos, de manhãzinha, em direcção a Remelhe e entrávamos na casa do nosso bispo. Descíamos depois a uma ermida, pequenina e baixa. Era a capela de S. Tiago, antiga igreja paroquial, extinta em meados do século XVI por D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Já connosco o envelhecido bispo, apoiado numa cana da Índia,(...). E nós éramos ordenados numa cerimónia clandestina, obscura e comovente, evocadora dos tempos apostólicos em Damasco, em Antioquia, nas Catacumbas ...” (in Macedo, 2011: 97).

Um dos trabalhos práticos que esta investigação acarretou, foi uma visita à capela em análise, quer para fazer um pequeno registo fotográfico (Fig. 114), quer para conversar com a ex e com o atual zelador deste espaço.



Fig. 114 - Imagem de S. Tiago, Capela de S. Tiago, Remelhe.

A primeira (D. Lurdes Penedos), a pedido da idosa tia do seu marido (proprietária da Casa de Santiago) cuidou da capela, cerca de 10 anos, no período anterior às obras de restauro, em 2010. Segundo nos contou, ao longo do ano, muito poucos eram os visitantes deste espaço. No entanto, considera que a fé em D. António tem aumentado, o que se comprova pelo número de pessoas que incorporam a Romagem anual, à capela-jazigo, para agradecer graças recebidas.

O atual zelador, Sr. Manuel Alves, corroborou que as visitas são escassas e explicou-nos que a única cerimónia que aqui decorre, na atualidade, é uma missa no dia de S. Tiago, encomendada por uma pessoa da terra⁵⁶. Contou-nos também que noutros tempos, quando as Senhoras de Santiago (proprietárias da Casa de Santiago) eram vivas, neste dia, havia um convívio para as pessoas do lugar, isto é, para o espaço designado de “*Esta Banda*”, designação que se prende ainda com a rejeição à junção

⁵⁶ Mateus Simões Gomes, conhecido por Sr Mateus Covinha.

de Torre de Moldes e Remelhe (“*Outra Banda*”). Hoje em dia, não festejam desta forma, em respeito às senhoras falecidas. Considera este nosso interlocutor que, em tempos idos, a figura de D. António trouxe mais rendimentos para a freguesia, quando vinham autocarros do Porto, carregados de gente que permitia, segundo ele, que “*os cofres ficassem cheios*”; remata esta nossa conversa dizendo que: “*hoje rende menos*”.

Esta capela é já referida no Censual do bispo D. Pedro (1084-1091), nas Inquirições de 1220 e 1258 e foi reconstruída em 1839. Tem algum interesse patrimonial, como já referimos no ponto 2.5.1. deste trabalho.

2.6.2.2. Casa do Barroso

A Casa do Barroso (Fig. 115) fazia parte do Casal da Fonte, foreiro à Capela de S. Cosme e S. Damião da Sé de Braga, que integrava o Morgado de Moldes. Apresenta



porta e janelas do início do século XVIII (S/A, 2013d: 8). Aqui viveram os avós maternos de D. António Barroso. Atualmente é propriedade da família Trigueiros de Lemos Rocha.

Fig. 115 - Casa do Barroso, na atualidade, Remelhe.

2.6.2.3. Casa de “Bento Manuel”

A casa de Bento Manuel, onde viveu D. António Barroso entre 1854 e 1872, era propriedade de Bernardo Limpo da Fonseca, que a arrendou aos pais de D. António, e localizava-se defronte à *Casa do Barroso* (casa dos avós maternos). Aqui viveu António Barroso, desde pouco tempo após o seu nascimento até ao ano de 1872 (Trigueiros, 2007: 15-16). Hoje em dia é proprietária, e aí habita, Otilia Barroso Castelo Grande (bisneta de José António de Sousa Júnior – pai do bispo António Barroso), recentemente viúva de João Maciel de Brito Limpo Trigueiros (3º neto de Bernardo Limpo).

2.6.2.4. Casa do Sousa

Esta casa torre (Fig. 116) foi construída por Francisca Gomes, costureira, filha bastarda do capitão José Pereira da Fonseca, da Casa da Torre de Moldes. Como a filha

casou com um cirurgião e só tiveram filhas, a casa passa a ser chamada de *Casa das Cirurgioas* (Araújo & Azevedo, 2009: 26-27). No ano de 1870, morre a última dessas filhas, bem como o seu marido, não deixando descendentes, pelo que os herdeiros vendem a casa no ano seguinte, sendo compradores os pais de D. António Barroso, José António de Sousa Júnior e sua mulher Eufrásia Rosa Barroso, que a adquirem por escritura de 24.12.1871, pela quantia de 500 mil reis (Trigueiros, 2007: 15). Aqui passou a viver o jovem António Barroso quando tinha 18 anos.



Fig. 116 - Casa do Sousa, Remelhe.

Fonte: Cortesia de António Júlio Trigueiros.

2.6.2.5. Casa de D. António Barroso

“No lugar de Moldes, junto à casa onde nasceu, mandou construir o saudoso bispo do Porto D. António Barroso uma modesta habitação onde viveu alguns momentos de descanso, que foram poucos, e os longos dias de exílio da sua diocese” (Fonseca 1987b: 321).

D. António mandou edificar uma casa para sua habitação, em 1904, junto à casa de seus pais. Nessa casa (Fig. 117), onde viveu durante o seu exílio, mandou instalar um oratório. À morte de D. António, passou a pertencer ao seu único irmão, Manuel José de Sousa Barroso (1859/1934), que a deixou à filha Maria Violante de Sousa Barroso (1892/1974), casada com António Joaquim Rodrigues Castelo Grande (1890/1984); por morte deste, foi herdada pelo filho José Barroso Castelo Grande (1923/2006), casado com D. Maria Cândida Machado Ribeiro



Fig. 117 - Casa de D. António Barroso, na atualidade, Remelhe.

(1923), atual proprietária⁵⁷, sem descendentes diretos (S/A, 2013d: 8). Os sobrinhos serão os futuros herdeiros. Considerando o débil estado de saúde da D. Maria Cândida, quando a visitámos, entendemos que não era próprio estar a questioná-la sobre as suas intenções relativamente ao futuro desta casa. Optamos por reservar esta pergunta para um sobrinho, como daremos conta mais adiante.

2.6.2.6. Jazigo dos pais, 1899 (mandado construir pelo Bispo Barroso)

“Não quis o prelado portuense que o seu corpo ficasse a adornar a cripta monumental da Sé do Porto(...). Antes quis que ele viesse para Remelhe, para junto dos restos mortais de seus pais” (Macedo, 2005: 162).

É um jazigo grande, em forma de pirâmide esguia (Fig. 118), constando de três panos, em pedra de ançã, que assentam sobre um sepulcro em granito, com a dimensão de 3 por 3 metros, delimitado por quatro pilastras e com o depósito subterrâneo em caixotões.



Fig. 118 - Jazigo dos pais de D. António Barroso, na atualidade.

Os três panos superiores são distintos: o primeiro, mais robusto, termina com quatro picos; o segundo, mais enfeitado, ostenta o escudo episcopal e, mais acima, as inscrições *Jazigo de Família de D. António Barroso, bispo do Porto, anno de 1899*; o terceiro, é um traço de pirâmide esguia, com a cruz no cimo. Tudo numa altura de cerca de seis metros (Macedo, 2011: 100).

Aqui permaneceram os restos mortais de D. António durante nove anos. Em 1927, concluídas as obras da capela-jazigo, e após exéquias solenes na Igreja Paroquial, foi a urna transportada para o mausoléu, onde hoje se encontra.

“E na freguesia que lhe foi berço dorme o eterno descanso ...” (Fonseca 1987b: 323).

⁵⁷ A quem agradecemos o ter-nos facultado uma visita à casa.

2.6.2.7. Capela-jazigo

“É esta uma linda e característica ermidazinha de aldeia, com seu alpendre em colunas de granito; dentro tem altar em que se pode dizer missa e ao centro uma mesa de pedra, onde assenta a urna funerária que contém o corpo deste santo bispo” (Fonseca, 1987b: 319).

O Cemitério Paroquial que tem sobre o seu portão a data 1887, foi acrescentado em 1927, alargando-se para a frente, para dar lugar à construção da capela monumento a D. António Barroso (Fonseca, 1987b: 319).

Começada dois anos antes por artistas de Pereira, freguesia do concelho de Barcelos,



Fig. 119 - Capela-jazigo de D. António Barroso, na atualidade.

no prolongamento norte do cemitério e na sequência do jazigo de D. António, estava pronta em princípios de 1927.

Levantada graças à campanha do professor Bento Carqueja e do seu jornal *O Comércio do Porto*, que abriu uma subscrição pública para o efeito, a capela (Fig. 119) foi executada segundo o risco do arquiteto Marques da Silva (Macedo, 2011: 101).

Uma semana antes da sua transladação para a capela-jazigo, os restos mortais de D. António foram exumados, colocados em urna nova e levados para a Igreja Paroquial, onde foram velados permanentemente por gente de toda a parte. Eram pessoas de Remelhe, de Barcelos, do Porto (de onde veio um comboio especial), e de outros locais e latitudes (Macedo, 2011: 102).

“Bispos, padres e uma imensa multidão, calculada em 50 mil pessoas, que cobriu o chão de flores. E da igreja até ao jazigo, ao som do Miserere, o ataúde foi levado aos ombros entre o reconhecimento comovido e a memória impressionada pelo notável apóstolo”(Araújo & Azevedo, 2009: 277).

A urna foi colocada sobre o grande supedâneo de pedra, onde ficou resguardada por uma redoma de vidro (Fig. 120).



Fig. 120 - Urna de D. António Barroso, na atualidade.

Soubemos, pelas zeladoras, que a urna é limpa e tratada uma vez por ano, assim como a redoma que a defende.

Ali vêm os amigos e devotos de D. António, sobretudo nos meses de verão, fazer as suas orações e pedir a sua proteção. No altar da capela-jazigo, em pedra, encontra-se o *Livro de Visitas*, que os amigos e devotos

subscvem, dando conta das graças e dos benefícios que recebem por intercessão de D. António (Macedo, 2011: 103). Este autor continua a descrição: duas imagens, uma de Nossa Senhora de Fátima e outra de Jesus Ressuscitado, ao lado do pequeno arco cruzeiro, lembram as duas grandes devoções de D. António – a Jesus Cristo Ressuscitado e a Nossa Senhora.

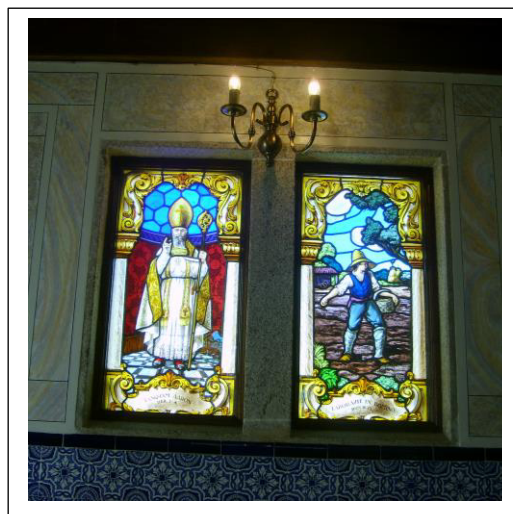
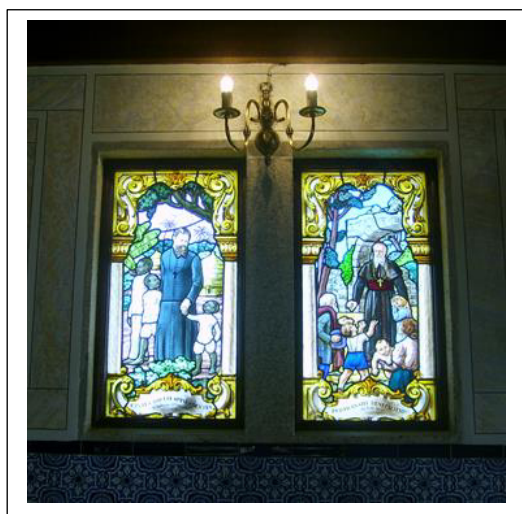


Fig. 121 - Vitrais da capela-jazigo de D. António Barroso, na atualidade.

Três anos após a conclusão da capela, o vitralista Ricardo Leone dotou-a com quatro vitrais (Fig. 121) a historiar a vida do missionário e bispo remelhense (Macedo, 2011: 103). Os vitrais desta capela, datados de 1929-1930, representam momentos da vida de António Barroso: jovem agricultor, auxiliar dos pais, a lançar sementes à terra, tendo a legenda: *laboravit in Domino* (Rom. 16, 12); missionário em África, rodeado de negros, com a legenda: *Euntes docete omnes gentes* (Mat. 28, 20); bispo a distribuir esmolas a gente de várias etnias e idades, com a legenda: *Pertransit benefaciendo* (Act. 10, 38);

presidente de celebração, revestido de pontifical, com a legenda: *tanquam Aaron* (Heb. 5, 4) (Araújo & Azevedo, 2009: 277).

As pinturas das paredes interiores, em sistema escariola, foram limpas e restauradas em 2007 e a cobertura do alpendre foi substituída, segundo os moldes originais, em 2008.

O teto da capela (Fig. 122), em pequenos caixotões de madeira, ostenta as armas do prelado, circundadas pelos escudos reais e pelas cruzes de Cristo.

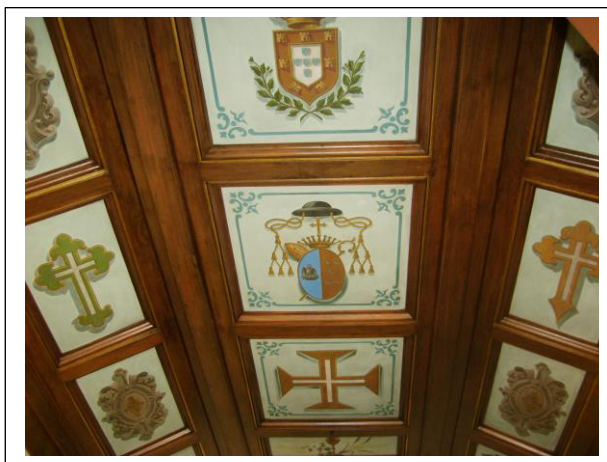


Fig. 122 - Teto da capela-jazigo de D. António Barroso.

Várias são as placas de mármore, colocadas na parte frontal da capela,



Fig. 123 - Capela-jazigo de D. António Barroso, na atualidade.

em agradecimento a D. António ou em recordação de acontecimentos marcantes na sua vida (Macedo, 2011: 103), a começar pela placa das Comemorações nacionais do 1º Centenário do seu nascimento, antecedida por uma placa de bronze, incrustada na face central e anterior do supedâneo, protegidos pelos escudos de Portugal e de Barcelos.

A relação das placas de mármore, colocadas em frente da Capela (Fig. 123), por ordem cronológica, consta da *Tabela 3*.

Tabela 3 - Placas de mármore na Capela-jazigo de D. António Barroso

PLACAS DE MÁRMORE NA PARTE FRONTAL DA CAPELA-JAZIGO DE D. ANTÓNIO BARROSO
<i>Homenagem dos Barcelinenses admirados das Virtudes do saudoso Bispo D. António Barroso (31.VIII. 1940).</i>
<i>Ardere et Lucere. À Santa Memória do Excelso Bispo Missionário. A União dos Tarcisos do Porto (30.V.1954).</i>
<i>Sentida Homenagem de Remelhe a D. António Barroso – no 1º Centenário do seu Nascimento (1854-1954).</i>
<i>Na 1ª Romagem do Grupo Recreativo Olho Vivo a D. António Barroso (10.XI.1963).</i>
<i>Preito de Gratidão a D. António Barroso, seu saudoso fundador. O Grupo das Mulheres Cristãs aos Pés de Maria (20.VI.1965).</i>
<i>Preito de Gratidão a D. António Barroso, seu saudoso fundador. O Grupo das Mulheres Cristãs aos Pés de Maria (20.VI.1965).</i>

<i>Remelhe Homenageando o seu Filho mais ilustre – D. António Barroso – no Cinquentenário da sua morte (31.VIII.1968).</i>
<i>D. António Barroso – Romagem do Concelho de Barcelos (22.XII.1968).</i>
<i>5 Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas – Abertura das Comemorações Nacionais (19.XI.1989).</i>
<i>Romagem de Gratidão e Saudade da Igreja de Angola a D. António Barroso (18.V.1991).</i>
<i>Processo de Canonização entregue em Roma (11.XI.1994).</i>
<i>Câmara Municipal de Barcelos, Universidade Católica Portuguesa, Nos 150 Anos do Nascimento de D. António Barroso (5 de Novembro de 2004).</i>
<i>D. António Barroso. Romagem da Freguesia de Cernache do Bonjardim (29-06-2008).</i>



Fig. 124 - Exteriores da capela-jazigo, Remelhe.

Revestido de azulejo branco esbatido, confeccionado no atelier de Joaquim Pombal, em Leça do Balio, no ano de 2002, a Capela ostenta, na sua face e nas paredes exteriores (Fig. 124), os motivos da vida de D. António que constam da *Tabela 4*.

Tabela 4 - Azulejos exteriores na capela-jazigo de D. António Barroso

PAINÉIS DE AZULEJO NO EXTERIOR DA CAPELA-JAZIGO DE D. ANTÓNIO BARROSO
♦ <i>Casa onde nasceu (5-11-1854)</i> , uma dependência da Casa de Santiago (Fig. 125, superior à esquerda).
♦ <i>Casa onde viveu</i> , durante o seu primeiro exílio, no lugar de Torre de Moldes (Fig. 125, superior à direita).
♦ <i>Sé Catedral do Porto, onde foi bispo entre 1899 e 1918</i> (Fig. 125, inferior à esquerda).
♦ <i>Locais onde foi Bispo</i> , assinalados nos contextos do Mapa Mundi (Fig. 125, inferior à direita).





Fig. 125 - Ajulejos exteriores da capela-jazigo, Remelhe.

Estes quatro motivos (Figs 125) estão unidos pelo seu escudo episcopal, colocado no topo exterior da retaguarda da capelinha. As *Armas Episcopais* de D. António Barroso consistem num escudo dividido em partes iguais (Fig. 126). Dum lado, um pelicano ferindo o peito para alimentar os filhos (símbolo do apelido Gomes) e, do outro, cinco leões em estado de alerta (símbolo do apelido Barroso). Ambos os apelidos são do avô materno (Araújo & Azevedo, 2009).

“Talvez o conhecimento de D. António desta sua parentela ilustre de apelido Gomes Barroso, o tivesse levado a “preferir” o apelido Sousa, do pai, para usar no seu escudo episcopal as armas Gomes Barroso, tal como se pode ver no jazigo que mandou edificar no cemitério de Remelhe para sepultura de seus pais e onde veio ele mesmo a estar depositado por mais de dez anos, até ser construída a capela jazigo. Ou talvez fosse a simbologia eucarística presente nas armas dos Gomes, com o pelicano que rasga o peito para alimentar os seus filhos a razão da adopção destas armas” (Trigueiros, 2007: 13).

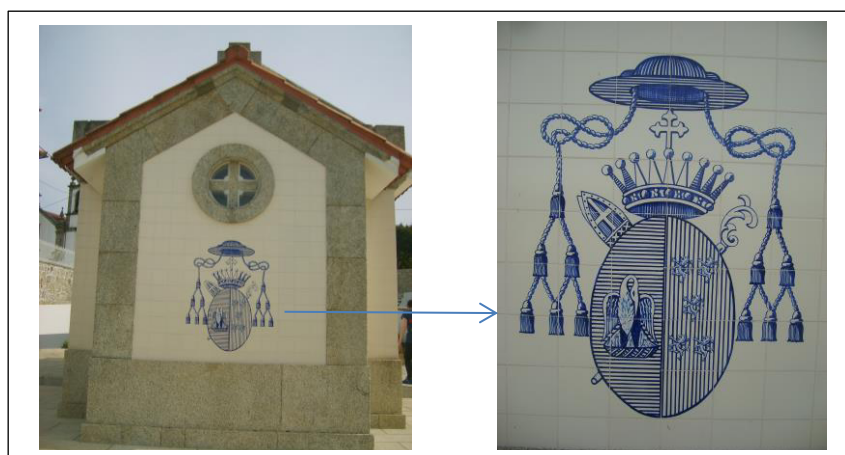


Fig. 126 - Retaguarda exterior da capela-jazigo de D. António Barroso, com o seu Escudo Episcopal.

Esta capela-jazigo continua a receber visitas, principalmente ao domingo, dia em que se encontra aberta ao público, sob a atenção das zeladoras, assunto que abordaremos adiante.

2.6.2.8. Monumento de Remelhe

Erguido em Remelhe, em 1959, na sequência das celebrações nacionais do 1º Centenário do seu Nascimento.



Fig. 127 - Monumento a D. António Barroso, Remelhe (22.03.2015).

“Torre de Moldes é o lugar onde nasceu e Remelhe é a terra onde renasceu para a vida da graça, onde cantou a sua Missa Nova e onde quis que os seus restos mortais esperassem a ressurreição final” (Macedo: 2011: 82).

O monumento a D. António Barroso em Remelhe (Fig. 127), representa a sua múltipla atividade de missionário. Não é um monumento tão imponente como o de Barcelos, mas é também significativo – apresenta, em campo alargado, o mapa do mundo, e à frente, o busto do missionário, ladeado do padrão das descobertas (Macedo, 2011: 121).

O mapa do mundo diz-nos que D. António missionou no continente africano (em Angola e em Moçambique) e no continente asiático (na Índia). E do continente asiático regressou ao continente europeu, como bispo do Porto. O seu busto também é simples, mas de cabeça robusta e o padrão das descobertas enquadra-se perfeitamente no conjunto do monumento, uma vez que a sua ação missionária não só espalhou a Fé, como dignificou o Império, no dizer de Camões (Macedo, 2011: 122).

Quatro irmãos⁵⁸, naturais de Remelhe, donos de um restaurante no Brasil, custearam as despesas do monumento. Teve como ideólogo o Padre António Fernandes Cardoso, como mestre José Guedes Encarnação e como escultor do busto o artista barcelense António Carlos Esteves (Macedo, 2011: 126).

Neste trabalho foi dispendida, apenas na mão-de-obra e na aquisição e transporte de material, a quantia de oitenta e nove mil e quatrocentos e trinta e cinco escudos (*Tabela 5*). Uma nota em papel vulgar indica as “Despesas na implantação do Monumento” (Macedo, 2011: 127).

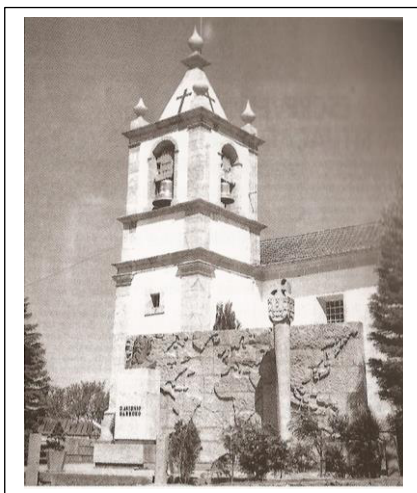
Tabela 5 - Despesas com o Monumento a D. António Barroso, Remelhe

DESPESA	VALOR DA DESPESA
Mestre pedreiro	29.735\$00
Monteiro	17.000\$00
António Campos	17.000\$00
Cimento	5.000\$00
Pedra para degraus	21.000\$00
Carreto de Pedra	2.000\$00
TOTAL	89.435\$00

Fonte: Elaboração própria, com base em informação retirada de Macedo, 2011: 127.

“À semelhança da vida de D. António, que andou por três continentes a missionar e a evangelizar, também este Monumento de Remelhe conheceu três lugares distintos” (Macedo, 2011: 140).

Relata este autor que primeiramente foi erigido a sul da igreja, na sequência da sua parede lateral e junto à estrada (Fig. 128). Foi ali que ele foi inaugurado e ali esteve até ao alargamento da igreja.



Alguns anos mais tarde, as obras de alargamento da igreja, precisamente para lado do Monumento, fizeram com que este tivesse de ser deslocado para novo espaço (Macedo, 2011: 140). Foi então escolhida para este uma nova localização (Fig. 129), em frente do jardim da residência paroquial (Macedo, 2011: 141).

Mas também aqui o Monumento não esteve

Fig. 128 - Localização primitiva do monumento a D. António Barroso, Remelhe.

Fonte: Macedo, 2011: 142.

⁵⁸ José Maria, Aníbal, Joaquim e Mateus Faria.

muitos anos, pois era um obstáculo para a *Rua da Lama* e para o fluxo normal do trânsito que ao poente se dirigia. A colocação definitiva do monumento foi a ponta do



Fig. 129 – Segunda localização do monumento a D. António Barroso, Remelhe.

Fonte: Macedo, 2011: 140.

Campo da Bouchinha, com a igreja a norte, o salão paroquial a sul e o Cemitério a poente (Macedo, 2011: 142).

O Busto, obra do escultor barcelense António Carlos Esteves, é de cobre maciço e de dimensão avantajada. Tem 60 centímetros de altura e

começa na parte superior do peito. Tem as dimensões de 70x60x40 centímetros. Ostenta o solidéu, cabelo na cabeça, olhos grandes e penetrantes, barbas na cara, botões no início da batina e da capa. Está implantado sobre uma coluna feita de duas pedras, de 1,20x0,40 metros de altura, com suporte posterior, e assenta num pequeno pedestal de 1,40x0,65 metros. Numa das pedras da frente (a segunda, maior) ostenta a inscrição: **D. ANTÓNIO BARROSO** (Macedo, 2011: 144-145).

O Padrão está situado a dois metros à esquerda do busto e é constituído por uma elegante coluna, mais adelgada na base, de 2,50 metros de altura, contendo no capitel quadrado as cinco chagas, nas suas quatro faces. É encimado pela Cruz das descobertas. Está implantado sobre um pequeno pedestal, também de granito, com 1x0,20 metros de dimensão (Macedo, 2011: 145).

O Mapa-mundi cobre toda a retaguarda do Monumento e é constituído por diversas pedras em representação dos continentes da América, da Europa, da África e da Ásia, em saliência de pedra, na dimensão de 5x2,30 metros de comprimento e altura. Todo o Monumento está assente sobre um grande supedâneo, também de granito, de 7 metros de comprimento por 5 metros de largura.

No dia da Romagem a D. António Barroso (1º domingo de setembro), que tem início na estação ferroviária de Barcelos e termina em Remelhe, um representante da família Barroso, deposita uma coroa de flores neste monumento. Na Romagem em que participámos (31.08.2014), este ato simbólico coube a um sobrinho-neto: António José Cardoso de Sousa Barroso.

2.6.2.9. D. António Barroso na toponímia de Remelhe

“Em 1927, foi aberta a Avenida da estrada até à Igreja Paroquial (Fonseca, 1987b: 320).

A recolha de informação sobre a atual toponímia resulta de uma entrevista com o Presidente da Junta de Freguesia de Remelhe. Esta toponímia consagra o devido valor à figura insigne do Bispo do Porto aqui nascido, conforme se visualiza na *Tabela 6*.

Tabela 6 - D. António Barroso e a toponímia em Remelhe

NOME	PERCURSO CORRESPONDENTE
Avenida D. António Barroso	Estrada Municipa 505 (Capela do Senhor dos Passos até ao Cemitério); 145 m em paralelo.
Rua D. António Barroso	Estrada Municipal 505-1 (da Avenida D. António Barroso à Rua dos Amiais); 1.641 m em alcatrão.
Travessa D. António Barroso	Da Avenida D. António Barroso até aos campos da “Casa da Santa Marinha”; 65 m em terra.
Centro Social D. António Barroso	Inaugurado em 2012 (1).

(1) – Iniciou a sua atividade em 2006 como Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS).

2.7. O Culto Associado a D. António Barroso

2.7.1. Associação *Grupo dos Amigos de D. António Barroso*

“A existência de uma associação intitulada «Amigos de D. António Barroso», que, todos os anos, promove uma romagem a Remelhe, é também uma prova do muito carinho que os barcelenses nutrem por um dos seus mais ilustres filhos” (Pinho, 2007: 108).

D. António Barroso, “o bispo dos pobres”, morreu com fama de santidade e o povo anónimo da cidade do Porto e de Barcelos, teve para com ele, desde cedo, manifestações de afeto e de veneração (Araújo, 2011: 1). Acrescenta que, a partir de 1942 e 1943, com as agruras da II Guerra, alguns grupos de devotos começaram a organizar romagens periódicas ao túmulo, surgindo então pagelas impressas e organizando-se encontros de índole cultural e, com as celebrações do centenário, em 1954, as romagens aumentaram, crescendo mais ainda, no início da década de sessenta, com a guerra colonial.

Estes grupos espontâneos, informalmente designados “Amigos de D. António Barroso”, nunca manifestaram preocupações de legalização. A iniciativa de se constituírem em associação partiu do Dr. José Ferreira Gomes, numa romagem a

Remelhe, em 13.09.1992; no dia 18 de dezembro desse ano, foi constituída, por escritura pública, no 4.º Cartório notarial do Porto, a Associação *Grupo dos Amigos de D. António Barroso*, que foi submetida à aprovação da autoridade eclesiástica (bispo do Porto) e que tinha como objetivo “*divulgar e promover o conhecimento da personalidade, das virtudes e da fama de santidade do seu patrono*”, contribuindo cada associado com uma quota (então fixada em cem escudos mensais), para as despesas do processo de canonização (Araújo, 2011: 1). Informa ainda este autor que a primeira assembleia geral da Associação realizou-se em 25.01.1997, no Porto. O Dr. José Ferreira Gomes⁵⁹ foi o 1.º presidente da Associação *Grupo dos Amigos de D. António Barroso*.

O contributo desta Associação *Amigos do D. António Barroso* para a beatificação de D. António Barroso foi referenciado no ponto 1.3. da Parte III desta dissertação.

Segue-se a *Tabela 7* que resume as principais atividades desenvolvidas pela Associação *Grupo dos Amigos de D. António Barroso*.

Tabela 7 - Atividade desenvolvida pelo “Grupo dos Amigos de D. António Barroso”

ANO	AÇÃO DESENVOLVIDA
1942-1943	No Porto, são organizadas as primeiras romagens ao túmulo de D. António Barroso.
18.12.1992	Legalização da Associação “Grupo dos Amigos de D. António Barroso” no 4.º cartório notarial do Porto, com 32 outorgantes.
25.01.1997	Primeira Assembleia Geral da Associação “Grupo dos Amigos de D. António Barroso”.
26.06.2004	Segunda Assembleia Geral da Associação “Grupo dos Amigos de D. António Barroso”.
17.09.2011	Terceira Assembleia Geral da Associação “Grupo dos Amigos de D. António Barroso”.
Desde 1963	Núcleo de Barcelos promove, no 1.º domingo de setembro, a organização da Romagem anual de Barcelos à capela-jazigo de D. António Barroso.
Desde 2011	Organização, em maio, da 1.ª Caminhada à capela-jazigo de D. António Barroso.
	Organização de Conferências e publicação de livros alusivos a D. António Barroso.

2.7.2. Romagem anual à capela-jazigo

No primeiro domingo de setembro, em recordação da morte de D. António Barroso – que aconteceu a 31 de agosto – os seus amigos e devotos, em romagem, rezando e cantando, acorrem à capela-jazigo e à Igreja Paroquial para honrar a sua memória e pedir a sua proteção.

Uma das romagens mais significativas aconteceu durante o Segundo Congresso Missionário, que celebrava o primeiro Centenário do Nascimento de D. António

⁵⁹ Dr. José Ferreira Gomes faleceu em 21.1.2013.

Barroso, reunindo muitos devotos junto à capela-jazigo (Macedo, 2011: 108). O dia 05.11.1954, data aniversária, foi dedicado, na parte da manhã, a Remelhe e a D. António Barroso.

“Às 8 horas e 30 minutos saiu de junto do monumento uma grande Romagem popular que, não obstante a chuva torrencial, se encaminhou para Remelhe (...) localidade onde nasceu o homenageado.

Uma hora depois saía da cidade o cortejo automóvel no qual tomaram parte os dois cardeais (de Lisboa e de Lourenço Marques), os arcebispos de Braga e de Évora, e os bispos do Porto, de Vila Real, de Bragança, de Limira, de Portalegre, de Nova Lisboa e auxiliar de Aveiro. Seguiam também as autoridades de Barcelos, de Braga, do Porto, de Viana, da Póvoa de Varzim e de outras localidades, bem como de congressistas e amigos de D. António Barroso” (Macedo, 2011: 108).

Na capelinha, os cardeais D. Manuel Gonçalves Cerejeira e D. Teodósio Clemente de Gouveia descerraram uma lápide, em bronze (Fig. 130), colocada na pedra anterior que



Fig. 130 - Placa comemorativa do 1º centenário de nascimento, Remelhe.

serve de plinto à urna funerária de D. António (Macedo, 2011: 110).

No Núcleo de Barcelos do *Grupo dos Amigos de D. António Barroso*, D. Maria Amélia Silva Torres⁶⁰ e o Sr Cândido Alberto Martins Lopes, dois apoiantes da Causa da Canonização de D. António Barroso, assumiram organizar uma romagem anual à capela-jazigo em Remelhe, no primeiro domingo de setembro, para celebrar a morte de D. António (31.08.1918). Iniciadas em 1963 e interrompidas em 1972, as romagens foram por eles retomadas em 1980, até hoje, e envolvem já mais de meio milhar de participantes (S/A, 2013c: 7).

Ao recolher informação para este trabalho, sentimos necessidade de participar na Romagem à capela-jazigo de Remelhe, no dia 31.08.2014, no 96º aniversário da morte do Bispo Barroso, organizada pelo *Grupo de Amigos de Barcelos* (Fig. 131).

⁶⁰ Mãe do atual representante do Grupo dos Amigos de D. António Barroso: Joaquim António da Silva Mendes.

Constatámos que uma representação da *Sociedade Missionária da Boa Nova*, e muitas outras pessoas (cerca de 400, no total) rumaram do Largo da Estação até ao



Fig. 131 - Programa da Romagem à capela-jazigo, 2014.

Fonte: Oferecido por um habitante de Remelhe.

monumento do Largo do Município, onde foram proferidas algumas palavras de louvor ao homenageado e colocado um ramo de flores junto à estátua de D. António. Ao serem percorridas as principais artérias da cidade, são entoados cânticos religiosos. Para as pessoas com dificuldade de locomoção, foi disponibilizada uma viatura dos BVB⁶¹. De seguida, os peregrinos rumaram à capela-jazigo em Remelhe,

que dista a cerca de 7 km, entoando cânticos e preces ao D. António (Fig. 132).

Chegados a Remelhe, dirigiram-se à capela -jazigo e o pároco da freguesia fez um breve discurso. Seguiu-se a deposição de um ramo de flores no monumento em sua homenagem; o presidente da junta de freguesia procede à entrega do ramo ao representante da família Barroso, António José Barroso, sobrinho-neto do homenageado, que coloca o dito ramo no



Fig. 132 - Romagem à capela-jazigo de D. António Barroso, 31.08.2014.

pedestal do busto de D. António Barroso, edificado em 1959. Segue-se a celebração religiosa com a presença de seis bombeiros, com farda festiva, quatro párocos, dois missionários, representantes políticos da freguesia, familiares diretos de D. António Barroso, devotos de D. António e demais pessoas.

Na organização desta romagem colaboraram, além do *Grupo de Amigos D. António Barroso* de Barcelos, também a Câmara Municipal, as Juntas de Freguesia de Remelhe, Barcelos e Arcozelo, bem como os Bombeiros de Barcelos e Barcelinhos, a PSP⁶², a GNR⁶³ e a Associação *Clube Moto Galos de Barcelos*.

⁶¹ Bombeiros Voluntários de Barcelos.

⁶² Polícia de Segurança Pública.

⁶³ Guarda Nacional Republicana.

2.7.3. Zeladoras da capela-jazigo

A capela-jazigo com os restos mortais de D. António Barroso tem uma equipa de zeladoras que cuidam, enfeitam e conservam aquele espaço. De momento são apenas senhoras mas, noutros tempos, segundo nos informaram, houve um homem, entretanto falecido.

Atualmente, algumas zeladoras cuidam do espaço ao longo dos 12 meses, assumindo a responsabilidade de limpar e colocar flores. Nos dias de semana, a capela-jazigo está fechada, à exceção de uma janela que dá acesso a um conjunto de velas elétricas, para quem pretender acionar alguma, em troca de um pequeno valor monetário. A função de proceder à abertura (por volta das 8h) e ao encerramento (cerca das 19h) está atribuída a uma senhora (D. Maria Gorete), que até há pouco tempo era empregada da residência paroquial, aquando do pároco Adílio Macedo.

Ao domingo, a porta da capela é aberta, permitindo a visita ao seu interior. Esta tarefa está ao encargo de um outro grupo de zeladoras, constituído por cinco senhoras (Fig. 133⁶⁴), que aí



permanecem rotativamente (um domingo por mês), de

Fig. 133 - Zeladoras da capela-jazigo de D. António Barroso, ao domingo.

Fonte: S/A, 2013e: 8.

manhã e de tarde, com um breve encerramento à hora do almoço. Ao conversar com estas senhoras, o que mais transparece é a sua devoção e empenho na tarefa que estão a exercer. Contava-nos uma delas (a D. Maria dos Penedos), que se a hora da missa colidir com o horário de abertura da Capela-jazigo, prefere ficar privada da eucaristia dominical, a ter de encerrar as portas da capela. Dizia-nos ainda, com grande orgulho e satisfação, que em mais de 6 anos de zeladora, apenas lhe aconteceu não haver visitas um único domingo. Esta senhora, que em tempos foi empregada do pároco Adílio Macedo, relatou-nos também, que lhe aconteceu algumas vezes, estar a trabalhar no quintal da residência paroquial, e ouvir tocar a sineta da capela-jazigo: eram visitantes,

⁶⁴ Da esquerda para a direita: Ana Brito de Sousa, Maria Margarida Barroso Simões, Maria Alice Gomes Faria, Maria da Conceição Fernandes dos Penedos e Elvira Lopes Paula.

geralmente do Porto, onde D. António foi bispo, a quem ela tinha o cuidado de abrir a capela, para lhes permitir uma entrada na mesma.

2.7.4. Propriedades atribuídas a D. António Barroso

Para conhecer as propriedades milagrosas ou as graças que os devotos atribuem a D. António Barroso usámos diversas fontes: o *Livro de Visitas* que se encontra atualmente na capela-jazigo, as Cartas de agradecimento deixadas no interior do mesmo e um questionário (*Questionário A*) com questões orientadas para o efeito.

Serão primeiro apresentados os resultados do *Livro de Visitas* e, posteriormente, os do *Questionário A*. De facto, na capela-jazigo de D. António, em Remelhe, existe um *Livro de Visitas* (Fig. 134), onde os seus devotos e amigos, depois de rezarem junto dos seus

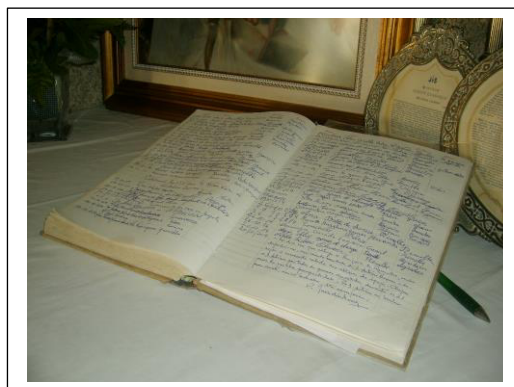


Fig. 134 - Livro de Visitas, capela-jazigo de D. António Barroso.

restos mortais, sobem um pequeno degrau e escrevem o seu nome num livro próprio – *Livro de Visitas* – e nele colocam o motivo da sua visita. Ali aparecem motivos de fé e de esperança na intercessão de D. António e de louvor e admiração pela sua vida (Macedo, 2011: 15).

São sete os livros (seis na paróquia e um na Postulação) em que os devotos e amigos de D. António escrevem os seus nomes e registam as graças recebidas. Os *Livros de Visitas* existentes no Arquivo da Paróquia de Remelhe, são os seguintes: o primeiro, de 1928 a 1938; o segundo, de 1935 a 1938; o terceiro, de 1938 a 1969; o quarto, de 1946 a 1969; o quinto de 1968 a 1999; e o sexto, de 1999 até ao presente, que ainda se encontra em uso (Macedo, 2011: 113). Não percebendo a lógica subjacente às datas destes livros, questionámos este autor⁶⁵ que partilhou connosco a sua opinião:

“Os livros dos devotos e amigos não têm uma data subsequente. A razão desta anomalia, a meu ver, está no facto de não haver um livro único para o efeito. Os livros foram-se sucedendo segundo a vontade e os interesses dos párocos de então”.

⁶⁵ José Adílio Macedo foi pároco de Remelhe durante 21 anos e delegado da arquidiocese de Braga no processo canónico de beatificação de D. António Barroso.

Disse-nos ainda que não foi tarefa *fácil* “a procura e ordenação dos livros agora existentes”. Consultámos apenas o último que teve início no ano de 1999. Consideramos que, no futuro, a consulta integral de todos os volumes se revelará um contributo muito válido para a compreensão do culto associado a D. António Barroso, embora, por motivos de prazos de entrega desta dissertação, essa tarefa tenha que ser inserida num trabalho mais amplo sobre este personagem.

A consulta deste livro forneceu-nos, ainda, informação sobre a data da visita, o nome (omitido neste trabalho) que nos permite conhecer o género e, por último, a proveniência do visitante, assuntos que serão tratados noutra parte deste trabalho.

Sendo o assunto das graças/ propriedades atribuídas a D. António Barroso do foro íntimo dos devotos, este nem sempre se anuncia expressamente no *Livro de Visitas*, pelo que os resultados deste trabalho são, em muitos casos, subentendidos pelos agradecimentos ou pela solicitação de graça, sem especificação, e não correspondem à totalidade dos visitantes que foram 11.267. Para facilitar a leitura dos resultados das propriedades, estes foram listados na *Tabela 8*.

Tabela 8 - Propriedades atribuídas a D. António Barroso pelos visitantes da capela-jazigo (1999-2014)

PROPRIEDADES/GRAÇAS	NÚMERO DE PESSOAS
Indeterminada (agradecidas)	1.012
Indeterminada (solicitadas)	780
Visita	243
Saúde	180
Estudos	122
Fé/Devoção/Veneração nas propriedades de D. António	106
Proteção (assuntos familiares)	98
Ajuda/Proteção/Sucesso (pessoal)	45
Paz e Amor (em geral)	41
Intermediário com a divindade	20
Proteção (assuntos profissionais e económicos)	15
Assuntos políticos	3
Ajuda sentimental, espiritual	2
Ajuda para enfrentar o medo	1
Defesa dos pobres	1
Perdão	1
Proteção da alma dos mortos	1
Proteção de clube de futebol	1
TOTAL	2.672
8.945 dos visitantes não mencionam as PROPRIEDADES/GRAÇAS	

Os dados deste estudo permitem-nos concluir que a maioria dos visitantes à capela-jazigo não regista informação em *Graças* (8.945), talvez pela exiguidade de espaço que o *Livro de Visitas* lhe destina. Talvez também por isso, são deixados pequenos bilhetes e cartas, que estão anexados ao *Livro de Visitas* (**Anexo 3**).

Apesar dos muitos devotos que não especificam as propriedades que atribuem a D. António Barroso (8.945), a crença nos seus poderes está implícita nos textos de agradecimento ou de solicitação dos que fizeram o seu registo. Para estes últimos, criámos dois campos: *graças indeterminadas (agradecidas)* e *graças indeterminadas (solicitadas)*. No primeiro, incluímos os devotos que se expressam do seguinte modo “*Agradece graça(s); Agradecimento; Graça concebida; Graça recebida; Graça obtida*” (876 pessoas), “*Graças; Dar graças; Ação de graças; Graças de benção*” (73 pessoas) e os que indicam que vão “*Cumprir promessa*” (63 pessoas), o que se faz quando a graça é concedida. Na segunda categoria incluímos os devotos que usam expressões como “*Pedir graças*”, e que são em número de 780. Além destes há que anexar 243 pessoas que apenas referem “*Visita*” e não especificam se vão agradecer/solicitar graças, ou são movidos por outra ordem de razões.

De facto, as Propriedades ou Graças expressas que movem os visitantes são várias e bastante diversificadas. Em primeiro lugar, encontramos as associadas à “*Saúde*” (própria, de familiares ou amigos), em 180 casos, seguidas das dos “*Estudos*”, em 122 casos, observável em expressões como: “*Ajuda nos estudos; Ajuda na escola; Ajuda nos testes/exames; Boa nota na tese; Ajuda para entrar na Universidade; Acabar o curso; Dar entrada na Força Aérea; Celebração de curso; Carta de condução; Exame de código*” que se reporta a visitantes jovens, em idade de estudar, que recorrem à fé como apoio à vida académica e à obtenção da carta de condução.

A Fé, Devoção ou Veneração nas propriedades de D. António (106 pessoas) está implícita em expressões como “*Admiração a D. António; Graças a D. António; Louvar a D. António; Orar a D. António; Honrar a D. António; Fé em D. António; Homenagem; Devoção; Veneração*” (83 pessoas) e nos que assumem que são “*Romeiros*” (23 pessoas).

No item “*Proteção (assuntos familiares)*” encontramos expressões como: “*Para a Família/Amigos; União da família*” (95 casos); “*Pedido para que os pais nunca se separem; Casamento; Pedir que o marido seja melhor*” (3 casos). Na ponto de “*Proteção (assuntos profissionais e económicos)*”, que são escassas dada a conjuntura económica que se vive, apenas 15 pessoas apelam ao “*Trabalho; Paz no trabalho;*

Emprego; Não faltar trabalho; Ajuda financeira (pagamento de dívidas); Ajuda nos negócios; Venda da casa; Vida económica”.

É curioso que o número de pedidos altruístas (41) seja superior aos de proteção profissional (15). Aqueles revelam-se em expressões associadas à paz e amor no mundo.

Também se encontram pedidos mais singulares, relacionados com “*Assuntos políticos*” onde se apela a “*Bons governantes; Luz para os governantes; Libertado de Timor (29-8-95)*”: 3 casos. Curioso é o caso de um devoto que pede “*Que o Benfica seja Campeão (2014)*”.

Há ainda que referir que é muito frequente o mesmo visitante registar várias graças, como por exemplo, agradecer uma *graça* já recebida e solicitar uma outra.

Em relação às Cartas deixadas no *Livro de Visitas*, os seus dados constam das informações desse livro, já que o pároco Adílio Barbosa fazia o registo do seu conteúdo nesse local.

Analisado o *Livro de Visitas* referente aos anos de 1999 a 2014, como fonte importante para conhecermos o culto a D. António Barroso, sentimos necessidade de proceder à elaboração de um questionário de forma a completar a informação contida nesse livro (*Questionário A*, em anexo).

Este questionário foi aplicado a 52 pessoas, de forma aleatória, quer pela signatária, junto dos visitantes à capela-jazigo, quer aos habitantes do concelho, de forma indireta, através da distribuição dos questionários pelos alunos do 3º ciclo, das várias freguesias de Barcelos, que os distribuíram aos familiares e amigos.

Com a realização deste questionário, além das propriedades que atribuem à figura de D. António Barroso e as graças pedidas, pretendemos conhecer o perfil do visitante, assuntos que serão analisados detalhadamente no ponto 2.7.5. deste trabalho.

Segue-se a *Tabela 9* com as propriedades que os devotos inquiridos atribuem a D. António Barroso.

Tabela 9 - Propriedades que os devotos anónimos inquiridos atribuem a D. António Barroso

PROPRIEDADES/GRAÇAS	NÚMERO DE PESSOAS
Santidade	15
Indeterminadas	14
Saúde	6
Proteção (assuntos familiares)	5
Defesa dos pobres	1

Proteção da alma dos mortos	1
Resposta sem sentido	3
Não responde	14
TOTAL	59

Dos devotos inquiridos, 15 consideram que a maior propriedade de D. António Barroso reside na sua “*Santidade*”, manifestada através de expressões como “*Bondoso e Santo; Homem de coração grande; Grande Missionário*”. Seguem-se as propriedades sugeridas por 14 pessoas, a que atribuímos a categoria de “*Indeterminadas*”, onde se contempla frases como “*Para todas as causas; Várias propriedades; Para tudo*”. 6 inquiridos referem “*Saúde*”, nomeadamente para “*Doenças Graves*” e 5 registam “*Proteção (assuntos familiares)*”. 14 dos devotos interpelados não respondem e 3 registam respostas que não têm sentido (*Resposta sem sentido*): 2 escrevem a palavra *capela* e 1 a palavra *cemitério*.

Como há inquiridos que atribuem mais de uma propriedade, a totalidade de respostas é 59 e não o número de inquiridos (52).

Analisadas as propriedades, segue-se a *Tabela 10* com as graças solicitadas.

Tabela 10 - Graças pedidas a D. António Barroso pelos devotos anónimos inquiridos

PROPRIEDADES/GRAÇAS	NÚMERO DE PESSOAS
Saúde (própria e de familiares)	30
Proteção (assuntos familiares)	14
Indeterminadas (solicitadas)	7
Proteção (assuntos profissionais e económicos)	4
Ajuda/Proteção/Sucesso (pessoal)	2
Proteção da alma dos mortos	1
Fé/Devoção/Veneração nas propriedades de D. António (Pureza, justo, verdadeiro)	1
Nenhuma	3
Não responde	3
TOTAL	65

Conforme a *Tabela 10*, a maioria dos devotos inquiridos (30) pediram proteção na “*Saúde (própria e de familiares)*”, seguindo-se “*Proteção (assuntos familiares)*”, traduzida em expressões como “*Proteção; Compreensão na família; Paz em assuntos familiares*” (14). Em terceiro lugar aparece uma grande variedade de solicitações, que designámos de “*Indeterminadas (solicitadas)*”, que indiciam que os devotos atribuem múltiplas propriedades a D. António Barroso. Seguem-se os problemas de ordem

económica: “*Proteção (assuntos profissionais e económicos)*” que foram revelados através de expressões como “*Bem-estar, melhores condições de vida, trabalho*”.

É muito frequente o devoto mencionar várias graças pedidas. Por isso, a totalidade de “*Propriedades/Graças*” é 65 e não o número de inquiridos (52).

Elaborando uma **síntese** dos resultados obtidos nos três tipos de dados (*Livro de Visitas*, Cartas deixadas no seu interior e questionários) pode considerar-se que o culto a D. António Barroso e as propriedades que lhe são atribuídas são vastíssimas, embora predominantemente relacionadas com a proteção na saúde própria e de familiares, proteção em assuntos familiares, profissionais e económicos, ajuda e sucesso pessoal, nomeadamente nos estudos.

2.7.5. Perfil do visitante associado ao culto de D. António Barroso

O perfil atual do visitante a Remelhe e à capela-jazigo de D. António Barroso foi estudado com base na análise do *Livro de Visitas* da referida capela, de entre os anos de 1999 e 2014 e com base em 52 inquéritos aplicados a devotos, como já foi referido.

No primeiro caso, obtivemos dados sobre a data da visita, o género (masculino/feminino) do visitante, o local de residência e a graça pretendida. No segundo, completámos alguns dados como a idade dos devotos, o grau de escolaridade, a profissão, como se considera em termos religiosos, como teve conhecimento do jazigo e que razões o levaram a visitar.

2.7.5.1. Número de visitantes e sua origem geográfica

O número total de registos de visitantes da capela-jazigo de D. António Barroso, com base no *Livro de Visitas* de 1999 a 2014, ou seja, de cerca de 15 anos, foi de 11.267. Consideramo-lo significativo, principalmente se tivermos presente que se trata de um espaço que, ao longo do ano, apenas está aberto ao público ao domingo.

Como se poderá observar na *Tabela 11*, a maior quantidade de visitantes (que registam a origem) são locais e residentes no concelho de Barcelos (8.222), o que corresponde a 81.3% da amostra total e, dentro deste concelho, é de destacar a terra natal de D. António: Remelhe (2.603), ou seja 31.6% .

Tal prende-se, provavelmente, quer com a proximidade geográfica, quer com o maior conhecimento da figura de D. António Barroso nas freguesias deste município. Então, em termos nacionais, se considerarmos todo o norte do país (incluindo o concelho de

Barcelos), temos 97% de visitantes dessa origem. Se excluirmos Barcelos, mesmo assim, 83.6% dos visitantes provêm do norte do país, com predominância para os concelhos do Porto (265), Vila Nova de Gaia (243), Vila Nova de Famalicão (182) e Póvoa do Varzim (146). Considerando o norte com *Outros Concelhos*, do Porto e Vila Nova de Gaia temos 33.8% dos visitantes. A função de D. António como Bispo do Porto não será alheia a esta afluência. Claro que, pelo que apurámos junto de pessoas mais velhas, este é um número irrisório, quando comparado com outros tempos em que vinham muitos autocarros repletos de devotos. Há que trabalhar esta franja geográfica, de forma a captar novamente visitantes destas paragens.

Estes números não traduzem a real afluência dos visitantes destas paragens, já que muitos vêm inseridos em grupos, desconhecendo nós a dimensão dos mesmos. A quantidade real não pode ser apurada, já que sabemos que muitos dos visitantes não assinam o *Livro de Visitas*.

Deixamos aqui uma observação para o concelho de Braga, já que consideramos que o número de visitantes (44) não é significativo, apesar da proximidade geográfica. E percebemos que muitos dos nomes que constam referem-se a autoridades eclesiásticas, em funções clericais, e não propriamente a devotos particulares. Há que investir em campanhas de marketing de modo a captar mais excursionistas e turistas. Em *Outros Concelhos*, os visitantes de concelhos do Centro, como os de S. João da Madeira (109), Oliveira de Azeméis (39), Leiria (37) e Coimbra (36) e outros correspondem a 15.9% do total de visitantes desse *item (Outros Concelhos)* e do sul do país a 0.4%.

Os visitantes internacionais correspondem a 94 (0.9% do número total expresso) e os desconhecidos a 1.154 (10.2% do total geral).

Os visitantes internacionais (94) residem em países de destino da emigração, nomeadamente: Brasil (49), França (24 mais dois grupos sem registo da quantidade de elementos) e Canadá (7).

Mais uma vez chamamos a atenção para o facto de os números aqui expressos (11.267) não traduzirem o número real de visitantes à capela-jazigo de D. António Barroso, já que, segundo apurámos junto das zeladoras do domingo, muitas pessoas preferem não deixar o registo da sua presença, apesar de lhes solicitarem que o façam. Por isso, estes números traduzem uma população inferior à real.

**Tabela 11 - Proveniência geográfica dos visitantes da capela-jazigo de D. António Barroso
(1999-2014)**

PROVENIÊNCIA		SUBTOTAL	TOTAL
VISITANTES NACIONAIS	Remelhe	2.603	8.222
	Barcelos	5.619	
	Outros concelhos:		1.797
	Porto	265	
	Vila Nova de Gaia	243	
	Vila Nova de Famalicão	182	
	Póvoa do Varzim	146	
	Esposende	131	
	Matosinhos	114	
	S. João da Madeira	109	
	Trofa	99	
	Vila do Conde	91	
	Santo Tirso	58	
	Braga	44	
	Vila Verde	40	
	Oliveira de Azeméis	39	
	Leiria	37	
	Coimbra	36	
	Lisboa	30	
	Maia	22	
	Gondomar	11	
	Penafiel	11	
	Guimarães	9	
	Santa Maria da Feira	9	
	Viana do Castelo	9	
	Paços de Ferreira	6	
	Almada	4	
	Arcos de Valdevez	4	
	Castelo Branco	4	
	Ovar	4	
	Ponte de Lima	4	
	Rio Maior	4	
	Póvoa de Lanhoso	3	
	Setúbal	3	
	Torres Vedras	3	
	Valongo	3	
	Caminha	2	
	Castelo de Paiva	2	
	Espinho	2	
	Fafe	2	
Murtosa	2		
Sintra	2		
Anadia	1		
Arouca	1		
Cascais	1		
Figueira da Foz	1		
Guarda	1		
Oeiras	1		
Santarém	1		
Seixal	1		

VISITANTES INTERNACIONAIS	Brasil	49	94
	França	24+2 (1)	
	Canadá	7	
	Alemanha	3	
	Angola	3	
	Espanha	2	
	Inglaterra	1	
	Moçambique	1	
	Polónia	1	
	Timor Leste	1	
Não mencionado			1.154
TOTAL GERAL			11.267

(1) São referidas duas famílias, desconhecendo-se o número de elementos constituintes.

Completando estes dados com o *Questionário A (Tabela 12)* verificámos, igualmente, que o maior número de devotos inquiridos reside em Remelhe (14). Seguem-se os provenientes de outras freguesias de Barcelos, nomeadamente de Macieira de Rates (8), de Alvelos (8) e de Pereira (8). Nas restantes freguesias, os devotos inquiridos são em menor número.

Tabela 12 - Proveniência geográfica dos devotos anónimos inquiridos

PAÍS	CONCELHO	FREGUESIA	NÚMERO DE PESSOAS
Portugal	Barcelos	Remelhe	14
		Macieira de Rates	8
		Alvelos	6
		Pereira	6
		Carvalhal	4
		Chorente	3
		Gual	2
		Negreiros	2
		Pedra Furada	2
		Arcozelo	1
		Góios	1
		Milhazes	1
		Rio Covo Sta Eulália	1
		S. Bento da Várzea	1
TOTAL GERAL			52

2.7.5.2. Género e idade dos visitantes

Com base no *Livro de Visitas* mencionado, relativamente ao género, é significativa a diferença entre o número de visitantes do sexo masculino (3. 694) e feminino (7. 356), sendo muito mais acentuado este último (*Tabela 13*). Salienta-se que há muitas situações em que o género não é mencionado, como por exemplo, nos *Grupos* em que se refere o número de pessoas presentes, mas omite-se o nome e o género⁶⁶. Nesta fonte não há dados sobre a idade dos visitantes.

Do *Ilegível/Anónimo* (110) constam as pessoas que propositadamente omitem o nome (alguns escrevem mesmo: *Anónimo*) e as que assinam com uma caligrafia de difícil leitura.

Tabela 13 - Género dos visitantes da capela-jazigo de D. António Barroso (1999-2014)

GÉNERO DOS VISITANTES	NÚMERO DE PESSOAS
Masculino	3. 694
Feminino	7. 356
Grupo (com número mencionado)	88 (1)
Grupo (sem número mencionado)	19 (2)
Ilegível/Anónimo	110
TOTAL	11. 267

(1) Este valor refere-se a grupos; não é expresso o sexo dos visitantes.

(2) Não se contabiliza o grupo, já que se desconhece o número de elementos, mas apenas um elemento: pessoa que fez o registo no *Livro de Visitas*.

Também em relação aos 52 inquiridos no âmbito deste trabalho se nota a mesma tendência, tendo 38 sido respondidos por elementos do sexo feminino e 14 por pessoas do sexo masculino (*Tabela 14*).

Tabela 14 - Género dos devotos anónimos inquiridos

GÉNERO DOS DEVOTOS	NÚMERO DE PESSOAS
Masculino	14
Feminino	38
TOTAL	52

A propósito da diferença entre o número de visitantes do sexo masculino (3. 694) e feminino (7. 356), dizia-nos a responsável pela abertura diária da janela frontal esquerda da Capela-jazigo: “*A Igreja é dirigida por homens, mas quem mais participam são as mulheres*”. Acrescentava que é muito frequente vir o casal, a mulher entra, reza e

⁶⁶ A título de exemplo, tomámos nota de alguns grupos: Grupo Coral Infantil de Remelhe (1999); Grupo de idosos, de Cristelo, Barcelos (2002); Grupo de Cernache do Bonjardim (2008); Grupo da Associação Clube de Moto Galos de Barcelos (2011); Grupo da Fundação Voz Portucalense (2011); Grupos da Catequese (Remelhe); Participantes do “Roteiro Cultural”, organizado pela Câmara Municipal de Barcelos; Família de ...

assina o Livro de Visitas, enquanto o marido fica um pouco mais afastado “a fumar o seu cigarro”; o que não quer dizer, segundo a nossa entrevistada, que os homens não tenham uma fé autêntica, só que são mais recatados na sua expressão.

Quanto à idade, apenas se conseguiram dados do *Questionário A (Tabela 15)*, pelo que o seu número restrito aconselha prudência.

Tabela 15 - Idade dos devotos anónimos inquiridos

IDADE DOS DEVOTOS	NÚMERO DE PESSOAS
18 anos – 30 anos	4
31 anos – 50 anos	14
51 anos – 65 anos	13
Maiores de 65 anos	21
TOTAL	52

A faixa etária onde se encontra maior quantidade de devotos é em “*Maiores de 65 anos*” (21). Em contrapartida, entre os mais jovens (até 17 anos), não dispomos do registo de qualquer devoto. A quantidade de devotos dos intervalos *31 – 50 anos* e *51 – 65 anos* é similar: 14 e 13, respetivamente. Assim consideramos, até novos dados, que a maioria dos visitantes corresponde ao grupo dos adultos em idade ativa (59.6%), seguidos dos séniors (40.3%).

O escasso número de jovens adultos e a inexistência de jovens aqui representada não corresponderá inteiramente à realidade se tivermos presente que há, no *Livro de Visitas* da capela-jazigo, a referência à visita por parte do Grupo Coral Infantil de Remelhe (1999) e dos Grupos da Catequese de Remelhe (em vários anos).

2.7.5.3. Perfil socioeconómico dos visitantes

Para o estudo destes *item* os dados também resultam apenas do *Questionário A (Tabelas 16 e 17)*.

Tabela 16 - Profissão dos devotos anónimos inquiridos

PROFISSÃO DOS DEVOTOS	NÚMERO DE PESSOAS
Trabalhador dependente	23
Trabalhador por conta própria	14
Doméstica	9
Reformado(a)	4
Desempregado(a)	1
Não responde	1
TOTAL	52

A maior parte dos devotos inquiridos são trabalhadores dependentes (23). Apenas 4 se apresentam como reformados mas, considerando a idade, muitas das pessoas que se inseriram nas categorias *Trabalhador dependente* e *Trabalhador por conta própria* já são reformadas, mas como continuam exercer a atividade profissional (trabalho no campo e/ou ofícios), não se inserem na categoria de *Reformado(a)*.

Tabela 17 - Grau de escolaridade dos devotos anónimos inquiridos

GRAU DE ESCOLARIDADE	NÚMERO DE PESSOAS
1º Ciclo (4 anos de escolaridade)	33
3º Ciclo (9 anos de escolaridade)	13
Secundário (12 anos de escolaridade)	6
Licenciatura	0
Mestrado	0
Doutoramento	0
Outro	0
TOTAL	52

Os dados da tabela levam-nos a concluir que a maioria (33) dos devotos que responderam a este questionário têm como habilitações o 1º Ciclo (4 anos de escolaridade). O 3º Ciclo (9 anos de escolaridade) e o Secundário (12 anos de escolaridade) é atributo de 13 e 6 devotos, respetivamente.

Na análise destes dados há que ter em conta que estamos apenas a lidar com uma população local, pelo que a amostra pode corresponder apenas ao visitante local, ou seja de Barcelos, e não traduza a realidade. Haveria que confrontar esses dados com outros mais abrangentes em termos geográficos.

2.7.5.4. Perfil religioso do visitante e motivação da visita

Tendo em conta apenas os questionários realizados neste trabalho, em termos religiosos todos os devotos de D. António Barroso professam a religião católica (52), como era de esperar, considerando-se 29 “*Relativamente religioso(a)s*” e 23 como “*Muito religioso(a)s*”, como se vê na *Tabela 18*. Nas entrevistas informais que fomos estabelecendo com as pessoas que responderam ao inquérito, percebemos que muitas das que se consideram “*Relativamente religioso(a)*”, fazem-no, apenas, pelo facto de não irem todos os dias à missa, apesar de se subentender que são pessoas de grande fé e fervor religioso.

Tabela 18 - Grau da religiosidade dos devotos anónimos inquiridos

GRAU DE RELIGIOSIDADE	NÚMERO DE PESSOAS
Muito religioso(a)	23
Relativamente religioso(a)	29
Não religioso(a)	0
Ateu/ateia convicto(a)	0
Não respondo	0
Religião professada: Católica	52

Segundo os dados da *Tabela 19*, a devoção é a principal razão que levou os inquiridos a visitar a capela-jazigo de D. António Barroso (40). Segue-se o acompanhamento de familiares e a curiosidade com 7 inquiridos cada. Em *Outro*, 1 inquirido diz que foi movido pelo turismo. De notar que todos eles se consideraram católicos.

Há 3 inquiridos que consideraram que foram motivados por duas ordens de razões: devoção e acompanhamento de familiares; curiosidade e turismo; curiosidade e devoção. Por isso, a totalidade de respostas são 55 e não o número de inquiridos (52).

Tabela 19 - Razões que levaram os devotos anónimos inquiridos a visitar a capela-jazigo de D. António Barroso

RAZÕES DA VISITA	NÚMERO DE PESSOAS
Devoção	40
Acompanhamento de familiares	7
Curiosidade	7
Outro	1
TOTAL	55

2.7.6. Outros dados sobre o culto a D. António Barroso: análise preliminar

2.7.6.1. O culto a D. António Barroso ao longo do ano

Os resultados do *Questionário A (Tabela 20)* mostram que a maioria (24) dos devotos locais inquiridos costumam visitar o túmulo de D. António Barroso durante todo o ano: “*Qualquer altura; Sempre que desejo; Sempre que posso*”. Nos meses de verão (junho a setembro), há o segundo grande fluxo. O número de 3 pessoas relativos à Romagem anual prende-se com o facto de termos encontrado apenas visitantes locais ou de freguesias vizinhas a Remelhe. De notar que em 2014 estivemos presentes como

observadora participante na romaria anual contando esta com mais de 400 visitantes. Seria interessante confrontar estes dados com uma amostragem maior.

Relativamente ao número de participantes na Romagem anual, pela investigação que fizemos, percebemos que o seu número varia de ano para ano, estando dependente de datas significativas associadas à vida de D. António Barroso e também de outras celebrações coincidentes. Foi o caso do ano em que participámos (31.08.2014), dia em que o Município homenageou o movimento associativo barcelense na cerimónia comemorativa dos 86 anos da elevação de Barcelos a cidade; esta comemoração terá desviado participantes da Romagem a D. António Barroso.

No *Livro de Visitas* também está bem patente um maior fluxo de visitantes nos meses de verão, principalmente daqueles que não são das proximidades geográficas. Tal situação deverá estar relacionada, quer com o período de férias, quer com as condições climatéricas próprias desta estação do ano.

Tabela 20 - Altura do ano em que os devotos anónimos inquiridos costumam visitar o túmulo de D. António Barroso

ALTURA DO ANO DA VISITA	NÚMERO DE PESSOAS
Todo o ano	24
Nos meses de verão (junho a setembro)	10
Na romagem anual (1º domingo de setembro)	3
Primavera	3
Outono e Inverno	7
Não responde	5
TOTAL	52

2.7.6.2. Mecanismos de transmissão do culto

Com base na mesma fonte, expressa na *Tabela 21*, o culto a D. António Barroso ainda não é alvo de campanhas de marketing, nem tratado institucionalmente como fazendo parte dos circuitos religiosos de turismo. Assim, a “*Tradição oral*” (principalmente pela via familiar) foi o meio pelo qual a maioria dos devotos inquiridos (42) tomaram conhecimento da existência da capela-jazigo de D. António Barroso, em Remelhe. O “*Folheto religioso*” e a “*Notícia no jornal*” foram a via para 6 e 2 inquiridos, respetivamente. Duas pessoas não responderam.

Desconhece-se como é que os visitantes regionais e internacionais têm acesso ao conhecimento da capela-jazigo de D. António Barroso.

Tabela 21 - Forma como os devotos anónimos inquiridos tomaram conhecimento da existência de D. António Barroso

FORMA DE CONHECIMENTO	NÚMERO DE PESSOAS
Tradição oral	42
Folheto religioso	6
Notícia no jornal	2
Outro meio	0
Não responde	2
TOTAL	52

2.8. Recetividade dos residentes e instituições locais e regionais ao desenvolvimento do turismo religioso em Remelhe com base no Culto a D. António Barroso

Com o objetivo de conhecer a possibilidade de desenvolvimento do turismo religioso em Remelhe, associado à figura de D. António Barroso, realizou-se o *Questionário B* (em anexo) que foi aplicado às entidades religiosas, políticas e económicas, locais e regionais. Os inquiridos foram em número de 58, sendo o número de indivíduos do género masculino de 37 e o do género feminino de 21 (*Tabela 22*).

Tabela 22 - Género dos inquiridos

GÉNERO DOS INQUIRIDOS	NÚMERO DE PESSOAS
Masculino	37
Feminino	21
Total	58

A grande maioria das pessoas do género feminino está associada à função de zeladora. Os quadros dirigentes inquiridos, são, na sua maioria, do género masculino, nomeadamente na esfera religiosa. Esta constatação vai muito de encontro à opinião da senhora⁶⁷ que dizia: “*A Igreja é dirigida por homens, mas quem mais participa são as mulheres*”. Ora, este questionário (*Questionário B*) foi mais votado para “quem dirige” nas diferentes esferas: religiosa, política e económica e demonstra, ainda, que à pequena escala, há desigualdade de género no acesso aos cargos mais significativos das instituições locais e regionais.

⁶⁷ Maria Gorete Loureiro de Miranda, atual responsável pela abertura diária da janela frontal esquerda da capela-jazigo de D. António Barroso, Remelhe.

Tabela 23 - Grau de escolaridade dos inquiridos

GRAU DE ESCOLARIDADE	NÚMERO DE PESSOAS
1º Ciclo (4 anos de escolaridade)	19
3º Ciclo (9 anos de escolaridade)	6
Secundário (12 anos de escolaridade)	11
Licenciatura	9
Mestrado	4
Doutoramento	2
Outro	4
Não responde	3
Total	58

Na informação da *Tabela 23*, nota-se, numa análise global, que 45.4% dos inquiridos não possui a habilitação mínima obrigatória desde 2009⁶⁸ (34.5% não tem a habilitação mínima obrigatória desde 1986) e que os com habilitação superior (27.2%) são, ainda, inferiores ao restante universo conhecido (65.4%). Neste universo, os inquiridos com menores habilitações literárias são aqueles que desempenham a função de zeladores, quer da capela-jazigo de D. António, quer da capela de S. Tiago ou ainda da igreja paroquial. Também os responsáveis pelas Confrarias de Remelhe não têm muita escolaridade. Dos 19 inquiridos com o 1º Ciclo, apenas 2 têm seis anos de escolaridade (o designado 2º Ciclo do ensino básico).

Relativamente aos inquiridos cujo grau de escolaridade é o secundário, 36.3% enquadram-se na esfera política (3 presidentes da junta de freguesia e uma vereadora) e 45.4% em *Outras Entidades*. Ainda com o secundário, há um inquirido associado à Associação Comercial e Industrial de Barcelos (ACIB) e outro à Associação *Grupo de Amigos do D. António Barroso*. No que concerne à habilitação universitária, 80% dos inquiridos constam da esfera religiosa (párocos, presidente da Associação *Grupo de Amigos do D. António Barroso*, provedores da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos e da Real Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz de Barcelos e a Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Confraria de Nossa Senhora do Terço de Barcelos), 13.3% do domínio político e 2 inquiridos enquadram-se em *Outras Entidades* (Coordenador do Posto de Turismo de Barcelos e o Diretor da Biblioteca e do Arquivo Municipal de Barcelos).

⁶⁸ Em 1956, a escolaridade obrigatória passa a ser de 4 anos para alunos do sexo masculino (o alargamento ao sexo feminino só se fará em 1960). Em 1973, a escolaridade obrigatória passou para 6 anos. Em 1986, com a Lei de Bases do Sistema de Ensino, o ensino básico compreende três ciclos, que perfazem 9 anos de escolaridade obrigatória. A partir do ano letivo de 2009-2010, os alunos que frequentassem até ao 7º ano de escolaridade ficam obrigados a uma escolaridade de 12 anos.

Do *item Outro* constam quatro situações: doutorando, frequência universitária na Faculdade de Economia da Universidade do Porto, Nível IV⁶⁹ e 3º ano do Seminário⁷⁰.

Como se pretendia analisar as forças vivas do desenvolvimento local e regional, a seleção dos inquiridos para a aplicação do *Questionário B* foi efetuada com base na função/cargo que desempenhavam (*Tabela 24*). Tentámos, o mais possível, que os inquiridos das diferentes esferas (religiosa, política, económica e outras) fossem representativos das entidades em que se inseriam. É muito comum a mesma pessoa, em simultâneo, desempenhar mais do que uma função/cargo.

Tabela 24 - Profissão/Cargo/Função dos inquiridos

Entidades religiosas	Vice-Postulador da Causa da Beatificação e Canonização de D. António Barroso / Diretor do <i>Boletim de D. António Barroso</i> ; Delegado da Arquidiocese de Braga no Processo Canónico de Beatificação de D. António Barroso.
	Prior de Barcelos; Párocos: Remelhe (atual e anterior), Pereira, Pedra Furada, Franqueira, Alvelos, Carvalhal, Gilmonde e Milhazes.
	Provedor da <i>Irmandade da Santa Casa da Misericórdia</i> , Barcelos; Provedor da <i>Real Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz</i> (RISBJC) de Barcelos; Presidente da Mesa da Assembleia Geral da <i>Confraria de Nossa Senhora do Terço</i> , Barcelos; Secretário da <i>Confraria do Senhor</i> , Remelhe; Tesoureiro da <i>Confraria de Nossa Senhora da Conceição</i> , Remelhe; Representante da Associação <i>Sagrado Coração de Jesus</i> , Remelhe; Coordenadora de um grupo de oração carismática, Remelhe; Mordomo da Cruz, 2013.
	Elementos do Conselho Paroquial, Remelhe; Secretário do Conselho Económico da Paróquia (Junta Fabriqueira).
	Ministros Extraordinários da Comunhão (MEC), Remelhe; Catequistas, Remelhe; Elementos do grupo coral, Remelhe.
	Zeladoras da capela-jazigo de D. António Barroso; Zeladoras da igreja paroquial, Remelhe; Zeladores da capela de S. Tiago, Remelhe (atual e o anterior).
	Empregada da residência paroquial de Remelhe e responsável pela abertura diária da janela da capela-jazigo para permitir a doação de esmolas e acender velas elétricas.
	Presidente da Associação <i>Grupo dos Amigos de D. António Barroso</i> ; Vice-Presidente da Associação <i>Grupo dos Amigos de D. António Barroso</i> ; Representante atual da Associação <i>Grupo dos Amigos de D. António Barroso</i> do Núcleo de Barcelos (1).
	Vereadora do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal, Barcelos; 1º Secretário da Assembleia Municipal, Barcelos;

⁶⁹ Ensino secundário obtido por percursos de dupla certificação (cursos profissionais, cursos de aprendizagem, cursos de educação e formação ou cursos artísticos) ou ensino secundário vocacionado para o prosseguimento de estudos de nível superior acrescido de estágio profissional de um mínimo de 6 meses.

⁷⁰ Concluídos os 4 anos do ensino primário, fez um exame de admissão ao Seminário onde estudou mais três anos.

Entidades políticas	Porta-voz da Assembleia Municipal, Barcelos; Membro da Assembleia Municipal, Barcelos.
	Presidente da Junta de Freguesia, Remelhe (1989-1997); Presidente da Junta de Freguesia, Remelhe (1997-2013); Presidente da Junta de Freguesia, Remelhe (desde 2013); Secretário da Junta de Freguesia, Remelhe (1985-1989); Membro da Assembleia de Freguesia, Remelhe.
	Presidente da Junta da União de Freguesias de Barcelos, Vila Boa e Vila Frescaíña (S. Martinho e São Pedro); Presidente da Junta de Freguesia de Arcozelo (Barcelos).
Entidades económicas	Diretor/Vice-Presidente da <i>Associação Comercial e Industrial de Barcelos</i> (ACIB).
	Gestor de empreendimentos turísticos.
	Proprietários em Remelhe: <i>Café Campinho</i> ; <i>Taberna do Armindo</i> ; <i>Restaurante Quinta dos Lagos (Trutas)</i> .
	Proprietário fora de Remelhe: <i>Quinta de Santa Comba</i> , Várzea-Barcelos (2).
	Proprietário da Casa de Santiago, Remelhe. Motorista de táxi, Remelhe.
Outras entidades	Técnico Superior de Turismo/Coordenador do Posto de Turismo de Barcelos; Diretor da Biblioteca e do Arquivo Municipal, Barcelos (3); Diretor da Biblioteca da Casa de Escritores da <i>Revista Brotéria</i> , Lisboa (3); Colaborador do <i>Boletim de D. António Barroso</i> ; Presidente da Direção da Associação <i>Clube Moto Galos de Barcelos</i> ; Presidente da Direção da Associação de Montanhismo de Barcelinhos – Amigos da Montanha; Adjunto do Comando dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos; Bombeiro de 3ª dos Bombeiros Voluntários de Barcelos; Elemento da Associação Desportiva e Cultural de Remelhe; Representante da família Barroso (4).

- (1) O Presidente da Associação Grupo de Amigos de D. António Barroso do núcleo de Barcelos faleceu recentemente.
- (2) Trata-se de uma Quinta de Turismo de Habitação que se localiza a cerca de 6 km de Remelhe.
- (3) Autor de alguns estudos sobre a vida de D. António Barroso.
- (4) Foi assim designado pela organização da Romagem a D. António Barroso, realizada no dia 31.08.2015, quando foi chamado para depositar flores no Monumento a D. António Barroso, em Remelhe.

No grupo das *Entidades políticas*, procurámos que o universo da amostra traduzisse a posição de membros dos órgãos representativos da freguesia de Remelhe (junta e assembleia de freguesia) e dos órgãos representativos do município de Barcelos (assembleia e câmara municipal). Os presidentes da Junta da União de Freguesias de Barcelos, Vila Boa e Vila Frescaíña (S. Martinho e São Pedro) e da Junta de Freguesia de Arcozelo (Barcelos) foram inquiridos pelo apoio que prestam na organização da Romagem anual à capela-jazigo de D. António Barroso e, também, por incorporarem a Associação *Amigos do D. António Barroso* do Núcleo de Barcelos.

No grupo das *Outras Entidades*, foram inquiridos os Presidentes das Direções das Associações *Clube Moto Galos de Barcelos* e *Montanhismo de Barcelinhos – Amigos da Montanha* e representantes dos *Bombeiros Voluntários de Barcelos* e *Bombeiros*

Voluntários de Barcelinhos, já que são organismos que dão apoio aos participantes na Romagem anual à capela-jazigo de D. António Barroso.

Tabela 25 - A figura de D. António Barroso como contribuinte para a divulgação de Remelhe

CONTRIBUTO PARA A DIVULGAÇÃO DE REMELHE	NÚMERO DE PESSOAS
Muito pouco	2
Pouco	6
Algum	12
Muito	38
TOTAL	58

Na *Tabela 25*, a maioria dos inquiridos (65.5%) considera que a figura de D. António Barroso tem contribuído *Muito* para a divulgação de Remelhe enquanto 20.6% consideram o critério *Algum* contributo. Apenas 6 (10.3%) consideram que o seu contributo foi *Pouco* e 2 (3.4%) *Muito Pouco*.

Perante estes dados, concluímos que Remelhe é conhecido, essencialmente, como sendo a terra do Missionário/Bispo do Porto: António Barroso.

Tabela 26 - Desenvolvimento económico que a devoção a D. António Barroso tem representado para Remelhe

DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO PARA REMELHE	NÚMERO DE PESSOAS
Muito pouco	4
Pouco	12
Algum	27
Muito	15
TOTAL	58

Na aplicação do Questionário, é perceptível, pela conversa com os inquiridos, que a resposta que registavam não coincidia muito com a opinião proferida oralmente. Isto é, alguns consideravam que o desenvolvimento económico associado à devoção a D. António Barroso em Remelhe é *Muito pouco/Pouco* significativo. No entanto, no momento de preencher a opção no questionário, colocavam o X na alínea *Algum* ou *Muito*. Alguns inquiridos exclamavam: “*Oh, vamos pelo menos pôr «Algum»*” (como se a vontade se sobrepujasse à realidade).

Elaboradas estas observações, a análise dos dados obtidos (*Tabela 26*) revela que 27 (46.5%) dos inquiridos consideram que a devoção a D. António Barroso representa *Algum* desenvolvimento económico para Remelhe enquanto 15 (25.8%) consideram

Muito. As opções de *Muito pouco* e *Pouco* correspondem a 4 (6.8%) e a 12 (20.6%) dos inquiridos, respetivamente.

Tabela 27 - Importância do desenvolvimento do Turismo Religioso associado à figura de D. António Barroso

IMPORTÂNCIA DO TURISMO RELIGIOSO / REMELHE	NÚMERO DE PESSOAS
Muito pouco	1
Pouco	2
Muito	20
Bastante	35
TOTAL	58

Na resposta obtida à questão *Importância do desenvolvimento do Turismo Religioso associado à figura de D. António Barroso*, há uma maioria de 35 inquiridos (60.3%) que consideraram que o turismo religioso associado à figura de D. António Barroso seria *Bastante* importante, seguida dos que consideram que seria *Muito* importante (34.4%). Apenas 2 inquiridos optaram pelo *Pouco* e 1 considerou *Muito pouco* importante.

Os resultados da *Tabela 27* são a prova evidente de que os inquiridos (forças vivas do desenvolvimento local e regional) têm consciência do potencial turístico que está associado à figura de D. António Barroso.

Parte IV – D. António Barroso e as Potencialidades do Turismo Religioso em Remelhe (Barcelos, Norte de Portugal)

1. Potencialidades de Turismo Religioso em Remelhe

1.1. Introdução

A Análise SWOT é uma metodologia de análise associada ao planeamento estratégico que reúne os pontos fortes (Strengths) e fracos (Weaknesses) da situação atual, assim como as oportunidades (Opportunities) e ameaças (Threats), ou seja, os potenciais do contexto estudado (Rosa e Lúcio, 2001 *in* Pereira, 2014:50). Trata-se de um diagnóstico que cria as condições “para as decisões operacionais e estratégicas”, revelando-se os pontos diferenciadores em relação à concorrência – pontos fortes e fracos – e as “perspectivas de evolução” – oportunidades e ameaças (Lindon *et al*, 2011: 451, *in* Pereira, 2014: 50).

A análise SWOT tem origem na corrente de planeamento que dominou o mundo empresarial dos anos 60 do século XX, quer nos Estados Unidos da América, quer no Reino Unido. O método SWOT foi criado e desenvolvido, na década de 60, por vários grupos de pesquisa universitários norte americanos, pelo que não se pode atribuir uma origem única, e foi aperfeiçoado ao longo dos anos seguintes, recebendo a influência de técnicas semelhantes que surgiram paralelamente (Pahl e Richter, 2009, *in* Pereira, 2014: 50).

A análise SWOT é uma ferramenta que pretende detetar os pontos fortes e fracos, de forma a desenvolver-se uma estratégia conducente a combater as fragilidades e a enaltecer as forças, envolvendo os vários intervenientes no projeto a que se aplica, de modo a proporcionar-se um desenvolvimento harmónico (Carneiro, 2015: 113).

De uma forma muito sucinta, os pontos fracos (ou fraquezas) são elementos internos que prejudicam o desenvolvimento de um determinado projeto/empreendimento, enquanto os pontos fortes são as forças internas positivas a promover. As oportunidades são situações externas, que não se controlam mas que, se aproveitadas, vão potenciar o desenvolvimento das intenções delineadas. Também as ameaças são externas e prejudicam o desenvolvimento do projeto que se pretende incrementar, pelo que é necessário minimizar os seus efeitos, de forma a não comprometerem o êxito do mesmo.

1.2. Análise SWOT

Com a análise SWOT sobre as potencialidades turísticas existentes na freguesia de Remelhe, concelho de Barcelos, distrito de Braga, pretende-se analisar as possibilidades de aqui incrementar atividade turística cultural, nomeadamente turismo religioso. Propomo-nos, assim, efetuar uma reflexão estratégica identificando os principais pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças aqui existentes (*Tabela 28*).

Tabela 28 - Análise SWOT das Potencialidades de Turismo Religioso em Remelhe

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Terra Natal de D. António Barroso. ◆ Local onde se encontram os seus restos mortais. ◆ Estado de conservação da capela-jazigo de D. António Barroso. ◆ Existência de visitantes/devotos/peregrinos regionais, nacionais e internacionais à capela-jazigo de D. António Barroso. ◆ Crença de que através de D. António Barroso se venera Deus (é um Servo de Deus). ◆ Existência de culto associado a D. António Barroso. ◆ Existência de romagem a D. António Barroso. ◆ Existência de caminhada a D. António Barroso. ◆ Processo de beatificação de D. António Barroso em curso. ◆ Existência de património edificado associado a D. António Barroso (casa natal, casa de exílio, capela-jazigo, monumento de homenagem⁷¹). ◆ Existência de outro património religioso de interesse e em bom estado de conservação (capela de S. Tiago com imagem de iconografia rara, igreja paroquial e alminhas). ◆ Existência de outras festividades religiosas na freguesia (festa do Senhor dos Passos). ◆ Existência de instalações capazes de acolher atividades religiosas (Salão Paroquial ou Residência Paroquial). ◆ Recetividade dos residentes e das instituições locais a visitantes associados à figura de D. António Barroso e ao turista religioso. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Sazonalidade dos peregrinos existente em maior número no verão. ◆ Casa onde nasceu D. Barroso sem condições de visitação. ◆ Falta de sinalética relativa aos pontos de interesse. ◆ Falta de textos explicativos relativos aos outros pontos de interesse da freguesia. ◆ Inexistência de lojas comerciais de artesanato regional e de uma linha de <i>merchandising</i> associada a D. António Barroso e ao turismo religioso. ◆ Inexistente oferta hoteleira local. ◆ Baixa qualidade dos serviços de restaura�o. ◆ Desconhecimento de línguas estrangeiras por parte da comunidade local, incluindo as zeladoras da capela-jazigo de D. António Barroso.

⁷¹ Também em Barcelos está edificado um monumento em homenagem a D. António Barroso.

OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Investimento no turismo cultural por parte da Entidade de Turismo do Porto e Norte de Portugal. ◆ Recetividade das entidades religiosas e instituições políticas (Câmara Municipal e Junta de Freguesia) ao desenvolvimento do turismo religioso associado à figura de D. António Barroso. ◆ Proximidade do atual Caminho Central Português de Santiago (4 km). ◆ Existência de um antigo Caminho de Santiago criando a possibilidade de se articular com o Caminho Central atual. ◆ Existência de uma antiga hospedaria associada ao Caminho de Santiago com um proprietário interessado no seu restauro para esse fim. ◆ Proximidade do Santuário da Franqueira (cerca de 6 km). ◆ Localização geográfica de Remelhe, relativamente a Barcelos (7 km). ◆ Localização geográfica de Remelhe, relativamente a Braga (18 km), onde o turismo religioso se tem desenvolvido e consolidado. ◆ Possibilidade de articulação de Remelhe nos eventos de turismo religioso que ocorrem em Barcelos e em Braga. ◆ Localização geográfica de Remelhe, relativamente ao Porto (50 km), onde D. António Barroso desempenhou importante obra e faleceu. ◆ Localização geográfica de Remelhe, relativamente ao Aeroporto do Porto (50 km). ◆ Qualidade da rede de auto-estradas (A28, A11 e A3) e de acessos rodoviários que servem o concelho. ◆ Espaço para estacionamento automóvel (ligeiros e autocarros), em Remelhe. ◆ Recente descoberta de um santuário rupestres pré-histórico, junto à Quinta do Paranho, em Remelhe. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Debilidades dos acessos rodoviários entre Barcelos e Remelhe. ◆ Debilidades nos serviços dos transportes públicos coletivos rodoviários. ◆ Insuficiente sinalética à freguesia. ◆ Comunidade e empresários locais sem experiência no setor do turismo. ◆ Falta de uma estratégia com o objetivo de divulgar a nível nacional e internacional a importância religiosa de D. António Barroso. ◆ Custos das infraestruturas necessárias à boa receção dos visitantes (acessos rodoviários, melhoramento dos sanitários, lojas de artigos religiosos e artesanais). ◆ Inexistência de alojamento local. ◆ Falta de vontade das entidades políticas municipais em acrescentar um novo percurso aos <i>Caminhos de Santiago</i>.

Com base na tabela efetuada partimos agora para uma análise mais detalhada sobre as condições existentes favoráveis ao desenvolvimento do turismo religioso em Remelhe a partir da figura e do carisma de D. António Barroso.

Pontos fortes

Remelhe dispõe de forças internas positivas capazes de constituir um atrativo turístico, nomeadamente, ser o local de nascimento e de deposição dos restos mortais de António José de Sousa Barroso, que jazem na capela-jazigo construída para esse efeito. O seu contributo para a divulgação desta terra está expresso nos resultados obtidos no *Questionário B*, onde 65,5% dos inquiridos consideraram que D. António Barroso tem contribuído *Muito* para a divulgação da freguesia.

A **crença** de que D. António Barroso tem propriedades religiosas e é interlocutor entre os homens e Deus, ou seja é um beato ou santo⁷², está bem explícita no *Livro de Visitas* e no *Questionário A*. No *Livro de Visitas*, das crenças registadas, em número de 2.672, 37.8% prendem-se com o agradecimento e 29.1% com a solicitação. No *Questionário A*, ao perguntarmos que razão leva o inquirido a visitar a capela-jazigo de D. António Barroso, 72.7% responde que é a devoção.

Apesar de o processo de beatificação estar ainda em curso, as graças mais solicitadas prendem-se com a saúde (20.4% no *Livro de Visitas* e 48.3% no *Questionário A*); a proteção em assuntos familiares (22.5% no *Questionário A*) e os estudos (13.8% no *Livro de Visitas*).

Para os crentes, os beatos ou santos são entendidos como entidades através das quais se comunica com Deus, isto é, são forças que intercedem junto de Deus. Por isso, diziamos um devoto de D. António Barroso: “*Nós sem santos não vamos a lado nenhum*”; reforçou a ideia com um exemplo concreto: “*perco uma coisa qualquer e peço ajuda ao D. António*”. O Sr. Martins⁷³, numa das nossas conversas explicava: “*Os santos não têm poderes próprios, mas apenas os concedidos por Deus. Os santos são transmissores de graças*”. É esta convicção que leva muitas pessoas a fazerem pedidos de graças.

A crença nas propriedades de D. António Barroso deu origem ao seu **culto** que se materializa em diferentes manifestações: a **visita aos seus restos mortais** na capela-jazigo, **romagens anuais** e **comemorações** por parte dos devotos.

Se a capela-jazigo é passível de culto o ano inteiro, embora atualmente esteja fechada durante a semana, já as outras manifestações de culto são cíclicas.

Em relação aos que lhe prestam culto através da participação na **Romagem** anual, no 1º domingo de setembro, em recordação da sua morte (31.08.1918), desde 1942-1943, a

⁷² Conforme foi explicado no ponto 1.3. (Parte III) *Processo de Beatificação e Canonização*.

⁷³ Frequentou o 3º ano do Seminário. Atualmente é elemento do Conselho Paroquial, do grupo coral e Ministro Extraordinário da Comunhão (MEC).

partir do Porto e, desde 1963, a partir de Barcelos. De notar que, a propósito das Romagens de Barcelos, em 2013, foi colocada uma lápide na parede exterior da capela-jazigo para comemorar os 50 anos das romagens que decalcam o percurso do cortejo fúnebre de D. António, que veio de comboio do Porto, onde este faleceu, e seguiu a pé até à sua terra natal – Remelhe.

Hoje, a Romagem anual do Porto deixou de existir já que, segundo contou o presidente da Associação *Grupo dos Amigos de D. António Barroso*⁷⁴, quem dinamizava estas romagens eram padres que conheceram D. António Barroso, que com ele privaram, tendo alguns sido por ele ordenados. Com a morte desta geração dá-se o fim das romagens anuais a partir do Porto. Esta só ocorre, agora, em datas especiais,



como a de 04.09.2011 que visava recordar os 100 anos da expulsão de D. António da diocese do Porto e o seu exílio na terra natal (Fig. 135⁷⁵). Foi organizada pelo semanário *Voz Portucalense*⁷⁶. Do programa constava um percurso que interessa recuperar de forma permanente⁷⁷: visitas à capela-jazigo, à igreja paroquial, à capela de S. Tiago e às casas onde nasceu e viveu.

Relativamente a Barcelos, na atualidade, os amigos e devotos D. António Barroso, em romagem, a rezar e a cantar, continuam a visitar a capela-jazigo para honrar a sua memória e pedir a sua proteção. Sabemos que o número de pessoas que incorpora a Romagem tem vindo a aumentar ao longo dos tempos, como nos confirmou o representante do *Grupo dos Amigos de D. António Barroso* do Núcleo de Barcelos⁷⁸ ou o Sr. Manuel Esteves⁷⁹. Consideram que a afluência de pessoas tem aumentado graças à divulgação da figura de D. António Barroso, em resultado do processo de canonização em curso. Os jornais locais e até regionais (**Anexo 4**) referenciam mais as atividades que se relacionam com a figura de D. António Barroso, seja a romagem, a caminhada,

⁷⁴ Doutor Amadeu Gomes de Araújo.

⁷⁵ “No ano de 1911, D. António Barroso, exilado da sede episcopal, ordenou nesta capela de S. Tiago 23 sacerdotes da sua diocese do Porto. No dia 4 de Setembro de 2011, recordando os 100 anos do acontecimento, a Fundação Voz Portucalense, com a participação do Bispo D. Manuel Clemente, fez memmória desse gesto profético, com um Teo Deum e uma evocação neste local pelo Padre José Adílio Macedo”.

⁷⁶ Semanário Eclesial de Informação e de Opinião, Porto.

⁷⁷ É isso que nos propomos fazer no ponto 2.2. da Parte IV desta dissertação.

⁷⁸ José Joaquim Silva Mendes.

⁷⁹ Elemento do Conselho Paroquial, do grupo coral, acólito e coordenador da catequese, Remelhe.

ou conferências. Nos anos 60, na Romagem, começaram por ser 12 pessoas, mas hoje rondam o meio milhar. Assim como, se noutros tempos eram mais pessoas anónimas, agora, cada vez mais, nota-se a presença de figuras que desempenham papéis de destaque, como é o caso do presidente da Câmara de Barcelos (Fig. 136) no dia da Romagem de 2015.

A Associação *Grupo dos Amigos de D. António Barroso*, do Núcleo de Barcelos, organiza, também, a *Caminhada* a D. António Barroso, no mês de maio. O percurso



Fig. 136 - Romagem de 2015: presidente da Câmara de Barcelos (fato escuro) e presidente da Junta de Remelhe.

Barcelos-Remelhe é feito a pé e, para o regresso, no final da manhã, a organização assegura transporte gratuito. Segundo explicou o seu atual representante, esta iniciativa foi incrementada para levar, de forma organizada, pelo menos duas vezes por ano, os devotos a Remelhe.

A manifestação de culto é expressa igualmente através daqueles que, nos dias de semana, se aproximam da janela aberta da capela-jazigo para rezar, que ligam as velas elétricas que lá se encontram, em troca de um valor monetário estipulado, ou que depositam dinheiro numa caixa de esmolas que se localiza ali para esse fim. Também é reflexo de devoção muitas fotografias que os visitantes deixam no interior da capela-jazigo ou donativos que são encaminhados para a causa da beatificação – a última página (P 8) do *Boletim de D. António Barroso* tem uma rubrica designada *Contas em*



Fig. 137 - Monumento a D. António Barroso, Remelhe.

Dia onde é apresentada a relação dos donativos recebidos para apoio à *Causa da Canonização de D. António Barroso*, sendo referido o nome da pessoa e o valor do donativo. É ainda manifestação de culto os círios acesos que se deixam no chão, à porta da capela-jazigo.

Em Remelhe, no monumento erigido em homenagem do seu nascimento (Fig.137), não há

manifestação de culto, talvez pela sua proximidade da capela-jazigo, os devotos centram as práticas de culto onde se encontram os restos mortais.

Para o estudo do **número e proveniência geográfica** dos devotos apenas obtivemos dados a partir do *Livro de Visitas*, de entre 1999 e 2014, que se encontra na capela-jazigo e através do *Inquérito A.*, pelo que os resultados que se apresentam são apenas aproximados e o número de visitantes inferior ao real⁸⁰. Pela primeira fonte foi possível apurar que Remelhe recebeu, entre janeiro⁸¹ de 1999 e dezembro de 2014, um número superior a 11.267 visitantes na capela-jazigo. Destes, 10.2%, ou seja, 1.154, não assinalaram a sua origem, pelo que a análise de proveniência foi efetuada apenas a 10.113 visitantes, sendo 8.222 (81.3%) de origem regional (concelho de Barcelos); 17.8% de outras áreas de Portugal e apenas 0.9% de países estrangeiros. Em relação ao visitante nacional, 97% são oriundos do norte do país. Pelo *Inquérito A.*, também foi possível apurar que há devotos nas mais diversas freguesias do concelho de Barcelos, embora o objetivo principal deste inquérito não fosse a proveniência dos participantes.

Para além da capela-jazigo (Fig. 138) onde estão depositados os restos mortais de D.



Fig. 138 - Capela-jazigo de D. António Barroso, Remelhe.

António Barroso, em excelente estado de conservação, há também, em Remelhe, outro **património edificado** que lhe está associado e que compreende a casa onde nasceu, a casa que mandou construir e onde se instalou durante um dos períodos de exílio e um monumento erguido para a comemoração do seu centenário de nascimento. Quer a casa onde nasceu, quer a que mandou construir, estão em mau estado de

conservação, requerendo obras de restauro. Já o monumento da comemoração do seu centenário de nascimento está em excelente estado.

Além do património referido, há que acrescentar a igreja paroquial onde D. António foi batizado e Cantou Missa e as capelas de Santa Cruz, do Senhor dos Passos e de S. Tiago, que também podem ser um ponto de passagem para o visitante. Nesta última, há uma imagem de S. Tiago (Fig. 139) de iconografia



Fig. 139 - Imagem de S. Tiago, Remelhe.

⁸⁰ De notar que muitos dos grupos que estão assinalados no *Livro de Visitas* não revelam o número concreto de pessoas.

⁸¹ O primeiro registo reporta-se ao dia 10 (dez).

rara (S. Tiago com um chapéu). Também as Alminhas de Remelhe – Portela, Paranho e Perdigão – merecem ser referenciadas, por terem algum valor artístico, mas também por ser um local de visita muito do agrado do público que procura turismo religioso.

Remelhe tem, ainda, uma **festividade religiosa** de maior destaque – a *Festa do Senhor dos Passos*, no 3º domingo anterior à Páscoa. É uma celebração com alguma referência no município de Barcelos, atraindo visitantes de diferentes partes do concelho. No entanto Remelhe tem outras festividades que podem ser promovidas e que conjugam a religiosidade com a natureza. Referimo-nos ao trajeto percorrido, na

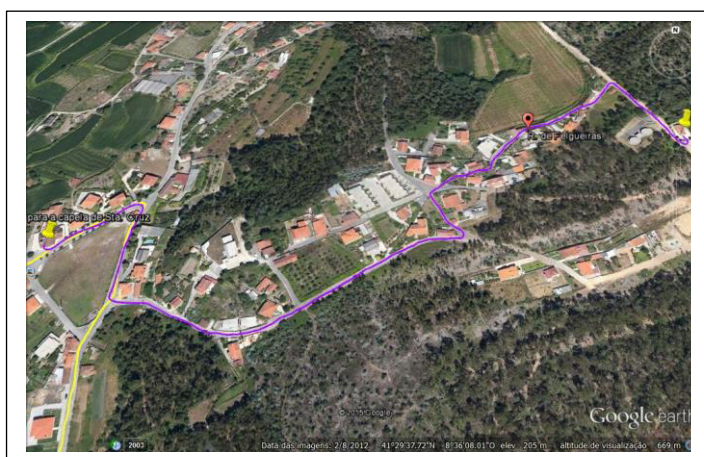


Fig. 140 - Percurso da Via Sacra, Remelhe. Tem início na igreja (lado esquerdo) e termina na capela de Santa Cruz (lado direito).

cerimónia da *Via Sacra*, no *Sábado de Ramos*, entre a igreja paroquial e a capela de Santa Cruz (Fig. 140). É um percurso que, se devidamente planeado, poderá ser também muito do agrado dos apreciadores da natureza e de percursos pedestres. Para além de visitarem a capela

supracitada, podem ver, nas proximidades, o cruzeiro do mesmo nome, desprovido de valor artístico, mas com um bonito enquadramento na natureza. Não muito distante, estão as alminhas do Paranho, um nicho em cantaria com arco redondo, e a recente descoberta da laje granítica com gravuras da Pré-História Recente.

Em Remelhe há dois edifícios onde, após a devida remodelação, podem funcionar espaços para acolher atividades religiosas. Referimo-nos à Residência Paroquial (Fig.



Fig. 141 - Residência Paroquial, na atualidade, Remelhe.

141) e ao Salão Paroquial. Num destes edifícios é de fazer um Auditório de forma a promover ações de apoio às missões (estando D. António Barroso tão ligado à África) e fomentar atividades como conferências, encontro de

jovens, momentos musicais de cariz mais religioso, retiros, confraternizações, reuniões de grupos corais.

As condições para a criação de um parque automóvel estão asseguradas se continuar a fazer uso (para estacionamento) do *Campo da Porta* ou *Boucinha* (Fig. 142),



Fig. 142 - *Campo da Boucinha*, Remelhe.

propriedade da Paróquia de Remelhe, desde 2004. Mas, segundo Macedo (2008: 4), esta propriedade foi adquirida com a finalidade de reservar terreno para a edificação de uma igreja a D. António

Barroso, após a confirmação da sua santidade. Se tal se concretizar, outro espaço terá de ser transformado em parque automóvel, com dimensões suscetíveis de responder às necessidades dos visitantes.

Nesta análise SWOT, é também um ponto forte o **Processo de beatificação** de D. António Barroso, iniciado por Decreto do Arcebispo-Bispo do Porto em 31.07.1992. O Postulador é nomeado em 04-02-1995 para examinar todos os dados do processo à luz das normas pontifícias. Em 04.03.2015, no Paço Episcopal do Porto, em sessão pública do Tribunal Diocesano, encerrou-se o processo relativo a um milagre atribuído à intercessão de D. António Barroso. O vice-postulador da causa da beatificação, Doutor Amadeu Araújo, sob sigilo, levou o processo a Roma. O segredo canónico não permite a divulgação de informação, o que nos inviabilizou questionar o vice-postulador, quando com ele conversámos a 05.08.2015 e a 10 do mesmo mês. O decorrer deste processo, bem como outros eventos associados a D. António Barroso, estão a ser alvo de divulgação na imprensa local e regional, o que contribui para aumentar o número de visitantes, quer sejam movidos por devoção, quer por curiosidade.

Por último, e nem por isso menos importante, temos como favorável a **recetividade** dos **residentes** e das **instituições locais** a visitantes associados à figura de D. António Barroso e ao turista religioso. Pelos questionários, pelas entrevistas, pelas conversas informais, percebe-se que há a consciência de que, se a Beatificação D. António Barroso se verificar, Remelhe pode beneficiar de crescimento económico, em resultado do desenvolvimento do turismo religioso.

Pontos fracos

A **sazonalidade** dos devotos ligadas como culto de D. António Barroso em Remelhe é uma realidade e pode ser diagnosticada a dois níveis: semanalmente e anualmente. No primeiro caso, o maior número de visitantes verifica-se aos fins de semana, quando a capela-jazigo está aberta. No segundo caso, quer as fontes (*Livro de Visitas* e *Inquéritos A*), quer as atividades programadas indicam a primavera e o verão como os períodos de

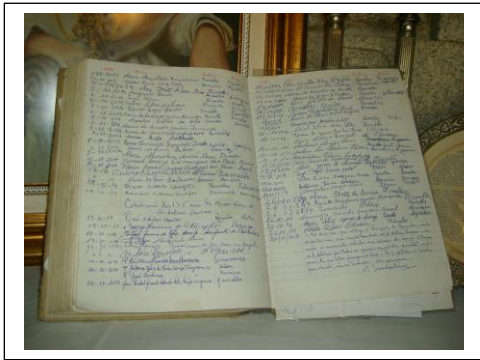


Fig. 143 - *Livro de Visitas*, capela-jazigo de D. António Barroso, Remelhe.

maior fluxo de visitantes. Sobre a altura do ano em que a capela-jazigo é mais visitada, quer os devotos anónimos a quem foi aplicado o *Questionário A*, quer os visitantes que deixaram o seu registo no *Livro de Visitas* (Fig. 143), fazem-no sobretudo entre os meses de maio e setembro. De notar o número de devotos que incorporam a *Romagem* no 1º domingo de setembro, em comemoração da data de falecimento de D. António Barroso, mas que apenas permanecem na freguesia durante a manhã por falta de alternativas ou de desconhecimento de outros recursos. Tal prende-se com a falta de sinalética e de textos explicativos relativos aos outros pontos de interesse da freguesia.

Sendo uma região rural, está **desprovida de lojas comerciais**, quer de artesanato concelhio, quer de artigos relacionados com a religiosidade e com a figura de D. António Barroso.

Outro ponto fraco é o **estado da Casa de Santiago**, ou propriamente do anexo a esta casa, onde nasceu D. António Barroso, que está sem condições de visitação no seu



Fig. 144 - Anexos da Casa de Santiago, Remelhe.

interior/exterior e a necessitar de recuperação (Fig. 144). O proprietário manifestou vontade de, após a beatificação de D. António Barroso, ver esta casa transformada num local de acolhimento de peregrinos de Santiago. Estando desprovido de capital para levar a cabo este projeto, aguarda que algum organismo, no futuro, se interesse por este investimento.

Também não facilita o desenvolvimento turístico de Remelhe o **desconhecimento de línguas estrangeiras** por parte da comunidade local, incluindo as zeladoras da capela-jazigo de D. António Barroso.

Por fim, a **falta de uma estratégia com o objetivo de divulgar** a nível nacional e internacional a importância religiosa de D. António Barroso é outro ponto fraco.

Oportunidades

Várias são as circunstâncias externas que podem tornar-se oportunidades para o incremento do turismo religioso em Remelhe, nomeadamente o interesse pelo desenvolvimento do Touring Cultural por parte da Entidade de Turismo do Porto e Norte de Portugal. O Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT), nas suas propostas para revisão no horizonte 2015 – versão 2.0, propõe que se reforce o touring-turismo cultural e religioso formatando itinerários experienciais que sejam uma mostra da diversidade do património histórico, cultural e religioso e aproveitando celebrações religiosas como tema de promoção (PENT. Rev. 2011: 39).

Também a **recetividade das entidades religiosas** (basta consultar a *Tabela 2* desta dissertação, onde constam os bispos solidários com a causa da canonização de D. António Barroso) e **instituições políticas** (Câmara Municipal de Barcelos e Junta da Freguesia de Remelhe) ao desenvolvimento do turismo religioso associado à figura de D. António Barroso é uma oportunidade a potenciar. Esta recetividade está patente em múltiplas iniciativas. É o caso da participação na *Romagem* anual, no 1º domingo de setembro, como comprovámos na de 31.08.2014, organizada pelo *Grupo de Amigos* de Barcelos, para assinalar o 96º aniversário da morte de D. António Barroso, com a colaboração da Câmara Municipal de Barcelos, Juntas de Freguesia (Remelhe, Barcelos e Arcozelo), Bombeiros Voluntários (de Barcelinhos e de Barcelos), P.S.P.-Esquadra de Barcelos, G.N.R.-Posto de Barcelos, Associação *Clube Moto Galos* de Barcelos e Associação *Amigos da Montanha*. Na passagem pelo Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz, em Barcelos, coube ao Monsenhor Abílio Cardoso, Prior de Barcelos, fazer a receção aos romeiros e, na passagem pelo monumento a D. António Barroso, no Largo

do Município (Fig. 145), coube ao vice-presidente da Câmara⁸², fazer um breve discurso alusivo à figura de D. António Barroso. A *Caminhada*, existente desde 2011, no mês de maio, organizada pelo *Grupo dos Amigos de D. António Barroso* do Núcleo de Barcelos, também beneficia da colaboração da Câmara Municipal de Barcelos, das Juntas de Freguesia de Remelhe, Barcelos e Arcozelo e dos Bombeiros Voluntários de



Fig. 145 - Monumento a D. António Barroso, Barcelos.

Barcelos.

Na *Comemoração dos 135 anos de Ordenação Sacerdotal* (Missa Nova) do Padre António Barroso, a 19 de outubro de 2014, houve uma Eucaristia Solene presidida por D. Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz, e a presença das autoridades políticas locais e municipais. Em muitos outros

momentos, figuras de destaque da esfera religiosa estiveram presentes em Remelhe, para visita à capela-jazigo: D. Manuel Clemente (Patriarca de Lisboa); D. Carlos Filipe Ximenes Belo (Ex-Administrador Apostólico de Dili); D. Januário Torgal Ferreira (Bispo Emérito das Forças Armadas e Segurança); D. Manuel da Silva Martins (Bispo Emérito de Setúbal), entre outros. Também na *Homenagem e Sessão Solene* realizada no Auditório da Câmara Municipal de Barcelos, a 8 de novembro de 2014, para assinalar o 160.º aniversário do nascimento de D. António Barroso, esteve presente a vereadora do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Barcelos. Esta última, alegou disponibilidade para prestar todo o apoio possível, a nível pessoal, “*enquanto cidadã de Barcelos*”, e em nome da Câmara Municipal de Barcelos. Na sua intervenção, proferiu que “*O município de Barcelos está disponível para apoiar e acompanhar o processo de beatificação D. António Barroso*” e que “*Cada barcelense tem obrigação de acarinhar e divulgar a intenção dos Amigos de D. António Barroso. A obrigação da Câmara é apoiar todas estas iniciativas. É uma honra ter D. António no nosso património histórico*” (Elisa Braga⁸³). O Vice-postulador agradeceu à vereadora a sua solicitude

⁸² Domingos Ribeiro Pereira.

⁸³ Vereadora do Pelouro da Cultura da CMB, na entrevista que nos concedeu a 02.10.2015.

pela Causa de D. António Barroso e para com a associação de que é presidente, o *Grupo de Amigos de D. António Barroso*.

Muitas outras conferências a propósito da personagem em estudo já se realizaram com o apoio expresso da Câmara Municipal de Barcelos. Por exemplo, todos os anos, em novembro, no Auditório deste organismo, realiza-se uma conferência comemorativa do nascimento de D. António Barroso.

O lançamento de alguns livros sobre a personagem central desta dissertação foi apoiado por figuras da esfera política municipal, em sessão cultural, no auditório da Câmara Municipal de Barcelos, como se verificou com “*D. António Barroso. Memórias de um Bispo Missionário*”, apresentado pela Vereadora para a Educação e Cultura⁸⁴, em 10 de novembro de 2012. Trata-se de uma compilação de estudos de diversos autores, editada pela Fundação *Voz Portucalense*. Outros livros relacionados com a vida e a obra de D. António Barroso beneficiaram do beneplácito da Câmara Municipal de Barcelos.

Outras oportunidades que não devem ser descuradas são a existência de um **antigo Caminho de Santiago** que atravessava Remelhe e que permitiria traçar um percurso alternativo ou um ramal, a partir do já existente **Caminho Central Português de Santiago** que passa, apenas, a 5 km (Fig. 146). Tal possibilitaria que o culto de D.

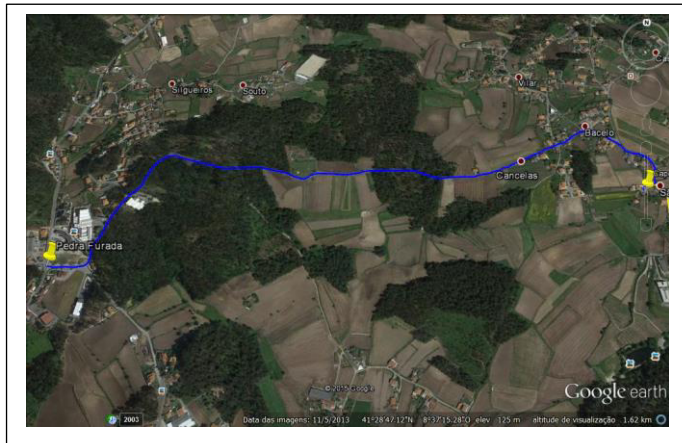


Fig. 146 - Proposta de percurso alternativo ao Caminho de Santiago. De Pedra Furada (à esquerda) à capela de S. Tiago (à direita).

António Barroso fosse conhecido e usufruído pelos peregrinos de Santiago, o que aumentaria o fluxo de visitante à Freguesia. De salientar a existência de uma antiga hospedaria associada ao Caminho de Santiago, a Casa de Santiago, com um proprietário interessado no seu restauro para esse fim.

A **localização geográfica de Remelhe** no que respeita a ligações com outras regiões, é mais uma oportunidade que deveria ser aproveitada na criação deste novo produto de turismo religioso. De facto, Remelhe tem boa localização relativamente a Barcelos (7 km), a Braga (18 km), ao Porto (50 km) e ao Aeroporto *Francisco Sá Carneiro* (50 km),

⁸⁴ Dra Armandina Saleiro.

facilitando a circulação de visitantes. Acresce-se a isto a qualidade da rede de auto-estradas (A28, A11 e A3) e de acessos rodoviários que servem a sede do concelho. Deste modo, como considerou o Técnico do Posto de Turismo de Barcelos⁸⁵, seria passível articular Remelhe com as restantes festividades religiosas existentes no concelho de Barcelos, como a Peregrinação à Franqueira, as cerimónias da Semana Santa em freguesias próximas, as Festas das Cruzes em Barcelos e cerimónias religiosas de Braga, que já atraem turismo religioso, entre outras.

Neste âmbito é de reforçar a referência ao Santuário da Franqueira, que dista cerca de 6 km de Remelhe. Trata-se de local de peregrinação anual, no 2º domingo de agosto, que parte da igreja Matriz de Barcelos e onde ocorrem milhares de visitantes, como constatámos, pela observação participante, no dia 09.08.2015 (Fig. 147). Seria de todo interessante que se divulgasse que a primeira grande peregrinação a este local aconteceu em 27 de setembro de 1908, com o apoio do Bispo D. António Barroso, que era um peregrino assíduo deste santuário e, anos mais tarde, *“quando as pernas já não acompanhavam o ardor da sua fé (...) percorreu a peregrinação num carro de bois”* (Silva Costa, 2007: 53).



Fig. 147 - Peregrinação à Franqueira, 09.08.2015.

Como defende o Técnico Superior de Turismo/Coordenador do Posto de Turismo de Barcelos⁸⁶ (*Inquérito B*), há que aproveitar a proximidade geográfica entre Remelhe, Franqueira e Barcelos, para se criar um triângulo turístico: Barcelos/Franqueira/Remelhe, com reflexos para o turismo de todo o norte de Portugal. Também o presidente da Junta de Freguesia de Remelhe referenciou a criação deste triângulo turístico, que poderia ser trabalhado com vista a um produto turístico em rede.

Referiu ainda o Dr. Nuno Rodrigues, do Posto de Turismo de Barcelos, que a oportunidade de inserir Remelhe numa rede regional de turismo religioso também seria

⁸⁵ Em entrevista concedida a 10.08.2015.

⁸⁶ Dr. Nuno Rodrigues.

viável com Braga onde este tipo de turismo é sumamente conhecido, quer em relação à Semana Santa, quer aos cultos relacionados com os santuários do Bom Jesus de Braga e do Sameiro.

A proximidade com o Porto, cidade onde D. António Barroso foi bispo e onde faleceu, também facilitaria a renovação de antigas romagens a Remelhe.

O espaço para **parqueamento automóvel** (ligeiros e autocarros) já existe em Remelhe. Referimo-nos ao *Campo da Porta* ou *Boucinha* que é propriedade da Paróquia desta freguesia, embora possa e deva ser melhorado.

Recentemente, mais um recurso turístico surgiu em Remelhe: a descoberta de um



santuário rupestre pré-histórico (Fig. 148), provável vestígio da sacralidade de um passado distante, junto à Quinta do Paranho. É um novo recurso que, se for devidamente explorado, poderá constituir mais um elemento de atração para os entusiastas do turismo cultural.

Fig. 148 - Laje com gravuras rupestres, Remelhe.

Fonte: Cortesia de Ana M. S. Bettencourt.

Ameaças

O desenvolvimento da atividade turística em Remelhe poderá estar condicionado por forças externas que, se não forem ultrapassadas, prejudicam o seu desenvolvimento. Desde logo a estrada que faz a ligação de Barcelos a Remelhe tem de ser intervencionada, de forma a oferecer melhores condições ao trânsito. O piso atual é nefasto à circulação dos veículos, provocando imensa trepidação.

Da mesma forma, as debilidades nos serviços dos transportes públicos coletivos rodoviários, têm de ser resolvidas. O escasso número de ligações Barcelos-Remelhe, bem como os horários dos existentes, não responde às necessidades de visitantes. A **sinalética** para a freguesia de Remelhe, a partir de Barcelos ou das saídas da auto-estrada, também é insuficiente, o mesmo ocorrendo para quem circula de comboio ou para quem quer fazer um desvio pedestre a partir do atual caminho de Santiago.

Também são ameaças a **inexistente oferta hoteleira** local e a **baixa qualidade dos serviços de restauração**. Em Remelhe, como as atividades económicas predominantes

inserem-se no âmbito da agricultura e da indústria (têxtil, calçado e construção civil), a comunidade e os empresários locais **não têm experiência no setor do turismo**.

Também a falta de vontade das entidades políticas municipais em acrescentar um novo percurso ou desvio aos *Caminhos de Santiago*, poderá constituir uma ameaça ao desenvolvimento turístico de Remelhe.

Com esta análise SWOT fizemos um levantamento das forças e fraquezas da região, no sentido de potenciar as primeiras e minimizar as segundas. As forças (pontos fortes e oportunidades) devem ser reforçadas e as fraquezas (pontos fracos e ameaças) atenuadas. Para que tal possa acontecer deveriam existir estratégias a curto e médio prazo para a sua resolução por parte de um organismo institucional em articulação com a população local. O poder político e os investidores particulares deveriam perspetivar Remelhe como um local de potencial desenvolvimento turístico sustentável, que assegura retorno ao capital investido. Os recursos existem, carecem é de medidas que os tornem um produto turístico atrativo e rentável.

2. D. António Barroso e Remelhe: proposta de valorização turística

2. 1. Introdução

O turismo religioso no Norte de Portugal encontra-se em fase de elevado crescimento, sendo o produto turístico com maior expressão na região, beneficiando das grandes potencialidades em termos de espaços religiosos e culturais⁸⁷.

Com esta dissertação, pretendeu-se, através da história de vida de D. António Barroso e do património tangível e intangível a ele associado, perceber as potencialidades da freguesia de Remelhe, concelho de Barcelos – a sua terra natal, como local passível de foco de turismo religioso, capaz de contribuir para o desenvolvimento local em termos sustentáveis.

Se a história de vida de D. António Barroso é deveras singular, como ficou bem patente no ponto 1 da Parte III deste trabalho, após a sua morte, e em torno dos seus restos fúnebres, foi-se desenvolvendo um misticismo e um conjunto de crenças que levaram ao seu culto e à materialização desse culto através de inúmeras ações: construção da capela-jazigo; criação de condições de visitação, aos domingos, dessa capela-jazigo; pedidos e agradecimentos de graças; romagens e caminhadas em sua

⁸⁷ Com base em informa o retirada de - http://www.destinoportugal.pt-tur.com/turismo_religioso/religioso_norte.html

honra; edificação de monumentos comemorativos da sua vida e obra e desenvolvimento do seu processo de beatificação. A materialização destes culto religioso trouxe, por consequência, inúmeros visitantes a Remelhe desde 1928⁸⁸, embora de forma cíclica (principalmente entre maio e setembro).

O perfil deste visitante, entre 1999 e 2014, estudado no âmbito deste trabalho no ponto 2.7.5., é maioritariamente nacional, sobretudo da área norte do país (97%), essencialmente do género feminino (73% dos inquiridos no *Inquérito A* e 66,5% dos que registaram, de uma forma explícita, a sua presença no *Livro de Visitas*). Prosseguindo o traçar do perfil dos devotos com base nos dados obtidos no *Questionário A*, sabe-se que são maioritariamente adultos em idade ativa (59.6%), seguidos dos séniores (40.3%) e que se consideram muito religiosos (44.2%) ou relativamente religiosos (55.7%), no contexto da religião católica. Sabe-se, ainda, que tomaram conhecimento da existência de D. António Barroso pela via oral (80.7%).

Com base no conjunto destes dados, em associação com o património religioso e cultural associado a D. António Barroso, existente em Remelhe, efetuou-se uma análise SWOT, com vista a determinar as possibilidades de desenvolvimento de turismo religioso nesta localidade. Esta permitiu perceber que tal é viável, muito embora o recurso existente ainda não seja mais do que isso – um recurso que terá de ser transformado em produto turístico, capaz de proporcionar ao visitante, seja ele excursionista ou turista, uma experiência inovadora.

A viabilidade deste fenómeno passa pela implementação, no tempo e no espaço, de um projeto materializado num conjunto de ações a desenvolver pela vontade expressa de uma equipa interdisciplinar e onde teriam que ser intervenientes as autoridades políticas locais e regionais, as entidades religiosas e os investidores privados, liderada por uma instituição que tivesse a seu cargo a implementação e a monitorização das várias etapas da implementação do projeto. Neste sentido, este trabalho deverá encarar-se como um estudo prévio, cientificamente validado e necessário para a planificação de qualquer projeto futuro.

Embora ultrapassando os objetivos deste trabalho, consideramos pertinente elaborar um percurso turístico, em Remelhe, com base na figura de D. António Barroso, que seja elucidativo das potencialidades turísticas aqui existentes.

⁸⁸ Esta data corresponde ao 1º *Livro de Visitas* existente no Arquivo da Paróquia de Remelhe.

2. 2. D. António Barroso e Remelhe: proposta de um percurso turístico

2.2.1. Introdução

A criação de um percurso turístico pressupõe o estabelecimento de um itinerário que descreva os locais de interesse que devem ser visitados pelo turista. Gomes & Quijano (1991) apresentam o itinerário como a descrição de um caminho que especifica os lugares por onde passa e a série de atividades e serviços que existem no decurso do passeio. Considera Carneiro (2015) que a primeira fase de preparação de um itinerário é o conhecimento do percurso “in loco”, que irá gerar a recolha e incorporação de elementos cruciais à constituição de um itinerário turístico-cultural que desperte a curiosidade e interesse dos turistas.

Os percursos que se estabelecem podem ter diversos graus de dificuldade: *fácil*, *moderado* e *exigente*⁸⁹. Um **itinerário fácil** comporta um trilho acessível com gradiente relativamente suave ou variações curtas na elevação do terreno e é adequado a todas as idades, requerendo um nível mediano de preparação física; o **itinerário moderado** compreende um trilho com terreno variável, apresentando um gradiente moderado e inclinações abruptas, mas pouco extensas, adequado a todas as idades, requerendo um nível razoável de preparação física; um **itinerário exigente** abrange um percurso com elevado grau de dificuldade, com terreno por vezes difícil, com mudanças repentinas de gradiente, podendo apresentar troços irregulares e é aconselhado para adultos com boa preparação física.

A forma dos percursos é, também, variável, podendo ser classificados como *circular/fechado* ou *linear/aberto* (Tovar, 2010). Em termos de extensão, os percursos podem enquadrar-se em percursos de Grande Rota (extensão superior a 30 km) ou percursos de Pequena Rota (extensão inferior a 30 km).

Definido o traçado do percurso, urge proceder à sua devida sinalização: “*Um percurso bem sinalizado pode ser percorrido em total segurança sem recurso a mapas ou textos descritivos*” (Carneiro, 2015: 113).

2.2.2. Percurso D. António Barroso em Remelhe

A criação deste percurso visa a valorização do património material e imaterial associado à figura de D. António Barroso, em Remelhe. Que ele se transforme num

⁸⁹ Com base em informação retirada de http://www.parquesdesintra.pt/wpcontent/uploads/2013/06/INFO_percursos_pedestres.pdf

instrumento que possibilite o desenvolvimento local, dinamizando esta terra do ponto de vista social, económico e cultural⁹⁰.

“... apesar do itinerário ser considerado e transformado num produto turístico, esse não deverá ser seu único fim. Deve ser considerado um instrumento potenciador de valorização de diversidade cultural e um veículo de promoção de acesso à cultura” (Carneiro, 2015: 19).

Na *Tabela 29* apresentam-se as características do percurso que preconizamos. Trata-se de um percurso em forma linear, com início nos anexos da Casa de Santiago, onde nasceu António Barroso, e fim no monumento erguido em sua homenagem, defronte da igreja paroquial de Remelhe. O grau de dificuldade do percurso é fácil, sendo acessível a diferentes públicos-alvo e faixas etárias e, portanto, ajustável ao visitante tradicional da capela-jazigo. A extensão é de 3.5 km, com uma duração média de 3 h. 30m.

Tabela 29 - Percurso D. António Barroso em Remelhe

PERCURSO D. António D. António Barroso em Remelhe	
Local de partida	Anexos da Casa de Santiago - 41° 28' 51" N, 8° 36' 12" W
Local de chegada	Largo da igreja paroquial de Remelhe
Duração média do percurso	3h.30 m
Extensão	3.5 km
Grau de dificuldade	Fácil
Tipo de percurso	Linear
Tipo de rota	Pequena Rota
Pontos de interesse	Casa de Santiago Capela de S. Tiago Casa dos avós maternos de D. António Barroso, Casa do “Bento Manuel” e Casa do Sousa Casa de D. António Barroso Igreja paroquial de Remelhe Capela-jazigo de D. António Barroso Jazigo dos pais de D. António Barroso Monumento de homenagem a D. António Barroso

No início do percurso (Fig. 149), os visitantes seriam recebidos num Centro Interpretativo onde obteriam informação sobre a vida e obra de D. António Barroso e

⁹⁰ No futuro, outros percursos devem ser dinamizados, quer em Remelhe, quer em Barcelos (visita ao monumento erguido em sua homenagem em 1931). Como dizia o Técnico Superior de Turismo/Coordenador do Posto de Turismo de Barcelos, a localização geográfica da terra natal do Bispo do Porto oferece condições para se tornar o vértice de um triângulo turístico: Barcelos/Franqueira/Remelhe. A presumível beatificação e canonização de D. António Barroso levará a outra perceção de Remelhe, que vai adquirir um reposicionamento geográfico e conquistar mediatismo.

capela, aquando da celebração do 1º centenário deste exílio (1911/2011). No interior, pode-se ver a imagem invulgar de frei Bartolomeu de S. Tiago, inscrita num altar-mor barroco (Fig. 151) e, no exterior, a pequena sineira colocada no alto e na frente do telhado, por cima da porta principal (Fig. 152).

Visitados os espaços supracitados, seria feito um pequeno percurso pedestre (cerca de 600 metros), pela *Rua de Santiago de Moldes*, até à **casa mandada construir por D. António Barroso**. Durante o trajeto pode-se ver a *Casa do Barroso*⁹⁴ onde moravam os seus avós maternos, com portas de janelas do início do século XVIII e, do lado oposto, a *casa de “Bento Manuel”*⁹⁵, onde viveu alguns anos da sua vida (1854-1872). Esta última era propriedade



Fig. 151 - Imagem de frei Bartolomeu de S. Tiago, no altar-mor barroco da capela de S. Tiago, Remelhe.

de Bernardo Limpo da Fonseca, protetor do jovem António José de Sousa Barroso, a quem deu lições de latim e influenciou para o ingresso no Seminário de Cernache do Bonjardim.



Fig. 152- Capela de S. Tiago, Remelhe.

de Bernardo Limpo da Fonseca, protetor do jovem António José de Sousa Barroso, a quem deu lições de latim e influenciou para o ingresso no Seminário de Cernache do Bonjardim.

Mais alguns metros ao longo da *Rua de Santiago de Moldes*⁹⁶ e, do lado esquerdo, entra-se num portão que dá acesso a uma pequena avenida/caminho onde está a casa com a inscrição: *CASA ONDE VIVEU D. ANTÓNIO BARROSO, 1904-1918*. Mandou-a construir o próprio D. António, em 1904, ao lado da casa dos seus pais. É uma bela casa do início do século XX (Fig. 153), com altos

tetos em gesso, grande escadaria interior e exterior, que ainda conserva alguns móveis, louças e livros do tempo de D. António⁹⁷. As imagens da Fig. 154 retratam a casa tal como se encontra de momento. A nossa proposta é a transformação deste imóvel numa Casa-Museu de D. António Barroso⁹⁸. Nesta seriam valorizados pedaços da sua vida quotidiana e do seu espólio, como por exemplo:

⁹⁴ O seu interior não é visitável, sendo uma habitação privada, propriedade da família Trigueiros de Lemos Rocha.

⁹⁵ O seu interior não é visitável, sendo uma habitação privada, propriedade de uma sobrinha-neta de D. António Barroso, viúva de um descendente de Bernardo Limpo da Fonseca.

⁹⁶ Cerca de 100 metros.

⁹⁷ Carece de grandes obras de restauro.

⁹⁸ Esta ideia não se afasta muito da sugerida por um sobrinho-neto, António José Cardoso de Sousa Barroso: fazer uma Fundação com a comparticipação do Estado.



Fig. 153 - Fachada da casa de D. António Barroso.

- *Exposição permanente das moedas de D. António Barroso, doadas em testamento ao Município de Barcelos;*
- *Área reservada aos livros que pertenceram ao D. António Barroso, os seus documentos manuscritos e correspondência que recebeu e que enviou (nomeadamente a familiares);*
- *Galeria de retratos de D. António Barroso e dos seus familiares;*
- *Exposição de objetos pessoais de D. António Barroso e outros da época.*



Fig. 154 - Casa de D. António Barroso, na atualidade.

Saído da Casa-Museu, o visitante poderá ver a fachada de uma modesta habitação adjacente, a *Casa do Sousa*, adquirida pelos pais de D. António em 1871, por 500 mil reis. Do outro lado da rua, há a casa abrasonada do fidalgo Bernardo da Fonseca, o protetor do jovem António Barroso, que lhe ensinou as primeiras luzes de latim.

De seguida, o visitante seria levado de carrinha⁹⁹, pela *Rua de Santiago de Moldes*, que faz ligação com a *Rua de Santa Marinha*, até ao cruzeiro paroquial, acedendo à



Fig. 155 - Igreja paroquial de Remelhe.

Avenida *D. António Barroso* (à esquerda). Percorrerá, assim, uma distância total de cerca de 3.5 km e terminará num largo¹⁰⁰, espaço amplo onde se localiza a igreja paroquial, a residência paroquial, o salão paroquial, o monumento em homenagem de D. António Barroso, a sua capela-jazigo, bem

como o jazigo dos seus pais. Aqui, a visita começaria pela **igreja paroquial** (Fig. 155), onde se destaca a rica talha barroca da tribuna da capela do Santíssimo, com um sacrário em talha exuberante e a pia batismal onde António José de Sousa Barroso foi batizado, em 1854. Nesta igreja cantou Missa Nova D. António em 1879. De seguida, na **capela-jazigo** (Fig. 156), poderá observar-se o alpendre com colunas em granito, as várias placas de mármore colocadas na parte frontal da capela e os painéis de azulejos das paredes exteriores, que retratam espaços já visitados (casa onde nasceu e viveu) e outros (sé catedral do Porto, mapa mundo e o escudo episcopal do bispo Barroso). No interior, está a urna resguardada por uma redoma de vidro, o teto em caixotões de madeira com as armas episcopais ladeadas pelos escudos reais e pelas cruzes de Cristo e os quatro vitrais que retratam períodos da vida de António de Sousa Barroso.



Fig. 156 - Capela-jazigo de D. António Barroso.

No final, o visitante poderá assinar o *Livro de Visitas* que se encontra sobre o altar de pedra.

⁹⁹ A decisão de incluir meio de transporte neste percurso prende-se com o facto de facilitar a locomoção de pessoas com menor agilidade física. Mas, tal requisito obriga a uma inscrição prévia por parte do visitante.

¹⁰⁰ Urge um melhoramento das instalações sanitárias existentes, a criação de um espaço para merenda e de um parque de estacionamento.

Nas traseiras da capela-jazigo há, ainda, o **jazigo**, em forma de pirâmide, mandado construir por D. António Barroso em 1899, para os seus pais, em pedra ançã, com cerca de 6 metros de altura. Os seus restos mortais também aqui estiveram durante 9 anos (1918-1927).

Saídos do cemitério, os visitantes poderão dirigir-se para o **monumento de homenagem** a D. António Barroso, erguido em 1959, em sequência das celebrações nacionais do 1º Centenário do seu Nascimento (Fig. 157), com o mapa do mundo, o busto do missionário Barroso e o padrão das descobertas¹⁰¹.



Por fim, o visitante passaria no (atual) **salão paroquial** (Fig. 158), ou noutras instalações de iniciativa

Fig. 157 - Monumento a D. António Barroso, Remelhe.

privada onde poderia adquirir objetos de artesanato regional e artigos de merchandising associados a D. António Barroso e ao turismo religioso.

Assim terminaria este percurso, experienciando a vida e obra de D. António Barroso através de diferentes espaços percorridos.

O ideal seria que os cafés e lojas locais se adaptassem à nova realidade e trabalhassem em parceria com o promotor do percurso.

Propõe-se, também, uma sinalização adequada ao percurso, assinalando os pontos de interesse, através de materiais diversificados, tais como placas direcionadas e placas



informativas, em diferentes línguas consoante o público alvo a atingir. Teria, igualmente, de se criar sinalética de acesso aos espaços associados à figura de D. António Barroso.

Fig. 158 - Salão Paroquial, Remelhe.

No Centro de Interpretação deveriam existir, além de desdobráveis ou aplicações

¹⁰¹ Uma breve exposição oral explica os diferentes espaços por onde este monumento passou e o significado de cada elemento constituinte: busto, mapa e padrão das descobertas.

informáticas com os diferentes pontos de interesse do itinerário, diferentes tipos de livros sobre este personagem, quer cientificamente, quer religiosamente validados, para vários tipos de gostos e interesses.

3. Algumas reflexões

Que o percurso turístico por Remelhe valorize os diferentes espaços que constituem o seu património imóvel e o seu património imaterial ou intangível e representem desenvolvimento sustentável para a região, melhorando as condições socioeconómicas existentes. Só a transformação dos recursos existentes em produto turístico consistente, apelativo e sustentável, pode tornar o turismo um motor de desenvolvimento desta região.

Há que atrair visitantes vindos de outros concelhos, nomeadamente da área do Porto, onde D. António Barroso foi bispo. A partir da Sé desta cidade, há que dinamizar novamente deslocações a Remelhe, para visitar os locais que lhe estão associados.

Sendo esta região um local de muita emigração, há que trabalhar este setor populacional, que nos visita predominantemente no período de verão, de forma a aproveitar a sua presença para visitarem Remelhe e torná-los potenciais consumidores dos produtos turísticos aqui existentes.

Deve-se também fazer um aproveitamento da proximidade geográfica com o norte da Espanha (Galiza) atraindo os turistas que visitam a região norte de Portugal, nomeadamente para as Festas das Cruzes.

Terão de ser criadas condições propícias à receção de visitantes. O poder político municipal ou eclesiástico tem de ver aqui um pólo de turismo com potencial de desenvolvimento económico, criador de postos de trabalho, de forma a promover o desenvolvimento da região. Há que melhorar os acessos rodoviários a esta freguesia, ultrapassar as debilidades nos serviços dos transportes públicos coletivos rodoviários, promover a dinamização de locais de restauração, melhorar as condições sanitárias existentes, criar um parque de merendas e um parque automóvel, colocar uma boa sinalética no percurso de acesso aos espaços associados à figura de D. António Barroso e assegurar a abertura da capela-jazigo, pólo central do culto a D. António Barroso, em todos os dias da semana. Só assim estarão criadas as condições para o visitante passar um dia inteiro em Remelhe, nomeadamente no dia da *Caminhada* (em maio) e no dia da *Romagem* (em setembro).

Desde já deve-se potenciar as visitas a Remelhe através da maior divulgação do Processo de Beatificação em curso. Há que despertar nas pessoas a vontade de conhecer a terra natal e a terra da capela-jazigo de um presumível Beato/Santo.

Dispondo esta freguesia de uma Residência Paroquial desocupada e um edifício para Salão Paroquial, dever-se-á pensar em potenciar estes espaços para eventos ligados às missões e outras atividades religiosas e seculares. Num destes edifícios é de fazer um Auditório para servir as funções citadas e que sirva, também, as populações e associações locais durante o ano. Estando D. António Barroso tão ligado à África, é de promover na freguesia ações de apoio às missões.

Que se fomentem outras atividades como conferências, encontro de jovens, momentos musicais de cariz mais religioso, retiros, confraternizações, reuniões de grupos corais. Que se estreitem os contactos com organismos como a Associação *Amigos da Montanha* e a Associação *Clube Moto Galos* de Barcelos, de forma a canalizar as suas atividades para Remelhe.

Que os investidores económicos privados, as autoridades políticas, as entidades religiosas, os operadores turísticos e a população local se interessem por este projeto, que o discutam e que o vejam como um empreendimento válido, de forma a apostarem na sua implementação, manutenção e monitorização. Com a conjugação de todos os *stakeholders* será possível a promoção de Remelhe como pólo turístico no contexto do turismo religioso no norte de Portugal.

4. Considerações finais

Com esta dissertação pretendia-se avaliar as possibilidades de incrementar turismo religioso em Remelhe, concelho de Barcelos, a norte de Portugal, a partir da figura do invulgar missionário e bispo do Porto, D. António Barroso. Em Remelhe nasceu, em Remelhe foi exilado e em Remelhe se encontram os seus restos mortais, em capela-jazigo, construída por subscrição pública, em 1927.

Desde logo foi intenção dar a conhecer o espírito reformador e o papel de missiólogo na Igreja de António José de Sousa Barroso, num período conturbado da história nacional, que compreende o final da monarquia portuguesa e os inícios da 1ª República.

De seguida, procedeu-se a um levantamento de todo o património imóvel, edificado em Remelhe, relacionado com António Barroso, de forma a potenciar o desenvolvimento desta terra com base no incremento turístico. Tentou mostrar-se às

entidades religiosas, às autoridades políticas locais e regionais e aos investidores privados, que Remelhe dispõe de potencialidades que, se devidamente valorizadas e exploradas, podem significar oportunidades de negócio.

Que se potenciem as visitas, a Romagem no 1º domingo de setembro, a Caminhada no mês de maio, as conferências, que já acontecem há longa data, e, melhorando os canais de divulgação, se consiga atrair visitantes de uma forma mais frequente e incluindo áreas geográficas mais abrangentes. Que se reforce o trabalho que já está a ser desenvolvido pela Associação *Grupo dos Amigos de D. António Barroso* e que se perspetive as oportunidades que podem advir do processo de beatificação/canonização que está em curso. A devoção que já é prestada a D. António Barroso, as visitas a Remelhe que daí decorrem, com a presumível canonização, expectável para 2018, poderá tirar Remelhe do anonimato e conferir-lhe um reposicionamento geográfico, criando-se condições para se tornar o vértice de um triângulo de turístico religioso: Barcelos/Franqueira/Remelhe, que deveria pensar-se de forma articulada.

Que o afluxo de visitantes resulte, também, da proximidade com outras rotas de turismo, nomeadamente os peregrinos do Caminho de Santiago, pelo que se propõe um percurso alternativo ao existente, de forma a incluir Remelhe no roteiro destes peregrinos, até para poderem visitar a Capela de S. Tiago, de traça românica, com uma invulgar imagem de Frei Bartolomeu de S. Tiago, para além do que se associa a D. António Barroso.

Cumpridos os objetivos da dissertação, para melhor elucidar das potencialidades turísticas de Remelhe, foi elaborado um percurso turístico, incluindo diferentes locais, com o objetivo de experienciar a vida e obra de D. António Barroso.

No futuro, outros percursos devem ser dinamizados, quer em Remelhe, quer em Barcelos, não se descurando a possibilidade de criar o triângulo turístico: Barcelos/Franqueira/Remelhe em torno deste personagem e em articulação com outros eventos religiosos.

Na elaboração desta dissertação, a maior dificuldade residiu na pressão do cumprimento dos prazos. A pesquisa bibliográfica, por que não dependia de terceiros, foi mais fácil. Já o trabalho de campo, nomeadamente as entrevistas e as visitas à capela-jazigo que só está aberta ao domingo, foi mais problemático, já que estávamos dependentes da conveniências de outras pessoas, também elas com compromissos pessoais e profissionais.

Por isso, há aspetos que merecem um tratamento mais aprofundado, como a criação de percursos turísticos que valorizem outros aspetos do património de Remelhe e um estudo dos outros *Livros de Visitas* (para além do analisado, há mais seis que se reportam ao período de 1928 a 1999) que se encontram no Arquivo da Paróquia; a consulta integral de todos os volumes revelar-se-á um contributo muito válido para a compreensão do culto associado a D. António Barroso e do seu público-alvo.

Bibliografia

- AFONSO, M. C. (2015). Concluído e enviado para Roma o Processo de Beatificação de D. António Barroso. *Boletim D. António Barroso*, 3ª Série, Ano V, 13 (Janeiro/Março), p.1.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de. (1990). *Barcelos*. Lisboa: Editorial Presença.
- ALMEIDA, C. F. Ferreira de. (s.d.). *História de Portugal*. Vol. XV. Lisboa: Promoclube.
- ALMEIDA, S.P.N.F.F. de. (2014). *Turismo e religioso: estudo de mercado e comunicação*. Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão. Retrieved from <http://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/3825>
- ARAÚJO, A. G. de. (2007). O espírito reformador do missionário Barroso. In Trigueiros, A. J. S. J. & Araújo, A. G. de (coords.) *Estudos sobre D. António Barroso (1854-1918)*. Vol. I. Barcelos: Associação “Grupo de Amigos de D. António Barroso,” pp. 59–104.
- ARAÚJO, A.G. de. (2007-2008). D. António Barroso (1854-1918): Missionário Reformador. *Lusitania Sacra*, 2ª Série, 19-20, pp. 217-259.
- ARAÚJO, A. G. de (2011). Associação “Grupo dos Amigos de D. António Barroso” Reorganiza-se. *Boletim D. António Barroso*, 3ª Série, Ano I, 2 (Maio/Julho), p.1.
- ARAÚJO, A. G. de (2013). O Processo de Canonização do Bispo Missionário. *Concelho de Barcelos - Freguesias: Remelhe*, 69, pp. 13–14.
- ARAÚJO, A. G. de, & AZEVEDO, C. A. M. (2009). *Réu da República: O Missionário António Barroso, Bispo do Porto*. Lisboa: Aletheia Editores.
- AZEVEDO, C. A. M. (2004). António Barroso, Bispo de Meliapor (1897-1899): Construtor da Unidade. *Lusitania Sacra*, 2ª Série, 16, pp. 399–410.
- BARCELOS – Freguesias: Remelhe (s.d.). Sousa, A. (coord.). A NOSSA TERRA – Direção – Comunicação e Divulgação Regional, Lda.
- BISOGNIN, E., & COELHO, V. (2008). História e Turismo Cultural: Estudo de Caso – Catedral Diocesana Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Santa Maria – RS. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 154-165.
- BOAS, M. Vilas (2012). Um Novo Congresso Missionário? *Boletim D. António Barroso*, 3ª Série, Ano II, 5 (Abril/Setembro), p.3.

- BRÁSIO, A. (1965). Barroso (D. António José de Sousa). In *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 3. Lisboa: Editorial Verbo, pp. 732-733.
- BRAZ, S. O. (1921). *Esboço Biographico de D. Antonio Barroso*. Porto: Livraria Portugueza Editora.
- BURGESS, Robert G. (1997). *A Pesquisa de Terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- CABRINI, L. (2008). Congresso Internacional sobre Turismo Cultural y Religioso. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 28-31.
- CAPELA, J. V. & BORRALHEIRO, R. (1998). *Barcelos nas Memórias Paroquiais de 1758*. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos.
- CARDONA, P. (2002). A Arte da Talha das Confrarias da Igreja Matriz de Barcelos. *Barcelos Revista*, 2ª série, nºs 11, 12, 13, pp. 101-126.
- CARNEIRO, Ana L. P. (2015). *O Potencial Turístico do Património Mineiro de Ponte de Lima: Um Passado com Futuro*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho.
- CASTRO, D. M. M. de. (2008). A Santa Sé e o Turismo. *Turismo Cultural e Religioso-Oportunidades e Desafios para o Séc. XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 39-42.
- COELHO, M. J. (2008). Turismo Cultural – Perspectivas e Desenvolvimento em Portugal. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 52-54.
- COSTA, M. da S. e. (2007). Portugal e a sua Identidade: a Acção e a Coragem de D. António Barroso. In Trigueiros, A. J. S. J. & Araújo, A. G. de (coords.) *Estudos sobre D. António Barroso (1854-1918)*. Vol. I. Barcelos: Associação “Grupo de Amigos de D. António Barroso”, pp. 29-37.
- CUNHA, A. de M. R. da. (1999). A Devoção a Santiago no Concelho de Barcelos. *Barcelos Terra Condal – Congresso*. II Vol. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos, pp. 151-172.
- CUNHA, M. J. dos S. (2008). Turismo Cultural e Religioso como Estratégia Territorial de Desenvolvimento. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 166-176.

- DIAS, I. N. (2010). *Turismo cultural e religioso no distrito de Coimbra: mosteiros e conventos: viagem entre o sagrado e profano*. Universidade de Coimbra.
- FARIA, A. M. de (1990). Forças Culturais em Teotónio da Fonseca: Vida e Obra. *Barcelos Revista*, 2ª Série, 1, pp. 147-168.
- FARIA, A. M. de (2004). *Barcelinhos: À Entrada do 3º Milénio*. Barcelinhos-Barcelos: CEM, Artes Gráficas, pp. 90-108; 171-182.
- FERRAZ, A. M. da C. A. (2013). *Apontamentos para a História de Barcelos*. Vol. I. Barcelos: Santa Casa da Misericórdia de Barcelos e Município de Barcelos.
- FERREIRA, M. A. (1982). *A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço*. Barcelos: Companhia Editora do Minho.
- FERREIRA, A. M. (1985). Aspectos da Acção da Igreja no Contexto da I República. *História Contemporânea de Portugal*. Tomo I. Lisboa: Amigos do Livro, Editores.
- FONSECA, T. da. (1987a). *O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado*. Vol. I. Barcelos: Companhia Editora do Minho. Reprodução fac-similada da edição de 1948.
- FONSECA, T. da. (1987b). *O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado*. Vol II. Barcelos: Companhia Editora do Minho. Reprodução fac-similada da edição de 1948.
- GAMA, I. M., & VILA-CHÃ, M. A. (1995). As Festas das Cruzes ao Longo da História. *Barcelos Revista*, 2ª série, 6, pp. 153-175.
- GIL C., & RODRIGUES, J. (1997). *Por caminhos de Santiago: Itinerários Portugueses para Compostela*. 2ª edição. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- GOMES, J. F. (2002). *Súmula Biográfica de D. António Barroso*. Cucujães: Edição do Autor.
- GOMEZ, J., & QUIJANO, C. (1991). *Rutas e Itinerarios Tuísticos en España*. Madrid: Editorial Síntesis.
- HILL, M. M., & HILL, A (2009). *Investigação por Questionário*. 2ª Edição. Lisboa: Edições Sílabo.
- BISPO DE HIMERIA, Reverendo (1895). *Padroado de Portugal em Africa: Relatório da Prelazia de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- MACEDO, J. A. B. (1994). D. António Barroso, Afonso Costa e a Pastoral Colectiva. *Lusitania Sacra*, 2ª Série, 6, pp. 327-353.

- MACEDO, J. A. B. (1997). D. António Barroso: Síntese Biográfica e Bibliografia. *Barcelos Revista*, 2ª Série, 8, pp. 40-75.
- MACEDO, J. A. B. (1998-1999). José Maria da Costa Parente: Sacerdote Bracarense Ordenado em Remelhe por D. António Barroso. *Barcelos Revista*, 2ª Série, 9-10, pp. 147-166.
- MACEDO, J. A. B. (2002). *Igreja Paroquial de Remelhe: Bênção Solene*. Barcelos: Edição do autor.
- MACEDO, J. A. B. (2004). *D. António Barroso Nasceu Há 150 Anos*. Igreja Paroquial de Remelhe.
- MACEDO, J. A. B. (2005). *D. António Barroso e a Primeira República*. Câmara Municipal de Barcelos.
- MACEDO, J. A. B. (2008). Notícias de D. António Barroso. *D. António Barroso: Boletim Paroquial de Remelhe*, 2ª Série, 76 (Abril), p. 4.
- MACEDO, J. A. B. (2011). *D. António Barroso Fala nos Seus Monumentos*. Remelhe: Edição do autor.
- MACEDO, J. A. B. (2014). Remelhe – Barcelos assinala os 135 anos da Missa Nova de D. António Barroso. Suplemento do *Diário do Minho* de 01.10.2014, pp. III –V.
- MACHADO, P. S. (2008). Cultura e Turismo Duas Realidades Uma Finalidade. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 148-153.
- MAGALHÃES, A. M. (1987). *Barcelos: Guia Turístico*. Barcelos: Edição do autor.
- MATOS, S. (1994). Cruzeiros e Alminhas de Barcelos. *Barcelos: Património*, 2. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos.
- MATOS, S. (1999). Devoções em Barcelos no Séc. XVIII. *Barcelos Terra Condal - Congresso*. II Volume. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos, pp. 133-142.
- MONIZ, F. (2008). A cooperação territorial europeia e o desenvolvimento do turismo e da cultura. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 34-35.
- MOTA, M., REMOALDO, P. C., & RIBEIRO, J. C. (2010). A evolução do turismo cultural e os desafios que se colocam aos pequenos núcleos urbanos: o caso de Ponte de Lima. *Produtos e Destinos Turísticos de Excelência – I Congresso*

- Internacional de Turismo. ESG/IPCA – Barcelos – 1 a 2 Outubro 2010*. Barcelos: Instituto Politécnico do Cávado e Ave, pp. 92-110.
- MOURA, F. (2008). O Papel dos Operadores no Turismo Cultural Religioso: A Experiência da Geotur. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 75-80.
- NETO, V. (2004). O Estado e a Igreja na 1ª República. *A Igreja e o Estado em Portugal: Da primeira República ao limiar do Século XXI*. Vila Nova de Famalicão: Editora Ausência.
- OLIVEIRA MARQUES, A. H. de (1988). *Ensaio de História da I República Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- PENT. Revisão 2011. *Plano Estratégico Nacional de Turismo – Propostas para Revisão no Horizonte 2015 – Versão 2.0*, Turismo de Portugal. Disponível em <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%20Revisao%202011.pdf>
- PEREIRA, C. E. (2014). *Comunidades Dehonianas no Norte e Centro da Moçambique: Possibilidades Turísticas*. Universidade do Minho.
- PEREIRA, V. (2008). Linhas Emergentes do Congresso. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 91-93.
- PEREIRO PÉREZ, X. (2009). *Turismo Cultural: Uma visão antropológica*. El Sauzal: Asociación Canaria de Antropología, PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural IV.
- PINHO, V. (2003-2004-2005). A elevação de Barcelos a cidade. *Barcelos Revista*, 2ª Série, 14-15-16, pp. 167-190.
- PINHO, V. (2007). Barcelos e D. António Barroso. In Trigueiros, A. J. S. J. & Araújo, A. G. de (coords.) *Estudos sobre D. António Barroso (1854-1918)*. Vol. I. Barcelos: Associação “Grupo de Amigos de D. António Barroso”, pp. 107–143.
- PINHO, V. (2013). História de Remelhe. *Concelho de Barcelos – Freguesias: Remelhe*, 69, pp. 2–3.
- RIBEIRO, J. C. (2008). Turismo Cultural. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 50-51.

- RIBEIRO, J. C., FREITAS, M. M. de & MENDES, R.B. (2001). *O Turismo no espaço rural: uma digressão pelo tema a pretexto da situação e evolução do fenómeno em Portugal*. Universidade do Minho. Núcleo de Investigação em Políticas Económicas.
- RIBEIRO, J. C., & REMOALDO, P. C. (2008). Património Cultural e Estratégia de Desenvolvimento Turístico da Cidade de Guimarães. Atas do 2º Congresso de Gestão e Conservação da Natureza. 14º Congresso da APDR, 4 -5 julho 2008. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, pp. 1303-1334 ([http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%C3%A3o 13/51A.pdf](http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%C3%A3o%2013/51A.pdf)).
- S/A (2013a). Bispos solidários com a causa da canonização de D. António Barroso, *Boletim de D. António Barroso*. III série, Ano III, 9 (Outubro/Dezembro), p. 3.
- S/A (2013b). Dr. José Ferreira Gomes e Pe. Manuel Castro Afonso, *Boletim de D. António Barroso*. III série, Ano III, 7 (Janeiro/Março), p. 7.
- S/A (2013c). Flores para os Amigos de D. António, *Boletim de D. António Barroso*. III série, Ano III, nº 7 (Janeiro/Março), p. 7.
- S/A (2013d). Património Cível: Casas Antigas. *Concelho de Barcelos - Freguesias: Remelhe*, 69, pp. 8–9.
- S/A (2013e). Zeladoras da Capela-Jazigo de D. António Barroso, *Boletim de D. António Barroso*. III série, Ano III, 8, p. 8.
- S/A (2015 a). Dia de Barcelos em Santiago de Compostela, *Cidadania*. Revista Municipal, 6, p. 31.
- S/A (2015b). Milhões de Festa, *Cidadania*. Revista Municipal, 6, p. 24.
- SANTOS, P. (2008). Turismo Religioso na Madeira: Potencialidades e Desafios. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 211-219.
- SARAIVA, J. H. (1987). *Itinerário Português: O Tempo e a Alma*. Lisboa: Gradiva.
- SARAIVA, J. H. (1993). *História de Portugal*. Publicações Europa-América.
- SERRALONGA, S. A. Aulet, & HAKOBYAN, K. (2011). Turismo Religioso y Espacios Sagrados: Una Proposta Para Los Santuarios de Catalunya. *Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR*, 1 (1): 63-82.
- SILVA, A. de S. e. (2008). Desenvolvimento Local e Animação Turística. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 247-259.

- SILVA COSTA, A. da. (2007). D. António Barroso: o Homem, o Pastor, o Santo. In Trigueiros, A. J. S. J. & Araújo, A. G. de (coords.) *Estudos sobre D. António Barroso (1854-1918)*. Vol. I. Barcelos: Associação “Grupo de Amigos de D. António Barroso”, pp. 39-56.
- SIMÕES, C. (2008). O Papel dos Operadores no Turismo Cultural e Religioso. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, p. 72.
- SPARRER, M. (2008). O Papel da População Local no Turismo em Espaço Rural: O Caso da Província Galega da Corunha. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 177-184.
- TOVAR, Z. (2010). *Pedestrianismo, Percursos Pedestres e Turismo de Passeio Pedestre em Portugal*. Dissertação de mestrado na especialidade de Gestão Estratégica de Destinos Turísticos. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- TRIGUEIROS, A. J. L. (2007). D. António Barroso e as suas Raízes Remelhenses. In Trigueiros, A. J. S. J. & Araújo, A. G. de (coords.) *Estudos sobre D. António Barroso (1854-1918)*. Vol. I. Barcelos: Associação “Grupo de Amigos de D. António Barroso“, pp. 9-27.
- VIEIRA, J. M. (2008). Turismo Cultural e Religioso-Oportunidades para o Séc. XXI. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 26-27.
- VIEIRA, N. M. C. (2001). *O Seminário Episcopal do Porto: 1804-1949*. Universidade de Navarra.
- VILAÇA, A. (2008a). O despertar de uma nova realidade empresarial. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Séc. XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 88-90.
- VILAÇA, A. (2008b). Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI. *Turismo Cultural e Religioso: Oportunidades e Desafios para o Século XXI*. Póvoa de Varzim: Turel I TCR – Turismo Cultural e Religioso, CRL, pp. 22-25.
- VINHAS, J. A. (2004). *O Senhor Bom Jesus da Cruz de Barcelos: Quinhentos Anos de História*. Barcelos: Real Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz de Barcelos.

ARTIGOS DE JORNAL:

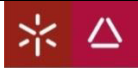
- COSTA, Olga (2015a). Elisa Braga: Vereadora da Cultura da CMB. *Barcelos Popular* de 23.04.2015, pp. 12-13.
- COSTA, Olga (2015b). 33ª Mostra de Artesanato e Cerâmica. *Barcelos Popular* de 06.08.2015, p. 11.
- ENCARNAÇÃO, Marta (2015a). Barcelos quer classificação: Caminho Português de Santiago. *Diário do Minho* de 03.05.2015, p. 8.
- ENCARNAÇÃO, Marta (2015b). Peregrinos cumpriram troço de Pedra Furada. *Diário do Minho* de 03.05.2015, p. 9.
- FONSECA, Zita (2015). Beatificação de D. António Barroso entra na fase final. *Jornal de Barcelos* de 11.03.2015, p. 1; 7.
- FREITAS, Patrícia (2014). Milhões de negócios. *Barcelos Popular* de 31.07.2014, p. 3.
- GRANJA, Pedro (2015a). Cidade Medieval atrai cada vez mais pessoas: Um recuo no tempo que faz renascer uma cidade . *Barcelos Popular* de 04.06.2015, p. 11.
- GRANJA, Pedro (2015b). Descobertas gravuras com mais de 5 mil anos. *Barcelos Popular* de 25.06.2015, p. 5.
- SILVA, Pedro L. (2015a). Alameda das Barrocas volta a encher: Nem a chuva abrandando o Ai! Cruzes. *Jornal de Barcelos* de 29.04.2015, p. 9.
- SILVA, Pedro L. (2015b). Arraial ficou aquém das expectativas por causa do mau tempo: Setenta mil pessoas passaram pelo Ai! Cruzes. *Jornal de Barcelos* de 06.05.2015, p. 10.
- VIANA, Miguel (2015). Milhares de fiéis assistiram à procissão. *Correio do Minho* de 04.05.2015, p. 16.

Webgrafia

<http://agenda.barcelos.pt/promotores/confraria-de-nossa-senhora-da-franqueira>
<http://cnstercobarcelos.blogspot.pt/>
[http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Church_of_Bom_Jesus_da_Cruz_\(Barcelos\)](http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Church_of_Bom_Jesus_da_Cruz_(Barcelos))
<http://portugalminho.webnode.pt/festas-e-romarias/>
http://pt.wikipedia.org/wiki/Lenda_do_Galo_de_Barcelos
<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/salao-de-artigos-religiosos-abriu-espaco-a-actividades-culturais/>
<http://www.cm-barcelos.pt/>
<http://www.cm-barcelos.pt/autarquia/pacos-do-concelho>
http://www.cm-barcelos.pt/noticias/arquivo/2015/copy_of_fevereiro/galo-de-barcelos-foi-estrela-na-btl
<http://www.cm-barcelos.pt/noticias/arquivo/2015/fevereiro/galo-de-barcelos-marca-bolsa-de-turismo-de-lisboa>
http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/barcelos/Guia_pt.pdf
http://www.destinoportugal.pt-tur.com/turismo_religioso/religioso_norte.html
<http://www.feiradebarcelos.com/blog/retratos-da-feira-de-barcelos-por-artur-pastor.html>
<https://www.google.pt/search?q=galo+de+barcelos+marca+bolsa+de+turismo+de+lisboa>
<http://www.igrejadoterco.org/?pg=10&lng=pt>
http://www.parquesdesintra.pt/wpcontent/uploads/2013/06/INFO_percursos_pedestres.pdf
<http://www.paroquiadebarcelos.org/?pg=102&lng=pt>
<http://www.remelhe.bcl.pt/v3x/historia.html>
<http://www.scmb.maisbarcelos.pt/?vpath=/historia/historia2/>
<http://www.scmb.maisbarcelos.pt/?vpath=/inicio/mensagem/>
http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/desenvolvimentoeinovacao/Documents/Doc10_CartaInternacionalTurismoCultural.pdf
www.cm-barcelos.pt/downloads/Barcelos2020Vol1.pdf

ANEXOS

Anexo 1 – Questionário A

 Universidade do Minho	O presente inquérito destina-se a fazer um estudo sobre D. António Barroso e as potencialidades do Turismo Religioso em Remelhe (Barcelos, Norte de Portugal). Trata-se de um inquérito anónimo e a informação obtida terá um tratamento confidencial, com fins meramente académicos.
--	--

1. Sexo

Assinale com um X	Masculino	Feminino
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. Idade? _____ anos.

3. Grau de escolaridade

Assinale com um X	1º Ciclo (4 anos de escolaridade)	<input type="checkbox"/>
	3º Ciclo (9 anos de escolaridade)	<input type="checkbox"/>
	Secundário (12 anos de escolaridade)	<input type="checkbox"/>
	Licenciatura	<input type="checkbox"/>
	Mestrado	<input type="checkbox"/>
	Doutoramento	<input type="checkbox"/>
Outro: _____		<input type="checkbox"/>

4. Profissão (atual ou já exercida)? _____

5. Onde reside? Freguesia: _____ Concelho: _____ País: _____

6. Em termos religiosos considera-se:

Assinale com um X	Muito religioso(a)	<input type="checkbox"/>
	Relativamente religioso(a)	<input type="checkbox"/>
	Não religioso(a)	<input type="checkbox"/>
	Ateu/ateia convicto(a)	<input type="checkbox"/>
	Não respondo	<input type="checkbox"/>
	Qual é a sua religião? _____	

7. Como teve conhecimento da existência de D. António Barroso?

Assinale com um X	Via oral	<input type="checkbox"/>
	Folheto religioso	<input type="checkbox"/>
	Notícia no jornal	<input type="checkbox"/>
	Outro meio: _____	

8. Que razões o levaram a visitar o túmulo de D. António Barroso?

Assinale com um X	Curiosidade	<input type="checkbox"/>
	Devoção	<input type="checkbox"/>
	Acompanhamento de familiares	<input type="checkbox"/>
	Outro: _____	


9. Em que altura do ano costuma visitar o túmulo de D. António Barroso? _____

10. Que propriedades atribui a D. António Barroso? _____

11. Que graça(s) pediu a D. António Barroso? _____

Muito obrigada pela colaboração!

Anexo 2 – Questionário B

	<p>O presente inquérito destina-se a fazer um estudo sobre D. António Barroso e as potencialidades do Turismo Religioso em Remelhe (Barcelos, Norte de Portugal). Trata-se de um inquérito anónimo e a informação obtida terá um tratamento confidencial, com fins meramente académicos.</p>
---	---

1. Nome: _____

2. Grau de escolaridade

Assinale com um X	1º Ciclo (4 anos de escolaridade)	
	3º Ciclo (9 anos de escolaridade)	
	Secundário (12 anos de escolaridade)	
	Licenciatura	
	Mestrado	
	Doutoramento	
	Outro: _____	

3. Profissão / cargo / função? _____

4. A figura de D. António Barroso tem contribuído para a divulgação de Remelhe?

Assinale com um X	Muito pouco	Pouco	Algum	Muito

5. A devoção ao D. António Barroso representa desenvolvimento económico para a freguesia?

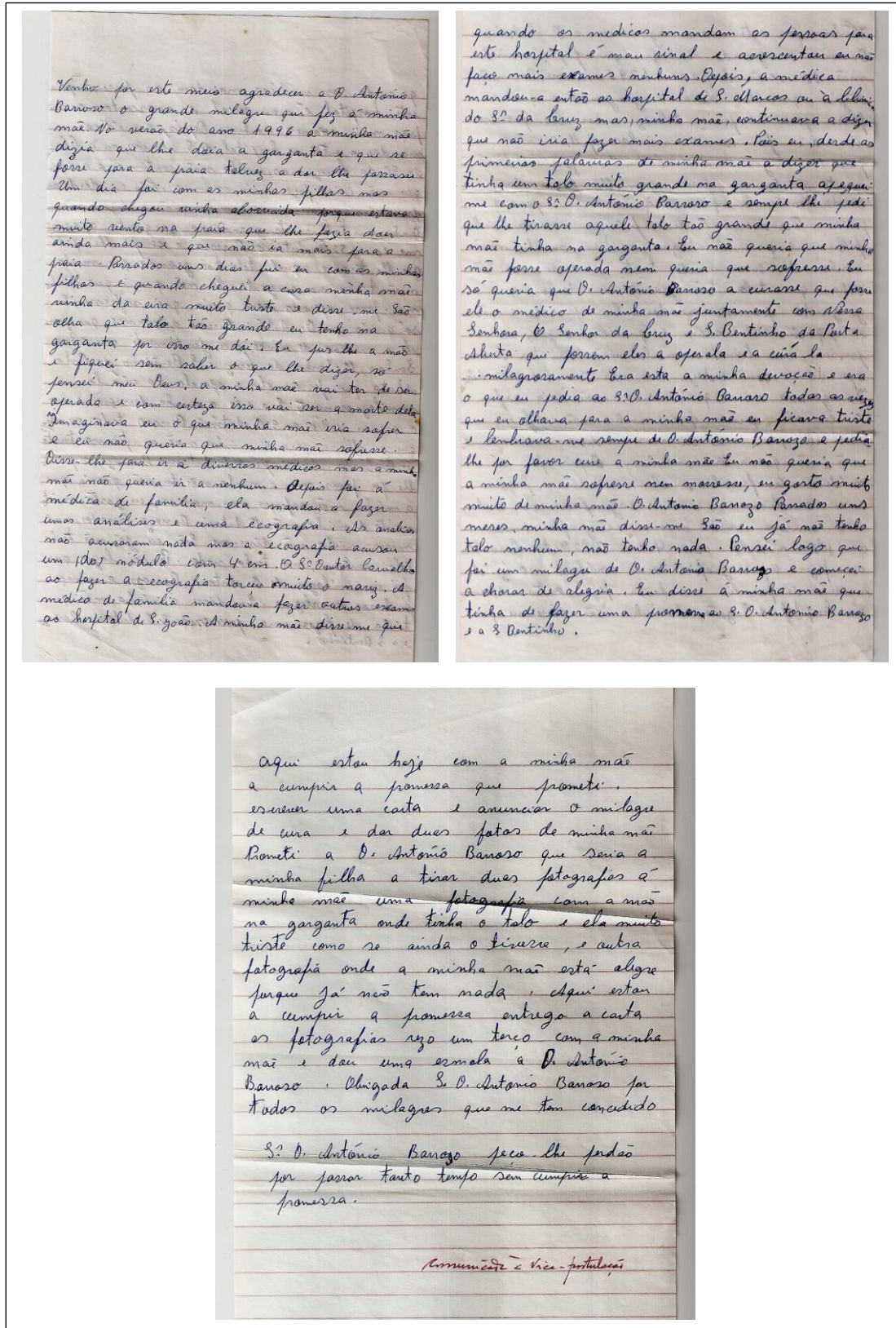
Assinale com um X	Muito pouco	Pouco	Algum	Muito

6. Considera importante o desenvolvimento do Turismo Religioso associado à figura de D. António Barroso?

Assinale com um X	Muito pouco	Pouco	Muito	Bastante

Muito obrigada pela colaboração!

Anexo 3 – Cartas anexadas ao Livro de Visitas da capela-jazigo



ABENÇOADO D. ANTONIO
BARROSO,
OBRIGADA POR TODAS AS
PRECES ATENDIDAS E POR
TODOS OS MILAGRES.
OBRIGADA POR ME FAZER
FORTE E POR ME AJUDAR
A RECUPERAR TODAS AS
MINHAS FORÇAS.
S.T.

D. Antonio Barroso obrigado pela graça que
me fizeste, porque eu caí e estalei e fiquei
em dois lados e pedi a D. Antonio Barroso
para me sanar e parece que ele me curou.

D. Antonio Barroso agora é por causa
duma perna é que ando sempre a cair.

Por favor D. Antonio Barroso ajude - me

Leuante 30.01.01

Carnalhal
No dia 8 de Dezembro
de 2.000 caí e fiquei
muito mal de uma perna
pedi a D. Antonio Barroso
que ^{me} ajuda - se para que eu
no dia de Natal pudesse ir
consuar a cozinha pois fiquei
sem andar pois no dia de
Natal com ajuda da minha
filha eu levantei e fui
para a cozinha até ajudai a
fazer a consua por isso
concedo que foi uma graça
gostava que fosse publico da no
jornalzinho de D. Antonio Barroso

Vimos agradecer ao Senhor D. António
a graça recebida quando da
Doença que muito abalou a
nossa Mãe.

Estando ela tão doente, sem andar,
quase sem conhecer os seus próprios
filhos, vimos-nos tão aflitos que
pedimos com muita fé, muito
fervor ao Senhor D. António,
que intercede-se por ela.

Aqui vimos mais uma vez
agradecer, humildemente mais
um grande milagre. A nossa
Mãe quase recuperou esta
muito melhor. Continuamos a
pedir a sua ajuda, com muita
fé, muita devoção, ao Sr
D. António Barroso.

○ nisso muito abençoado

GRANDE GRAÇA A D. ANTÓNIO BARROSO

Tendo tido a minha irmã em estado muito mal com a leucemia aguda. Quando fez o tratamento da quimioterapia ela teve uma crise muito grande e foi levada logo para a máquina dos cuidados intensivos onde os médicos lhe faziam tudo por tudo, mas ela não dava melhoras nenhuma de vida. Eu ao saber desta notícia tão triste fui logo à capela de D. ANTÓNIO pedir-lhe com muita fé e devoção que cura-se a minha irmã que tem 38 anos e dois filhos para criar, que não a deixa-se morrer. Pois passados 15 dias ela começou a melhorar e veio a casa passar 3 semanas. Agora vai fazer o transplante da medula.

Peço a todas as pessoas que leiam este caso que rezem a D. ANTÓNIO e a DEUS N. SENHOR pela cura da minha irmã.

Aqui estou a cumprir a promessa, enviar o donativo e publicar a graça. 13.05.99

Leuante no livro
13.05.99

Anexo 4 – D. António Barroso na imprensa regional e local

Diário do Minho QUARTA-FEIRA, 1 de outubro de 2014 Cultura III



Remelhe – Barcelos assinala os 135 anos da Missa Nova de D. António Barroso

Programa das Comemorações:

- 15 Outubro – 4.ª feira – 20h00 – O QUE É UMA ORDENAÇÃO SACERDOTAL (Catequese 1)
- 16 Outubro – 5.ª feira – 20h00 – O QUE É UMA MISSA NOVA (Catequese 2)
- 17 Outubro – 6.ª feira – 20h00 – Jornada Vocacional (Secretariado Arquidiocesano das Vocações)
- 18 Outubro – Sábado – 21h00 – Sarau Cultural (Orquestra e Banda)
- 19 Outubro – Domingo – 15h00 – Eucaristia Solene (preside D. Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz) – Segue-se: Sessão Solene no Salão Paroquial (conferência pelo P.º António Trigueiros)

D. António Barroso (1854-1918) foi um dos mais insignes bispos do Porto, depois de ter sido missionário em Angola e Moçambique. Homem de grande coragem, defendeu intransigentemente o Clero e a Igreja no período que se seguiu à implantação da República – circunstância que o levou ao exílio por duas vezes. Natural da freguesia de Remelhe (Barcelos), ali cantou Missa Nova há 135 anos – uma efeméride que a paróquia vai assinalar com um ambicioso programa comemorativo entre 15 e 19 deste mês. Associando-nos a esta efeméride, aqui recordamos alguns dos aspectos mais relevantes da biografia de D. António Barroso desde a sua infância até à celebração da Missa Nova – num texto da autoria do Padre José Adélio Macedo.

O ano lectivo de 1871-72 não correu bem a António José de Sousa Barroso. Em Braga, onde ao tempo não havia seminário organizado, foi entregue ao professor José Valério Capela, a fim de o preparar para a vida eclesiástica. Mas, ao fim de um ano, apenas conseguiu fazer exame de Português, disciplina em que alcançou a nota modesta de 10 valores. Desanimado, voltou para casa e para o serviço da pequena lavoura de seus pais. É a sua vizinha Ana Joaquina Senra, um ano mais nova que António José, quem o afirma na sua famosa entrevista ao repórter do *Diário do Norte*, em 3 de Agosto de 1951: "Quando o António saiu de Braga veio para aqui e não queria voltar a estudar. Ficou em casa do pai. O sr. Bernardo Limpo pegou, então, a botar a mão ao rapaz e a ensinar-lhe a lição. Pastoreava e aprendia. E aprendeu muito que o sr. Bernardo era um homem que tinha muito saber. Um dia disse ele ao pai que era preciso mandar o rapaz para outro sítio, porque ele já não podia ensinar-lhe mais nada. E assim é que ele foi para Cernache do Bonjardim". A recordação das lições do avô Joaquim e do tio José, em Remelhe, do professor Domingos da Fonseca Martins, em Góios, e do professor José Valério Capela, em Braga, e, sobretudo, do vizinho fidalgo Bernardo Limpo da Fonseca, que o iniciou no latim e que o encaminhou para Cernache, subiu à sua memória de estudante e lhe infundiu o ânimo necessário para iniciar uma nova carreira de estudos. A sua escolha de Cernache do Bonjardim e a sua entrada no Colégio das Missões ficou a dever-se, também, a um seu primo, António Pereira Gomes, que era aluno distinto em Cernache. Natural de Góios, era neto de uma irmã do cirurgião Barroso e, por consequência, primo do António José. Este António Pereira Gomes veio a falecer, já como diácono, tuberculoso, em Góios, em 7 de Outubro de 1878, com 24 anos de idade. O certo é que, em 15 de Outubro de 1873, José António de Sousa vai com o seu filho

Por
PADRE JOSÉ ADÉLIO MACEDO
BARCELOS – 2014

Fonte: Macedo (2014).

DIRECTOR PAULO JORGE VILA
SEMANÁRIO . NÚMERO 217
ANO LXV . III SÉRIE

QUARTA-FEIRA 11 DE MARÇO 2015 / 0,70€

JAB

**JORNAL DE
BARCELOS**

Clube de Jornalistas
**PRÉMIO GAZETA DE
IMPRESA REGIONAL 2011**

PROCESSO
SEGUE PARA ROMA

**Beatificação
de D. António
Barroso entra
na fase final**

Pág. 7